

LILA CRISTINA XAVIER LUZ

***VOZES DE RAPPERS: experiências juvenis em
Teresina***

Doutorado em Serviço Social

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

São Paulo – 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LILA CRISTINA XAVIER LUZ

***VOZES DE RAPPERS: experiências juvenis em
Teresina***

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de doutora em Serviço Social.

Orientadora: Profa. Dra. Myrian Veras Baptista.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

São Paulo – 2007

L 306.7 Luz, Lila Cristina Xavier.

Vozes de rappers: experiências juvenis em Teresina/
Lila Cristina Xavier Luz. – Teresina, 2007.
258 f. : il.

Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, 2007.

1. Jovens – Comportamento Social. 2. Gênero.
3. *Hip-Hop* – Movimento. I. 4. História de vida.

CDD 306.7

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aprovado em ____ de _____ de 2007.

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente, para fins acadêmicos e científicos, a
reprodução total ou parcial desta tese por processos de fotocopiadoras ou
eletrônicos

Assinatura: _____

São Paulo, _____ de _____ de 2007.

DEDICATÓRIA

A todos os jovens e, em especial, àqueles que narraram suas histórias de vida, tornando-se imprescindíveis para a construção deste estudo.

AGRADECIMENTOS

Na construção deste trabalho, da elaboração do projeto de pesquisa, ao momento de conclusão da tese, foram muitos os que contribuíram, em diferentes momentos, de várias maneiras. Gostaria de mencionar todos os nomes indistintamente, mas isso se tornaria praticamente impossível. Por isto vou mencionar apenas alguns deles, não porque os outros tenham sido menos importantes, mas pela permanente contribuição dos aqui citados, que foram forças decisivas na construção desta tese;

Em primeiro lugar:

À minha família, Amparo (minha mãe), André (meu irmão) e Liliene (minha irmã) pelas contribuições afetivas-matérias que possibilitaram meu afastamento para a realização deste trabalho;

Em segundo lugar:

À Prof^a Dr^a Myrian Veras Baptista, minha orientadora, que me proporcionou discussões interessantes sobre o tema, pela sua capacidade respeitosa de dialogar comigo no decorrer deste processo e pelas sugestões que me permitiram descobertas construtivas e enriquecedoras;

Ao Prof. Dr. Alessandro Portelli, meu orientador no estágio *sandwich* realizado na Universidade de Roma 1 “*La Sapienza*”, por me ter permitido compartilhar riquíssimas experiências de pesquisas, pelas constantes discussões e orientações atinentes ao tema de pesquisa;

Às Profas. Dras. Antônia Jesuita de Lima, Sílvia Lossaco e Maria Lúcia Martinelli, pelas contribuições durante o exame de qualificação;

Aos(as) Professores(as) Doutores(as) Guilherme Simões, Leila Blass, M^a Amália Vitalli, M^a Celeste Mira, Mary Jane Spink, M^a Lúcia Carvalho, Yara Knoury, com quem cursei disciplinas; pela seriedade e riqueza de conteúdos que me conduziram a saídas interessantes na presente tese;

A todos aqueles que fazem o “Circolo Gianni Bosio”, pelas experiências proporcionadas em atividades de pesquisas e, por toda a atenção e acolhida. Em especial destaque a atenção recebida de Diego Lucifreddi;

À Francineide Pires, pela acolhida em São Paulo, possibilitando-me uma inserção menos dolorosa na cidade e tornando-se, a partir de então, uma amiga para todas as horas. Sou-lhe grata, também, pela leitura e sugestões ao texto;

À Kárita Pedrosa e Lígia Rubim, com quem não apenas dividi moradia, mas também amizade, companheirismo, tarefas domésticas e responsabilidades, que possibilitaram a transformação de uma simples convivência entre colegas de “estudo”, em amizade;

Ao Adams “meu negão”, pelo carinho e atenção nas horas necessárias e substanciais para aquisição de novas energias para o processo de elaboração;

À Francisca Bruna, por me assessorar, pacientemente, na transcrição das entrevistas;

Aos amigo(a)s Ana Sofia, Giancarlo Ferrera, Jones Mannino, Ulrike Viccaro e Marco Fornarolla, pela calorosa acolhida em Roma, em especial na “Casa Babilônia”, possibilitando-me viver uma diversidade cultural trazida por pessoas de várias nacionalidades que por ali circulavam;

Às amigadas construídas. Além de tempo para estudo, o período do doutorado foi tempo para fazer amigadas. Em especial quero destacar o encontro com Liliane Moser, Helena Cariaga, Lya Viana, Francesco Taibi e Gislene Martins. Obrigada pelo carinho e acolhida para lazer, estudo, trabalho...;

Às amigas: Graça Silva, Vânia Reis, Rita Sobral, Tânia Ferreira, pelas manifestações de carinho, colaborações e aconchegos demonstrados em diferentes momentos no período de elaboração desta tese;

A Marcondes Brito (Zeus), por me acompanhar durante muitas noites nas atividades da pesquisa de campo. Obrigado pelas disponibilidades e sugestões;

À Coordenação da Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela atenção, seriedade e competência na condução e resolução dos problemas;

À administração Superior da Faculdade Ademar Rosado, pelo apoio recebido para a efetivação deste projeto;

Ao CNPq e à CAPES, pelos recursos financeiros. O primeiro proporcionado por meio da bolsa demanda social e a segunda da bolsa Sandwiche. Obrigada, sem este incentivo seria impossível chegar até aqui.

*“[Michael] K. entendeu que era a sua vez de falar (...). Ocorreu-lhe também que **sua história era insignificante**, que não valia a pena ser contada, cheia dos mesmos lapsos que jamais saberia preencher. Ou então simplesmente não sabia contar uma história, conservar vivo o interesse(grifo meu).” (J. M. Coetzee).*

Em muitos momentos durante o recolhimento das histórias de vida do(a)s jovens, tive a sensação de ter encontrado vários M. Ks, pelas semelhanças com que algumas histórias tinham com as experiências vividas pelo personagem e, sobretudo, por demonstrarem uma certa insignificância, como se acreditassem que não valia a pena contar tal ...

RESUMO

O presente trabalho tem por objeto de estudo as práticas sociais do(a)s *rappers*, inseridos em grupos de *raps* de Teresina, com vistas a resgatar como ele(a)s se constroem, o que fazem; enfim, seus modos de vida. Dessa forma, localizados em tempo e espaço determinados Teresina, investiga as práticas desse(a)s jovens na cidade com relação aos grupos de amigos, aos espaços de lazer, ao enfrentamento da violência, aos diversos afazeres e à família. A perspectiva é de perseguir suas trajetórias e apreender essas relações. Para tanto, define como necessário o desvendamento dos seguintes objetivos específicos: apreender as trajetórias do(a)s *rappers* na cidade, os espaços ocupados, as tensões e os conflitos enfrentados, com vistas a recuperar as motivações que os conduziram ao movimento; resgatar e analisar as relações estabelecidas e os significados das práticas juvenis, tendo como referência a história de vida de oito jovens, sendo quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino, calcada no conceito de gênero. Por esta via algumas indagações nortearam a investigação: que significados esses jovens atribuem às suas experiências? Que desafios, investimentos e novidades emergem em suas vidas a partir da entrada no movimento *hip-hop*? Como o(a)s jovens experimentam a vida de *rapper*? Que determinantes os conduziram ao movimento? Que novos espaços/relações de sociabilidades são construídos por ele(a)s? Que trajetórias têm/tinham esse(a)s jovens? Minha suposição principal (e a realidade empírica tem evidenciado) é de que as experiências do(a)s jovens *rappers* de Teresina tem contribuído para redimensionar suas vidas, possibilitando a construção de novas subjetividades, a partir da experimentação de novas práticas de sociabilidade construídas por meio da inserção deles no movimento. O recurso à história de vida permitiu a apreensão e compreensão das trajetórias do(a)s *rappers* na cidade de Teresina, com especial relevância às experiências de risco e reclusão. Sobre estas duas experiências pôde-se observar especificidades marcadas pelas diferenciações de gênero: as jovens vivem risco no espaço privado e são punidas com a reclusão em casa; os jovens arriscam-se no espaço público e se punem com a reclusão em casa ou são punidos pelas diferentes instâncias sociais com a reclusão em espaços prisionais. A partir das histórias analisadas, pôde-se concluir ainda, que o(a)s jovens viveram muito cedo algumas experiências que lhes possibilitaram não apenas um encurtamento da fase de infância, mas também, a substituição de práticas muito particulares a esta — como as lúdicas e a frequência escolar — pelo trabalho, pela mendicância e por atividades ilícitas. Também, estas mesmas histórias permitem afirmar que o pertencimento a grupos de *rap*, o envolvimento e a participação em atividades político-culturais, como aquelas propiciadas a partir da inserção no movimento *hip-hop*, propiciam o estabelecimento de novas relações e, portanto, a ressignificação de práticas.

PALAVRAS-CHAVE: JOVENS – COMPORTAMENTO SOCIAL; GÊNERO; MOVIMENTO HIP-HOP; HISTÓRIA DE VIDA.

RESUM O

El presente trabajo tiene por objeto de estudio las practicas sociales de los(as) rappers, inserto(a)s en grupos de raps de Teresina, con vistas a rescatar como ello(a)s se construyen, lo que hacen, en fin, sus modos de vida. Investigar destos(a)s jóvenes, ubicados en el tiempo y espacio determinados, con relación a los grupos de amigos, a los espacios de entretenimiento, al enfrentamiento de la violencia, a los diversos quehaceres y a la familia. Tiene por perspectiva los siguientes objetivos específicos: aprender las trayectorias de los rappers en la ciudad, los espacios por ello(a)s ocupados, las tensiones y los conflictos enfrentados, con vistas a recuperar las motivaciones que los conducirán al movimiento; rescatar y analizar las relaciones establecidas y los significados de las prácticas juveniles. El estudio tuvo como referencia la historia de vida de ocho jóvenes, siendo cuatro del sexo masculino y cuatro del sexo femenino, y el analice llevó en cuenta las diferencias de genero. Algunas indagaciones nortearon la investigación: ¿Qué significados eso(a)s jóvenes atribuyen a sus experiencias? ¿Qué desafíos, investimientos y novedad emergen en sus vidas a partir de la entrada en el movimiento hip-hop? ¿Cómo lo(a)s jóvenes experimentan la vida de rapper? ¿Qué determinantes lo(a)s condujeron al movimiento? ¿Qué nuevos espacios/relaciones de sociabilidades fueron construidos por ello(a)s? ¿Qué trayectorias tienes/tenían eso(a)s jóvenes? El principal supuesto que norteó la investigación (y la realidad empírica evidenció su validez) es de que las experiencias de lo(a)s jóvenes rappers de Teresina tiene contribuido para redimensionar sus vidas, posibilitando las construcciones de nuevas subjetividad, a partir de la experimentación de nuevas prácticas de sociabilidad. El recurso a la historia de vida permitió la aprensión y comprensión de las trayectorias de lo(a)s rappers en la ciudad de Teresina, con especial relevancia a las experiencias de riesgos en el espacio privado y reclusión. Sobre estos dos tipos de experiencias se puede observar especificidades marcadas pelas diferenciaciones de géneros: las jóvenes viven riesgos en el espacio privados y son punidas con la reclusión en casa; los jóvenes se arriesgan en el espacio públicos y se les punen con reclusión en casa o son punidos por distintas instancias sociales con reclusiones sociales en los espacios aprisionales. A partir de las historias analizadas, se puede concluir aun, que lo(a)s jóvenes vivieron mucho temprano algunas experiencias que les posibilitarán no solamente una reducción de la fase de la infancia, sino también, la sustitución de prácticas muy particulares a ésta – como lúdicas y la frecuencia escolar – por el trabajo, por la medicancia y por actividades ilícitas. También, estas misma historias permiten afirmar que la participación en grupos de rap, el involucramiento y las participaciones en actividades político-culturales, como aquellas propiciadas a partir de la inserción en el movimiento hip-hop, posibilita el establecimiento de nuevas relaciones y, también, la resignificación de sus practicas.

PALABRAS-CLAVES: JÓVENES - COMPORTAMIENTO SOCIAL; GÉNERO Y JUVENTUD; MOVIMIENTO HIP-HOP Y HISTORIAS DE VIDA.

SUMÁRIO

Como tudo começou: o interesse pelo o tema, outras descobertas e a forma adotada para expor	14
1 Um percurso emocionante: o encontro com o(a)s narradore(a)s	41
1.1 Preparando-me para a pesquisa	43
1.2 Aprendendo para encontrar: algumas particularidades das pesquisas com jovens	45
1.3 Por onde enveredei na pesquisa de campo	52
1.4 Enfim o encontro com o(a)s narradore(a)s	63
2 Ele(a)s por ele(a)s mesmo(a)s	70
2.1 As biografias do(a)s narradore(a)s	72
2.2 Apresentando ele(a)s por ele(a) mesmo(a)	76
2.2.1 <i>KL</i> e suas realizações como Dj em Teresina.....	77
2.2.2 As alternativas de <i>Nega Gizza</i> para escapar da violência	86
3 Alguns aspectos da vida do(a)s jovens <i>rappers</i>: infâncias enredadas, juventudes alargadas	97
3.1 Infâncias enredadas	99
3.2 As juventudes do(a)s jovens <i>rappers</i> : experiências alargadas	117
3.2.1 Trânsitos, espaços, trajetórias: risco e inseguranças da vida	121
4 Das experiências de reclusão aos grupos de <i>rap</i>: outros trânsitos	161
4.1 As experiências de reclusão: entradas, (des)encontros e saídas	162
4.2 O rap surge para o(a)s jovens: música, ritmo e outras descobertas	177
4.3 O estar junto: os grupos de amigo(a)s, de <i>rap</i> , de dança	187
5 Os jovens em movimento: lazer, política, ocupação	196
5.1 O movimento surge na vida dele(a)s: a formação da banda própria	198
5.2 A política em movimento: os shows e a outras práticas de convencimento	211
5.2.1 As presenças femininas e masculinas: os temas em movimento	212
5.3 Ocupando o tempo: os shows, os bicos..	231
CONSIDERAÇÕES FINAIS: <i>ucronias e utopias</i>.	239
Referências bibliográficas	245
ANEXOS	251

Como tudo começou: o interesse pelo tema, outras descobertas e a forma adotada para expor

*Começo a conhecer-me.
Não existo.
Sou o intervalo entre o que desejo
ser e os outros me fizeram,
Ou metade desse intervalo, porque
também há vida...
Sou isso, enfim...
(Fernando Pessoa)*

A presente tese tem como tema de estudo a juventude. Meu interesse em trabalhar com esse tema tem raízes bastante antigas, associadas aos percursos de vida pessoal e profissional. O aspecto pessoal não será aqui detalhado, mas acredito que um traço marcante da minha personalidade conduziu-me ao tema: o “espírito” juvenil que ronda minha vida. Sempre fui muito “aventureira” quanto aos meus afazeres. Tudo que era novo me fascina(va), descobrir e curtir a vida era e é uma experiência nova a cada dia. Além disso, o encontro com a festa, com a noite... Circular entre os jovens, trocar experiência com ele(a)s é realmente uma prática que adoro. Acredito que tudo isso me motivou bastante em direção a essa temática. Entretanto, aqui há a idéia de juventude vinculada à diversão, à alegria, à festa; o que significa, obviamente, uma das visões de juventude bastante presentes no senso comum.

Do ponto de vista profissional, minha aproximação começa quando ainda era acadêmica do Curso de Serviço Social na Universidade Federal do Piauí (UFPI), mais especificamente, como membro do NUPEC (Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Criança e Adolescente), do qual faço parte

desde 1991. Naquela época, não se falava de jovens no sentido atribuído ao termo atualmente na literatura, mas de crianças e adolescentes, sobretudo no âmbito da sociedade civil organizada e das instituições executoras de projetos sociais destinados ao segmento infanto-juvenil e que reivindicavam a implantação das ações previstas no ECA¹.

No NUPEC, à medida que o tempo passava, fui assumindo atividades mais complexas; a ponto de, em 1994 ocupar, junto com uma professora, a coordenação da pesquisa *A criança e o Adolescente de Teresina e Timon - seu contexto de sobrevivência*, que resultou numa publicação com o mesmo título em 1995². Entre um emprego e outro sempre arranjava uma “horinha” para compartilhar das discussões sobre as pesquisas em desenvolvimento no NUPEC.

Toda essa caminhada levou-me ao encontro com a temática juventude. O interesse por trabalhar esse tema emergiu inicialmente no campo do Serviço Social, uma vez que foi por pertencer a essa profissão que desenvolvi pesquisas e orientei alunos de graduação e de especialização, na construção de reflexões voltadas para as questões juvenis. Muitas vezes senti dúvidas sobre o que pesquisar. A dúvida estava relacionada ao que focar, o que privilegiar.

Assim, acompanhando o crescente empenho da profissão no âmbito investigativo pelas questões vinculadas ao segmento infanto-juvenil, sobretudo em Teresina, fui consolidando meu interesse para o presente estudo. Acreditava e continuo acreditando na possibilidade de contribuir e compartilhar na construção de referências que venham fortalecer a ação profissional. Evidentemente, a escolha pelo estudo de um tema tem outras motivações. A seguir, apresento as principais justificativas que revelam a importância do estudo da temática juventude, tendo como espaço a cidade de Teresina, no Piauí.

¹ Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Federal nº 8090/90, que regulamenta a Política Nacional de Atendimento à Criança e ao Adolescente.

² O trabalho foi publicado em forma de livro pela Editora Júnior. Além dessa publicação, organizei o “Cadernos NUPEC I” em 1996 e o “Cadernos NUPEC especial” em 1999, bem como fiz a apresentação do livro “Infância (Des) assistida e Política de Proteção Especial”,

Durante a realização das pesquisas no NUPEC e olhando seus resultados, sempre tinha em mente a preocupação: onde estavam os sujeitos? Por que eles não eram ouvidos? Por que somente as estruturas institucionais eram valorizadas? Essas e outras indagações foram direcionando meu interesse para estudar os jovens de Teresina, mais especificamente aqueles das zonas periféricas da cidade.

Associado a isso, na minha prática profissional como assistente social em unidades de saúde da periferia de Teresina, fui percebendo as lacunas de conhecimento sobre as questões juvenis no campo do Serviço Social. Mais uma vez, as elaborações sobre a realidade profissional estavam circunscritas ao campo da *questão social*, em que os sujeitos ocupavam pouca ou quase nenhuma importância. Inúmeras situações e atividades que os envolviam como usuários de programas sociais, especialmente para atendimento e resolução de seus problemas, os mesmos quase sempre não eram sujeitos de escuta, nem de estudo pela profissão. São comuns ainda, no caso da população juvenil, grandes referências em elaborações como — *adolescente em conflito com a lei, meninos em situação de rua* — em que os sujeitos concretos são mais uma vez diluídos na *questão social*.

A percepção dessas lacunas foi reforçando meu interesse por estudar as práticas juvenis; ou seja, os sujeitos sociais e suas experiências. Em particular, meu interesse é voltado para os *rappers* de Teresina. Estou denominando de *rappers* os jovens do sexo masculino e feminino, que fazem parte do Movimento *Hip-Hop*³ e, mais especificamente, aqueles que

de autoria da Professora Maria Dulce Silva. Todos esses trabalhos tratam de temas relacionados à infância e adolescência no Piauí.

³ “O termo foi estabelecido por Afrika Bambaataa em 1968, inspirado em duas motivações distintas. A primeira delas estava na forma cíclica pela qual se transmitia a cultura do gueto. A segunda estava justamente na forma de dança mais popular na época, saltar (Hip), movimentando os quadris”. (MACARI, Fábio. Revista DJ Sound, junho/94, *apud* SILVA, 2000. p. 23). É importante acrescentar que existem vários trabalhos no Brasil que tratam do movimento, faço, portanto, apenas uma breve introdução sobre o mesmo. Uma segunda observação é que o termo hip-hop é encontrado grafado das seguintes formas: hip hop; hip-hop; Hip-Hop e *hip-hop*. Os motivos para esta diferenciação não estão explicitados, porém, neste trabalho optei por utilizar, sem critérios específicos, a grafia *hip-hop*, mesmo assim, pode ser encontrado, no corpo do trabalho, as outras formas gráficas, considerando a forma como foram utilizadas nas suas fontes.

no movimento participam de grupos de *rap*⁴ e, ao mesmo tempo, se envolvem com as atividades de composição do *rap* (letra e canção) cantado nas suas apresentações. Creio que, estabelecendo tal recorte, estou apreendendo sujeitos que efetivamente experimentam o movimento.

Frente a esta escolha quero ressaltar duas preocupações que me conduziram a estabelecer tal percurso. A primeira, é que o foco desta investigação é a vida dos *rappers* e não o movimento dos quais os grupos participam, não o evento. Por esse caminho, seguramente o movimento será apreendido, pois são as pessoas que o fazem. Creio que na ordem inversa, partindo do movimento, seria mais difícil captar a vida dos sujeitos.

A segunda preocupação está ligada ao fato de não fazer uma investigação sobre os *rappers*, percorrendo suas vidas de fora e tendo como narradores outros sujeitos. Por isso fundamento-me nas fontes orais, "... não por uma 'superioridade' ou 'autenticidade' da oralidade ...", mas porque somente assim penso ser possível captar seus modos de vida por dentro, visto que "... a história oral 'dá a palavra' a quem é habitualmente excluído" (PORTELLI, 1985, p. 5, tradução nossa)⁵, caso dos *rappers*. Por isso lhes proporcionei ocasiões para que narrassem suas histórias.

A partir desta perspectiva, fiz contatos com *rappers* da cidade, o que me possibilitou identificar jovens com idade localizada em um amplo intervalo etário, abrangendo de 15 a 26 anos, aproximadamente. A propósito, essa tem sido a faixa etária que normalmente predomina entre aqueles que desenvolvem tais práticas. Segundo Kênia Kemp (1994), mesmo não havendo qualquer tipo de regra ou determinação explícita que condicione as práticas dos jovens a uma determinada faixa etária, o interesse que recai sobre os *grupos de estilo rock underground*⁶ é

⁴ *Raps* do termo *rap*, originário da expressão americana Ritm And Poetry, que em português significa poesia ritmo e poesia.

⁵ "... non per una 'superiorità' o 'autenticà' dell'oralità (...) la storia orale 'dà la parola' a chi ne è abitualmente escluso."

⁶ Os grupos de estilo *underground* caracterizam-se pela forma de vestimenta, pelas idéias que defendem ou, conforme afirma Kemp, pelas práticas contraculturais que negam o funcionamento de mercado em qualquer âmbito de suas práticas. Para uma maior compreensão sobre o assunto, ver Kemp (1994).

predominantemente localizado entre as camadas jovens da população, majoritariamente, nesta faixa etária.

Dessa forma, estou estudando jovens *rappers* que habitam em zonas periféricas da cidade de Teresina. Para tanto, fiz entrevistas com oito *rappers* que pertencem a grupos (bandas) de *raps* da cidade, sendo quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Não os escolhi *a priori*, eles me foram apresentados por outros *rappers* durante os eventos de que participei e, após uma conversa prévia sobre os objetivos da pesquisa, eles próprios decidiram participar como sujeitos da mesma.

A preocupação em estudar os *rappers* em/de Teresina veio no sentido de entender melhor; afinal, quem são estes jovens? O que fazem e como vivem? É importante ressaltar que um estudo dessa natureza é bastante pertinente, dada a inexistência de trabalhos sobre os mesmos, bem como a crescente importância e evidência que têm tido esses jovens no cenário da cidade na última década do século passado. Da metade da década de 1990 em diante, é freqüente a presença dos *rappers* em debates sobre a implantação de políticas públicas para a juventude teresinense, nos meios de comunicação, discutindo sobre a violência que acomete os jovens das zonas periféricas da cidade, nos espaços alternativos desenvolvendo trabalhos de *hip-hop*, bem como, silenciosamente, nas várias comunidades da cidade, disseminando suas idéias para outros jovens.

Assim, adoto a concepção de juventude como fase da vida e como modo de vida. Porém, não parto necessariamente de referências etárias para apreender os *rappers* de Teresina, mesmo porque a demarcação de tal fase está relacionada com as outras fases da vida: a de infância e a adulta. Nesse sentido, concordo com Helena Abramo quando afirma que “A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos modificam-se de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através das suas divisões internas.” (1994, p. 1).

Dessa forma, o conceito de juventude será aqui utilizado para apreender uma fase da vida, tendo presente que seu sentido como fase

encontra-se nas particularidades construídas nos diferentes contextos sociais. “Juventude” é etapa de vida e “Juventudes” refere-se aos modos como este ciclo se realiza, em suas multiplicidades e heterogeneidades (REIS, 2004, p. 15).

A “juventude” como objeto de conhecimento tem provocado, ao longo dos anos, um caloroso e conflituoso debate nas mais diversas disciplinas das ciências humanas e sociais. Segundo Lídice Araújo (2002), a idéia de juventude tem sido recorrentemente “desconstruída”, questionando-se o uso, a pertinência e até mesmo a existência dessa fase como “idade de vida”. No entanto, o que parece estar no centro dessas preocupações é mesmo a desconstrução de uma concepção de “juventude” como homogênea, exigindo a apreensão das “juventudes” em suas diversas formas de vida.

Conforme José Machado Pais (1993), histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como uma fase da vida marcada por certa instabilidade, associada a determinados “problemas”. Contemporaneamente, os jovens têm sido afetados por diferentes dificuldades, como o retardamento da entrada no mercado formal de trabalho readquirindo, por isso, cada vez mais relevância questões associadas ao consumo de droga e à delinqüência.

Escapei do enfoque da juventude como problema, ainda que seja muito recorrente tal idéia na literatura, sobretudo aquela localizada no campo da psicologia. Não trabalho a concepção de juventude ligada a uma fase de vida problemática, por não ser a juventude socialmente homogênea. Na realidade, a juventude aparece socialmente dividida em função dos interesses de seus grupos constitutivos, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações; por isso, não deve ser pensada como fixa. Por outro lado, deve ser refletida como um conjunto de percursos no âmbito de diferentes quadros institucionais, de diferentes espaços sociais, eles mesmos em constante mudança. Uma diversidade em que as vertentes de acesso à vida adulta mostram-se bastante flutuantes, flexíveis e elas próprias diversificadas (PAIS, 1993).

Dessa forma, meu interesse é estudar as experiências de jovens *rappers* de Teresina, com vistas a compreender como eles se constroem como sujeitos. Minha suposição principal (e a realidade empírica tem evidenciado) é de que as experiências do(a)s jovens *rappers* de Teresina tem contribuído para redimensionar suas vidas, possibilitando a construção de novas subjetividades, a partir da experimentação de novas práticas de sociabilidade construídas por meio da inserção deles no movimento.

Outra suposição é de que, considerando que esse(a)s jovens fazem parte do movimento, expressando problemáticas que envolvem outros jovens do coletivo juvenil popular, ao assumirem tal papel, não o assumem como ser social singular, mas um ser social coletivo e um ser social político. É importante ter presente que tal suposição não está sustentada na idéia da negação das suas singularidades; pelo contrário, suas manifestações como sujeitos coletivos só são possíveis porque por meio das suas experiências pode-se compreender o encontro entre o indivíduo e a sociedade, o público e o privado, o singular e o coletivo.

Assim, conhecer as experiências desses jovens para que eles próprios possam revelar os sentidos atribuídos ao que experimentam, é poder oferecer a oportunidade de evidenciar como pensam, sentem e agem quando se relacionam como sujeitos sociais. Com essas preocupações, cabem aqui algumas indagações: que significados esse(a)s jovens atribuem às suas experiências? Que desafios, investimentos e novidades emergem em suas vidas a partir da entrada no movimento *hip-hop*? Como o(a)s jovens experimentam a vida de *rapper*? Que determinantes o(a)s conduziram ao movimento? Que novos espaços/relações de sociabilidades são construídos por ele(a)s? Que trajetórias têm/tinham esse(a)s jovens? Portanto, tentarei reconstituir suas trajetórias de *rappers* nas zonas periféricas da cidade de Teresina buscando, assim, configurar e compreender seus modos de vida, conhecer os sujeitos sociais e suas experiências.

Nesse sentido, um aspecto a ser destacado é que na narrativa da história de vida os sujeitos resgatam suas experiências sociais. E o conceito

de experiência aqui empregado é o de E. P. Thompson⁷, fundamental para compreender como se processam estas narrativas. Ou seja, para compreendê-las como processo histórico, incorporando a consciência, seus espaços de lutas, seus sentimentos, suas idéias, seus valores, seus significados, enfim, tudo que é subjacente à experiência humana. De uma experiência na qual a consciência, o modo como os sujeitos se vêem ou deixam de se ver, influi na história narrada.

No Brasil, os estudos desenvolvidos sobre o movimento *hip-hop* levantam questões importantes; no entanto, o conhecimento sobre a vida dos *rappers* como sujeitos aparece ainda pouco referendado nas análises, vetor importante que me direcionou a trabalhar este tema, tendo como metodologia de pesquisa a história oral⁸, a ser apreendida por meio da história de vida. A pesquisa de campo que fundamentou a elaboração da presente tese foi de natureza qualitativa, visto ser mais adequada para apreender os modos de vida juvenis.

Ao mesmo tempo quero ressaltar que em Teresina, de uma maneira genérica, a temática “juventude” é ainda pouco estudada, tornando mais nebulosas as informações sobre esta fase da vida. A cidade tem uma marca de jovialidade bastante presente, não apenas por ter 156 anos de emancipação, mas também por concentrar uma população de 43% de jovens com idade entre 10 e 29 anos⁹, correspondendo a um total de 308.625 pessoas, distribuídas em 113 bairros.

Farei algumas considerações sobre a cidade apenas para oferecer ao leitor(a) uma idéia mínima de como a mesma está organizada

⁷ Ver Thompson (1987, 1998).

⁸ A história oral é compreendida por diferentes autores como disciplina, como técnica ou como metodologia. Para melhor compreensão sobre estas diferentes formulações sobre a história oral, ver também: PORTELLI (1985). No primeiro capítulo faço algumas considerações sobre a pesquisa de campo, situando melhor a discussão metodológica.

⁹ Embora os limites cronológicos sejam discutíveis, quando a referência é a idade, existe um consenso entre diversos órgãos internacionais e nacionais, de considerar jovem a população na faixa etária entre 12 e 24 anos. No Brasil, uma das referências é o Censo Demográfico do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. No entanto, esse órgão, ao contar a população residente por grupo etário, define as faixas etárias de 10 a 19 e 20 a 29; por isso, no universo acima, há os menores de 12 anos e os maiores de 24, por não haver outra referência.

espacialmente e de onde vêm e por onde circulam o(a)s jovens que entrevistei.

Localizada no Centro-Norte do Piauí, Teresina é rica de possibilidades de estudo. Sua posição geográfica é marcada pela vida ribeirinha e pela paisagem dos dois rios, Parnaíba e Poti, cujas “águas espelhos” cortam a cidade. O rio Parnaíba separa Teresina do Estado do Maranhão e o Poti delinea a parte leste da cidade. Ambos cruzam a cidade no sentido Sul-Norte, invadindo-a até se encontrarem no famoso “encontro das águas”, para daí desagüarem no Oceano Atlântico, formando o único delta em mar aberto das Américas e um dos três maiores do mundo.

A cidade possui riqueza e diversidade cultural inspiradoras da produção artesanal do Estado. Dentre os produtos artesanais, o buriti e o caju são duas fontes naturais que alimentam a produção local. O primeiro é uma palmeira típica da região meio-norte do Brasil, de cujo fruto é comum fazer-se o doce e da palha confeccionar-se chapéus, bolsas, cestas e adornos para decoração. Os objetos produzidos são utilizados pela população local e para exportação. O caju é um pedúnculo comestível do fruto do cajueiro. Dele se aproveita quase tudo; seu produto mais conhecido é a castanha e o subproduto a cajuína. Esta última é uma bebida encontrada quase exclusivamente no Piauí. É feita artesanalmente e passou a ser conhecida em todo o Brasil pela voz de Caetano Veloso, na canção “Cajuína”.

Tomando como referência os pontos cardeais, Teresina é espalhada numa longa faixa territorial que corresponde às zonas Norte, Sul e Leste. Do Norte, onde nasceu, faz fronteira com a Cidade de União, estende-se até a região Sul onde, por pouco, não se encontra com a cidade de Demerval Lobão. A zona sul é a mais extensa e populosa da cidade, concentrando-se a maioria das atividades de *hip-hop*. No sentido Oeste, a cidade termina nas margens do Rio Parnaíba, fazendo fronteira com a cidade maranhense de Timon. A zona Leste inicia-se quando são transpostas as pontes que separam uma parte da cidade da outra. O lado Leste é conhecido como o nobre da cidade, mas, por coincidência, é também a parte em que se concentram as maiores contradições entre ricos

e pobres, região em que existem conglomerados de vilas e/ou favelas¹⁰. Com esta disposição geográfica, administrativamente, a cidade é dividida em três regiões: Norte, Sul e Leste/Sudeste.

Contudo, não foi por regiões de moradia que defini os sujeitos da presente tese, pois eles são originários de algumas dessas zonas, e isto fica evidente quando narram sobre seus espaços de circulação trazendo, muitas vezes, os lugares por onde passam, evidenciando as ambiências das experiências apresentadas.

Por isso, apresentar a cidade, tendo como parâmetro a circularidade do(a)s *rappers*, seria impossível, tendo em vista que a lógica de definição dos sujeitos não levou em consideração a localização espacial do(a)s mesmo(a) na cidade. Entretanto, é claro que a cidade pode ser percebida, não apenas na sua forma espacial, por meio da descrição das ruas onde moram, das esquinas em que realizam as rodas de amigos para conversar, dos espaços de encontro das bandas, dentre outros. Mas, também, a cidade pode ser percebida a partir das narrativas que falam das ausências de lazer, de escolas, de segurança nos bairros por onde moram e circulam cada um dos narradores.

Quanto à origem espacial do(a)s *rappers*, pode-se afirmar: *Robin Hood*, *Josy e Malu*, moram na zona Sudeste, *Nega Gizza e Mano Brown*, na zona Sul. Já *KL e Mano Man*, moram onde a cidade nasceu, no bairro Poti Velho, na zona Norte. Fica difícil descrever todos os espaços por onde o(a)s *rappers* circulam, considerando que, além de eles serem originários de diferentes bairros da cidade a percorrem cotidianamente para construir novas *posses*¹¹, para realizar oficinas, para fazer apresentação musical, dentre outras atividades.

Postas essas considerações, quero destacar que são inúmeras as indagações sobre a experiência juvenil em Teresina, da qual pouco se sabe, por serem raros os estudos dedicados ao seu conhecimento. Apenas recentemente eles começaram a despontar, e dentre as reflexões que vão

¹⁰ O Censo das Vilas e Favelas (1999).

¹¹ No Movimento *Hip-Hop*, as *posses* são, em geral, grupos de encontros que congregam *rappers*, *graffiteiros* e *breackers* de uma mesma região.

na direção de compreender como os jovens vivem na cidade é importante citar o trabalho de Sônia Lima (2000), que trata da violência entre jovens das classes populares em Teresina, dando ênfase para suas representações em situação de vítima ou homicida.

Outro trabalho é o de Vânia Reis (2004), cujo objetivo geral foi de compreender os contextos em que emergem e se desenvolvem as experiências de maternidade e paternidade juvenis em um bairro de Teresina, denominado Satélite. Em outras palavras, compreender o que leva os jovens à maternidade e à paternidade e como vivenciam essa experiência.

Ampliando o conhecimento acerca da problemática juvenil em Teresina, Shara Adad (2004) estuda os jovens de rua usuários de drogas, buscando compreender os “dispositivos”, as “estratégias” e os “mecanismos disciplinares” que produzem os discursos, as práticas e a forma de subjetividade que constituem o sujeito “jovem de rua”, usuário de drogas, nas ruas de Teresina.

Embora os trabalhos acima citados revelem especificidades da realidade de jovens das camadas populares em diferentes espaços da cidade e, ao mesmo tempo, apresentem um diálogo permanente com a realidade empírica, pouco ainda se sabe sobre as realidades juvenis em Teresina. Talvez, por isso, sejam comuns informações nos meios de comunicação¹², entre educadores e técnicos da área social, que tratam o(a)s jovens, indistintamente, como protagonistas de violência por meio do envolvimento com drogas, briga de gangues, assassinatos, dentre outras problemáticas. Engrossando a fileira de informações dessa natureza, estão as estatísticas “oficiais”, principalmente aquelas do mundo policial, que também reforçam o estigma do(a) jovem pobre como violento.

¹² Refiro-me basicamente às reportagens de jornais que relacionam diretamente os jovens da periferia da cidade ao mundo do crime e aos grupos de gangues violentas, a última delas publicada no Jornal Meio Norte de 3 de novembro de 2002, cujo título é: “Adolescentes estão bem articulados no mundo do crime”. Faz uma série de vinculações nesse sentido, além de estampar as fotos dos “violentos”. É importante fazer referência também a programas de televisão, como por exemplo, Cidade Alerta (versão local), no qual quase sempre os rostos juvenis são estampados associados ao vandalismo e brigas de gangues; sobretudo, quando eles são considerados os protagonistas da violência.

O(a)s jovens, quase sempre, não são ouvido(a)s e pouco se sabe como vivem ou o que pensam. Mais de que jovens tratarei? Do(a)s *rappers* do movimento *hip-hop* — um movimento juvenil com bastante expressividade no cenário teresinense, seja por meio de suas organizações formalmente constituídas, seja por meio dos sujeitos que não fazem parte das organizações, mas que participam do movimento. A expressividade desse movimento pode ser identificada na organização de espaços de lazer nas zonas periféricas da cidade, em manifestações políticas, nos espaços das suas organizações, onde desenvolvem atividades/cursos de dança, *graffiti* e *rap* para jovens e, sobretudo, nas ações silenciosas de “conscientização” desenvolvidas pelos seus membros, junto a outros jovens que se encontram em espaços de reclusão.

Diante dessas evidências, foram relevantes na determinação desse estudo as dúvidas e insatisfações no tocante às elaborações, alternativas e dilemas enfrentados pelo(a)s jovens, aspectos que uma investigação dessa natureza pretende, minimamente, revelar. Acredito ainda que, ao focar os próprios sujeitos, será possível obter informações que acenem para um conjunto de recortes possíveis para compreender seus modos de vida.

Sobre o tema juventude, meu interesse é basicamente estudar uma particularidade de jovens em contexto específico: o(a)s *rappers* de Teresina; mais especificamente, aquele(a)s inserido(a)s em grupos de *raps*, com vistas a compreender como vivem, procurando resgatar as relações estabelecidas, os espaços construídos e as relações sociais enfrentadas.

Hip-hop: origens e outras informações



Foto I: Graffiti sobre muro. Arquivo de Marcondes Brito

O *hip-hop* é um tipo de movimento que surgiu nos guetos negros e latinos do Bairro Bronx, na Cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, no início da década de 1970. Segundo Elaine Andrade (1999), eram os jovens que procuravam resolver suas diferenças por meio da dança tendo, inicialmente, o *breack* como elemento central. Em seguida, foram agrupados dois outros elementos que, na atualidade, também servem como seus identificadores: o *rap* e o *graffiti*.

Além de simples manifestação artística, segundo Tricia Rose (1997, p. 193):

O *hip hop* deu voz às tensões e às contradições no cenário público urbano, durante um período de transformação substancial de Nova York e, tentou apossar-se do sinuoso terreno urbano a fim de torná-lo funcional para os desabrigados.

No Brasil, o movimento surgiu em São Paulo, no início da década de 1980, também por intermédio do *breack*. Porém, é principalmente por meio do *rap* cantado entre os dançarinos de *breack*, que os jovens se

identificam com o movimento e vão se articular na sua organização. Abramo (1994), em seu trabalho *Cenas Juvenis*, também registra que estes grupos se afirmam nos anos 1980 em São Paulo e em outras diferentes cidades do país. Segundo a autora, esses grupos eram muito diversos e se articulavam em

[...] torno de um estilo espetacular, cuja diferenciação se dá através da música, da roupa e de adereços, da postura e do comportamento no lazer. Os primeiros foram os punks, no final dos anos 70, seguidos por roqueiros (ou metaleiros), carecas, darks, rastafáris, rappers e outros (p. x).

No caso da sociabilidade juvenil, a organização em grupo é bastante significativa para se compreender suas várias formas de expressão. Em estudo mais recente Abramo (2003), ao tratar desse tema, chama a atenção para a complexidade e diversidade presentes nas organizações juvenis na contemporaneidade.

Em meio a toda essa diversidade, os jovens circulam por vários grupos, alimentando-se daquilo que cada um oferece, conforme seus desejos, diversificando cada vez mais esses espaços. A isso, alguns analistas atuais têm atribuído significativa relevância, ao perceberem o crescimento da importância e extensão dos grupos na vida e no cenário juvenil das cidades de nosso país, como alternativas aos difusos laços juvenis com as instâncias socializadoras tradicionais: família, escola e trabalho (Sposito *apud* Abramo: 2003).

Assim, na contemporânea, a inserção de jovens em organizações combina motivações e interesses diversos ao levar em consideração o estar junto, tornando difícil a identificação da natureza dessas organizações a um único traço: ou cultural, ou estudantil, ou religioso.

A preocupação em compreender a diversidade presente nas manifestações juvenis contemporâneas tem inquietado uma série de pesquisadores em todo o território brasileiro. Por isso, ao longo das duas últimas décadas do século passado, uma série de estudos sobre essas manifestações veio à tona, trazendo diferentes enfoques. Dos anos de 1990 em diante cresceram, no Brasil, os estudos sobre os *punks*, os *skinheades*,

os *funks*, os *hip-hopers*, dentre outras formas de manifestação cultural juvenil¹³.

No caso do(a)s jovens do *hip-hop*, tema da presente tese, são vários os estudiosos em diferentes áreas que vêm se preocupando com a análise de suas formas de expressão nos diversos contextos urbanos brasileiros. Isso ocorre nas áreas de História, de Sociologia, de Antropologia, de Comunicação Social, de Educação, dentre outras. São trabalhos¹⁴ que têm procurado compreender os mais diferentes aspectos dessa forma de manifestação cultural juvenil, cujos enfoques vão desde as suas formas de organização grupal, até a sua apreensão como movimento social. Atravessando esses enfoques, é possível identificar, dentre outras, as seguintes temáticas: violência; musicalidade; cultura e identidade; questão racial e, mais recentemente, a questão de gênero.

Salomão Silva e Amailton Azevedo (1999), ao estudarem o movimento *hip-hop*, buscam recuperá-lo como um estilo musical que cresceu na contramão dos outros estilos predominantes nas décadas de 1980 e 1990. Analisaram nesse período, não apenas o surgimento do *hip-hop* como estilo musical no centro paulistano, como também a firmação desse estilo por meio da organização de bailes, produção e veiculação de discos, produção de programas radiofônicos, até a consolidação das gravadoras, sob a coordenação de jovens empresários. Segundo os autores, tratava-se de empresários negros que se especializaram em explorar um mercado de consumo até então desprezado pelas grandes empresas do setor.

¹³ Para um maior aprofundamento sobre os *punks* e os *skinheades*, é importante consultar Abramo (1994) e Costa (2000). Faço estas referências e remeto a estes trabalhos porque não posso deixar de reconhecer que, embora se tratem também de manifestações juvenis, existe uma série de diferenças entre *punks*, *skinheades* e *hip-hopers*. Tais diferenças podem estar circunscritas a aspectos políticos, culturais, ideológicos, dentre outros. Sobre o *funk*, um trabalho interessante é o de Viana (1988), que trata sobre a cultura musical da juventude brasileira, tendo como cenário os bailes *funks* na região metropolitana do Rio de Janeiro nos anos 1980. Em todas essas reflexões, é importante considerar, ainda, a diversidade espaço-temporal em que emergem e se situam cada uma delas.

¹⁴ Apesar da importância de alguns estudos já realizados sobre o *hip-hop*, frente à variedade de temas tratados, torna-se impossível trazê-los todos aqui para este debate; por isso, elegi apenas alguns mais recentes, acima expostos. Evidentemente, além desses, é importante citar outros menos recentes como, por exemplo: Guimarães (1998); Silva (1998); Andrade (1996).

As preocupações desses autores estavam para além da movimentação mercadológica do *hip-hop*. O que lhes interessava eram as inovações trazidas pela música *rap* como campo de manifestações coletivas de identidades étnicas, propiciadas a grupos expressivos de jovens negro-mestiços da capital paulistana.

Em suma, a partir de pesquisa exaustiva, envolvendo mapeamento de pessoas, de locais de encontros, de sons e artistas, de salões de baile, de trajés, de equipes e de grupos de dança, os autores recuperaram uma rede de relações que se perdem nas tramas dos acontecimentos da difusa existência na metrópole. Enfim, o interesse dos autores é pela forma encontrada pelos *rappers* que, por meio das músicas, penetram primeiro nas suas realidades e em seguida, invertem o discurso dos grandes veículos de comunicação que naturalizam a violência, a pobreza, a segregação e as transformam em espetáculo cotidiano (SILVA e AZEVEDO, p. 15).

Outro trabalho é o de Amailton Azevedo (2000), que de início já afirma não se tratar de uma história do *rap*, mas da história de artistas que fizeram e fazem o *rap* na cidade de São Paulo, considerando-o como fruto da experiência desses músicos. Para tanto, desenvolve uma pesquisa envolvendo entrevistas com *rappers*; documentos como revistas e jornais e análise da música como fonte de natureza sonora.

Tendo como referência as letras, as músicas e os depoimentos orais, o autor faz uma historiografia, tomando o *rap* como prática musical de alguns sujeitos. Verifica que a música produzida por eles constitui parte das suas formas de vida na cidade, as quais podem ser lidas como sociabilidades organizadas sob o fazer musical.

Segundo ele, trata-se da existência de uma sociabilidade organizada para compor, cantar, dançar e gravar. O autor aponta também, outros tipos de sociabilidades que aparecem nas falas e nas canções dos entrevistados por meio de personagens musicais, como interpretação daquilo que os músicos estão fazendo no seu cotidiano (AZEVEDO p. 18).

O estudo acima referido foi desenvolvido junto a quatro grupos de *rap* bastante famosos no cenário nacional: Racionais MC'S, Thaíde e Dj Hum, D.M.N e Lady rap. São grupos já constituídos há mais de uma década no país e que também vêm estimulando, desde o início dos anos de 1990, a formação de um número infindável de outros grupos de *rap* em São Paulo e no Brasil. Os Racionais MC'S e Thaíde, em particular, são grandes inspiradores dos *rappers* piauienses que entrevistei.

O autor reflete sobre a sonoridade como linguagem, que ajuda a significar experiências sociais de grupos negros sob tempo, espaço e vivências específicos, tendo a música, a letra e o som como objeto de estudo, como meio para compreender e dar significado às experiências de sujeitos, no passado e no presente. Frente a essa preocupação, acrescenta ainda que, por meio da música, é possível registrar na historiografia a presença daqueles que estavam à margem e excluídos da sociedade e, obviamente, também das documentações dominantes.

Outra grande contribuição para a compreensão da temática é o estudo de Glória Diógenes, *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop*. Deslocado de São Paulo, cenário da maioria das investigações sobre o tema, a autora toma como cenário para a pesquisa a cidade de Fortaleza e, nesta, os jovens de zonas periféricas que participam de gangues e galeras. Inserido mais especificamente no campo da antropologia, esse trabalho tem como eixo temático a violência, cuja tese central é a de que a experiência das gangues torna-se um modo de “*inclusão*” social às avessas, cujo passaporte é a violência e a marca cultural é o território (DIÓGENES, 1998, p. 32).

Com a preocupação de entender a trama da cultura e da violência na sociabilidade juvenil na cidade, a autora desenvolve uma investigação de natureza etnográfica. Para tanto, percorre pontos diferentes da cidade de Fortaleza, momentos em que realiza entrevistas com membros de gangues e de galeras, envolvendo dentre outros, membros do MH₂O-Movimento *Hip-Hop* Organizado do Ceará. Durante as entrevistas, ouviu histórias de arrastões, de “furtos”, tiros, que fundamentaram a composição do que ela denominou de “colcha de retalhos” metodológica. O seu cuidado

metodológico de construção de um modo adequado de apreender a realidade, aparece durante toda sua exposição, na medida em que demonstra preocupação de não categorizar *a priori* a realidade e, concluir o trabalho afirmando a existência de uma perspectiva dinâmica da realidade estudada. Ao longo do trabalho, a autora mostra que as diferentes práticas ensejadas pelas gangues e galeras, mesmo sob a perspectiva da violência como relação, devem ser percebidas de forma entrelaçada aos outros acontecimentos identificados e nomeados pelos participantes das gangues no seu cotidiano.

A cidade de Fortaleza foi tomada como cenário no âmbito da história social. Assim, outro autor trouxe contribuições significativas para a compreensão do *hip-hop*, trata-se de Francisco Damasceno (1997), por meio de sua dissertação de mestrado e de sua tese de doutorado. No mestrado, o autor realizou ampla pesquisa historiográfica sobre o *hip-hop* cearense, resgatando os espaços de surgimento do movimento na cidade, a constituição do Movimento *Hip-Hop* no Ceará, com suas primeiras organizações, bem como seus personagens centrais, espaços de aglutinação dos mesmos, suas lutas políticas. No doutorado, além dos grupos de *hip-hop*, o autor amplia sua discussão para os *punks*, com vistas a:

[...] registrar as perspectivas e visões de mundo desses jovens e com isto, trazer à tona a história de parcelas significativas da juventude contemporânea, inserindo-se na história, ou na historiografia, se preferimos, onde ainda se guarda uma lacuna nesse sentido.” (DAMASCENO, 2004, p. 10).

Nesse trabalho, o autor estuda a constituição desses dois movimentos, *hip-hop* e *punk*, buscando revelar as sutilezas que os assemelham e os diferenciam, com vistas a apreender suas características mais singulares, que se tornaram suas referências: as articulações com a sociedade civil organizada, por intermédio de partidos, sindicatos, movimentos estudantis, organizações não governamentais, entidades diversas (DAMASCENO, 2004, p. 10). Mais especificamente, buscou apreender as trajetórias desses movimentos, em suas singularidades e semelhanças, em sua universalidade e em sua localidade (p. 14).

Utilizando diversidade de fontes, como jornais, fanzines, *flys*, cartazes de eventos, manifestos, letras de músicas, textos, entre outros documentos, o autor vale-se preferencialmente das fontes orais, para revelar as trajetórias de grupos urbanos, em suas complexas constituições, nas relações estabelecidas em seus cotidianos, nos contextos nos quais se inserem, destacando as especificidades que lhes são próprias na grande Fortaleza (DAMASCENO, p. 432). Em resumo, o autor, ao resgatar as trajetórias dos dois grupos, deixa evidente que:

[...] a atuação dos jovens revela não só a luta incessante pela cidadania, negada no cotidiano, por uma estrutura social excludente, mas também, a instauração de modelos alternativos de sociedade, baseados em suas experiências, que se pode entender como uma re-apropriação das utopias clássicas (marxismo e anarquismos), gerando leituras próprias e propostas singulares (DAMASCENO, p. 432).

Considera ainda que, nesse processo de constituição de grupos em torno de uma musicalidade específica e de estilos transgressivos, estruturam-se as identidades individuais e sociais. É nos grupos e pelos grupos (e seus movimentos), que os jovens se reconhecem e se tornam sujeitos sociais, com uma intervenção peculiar e marcante. (DAMASCENO, p. 432).

Também seguindo a análise do *rap* como uma expressão do *hip-hop*, o trabalho mais recente é o de Celso Rosa (2005). Para o autor, o *rap* resgata a força em seu núcleo de ação — a periferia — e com isto, possibilita o nascimento de uma cultura, que dialoga com o *hip-hop*, mas tem um cenário singular característico, composto por uma série de elementos, que só se fazem na crueza de sua realidade dentro do seu universo. Universo de relações e de interações no qual brotam subdiscursos específicos da cultura *rap* (p. 7). De modo geral, o autor analisa as expressões que se dão por meio da música, dos sinais e de linguagem cifrada na criação de uma nova comunicação. Dessa forma, ressalta que os grupos de *rap* operam subdiscursos, codificando várias abordagens ou modos de ver o mundo. Ou seja, suas expressões percorrem experimentações de tempo e de espaços modificados: em um tempo

reconciliado pelas múltiplas apreensões e em espaço ampliado de intensas dobras — uma cartografia de mediações.

O trabalho de Rosa é um estudo sobre o *rap* no campo da comunicação e da linguagem, cuja preocupação central é realizar leituras de comunicação do *rap*, buscando apreender os significados presentes na forma de usar a voz e a melodia como expressões básicas do discurso e das vivências dos jovens das comunidades narradas.

Ao percorrer as diferentes investigações acima citadas, percebe-se a existência de multiplicidade de olhares, oriundos de historiadores, semioticistas, jornalistas, musicistas, antropólogos que deram conta da riqueza de temas envolvendo o Movimento *Hip-Hop* no Brasil; no entanto, existe certa *invisibilidade* para as questões de gênero nas abordagens.

Evidentemente, a presença das jovens mulheres no *hip-hop* ainda é minoritária em algumas cidades brasileiras. Muito embora essa presença seja minoria, ela é marcante no *rap* e no *graffiti*, demonstrando que essas jovens estão criando espaços para negociações, ampliando-os também para denunciar suas problemáticas e, com isto, levando ao movimento outros temas e outros modos de expressão da realidade das zonas periféricas em que habitam.

Um trabalho interessante, no qual identifiquei um esforço para quebrar o silêncio sobre as questões de gênero no estudo das *culturas juvenis*¹⁵ é o de Viviane Magro (2004). Refletindo acerca da ausência do gênero nos estudos sobre *hip-hop*, ela afirma que isto ocorre em virtude das abordagens sobre adolescência e juventude centrarem-se na idéia de “problemática social” evidenciando temas que, de certa forma, estão “restritos” ao universo masculino, como violência e criminalidade. Segundo a autora, esses estudos têm servido para justificar as práticas destinadas a esse público, negando o importante papel histórico desses sujeitos como

¹⁵ Abramo (1994), no texto “*Cenas juvenis*”, ao utilizar esse termo, chama a atenção para o perigo da generalização da idéia de uma *cultura juvenil*, que coloca em risco o encobertamento de condições sociais e experiências bastante diversas. No entanto, o mantém como termo de referência para designar um “[...] ‘campo de acontecimentos’ que permite focar aquelas manifestações que não aparecem necessariamente sob a forma de movimentos sociais...”, como os *punks*, por exemplo, p. 26.

produtores, consumidores e disseminadores de novas estéticas, novos produtos e novas práticas e valores (MAGRO, p. 41).

Ao invés de possibilitar uma compreensão da *cultura juvenil*, como forma dos jovens se posicionarem no mundo, a idéia de juventude como “problemática social” tende a negligenciar as ações e as práticas juvenis significativas. Segundo Abramo (1994), a *cultura juvenil* tem a função de transição para a condição social adulta, por meio do desenvolvimento de rituais, símbolos, modas e linguagens próprias, que marcam uma identidade distintiva de outros grupos etários e, também, forma um mosaico que cria espaços sociais nos quais os adolescentes podem expressar-se, engajar-se e transformar o meio onde vivem, às vezes como seus reificadores, revelando a sua própria pluralidade.

Utilizando-se das reflexões que Abramo realiza no texto publicado em 1994, Magro (2004) ressalta que as *culturas juvenis* são formações que se desenvolvem a partir da necessidade de adolescentes e jovens — situados em estado de moratória social — se posicionarem no mundo e colocarem suas questões diante da realidade com a qual se deparam (p. 42). A autora trabalha com jovens, do sexo feminino, de um grupo de *graffiti* da Cidade de Campinas-SP. O objetivo do trabalho foi de analisar, na *cultura juvenil* de periferia, o conceito de identidade pessoal na adolescência, não apenas em dimensão psicológica, mas também nas interações com as dimensões sociais, políticas e culturais (p. 5).

A autora estuda grupos de *graffiteiras*, buscando apreender os significados das experiências vividas por meninas, inter-relacionando esses significados com as experiências dos meninos. O objetivo do estudo é o de construir uma compreensão sobre a identidade na adolescência, tendo por foco central o argumento de que esses jovens poderiam contradizer os estigmas presentes nas relações de gênero, ao assumirem o papel cidadão de produtores culturais (p. 6).

No âmbito do Serviço Social, um trabalho pioneiro que se volta para as *culturas juvenis* e, em especial, para as expressões de grupos juvenis formados a partir do movimento *hip-hop*, é o de Vera Rodrigues (2005),

intitulado “*Grupos juvenis na periferia: recompondo relações de gênero e de raça/etnia — São Paulo 2004/2005.*” O objeto do estudo é o processo de socialização vivido por jovens moradores da periferia da cidade de São Paulo. Mais especificamente, a preocupação da autora é por apreender esse processo de socialização “... a partir das percepções e vivências na família, na escola, no trabalho, nos locais de moradia e na participação em grupos e movimentos e, a partir daí, analisar as várias maneiras como têm construído, desconstruído e reconstruído suas relações de gênero e de raça/etnia.” (RODRIGUES, 2005, p. 10). Com essa preocupação, o objetivo geral desse estudo é de “... investigar as dificuldades, desafios e avanços vividos por esses jovens em suas relações interpessoais e grupais e as decorrências em seus diálogos, participação, conscientização, autonomia e intervenção cidadã.” (p. 17).

Rodrigues trabalha com jovens que participam de três grupos juvenis pertencentes a diferentes regiões da cidade de São Paulo: Jardim São Savério; Cidade Tiradentes e Itaquera. São grupos de jovens formados a partir do movimento *hip-hop* e de antigas posses que, segundo a autora, caracterizam-se como grupos de ação social por realizarem “... ações de intervenções voltadas à comunidade, visando a melhoria das condições socioeconômicas...” (p. 23).

Existe uma novidade no trabalho da autora, que perpassa não apenas o recorte de gênero, mas também o de raça/etnia. Além disso, ela desenvolve um movimento de análise que dar conta, tanto dos grupos, quanto dos indivíduos. Esse percurso de ida e vinda é desenvolvido por meio de uma análise da construção das relações de gênero e raça/etnia, com vistas a apreender os principais avanços e desafios trilhados pelos jovens entrevistados em suas famílias, nas escolas e nos grupos juvenis nos quais estão inseridos.

Tendo por base essas duas dimensões, entre suas conclusões, afirma que “*As falas dos jovens relevam a importância do grupo como lugar de auto-afirmação de caminhos e desenvolvimentos de ações coletivas e denotam preocupação com a organização, ampliação e continuidade do grupo.*” (RODRIGUES, p. 198). A autora resgata ainda a importância dos

espaços grupais como espaços para repensar as relações de poder, de exploração e de dominação, entre homens e mulheres e entre negros e brancos.

A partir do quadro de reflexões acima, pode-se perceber que é somente nos anos de 2000 que começam a emergir reflexões sobre questões de gênero nos estudos sobre *culturas juvenis*. No entanto, esses estudos focalizam, preferencialmente, as relações de gênero tomando como referência os grupos de jovens.

Há, evidentemente, pouca *visibilidade* para as questões de gênero nesses estudos e, de certa forma, um ocultamento dos sujeitos nas suas singularidades. Esse ocultamento ocorre na medida em que as análises centram-se no movimento ou nos grupos nele organizado. Tal centralidade favorece a perda das singularidades e, em resumo, dos aspectos que evidenciam o que cada sujeito realiza, para se construir. Embora ele faça parte do movimento e/ou do grupo, o sujeito tem singularidades que determinam sua forma de participar, singularidades estas adquiridas por meio das experiências de vida. Por exemplo, o(a) *rapper* faz parte de um movimento e/ou grupo no qual está inserido e do qual é expressão; mas é, antes de tudo, um sujeito pertencente a uma comunidade, a uma família, experiências que o(a) caracterizam como ser social singular, dimensão também importante para a investigação proposta neste estudo.

Isso me leva a afirmar que os sujeitos e as questões de gênero estão de certa forma, pouco evidenciada no debate sobre o *hip-hop*. Não é por mero acaso. Pelo contrário, esta pouca evidência pode ser resultante de escolhas metodológicas, na medida em que quase todas as abordagens estão circunscritas ao estudo do movimento, de suas organizações e/ou de seus grupos. Os enfoques são dirigidos às manifestações mais amplas: como se organizam e quais as ações desenvolvidas pelo movimento e/ou grupo, deixando, portanto, os sujeitos diluídos nas abordagens.

Com a preocupação de contribuir para o avanço desse debate, este estudo tem como objetivo resgatar as experiências de jovens do gênero feminino e masculino no movimento *hip-hop*, em um contexto específico, a

cidade de Teresina/PI, visando apreender suas práticas.

A idéia é de compreender, com base no conceito de gênero, as diferenças e hierarquias que se estabelecem a partir do movimento, situando estas experiências no contexto das vidas do(a)s jovens, onde se desenvolvem valores, sentimentos, expectativas, como respostas às situações enfrentadas. A idéia de resgatar tal dinâmica, a partir das histórias de vida, surgiu após alguns encontros com jovens de grupos de *raps*, momentos em que aparecia como recorrente, nos discursos dos meninos, a igualdade de espaços para ambos os sexos e, associado a isto, outra idéia de que as meninas não assumiam o movimento porque assim não desejavam. No entanto, a realidade empírica evidenciava que, quando da realização das atividades (oficinas, palestras, shows, dentre outros), eram os meninos que estavam em evidência nos palcos. Contradizendo tal democracia, as letras dos *raps*, escritas pelas jovens, tratavam que a ausência de espaços estava associada ao preconceito velado dos meninos, conforme pode ser observado no trecho a seguir: “*Não me intimida a questão do preconceito mulher (...). Cantar de saia agora não me deixou intimidada, vão falar agora que vamos dar uma rebolada...*”.¹⁶

Embora reconheça que o conteúdo das letras evidencia aspectos importantes de questões que envolvem os modos de vida do(a)s jovens *rappers* e que a análise sobre tais conteúdos favorece uma compreensão sobre os mesmos, não tomo tais letras como fonte de pesquisa, mas as histórias de vida do(a)s *rappers*.

Portanto, o objeto da presente tese são as práticas sociais do(a)s *rappers*, inseridos em grupos de *raps* de Teresina, com vistas a resgatar como ele(a)s se constroem, o que fazem; enfim, seus modos de vida. Dessa forma, localizados em tempo e espaço determinados, investigo as práticas desse(a)s jovens na cidade com relação aos grupos de amigos, aos espaços de lazer, ao enfrentamento da violência, aos diversos afazeres e à

¹⁶ Letra da música de um grupo de *rap* composto por quatro meninas. O nome do grupo é Asserção e a letra foi elaborada após uma apresentação do mesmo em outubro de 2005. A elaboração de tal letra, segundo a autora, foi motivada pela ocorrência de um fato que evidenciava preconceito dos meninos contra as meninas nas atividades de *hip-hop*.

família. A perspectiva é de perseguir suas trajetórias e apreender essas relações.

Para tanto, configuraram-se como necessário o desvendamento dos seguintes objetivos específicos: apreender as trajetórias do(a)s *rappers* na cidade, os espaços ocupados, as tensões e os conflitos enfrentados, com vistas a recuperar as motivações que os conduziram ao movimento; resgatar e analisar as relações estabelecidas e os significados das práticas de *rappers* na vida daquele(a)s jovens; proporcionar reflexões sobre as diferentes experiências relacionando universalidade e particularidades juvenis, tendo como referência o(a)s *rappers* estudados.

A forma adotada para expor o trabalho

Sobre a forma encontrada para apresentar este texto, quero destacar que tanto ele como as narrativas aqui expostas, é frutos das relações estabelecidas entre eu pesquisadora e os sujeitos.

Como nos lembra Alessandro Portelli (1985), “[...] o recolhimento dos dados não é separado de uma intervenção sobre a realidade da qual ambos fazem parte. [...], a idéia de ‘fidelidade’ às fontes produziu, no passado, tentativas sempre frustrante de realizar reproduções absolutamente literárias [...]” (p. 6)¹⁷.

Nestes termos, reconheço a impossibilidade de reproduções das fontes desta maneira. Isto ocorre, não apenas pelo fato destacado por Portelli, mas, sobretudo, pela natureza das narrativas aqui contidas.

Neste sentido, o trabalho com as fontes orais implica:

[...] mover-se no espaço indeterminado entre distância e

¹⁷ “... la raccolta dei dati non è separabile da un intervento sulla realtà di cui fanno parte. [E continua] [...] L`idea di ‘fidelità’ alle fonti ha prodotto in passato tentavi sempre frustanti di realizzare riproduzioni assolutamente letterali e scrupolose [...]” (p. 6). (Tradução nossa).

adesão às fontes, entre a relação ascética documentária e a consciência de tratar materiais ‘viciados’ no momento da sua formulação, entre a natureza pessoal e provisória das narrativas orais e suas publicações escritas, entre a apropriação da linguagem por parte do pesquisador e a ambição das fontes de reterem à propriedade dos significados recebendo dele a sensação cultural da propriedade de linguagem. (PORTELLI, 1985, p. 7)¹⁸.

Tudo isso levei em consideração durante o processo de apropriação das histórias; em alguns casos acrescentei vírgulas, suprimi repetições de palavras e até de frases inteiras. A escolha dos trechos das histórias foi proposital: a preocupação foi evidenciar as ambivalências das experiências apresentadas, bem como suas ambiências na cidade. Escolhi, de cada narrador, acontecimentos enfatizados por ele(a)s mesmo(a)s, ao narrarem suas histórias: uma apresentação musical, uma atividade laboral, uma experiência de reclusão, uma festa na praça, dentre outros.

As histórias não foram narradas de forma linear, conforme apropriadas por mim. Pelo contrário, alguns narradores, por exemplo, partiram de acontecimentos do presente e pouco narraram sobre a vida infantil. Houve, portanto, seleção de situações significativas numa cadeia de sentidos, eliminando várias outras situações consideradas redundantes ou insignificantes, para a cadeia selecionada. O recurso a tal forma de organização linear teve por objetivo, proporcionar, ao leitor(a), uma lógica que facilitasse a percepção das informações transmitidas, com vista a permitir maior familiarização com as histórias narradas e, conseqüentemente, um acompanhamento das análises realizadas e apresentadas a seguir em forma de capítulos conforme abaixo especificados.

No primeiro capítulo desenvolvo algumas reflexões sobre a pesquisa empírica, destacando as diversas idas e vindas a campo, bem como, as diferentes saídas adotadas. A idéia não é apenas contar como a

¹⁸ [...] muoversi nello spazio indeterminato tra distanza e adesione alle fonti, tra l'approccio asettico documentario e la coscienza di trattare materiali "inquinati" al momento della loro formazione, tra la natura personale e provvisoria dei racconti orali e la loro pubblica formalizzazione scritta, tra l'appropriazione del linguaggio da parte del ricercatore e l'ambizione delle fonti di ritenere la proprietà dei significati ricevendo da lui la sanzione culturale della proprietà di linguaggio" (p. 7).(Tradução nossa).

desenvolvi e a organizei. Também, realizo uma reflexão teórica sobre algumas maneiras de fazer pesquisa com jovens e as opções adotadas, por mim, durante a condução da investigação que resultou na presente tese.

No segundo capítulo apresento os sujeitos da pesquisa. Em seguida, no terceiro capítulo resgato as diferentes trajetórias de socialização do(a)s jovens, destacando o ambiente familiar, a saída para a rua e as implicações daí decorrentes. A idéia é evidenciar o tornar-se jovem ou como e quando a juventude chega para cada sujeito, ressaltando acontecimentos que os “tornam jovens” ou que fazem-nos pensar como tal.

Em síntese, avalio o modo como “chega” e “sai” a juventude para os diferentes sujeitos. Que pontos em comum e/ou diferenças sobressaem das diversas experiências. Além destaco as descobertas realizadas e os significados delas resultantes, como as experiências de risco e, relaciono estas práticas às perspectivas de resignificação das experiências “negativas”.

No quarto capítulo recupero os processos de reclusão experimentados pelos sujeitos. Para tanto, apresento uma discussão acerca dos espaços e das imposições que o(a)s fazem permanecer reclusos. Em recupero os processos de surgimento e de acesso ao *rap*; como e quem os influenciou.

No quinto capítulo desenvolvo uma reflexão sobre o surgimento do movimento em suas vidas, destacando suas andanças pela cidade: os shows e as diversas práticas de convencimento que passam a realizar, recuperando os conteúdos das mensagens trabalhadas por ele(a)s nos espaços ocupados. Por fim, realizo as reflexões conclusivas.

1 Um percurso emocionado: o encontro com o(a)s narradore(a)s¹⁹



Foto II: Praça Pedro II. Arquivo da pesquisa

A **Praça Pedro II** localiza-se no centro da Cidade de Teresina, nela encontra-se o maior e mais antigo teatro da cidade o 4 de Setembro. Na praça encontra-se, também, o Centro Artesanal, que abriga a maioria das lojas de produtos típicos do artesanato local.

¹⁹ Para efeito deste trabalho estou chamando de narradores os sujeitos da pesquisa.

Durante o dia, a praça é um espaço de circulação de pessoas que por lá passam em direção aos estabelecimentos comerciais localizados, principalmente, nas Ruas Paissandu e Teodoro Pacheco. Mas a praça é também o lugar de encontro de quem a ela frequenta para adquirir e ler jornal.

Por se localizar no centro, sua freqüência à noite já não é mais tão grande como cerca de vinte anos atrás, quando também abrigava a mais antiga sala de projeção cinematográfica da cidade, o Cine Rex. Mesmo assim, até por volta das oito horas da noite, ainda tem um grande movimento de trabalhadores do comércio que por ali passam em direção à Avenida Frei Serafim e à Rua 7 de Setembro, por onde circulam os ônibus que transportam os comerciários em direção aos diferentes bairros da cidade.

Além de todas estas referências sobre a praça, uma é fundamental: a mesma foi e é palco de grandes manifestações políticas e artísticas. Aconteceu ali a manifestação em forma de comício do movimento pelas Diretas já no início dos anos de 1980; os comícios de campanha eleitorais de diversos candidatos a governador e a presidente da república. O último comício do então candidato à presidência da república, Lula a reeleição teve lugar na praça.

É no coreto da praça onde tem lugar as rodas de *breack* e, conforme explicitarei mais na frente, onde participei da primeira e de tantas rodas de *breack* no início e no percurso de observação para a pesquisa de campo que orientou a presente tese. Todavia, não realizei nenhuma entrevista na praça, embora este lugar tenha sido espaço de articulação de alguns jovens que posteriormente constituíram-se sujeitos da pesquisa. Durante as rodas, fotografei-os, falei sobre a pesquisa e ouvi depoimentos sobre suas dificuldades cotidianas.

Por todas estas razões, escolhi a foto da praça para abrir este capítulo que trata dos percursos da pesquisadora em campo e de todas as atividades que favoreceram o recolhimento das entrevistas.

1.1. Preparando-me para a pesquisa

Quando iniciei as leituras de alguns estudos que tratam sobre os jovens fui percebendo que, de alguma forma, havia certo caráter inovador na maneira como as pesquisas de campo eram conduzidas. Essas investigações procuram apreender a realidade na sua dinamicidade, sobretudo aquelas que utilizam critérios de análise norteados pela idéia de juventudes a serem apreendidas em determinados contextos sócio-históricos. Ao abordar as juventudes, essas investigações buscam ultrapassar o interesse apenas de como os “sujeitos” de pesquisa são olhados, para uma abordagem de como eles se olham, o que eles pensam e como eles vivem, tendo como elemento informador suas experiências.

A relevante referência à valorização das práticas juvenis, ou seja, dos jovens em situações concretas a partir da diversidade de suas existências, coloca à prova o pesquisador e seus conceitos. É evidente que os jovens ao serem encontrados e chamados a se expressarem sobre suas práticas podem apresentar elementos que permitam uma associação aos processos históricos mais amplos, que vão além da simples referência etária e das questões individualizadas.

Desta forma, as reflexões teóricas são imprescindíveis para a compreensão das nuances presentes nas manifestações individuais. Obviamente, não se trata de recorrer a uma bibliografia que em seguida deverá ser apenas aplicada a um objeto de estudo a ser demonstrado *a priori* — independentemente do que diz a realidade. Pelo contrário, as referências sevem para nos ajudar a compreender o que é episódico do que é conjuntural e, também, do que é orgânico estrutural enquanto inerente à condição juvenil. É importante ressaltar que os conhecimentos produzidos sobre o tema são oportunos e necessários, e deles se deve valer o pesquisador para avançar nas suas reflexões. Mas é preciso que eles sejam apreendidos para ajudar na compreensão e na análise da realidade em estudo.

Neste sentido, segundo Renato Ribeiro (1999), um bom exercício a ser realizado com uma bibliografia que trata sobre determinado tema, é indagar o que já foi discutido, até para, eventualmente, se descobrir o que não foi observado e analisado e poderia ter sido. Um exercício de revisão bibliográfica, nestes termos, pode servir para ajudar avançar na reflexão sobre determinada problemática de estudo. Tudo isto deve se constituir numa inspiração para a análise de uma pesquisa em realização. Existem situações em que temáticas interessantes, são atravessadas pela tendência do pesquisador a reduzi-las, a simples ilustrações bibliográficas. O contrário poderá sugerir uma maior abertura ao que a realidade tem a dizer, durante um processo de investigação.

Foi isso que observei durante as leituras de muitos trabalhos sobre jovens: o pesquisador estava muito aberto para o que a realidade tinha a lhe dizer. Mas de que forma as pesquisas com jovens podem ser identificadas como rompendo com a “tradição” de colocar o método antes da realidade?

Segundo meu ponto de vista, algumas pesquisas com jovens expressam, de fato, uma tentativa de romper com uma forma de investigar centrada no que Pais (2000) denomina de lógica da demonstração. Uma lógica que segundo ele, balizada por quadros teóricos e conceitos de partida, são procurados a todo custo serem demonstrados na realidade por meio de um processo explicativo totalmente divorciado de um conhecimento descritivo e compreensivo. Para tal superação, o autor fala de uma investigação centrada na lógica da descoberta, da revelação, na qual a realidade social se insinua, conjectura, indicia. Nesta direção, o cerne das preocupações investigativas não deve ser os fatos, mas o modo como estes são cercados, como são revelados e a maneira de analisá-los.

Durante as leituras realizadas e o processo de investigação para a presente tese, algumas questões sobre as formas de fazer pesquisas tratando do tema juventude, foram emergindo, fato que levou a me limitar,

brevemente, em alguns dos aspectos presentes em algumas dessas pesquisas²⁰.

1.2 Aprendendo para encontrar: algumas particularidades das pesquisas com jovens

A emergência das pesquisas sobre jovens, no âmbito das ciências sociais, ocorre quando as sociedades assumem características mais complexas do ponto de vista econômico, social e político. Neste sentido, tais pesquisas se institucionalizam, a partir da década de 1920²¹, com o objetivo de oferecerem à sociedade e às suas instituições, respostas científicas sobre os processos de transformações presentes no mundo juvenil. Este percurso de institucionalização torna-se, ainda mais significativo, quando os mecanismos de controles sociais perdem suas eficácias, no sentido de atribuir respostas no ritmo em que exigem os problemas juvenis emergentes. Nestas reflexões os jovens são, geralmente, compreendidos como *problemas sociais*.

Transcorridos quase cem anos da emergência das primeiras reflexões sustentadas na idéia de juventude como *problemática social*, é importante observar que tais reflexões influenciaram na construção de imagens e interpretações sobre a juventude, contribuindo para a emergência ou o reforço da idéia do jovem como problema. Evidentemente, o rumo que essas reflexões tomaram, só pode ser compreendido se essas forem historicamente contextualizadas.

²⁰ Conforme já evidenciado acima, existem vários trabalhos acadêmicos que trata do tema juventude, por isto, neste item, será impossível tratar de todos eles, portanto, vou recorrer apenas àqueles que me servirem como exemplo para minhas afirmativas.

²¹ Trata-se dos percursos de pesquisas que emergem a partir da Escola de Chicago, mas particularmente, do Departamento de Antropologia e Sociologia da Universidade de Chicago. Os temas centrais de investigação forão o desvio social e a criminalidade, problemáticas atribuídos aos filhos de imigrantes.

Tal historicidade tem suas raízes fundadas na percepção, por parte da sociedade, da existência de um problema social em relação ao qual intervir e da resposta dada pela pesquisa social frente a esta demanda de conhecimento. Só assim é possível entender a emergência dos estudos quantitativos e qualitativos sobre as revoltas estudantis na década de 1960, na França; sobre a questão do desemprego juvenil que ganha bastante evidência, em quase toda a Europa, no final do século passado. Também, nesta direção, estão os diferentes estudos sobre as diversas formas de manifestações juvenis contemporâneos em diferentes países da Europa — Itália, Portugal e França — dentre outros.

Houve, portanto, alterações nas temáticas abordadas, que por um lado, evidenciam como a pesquisa científica respondeu às demandas de conhecimento postas pela sociedade fazendo-as temas de reflexão e investigação e, por outro lado, como as representações produzidas pelas ciências sociais restituíram uma imagem de juventude que foi se consolidando no senso comum e na linguagem técnico-interventiva, orientando também as políticas desenvolvidas para os jovens no mundo e no Brasil.

A propósito, no Brasil, as pesquisas sobre juventude, guardam muitas especificidades, seja em relação à história social dos jovens, seja em relação à institucionalização das ciências sociais. Não entrarei em detalhes sobre estes dois temas, evidenciarei apenas brevemente, alguns aspectos fundamentais acerca do processo de investigação sobre juventude, ocorrido no Brasil, tendo como marco a década de 1970 do século anterior.

O primeiro aspecto a considerar, é que em 1972 foi possível verificar a primeira tentativa de introduzir no panorama científico brasileiro uma reflexão sociológica sobre juventude, trata-se do trabalho de Marialice M. Foracchi, intitulado *A juventude na sociedade moderna*, que tem como preocupação central analisar a rebelião juvenil na sociedade moderna, tendo como horizonte o movimento estudantil. Deste momento até o início da década de 1990, encontramos um verdadeiro silêncio dos estudos sobre a temática, que só obteve uma progressiva expansão a partir da primeira metade destes anos em diante.

O segundo aspecto diz respeito à presença e à visibilidade de um grupo de indivíduos que são reconhecidos e se reconhecem em função de uma identidade geracional comum. Sabe-se que a existência de uma idade juvenil tem raízes bastante antigas. Todavia, no Brasil, a sua força simbólica exercita-se com efeitos significativos, sobretudo, do ponto de vista político, durante todo o período dito de “modernização” (ABRAMO, 1997) e nas lutas nos processos de democratização contra o regime militar. Nos anos de 1970, isto aconteceu, em particular, por meio da ação da UNE - União Nacional dos Estudantes e, posteriormente, de outras associações ou movimentos²² que vão marcar, no cenário nacional, experiências associativas na tentativa de propor os jovens como sujeitos críticos.

Indubitavelmente, no campo das ciências sociais brasileiras, só se pode falar de consolidação das análises sobre as experiências juvenis a partir da metade da década de 1990, quando ocorre significativa expansão das investigações e reflexões sobre a temática.

Abramo (1997), ao fazer referência à atenção dirigida aos jovens nos últimos anos do século passado, ressalta o crescimento das investigações e reflexões em que eles aparecem como tema de estudo. Entretanto, destaca que a maior parte da reflexão aí contida, era ainda destinada a discutir os sistemas e instituições presentes na vida dos jovens, sobretudo as instituições escolares, a família e ainda os sistemas jurídicos, no caso dos adolescentes em conflito com a lei ou em situação de risco, como também as estruturas sociais, dando pouca atenção ao modo como estes jovens elaboram essas situações. A autora conclui sua reflexão reconhecendo que recentemente havia crescido o número de estudos que levava em consideração os próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação. (ABRAMO, 1997, p.25).

Esses dois aspectos levantados pela autora, ausência de estudos e centralidade dos existentes nas instituições e estruturas sociais, estão intrinsecamente relacionados à forma como os jovens são vistos e não como se vêem, posição que pode ter influenciado, significativamente, a

²² Conforme já referido acima, entre os denominados movimentos juvenis, destacam-se os *punk* e *darks*, os *funks*, os *skinheades*, dentre outros.

existência e a condução das investigações e reflexões sobre juventude no Brasil. O crescimento das investigações sobre jovens é registrado dos anos de 1990 em diante e, com ele, pôde-se perceber uma mudança de foco por meio de um deslocamento das análises para as experiências concretas dos jovens, isto é, as condições juvenis, os jovens em seus contextos.

É impossível nomear todos os trabalhos e reconstruir com detalhes os temas e processos metodológicos adotados que expressam a condução e o deslocamento de foco destas investigações e reflexões para as práticas juvenis. Entretanto, destacamos que esta tendência de deslocamento é inaugurada, de forma mais expressiva, por Abramo (1994), com o texto *Cenas Juvenis*, cuja preocupação central é examinar os significados produzidos pelos grupos “espetaculares”, por meio de análise das manifestações *punks* e *darks*.

Assim, no decorrer da referida década, floresceram as investigações sobre as práticas juvenis, e maior preocupação dos investigadores com a metodologia de investigação adotada: quem e como abordar; que instrumentos e técnicas utilizar; como contextualizar tais práticas, dentre outros aspectos. Pelo menos é o que revelam ao relatarem, em seus trabalhos, o modo como a pesquisa de campo foi realizada e a forma como os dados foram analisados e compreendidos.

De modo geral, as investigações sobre as práticas juvenis comungam algumas particularidades, vejamos quatro delas:

- São investigações localizadas em determinados contextos históricos e buscam apreender formas de manifestações juvenis pouco compreendidas. Estão voltadas para analisar a condição juvenil em **contextos específicos**, antes de estender o olhar a grandes questões nacionais.

Há trabalhos que consolidaram essa tendência de investigações voltadas para certos grupos juvenis, buscando apreender e compreender suas formas de manifestação. É mais uma vez um bom exemplo o trabalho de Abramo (1994) sobre os *punks* e *darks* em São Paulo; assim como o de

Diógenes (1998) sobre *hip-hop* em Fortaleza; o de Márcia Costa (2000), sobre os *skinheads*, também em São Paulo; dentre outros;

- Uma segunda particularidade é a preocupação voltada para as **culturas juvenis**. O interesse de uma série de investigadores pelo tema da cultura (e mais especificamente pelas manifestações artístico-culturais) proporcionou conhecimentos sobre o *funk*, o *hip-hop* etc. e, sobretudo, uma melhor compreensão sobre várias manifestações juvenis, como o *funk*, o *hip-hop* etc..

No início da década de 1990, o *funk* carioca, por exemplo, virou caso de polícia por ser reconhecido como uma “ameaça à ordem” e ter seus grupos qualificados como gangue juvenil urbana (HERSCHMANN, 1997, 63). A relação o *funk* e as gangues foi bastante referendada pelos meios de comunicações, contribuindo para instituir, silenciosamente, uma identidade entre uma e outra. Recordo em particular o trabalho de Hermano Viana (1988) *O mundo funk carioca* e, posteriormente, em 1997, a coletânea de textos organizada por Micael Herschmann, intitulada: *Abalando os anos 90: funk e hip-hop-globalização, violência e estilo cultural*, como dois grandes esforços que colaboram com interessantes reflexões e conhecimentos sobre o *funk* carioca.

Não apenas o *funk*, mas o *hip-hop* também teve seus grupos vinculados às gangues e, conseqüentemente, à violência. Tal vinculação atribuía “etiquetas” de violentos, de marginais, de maconheiros, aos jovens que se inseriam nestes grupos, criando uma relação direta jovem/hip-hop/violência, ou seja, manifestação juvenil/gangue/violência. O trabalho que contribuiu para a desmistificação destas relações é mais uma vez, o de Diógenes (1998);

- Uma terceira diz respeito à **forma de abordar os sujeitos** das pesquisas. Em geral, quase sempre, os investigadores cercam-se de longos períodos de observações com uma preocupação de evitar “olhares adultos” sobre o mundo juvenil. Entre os diversos trabalhos que apresentam tal preocupação, é possível mencionar o de Abramo (1994), o de Diógenes (1998) e o de Carrano (2003).

A primeira autora faz menção aos auxílios recebidos da irmã mais jovem, como contributo que a levou a se familiarizar melhor com as questões do mundo juvenil. A segunda autora apresenta uma descrição minuciosa das suas várias idas a campo para realizar a observação: as idas às casas das pessoas; os contatos com as turmas de jovens; as conversas com membros de gangues; dentre outras situações. Ao desenvolver tal descrição vai deixando evidente como o processo de observação, materializado por meio das suas várias idas a campo e dos constantes contatos com os jovens, contribuiu para que ela se desvanecesse de informações e sentimentos *etnocêntricos*²³, para apreender e compreender o diferente. Por fim, Carrano trata do longo processo de observação e dos diversos cadernos de campo preenchidos com resultados das observações e afirma: “a abordagem direta dos jovens tardou a chegar” (CARRANO, p.18).

Após cercar-se de longos períodos de observação, em geral, o recurso à entrevista aberta foi o mais utilizado:

- Por fim, uma quarta particularidade presente nas investigações, é o **aspecto qualitativo** presente nas abordagens. Ao contrário das quantitativas, que tendem a oferecer grandes caracterizações sobre a juventude, muitas vezes simplificando as experiências dos jovens, as abordagens qualitativas são pouco passíveis de generalizações, mas, por vezes, apresentam excelentes contribuições para a compreensão dos modos de vida juvenis. Utilizando as abordagens qualitativas, não apenas a escola, o desemprego, a política, a delinquência, mas também outras dimensões do universo juvenil foram evidenciadas, como: o lazer e a música; a sociabilidade grupal; a sexualidade. Sendo possível obter um olhar mais complexo e diverso sobre a vida dos jovens.

Nesse universo de preocupação, os investigadores têm recorrido à história oral com vista a captar por dentro as experiências, expressando uma idéia de pesquisa voltada para analisar o *como* e não *sobre*. Todos os

²³ Segundo o dicionário Aurélio, trata-se da “Tendência a considerar as normas e valores da própria sociedade ou cultura como critério de avaliação de todos os demais.” (FERREIRA, 2001, p. 300).

trabalhos acima referidos podem ser tomados como exemplos, mas em particular o de Araújo (2002), intitulado *Os jovens deo Recife e o lugar de cada um*, expressa essa forma de analisar o *como*. Nesse trabalho os jovens são localizados em tempo e em espaço determinados, estabelecem suas relações e interações sociais em diversidade de contextos de ação.

Em suma, no curso da década de 1990 e com o avançar dos anos de 2000, as investigações foram se deslocando das questões institucionais e estruturais, para se concentrarem nas práticas juvenis. Das instituições para as práticas, alimenta-se a idéia de juventude como *condição* e não como *processo* etário. Como *condição* possibilita um rompimento com as referências *lineares* que levam à vida adulta, tornando-se uma fase de experimentação, em que os jovens se confrontam com os modelos de comportamento, experiências e relações diferenciadas. Os jovens são vistos como sujeitos que constroem seus percursos na vida cotidiana.

Conforme já enunciado no início deste capítulo, todas essas questões acompanharam-me durante a construção desta investigação. Num primeiro momento algumas estiveram mais presentes, como por exemplo, a preocupação em ouvir os jovens e de como fazer isto. Em outros, perseguia-me o receio em adotar atitudes *etnocentristas* em relação às experiências dos jovens. Por vezes, fiquei na dúvida acerca de como conduzir a entrevista.

A seguir, apresento algumas informações sobre a forma como fui resolvendo, no embate com a realidade, as diversas questões metodológicas e em seguida, a forma que encontrei para expor, textualmente, tudo que ouvi, vi e apreendi sobre as vidas do(a)s *rappers* de Teresina.

1.3 Por onde enveredei na pesquisa de campo

Dar conta da pesquisa que fundamentou a presente tese, significou fazer uma incursão para além dos aspectos mais visíveis e exteriores, investigando por dentro da vida do(a)s jovens *rappers*, com vista a apreender fatores que somente assim têm mais possibilidades de serem revelados. Penetrar nos meandros da vida dos sujeitos, suas sociabilidades, a forma como se relacionam com o *hip-hop* etc, são propósitos aqui presentes.

Ao iniciar minhas incursões em campo para colher dados para referida pesquisa, uma questão chamou minha atenção: a referência constante que o(a)s jovens faziam aos grupos que participavam. Buscando ampliar o universo das informações, iniciei tal incursão valendo-me da observação. O recurso à observação teve dois propósitos: o primeiro de adquirir a confiança dos sujeitos. Em virtude dos já debatidos processos de periferização dos grandes centros urbanos, estes jovens são bastante estigmatizados, sobretudo pelos meios de comunicação, situação que gera desconfianças e dificulta o acesso a esta juventude. O segundo propósito visava uma maior familiarização com as práticas desenvolvidas pelas organizações do(a)s *rappers*. A observação compreendeu o acompanhamento a inúmeras atividades desenvolvidas pelo(a)s *rappers*, tais como: apresentações musicais, reuniões, ensaios e bailes. Todas essas atividades foram resgatadas por meio da utilização do registro no caderno de campo²⁴.

Minimamente fui percebendo que as referências aos grupos apareciam como espaço de práticas de sociabilidades em todas as dimensões da divisão do tempo cotidiano do(a)s jovens. Em grupos ele(a)s

²⁴ O caderno de campo foi-me muito útil e sempre me acompanhou durante estes quatro anos de doutorado. No caderno de campo estão destes os primeiros contatos com os jovens, as impressões sobre as observações realizadas, as anotações durante e depois das entrevistas e, até as “alucinações” sobre a pesquisas que tive durante as madrugadas e que me rederam importantes reflexões.

saem para as festas, compartilham seus gostos musicais, suas bebidas preferidas, suas formas de vestir e até mesmo as preferências políticas e estratégias de reivindicações. Claro que não se tratava de nenhuma novidade, visto que a convivência em grupos é uma das formas de sociabilidade mais presentes entre o(a)s jovens. Na escola ou nos locais de diversão, o estar em grupo, o circular em grupo pela cidade são aspectos importantes.

Aos poucos, procurei entender melhor essa questão, tendo em vista que ele(a)s se preocupavam em deixar evidente que, no grupo, sentiam-se mais livres e compreendidos. No entanto, dando seqüência às conversas com o(a)s jovens, advinham outras preocupações: Que grupos são esses? Como chegar até eles? Como eles estão estruturados? O que os motiva? Comecei por esse desenho, até porque queria captar um pouco como ele(a)s estavam vivendo esta experiência.

De certa forma, as pistas para responder a essas indagações, pouco a pouco, foram sendo delineadas, quando, nas suas conversas, expressavam seus interesses, justificavam suas ações, falavam de seus grupos, dos locais de encontro e do que faziam. Era impossível percorrer todos os grupos e tratar das suas práticas, mesmo assim, mapeei-os. Não era perda de tempo, já que aquele momento se constituía numa fase exploratória da pesquisa sobre juventude em Teresina. Eu estava à procura de pistas que me possibilitassem criar pressupostos a respeito de práticas muito estranhas às minhas experiências como profissional e como pesquisadora, fosse do ponto de vista físico-espacial, fosse do cultural.

Para superação desses obstáculos, um espaço importante foi participar do “Seminário Juventude”, que aconteceu em Teresina, em janeiro de 2004, cujo objetivo era traçar políticas públicas para a juventude. Nesse evento, reuniram-se várias organizações juvenis da cidade, compreendendo grêmios estudantis, grupos de *hip-hop*, grupos de jovens religiosos, dentre outros. Nesse acontecimento, tornou-se mais evidente, para mim, a tendência à formação de grupos e a necessidade de elaboração de identidades coletivas.

Essa participação acabou propiciando-me o primeiro contato com membros do *hip-hop* e com membros de grupos de jovens das zonas periféricas da cidade, que, de imediato, se disponibilizaram a narrar suas experiências nesses espaços.

Com tantas questões era impossível partir imediatamente para uma entrevista, por isso preferi começar pela observação, sendo que a primeira se deu na “roda de *breack*” que acontecia todas as sextas-feiras na Praça Pedro II, localizada no centro da cidade de Teresina. Fui inicialmente a duas “rodas” por duas sextas-feiras consecutivas durante o mês de janeiro de 2004 e, depois voltava às mesmas, sempre que retornava a Teresina.

Na primeira vez, quando cheguei à praça, já se encontravam alguns jovens que, envolvidos na organização do evento, testavam o som e organizavam os demais equipamentos. Mais tarde foram chegando outros, a pé ou de bicicleta. Em poucos minutos o coreto da praça já estava cheio de jovens de todos os bairros da cidade. Na “roda” havia apenas um aparelho de som, um microfone e um *banner* com a identificação da entidade²⁵ organizadora do evento.

Enquanto estava por lá observando o acontecimento, alguns fatos ali evidentes chamaram minha atenção: a grande maioria era homem, na primeira vez que estive na “roda”, cheguei a contar a quantidade de mulheres, apenas quatro; a participação parecia livre, mas ao final, quando o som foi deligado os organizadores reclamaram a atenção de alguns pela ausência em outras “rodas” anteriormente realizadas; ficou claro, também, que existiam regras para entrar e sair da “roda”; que a “roda” era circulada de curiosos e a polícia também fazia sua ronda para acompanhar o que estava acontecendo.

Também, não pude deixar de ouvir os comentários que alguns jovens faziam sobre os treinos realizados durante a semana para conseguir a *performance* apresentada naquele dia. De fato, a “roda” tinha um sentido muito importante, porque permitia a exibição das *performances* exercitadas

²⁵ A entidade organizadora era o MP₃-Movimento pela Paz na Periferia e da roda participavam, na sua maioria, os jovens de grupo de dança ou dançarnos individuais vinculado ao MP₃.

durantes os vários treinos realizados na semana, além de alimentar a liberdade. Lá ninguém parece julgar a forma do outro fazer, cada um entra e sai quando quer. Claro que isto visto de fora, porque há códigos de ética definidos pelo grupo, visando à participação dos jovens.

Mas pude confirmar por meio da observação, que a “roda não é só dança. O sentido da denúncia e da reivindicação estava bastante presente tanto na forma de dançar quanto no conteúdo das músicas, cujo tema era o cotidiano de violência, envolvendo os conflitos com as gangues rivais, com a polícia, com as drogas e os problemas sociais que atravessam o mundo juvenil.

Ouvi ainda comentários sobre a distância percorrida para chegar até a praça, o que eu confirmava à medida que ia conversando com um e outro e eles iam me dizendo seus bairros de origem: Poti Velho, Matadouro, Vila São Francisco Sul, Piçarreira, Satélite, São Pedro, dentre outros. Frente a estes dados, cheguei a conclusão que a “roda” trazia jovens dos quatro cantos da cidade para dançar ou ver outro dançar, por menos de três horas, tempo que mais ou menos durava cada uma.

Como as atividades têm, para o(a)s jovens, dimensões diferentes, embora com objetivos comuns, só as “rodas” não bastavam, decidi, durante o mesmo mês também, observar as oficinas realizadas pela entidade MP₃. Fui a duas delas: a primeira na localidade Soinho e a segunda na Cerâmica Cil, situadas respectivamente, na zona rural leste e na zona rural sul da cidade. As oficinas foram realizadas durante dois domingos consecutivos e tinham diversas atividades: orientação sobre como andar de skate; como desenhar graffiti; aula de dança, dentre outras atividades que iniciavam pela manhã e iam até o final da tarde. Como tudo era feito de forma muito precária, havia sempre atraso no início das atividades. Na organização das mesmas, observei um forte espírito de colaboração entre os membros do grupo e a vizinhança do local, praça, quadra ou “barraco de palha” abandonado, onde aconteciam as oficinas.

Primeiro todos se mobilizam na organização do espaço. Segundo, essa mobilização pressupunha doar um pouco do que se tinha, para receber

algumas atividades lúdicas naquele dia. Uns cozinhavam, outros forneciam a água para o grupo beber, o ventilador para ventilar o som. Assim, o trabalho de organização do evento absorvia todos, incluindo os membros da comunidade.

Entretanto, algo saltava aos olhos: a chamada “questão de gênero”. Ao contrário das “rodas”, que concentravam presença marcadamente masculina, nas oficinas, quer na organização, quer na participação das atividades propriamente ditas, predominam as meninas. Gradativamente, elas iam chegando e inserindo-se de acordo com suas preferências.

Pude observar que, por um lado, na “roda” os homens dançavam e as poucas mulheres assistiam. Por outro, nas oficinas, as mulheres faziam a comida e os homens outras atividades. Permaneci durante muito tempo intrigada com esta ausência, ou reduzida presença, das mulheres nas atividades. Entre uma atividade e outra indagava o porquê disto, até que um dia, quando estava realizando as entrevistas preliminares para compreender melhor sobre o movimento, ouvi do narrador a seguinte afirmação:

[...] o movimento *hip-hop* não assume, [...] ele é um movimento machista [...]. [E acrescenta]. É machista, ele impede a entrada das mulheres [...], porque assim, é a maneira como o cara canta, a maneira agressiva, que cria uma imagem de homem. A mulher em geral a imagem social dela não é agressiva, ela tem que ser é dócil, porque ela é a dona de casa, é como se ela não tivesse revolta interior e não descontasse isso em ninguém. Como se ela também não fosse oprimida.

De fato, os próprios membros reconheciam a existência de um traço machista no movimento, aspecto que merecia maiores reflexões para compreender melhor, como e por que isto ocorria. De imediato não dei tanta importância, mas depois comecei a perceber que, como afirma Portelli (2000) um tema emergia de forma imprevista na minha pesquisa. Como estava aberta e ainda me encontrava numa fase exploratória da pesquisa, pude verificá-lo nas observações e nas entrevistas subsequentes.

Continuei com as observações, fui a outras atividades e uma delas foi ouvir a um programa de rádio, que acontecia todos os sábados à noite, em uma emissora de frequência AM da cidade, a “Rádio Pioneira de

Teresina”²⁶. O intuito era acompanhar a realização do programa *in locus*, para compreender melhor como as mensagens eram passadas e o movimento interno no *studio* durante a chegada das mensagens da comunidade.

O Programa de rádio era outra atividade importante desenvolvida pelo MP₃. Tratando dos problemas do mundo juvenil menos favorecido, o programa era uma das formas de o movimento chegar aos lugares mais distantes e passar suas mensagens. Composto por músicas e pelo debate entre membros do MP₃ e os jovens que sintonizavam a emissora, o programa era desenvolvido em torno da divulgação do trabalho da entidade e dos problemas enfrentados pelos interlocutores. A audiência era bastante significativa. Os ouvintes denunciavam o descaso do governo acerca de seus problemas, comentavam sobre os conflitos ocorridos nas suas comunidades. No estúdio, os membros do MP₃ faziam comentários gerais sobre os problemas expostos, incentivavam os jovens para a superação das dificuldades e, sobretudo, divulgavam suas atividades.

Após esse período de observação, realizei algumas entrevistas, porque já me considerava com subsídios para ouvi-los sobre suas práticas. As primeiras entrevistas aconteceram nos meses de fevereiro a março de 2004. Ao todo foram duas com membros do MP₃ e duas com membros da Coordenadoria da Juventude da SASC - Secretaria Estadual de Assistência Social e Cidadania e duas com jovens que não faziam parte de entidades. O objetivo destas primeiras entrevistas era conhecer melhor o universo juvenil da cidade, a partir da ótica dos próprios jovens que se organizavam em entidades.

As indagações foram bem gerais, considerando que neste primeiro momento, a realidade era-me, ainda, bastante estranha²⁷ e, também,

²⁶ Na época existia e ainda hoje existem diversos programas de rádio desenvolvidos por membros do *hip-hop*, inclusive em “Rádios Comunitárias” e até mesmo em “Auto-falantes”, forma de comunicação bastante presente nas zonas periféricas de Tersina.

²⁷ Tenho clareza de que a realidade nunca será por completo familiar, mas a estranheza sobre a qual me refiro tem a ver com o fato do meu afastamento da cidade, dos seus acontecimentos, principalmente, daqueles envolvendo o(a)s jovens na cidade.

porque desejava avançar no conhecimento de suas principais preocupações. Estava inquieta para ouvir, não para falar.

As narrativas foram ricas em detalhes e renderam-me mais de cem páginas de transcrições, além de várias anotações no caderno de campo. A partir destas primeiras entrevistas foi possível obter melhor compreensão sobre a forma de funcionamento das entidades, principais atividades desenvolvidas, composição e, sobretudo, o que os jovens pensavam deles mesmos e dos outros com os quais trabalhavam. Toda essa diversidade de assunto foi marcante porque me permitiu perceber como e o que cada um valorizava, além da disposição em falar sobre suas práticas de trabalho nas entidades, dando-me a entender que suas palavras não eram valorizadas por onde circulavam, como se não fossem notados²⁸. Inclusive, uma das narradoras ao final da entrevista, disse-me: “Ah!! (risos) eu gostei, é a primeira vez que eu faço entrevista com alguém, assim e tal”, demonstrando muita satisfação em narrar sua história.

Gradativamente, percebi que a vivência nas entidades e nos grupos, tinha importância significativa; os grupos eram, por exemplo, os espaços em que eles mais se sentiam à vontade e o MP₃ representava, para seus integrantes, uma *irmandade*, tamanha era a coesão entre eles, evidenciando um significado de vivência importante na construção do trabalho que desenvolviam na periferia da cidade.

No final de julho de 2004 retornei a Teresina e aos contatos com os membros do movimento *hip-hop*. Durante este período fiquei acompanhando as atividades dos diferentes grupos até a metade de outubro, quando saí do país para o estágio de doutorado na Itália. Durante o referido período, senti-me mais fortalecida para encaminhar a fase seguinte da coleta de dados, que consistiu na realização de entrevistas sobre a história do movimento na cidade e sobre as práticas dos jovens no mesmo.

Como tinha tempo, prossegui com as observações e com as entrevistas ao mesmo tempo. Agora tinha um trânsito livre pelas atividades

²⁸ Para uma maior compreensão sobre a escuta dos excluídos, ver Pollak (1989).

realizadas pelo movimento, pois a *rede* que sustentava a circulação de informações no “interior” do mesmo, já havia expandido para outros grupos que eu “estava na área” e que era uma “chegada”, passível de confiança. A circulação da informação positiva sobre a minha pessoa, possibilitou-me acesso a outros grupos e a outros *rappers* da cidade que até então não conhecia.

Durante esta nova entrada em campo realizei oito novas entrevistas com os primeiros *rappers* da cidade, com as quais pude reconstruir, por meio da história oral, a emergência do movimento, seus principais atores, seus espaços de circulação, a constituição das primeiras entidades, dentre outras questões. Algumas informações sobre esta história pode ser encontrada ao longo deste trabalho²⁹.

A propósito, foi exatamente a reconstrução de alguns elementos da história do movimento que me permitiu ir aos poucos redefinindo o objeto de estudo da presente tese e, ao mesmo tempo, deslocando meu foco de interesse do movimento para as práticas individuais. Ou ainda, se preferirem, do evento para o indivíduo, do geral para o singular. O tema inicial da pesquisa começava a se transformar no objeto de estudo que acabou se consolidando ao final do percurso.

Vários elementos contribuíram para isto, mas durante este momento da pesquisa, um foi mais importante: os entrevistados, ao narrarem a história do movimento, insistiam em se colocar no centro da narrativa, contando suas histórias de vida. A história do movimento era a história deles, as suas autobiografias³⁰. A história da ausência de espaço para brincar e dançar; da falta de escolas para estudarem; das incursões pelos bailes da cidade; das experiências de trabalho; das competições entre eles; enfim, as histórias deles mesmos. A partir daí passei a atentar mais para esta questão. E, como primeira preocupação, visitei outros grupos ligados ou não ao movimento organizado, buscando elementos para compreender que práticas eram estas.

²⁹ Para maiores esclarecimentos ver Luz (2006).

³⁰ Uma discussão sobre a história oral como a relação entre o público e o privado, a autobiografia e a história, ver Portelli (2000).

As entrevistas também me deram pistas sobre a existências de outros grupos em diversos locais da cidade. Resolvi conferir, até porque, como disse anteriormente, tinha mudado de foco. Assim, ampliei o universo da observação para outras entidades, outros grupos e outros *rappers*. Desta forma, fui assistir, por diversas vezes as atividades do “Projeto Vida P” que funciona no Centro Social Urbano do Parque Piauí; a uma oficina na Vila da Paz, com o *rapper* “Preto Mais”; a reuniões com *rappers* da/na Vila São Francisco Sul, para acompanhar discussões sobre implantação de projetos de *hip-hop*; a um baile de *rap* no Clube Alphavile no bairro Dirceu Arcoverde; às reuniões no escolão do Renascence com *rappers* do bairro; ao envolvimento de alguns membros do movimento com questões político-partidárias; e por fim quero mencionar as várias visitas realizadas ao recém inaugurado Centro de Referência da Cultura *hip-hop*, coordenado pelo Questão Ideológica, localizado numa antiga escola estadual no bairro Parque Piauí.

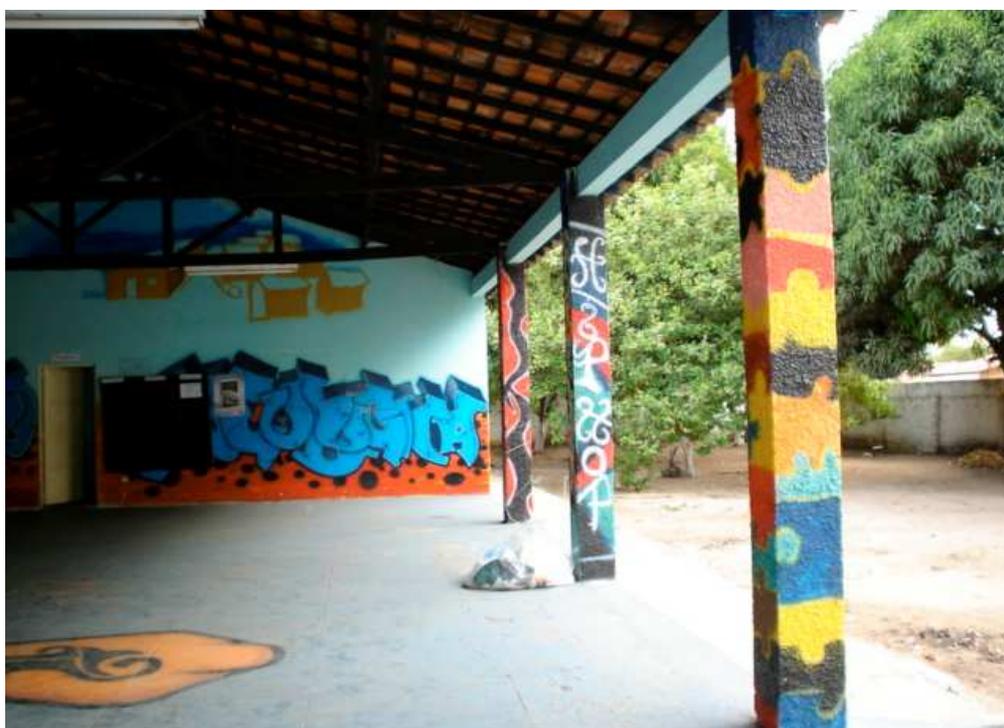


Foto III: Centro de Referência da Cultura *hip-hop*. Arquivo da pesquisa

Todas essas incursões ofereceram-me ampla visão sobre a organização do movimento, a dinâmica dos grupos, algumas práticas desenvolvidas pelos *rappers* na cidade e, principalmente, um conhecimento dos espaços por onde os *rappers* circulavam. De certa forma, tinha em mãos, minimamente, um conjunto das redes sociais dos *rappers*. Meu olhar sobre o movimento na cidade havia se ampliado com a colaboração dos próprios jovens, tendo em vista que alguns destes espaços por onde circulei e realizei minhas observações eram para mim desconhecido ou, então, foram revisitados pelo meu olhar de pesquisadora. Conforme afirma Carrano (2002), “Esse conhecimento precisou ser redefinido no decorrer do processo, uma vez que a condição de investigador social instaura um olhar distinto daquele de quem apenas transita pelos espaços.” (p. 16).

De fato, eu já havia passado por vários daqueles espaços para realizar meu trabalho de assistente social ou mesmo como transeunte, mas, para mim, eles tinham outros usos e outros sentidos. Só pude perceber isto a partir do momento em que percorri alguns deles em companhia de alguns *rappers* e ouvi comentários sobre os usos que eles faziam da praça; do clube; das esquinas perto das suas casas; dentre outros locais.

Conforme lembra Carrano (2002, 17), “A construção do objeto de estudo faz parte de uma dinâmica que possui, na investigação de campo, uma de suas etapas mais importante.” No meu caso, para a construção do objeto de estudo, a investigação de campo foi uma etapa importante na medida em que me possibilitou ampliar informações sobre o movimento, redefinir o eixo da investigação, conhecer os espaços de circulação do(a)s jovens, mas, sobretudo, que as experiências de vida do(a)s próprio(a)s jovens eram o motor do movimento. Tudo isso me levou a decidir pela metodologia da história oral, apreendida por meio da história de vida do(a)s jovens.

Utilizo a concepção de história oral como metodologia, tendo por base as reflexões de Janaína Amado e Marieta Ferreira (1998). Estas autoras entendem a concepção de história oral como método que se remete às dimensões técnica e teórica. As autoras acrescentam ainda:

Diferenças secundárias à parte, é possível reduzir a três as principais posturas a respeito do *status* da história oral. A primeira advoga ser a história oral uma técnica; a segunda, uma disciplina; e a terceira, uma metodologia. Aos defensores da história oral como técnica interessam as experiências com gravações, transcrições e conservação de entrevistas, e o aparato que as cerca: tipos de aparelhagem de som, formas de transcrições de fitas, modelos de organização de acervo etc.[...]. Os que postulam para a história oral *status* de disciplina baseiam-se em argumentos complexos, por vezes contraditórios entre si. Todos, entretanto, parecem partir de uma idéia fundamental: a história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos; este conjunto, por sua vez, norteia as duas outras instâncias, conferindo-lhes significado e emprestando unidade ao novo campo do conhecimento: [...]. Entre os defensores da história oral como metodologia [...]. Aceitamos como válido, em linhas gerais, o feixe de idéias antes resumido [...], o que naturalmente a transforma em algo muito mais abrangente [...].

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho — tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com suas entrevistas e as influências disso sobre seu trabalho —, funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral — o que, a nosso ver, não permite clássica-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de *suscitar*, jamais *solucionar* questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. (p. xii, xiii e xvi).

Em linhas gerais, foram esses os fundamentos que nortearam a utilização da história oral como metodologia, no presente trabalho. Conforme já evidenciado acima, o recurso à mesma será por meio da história de vida, com vistas a conhecer as práticas do(a)s jovens. Neste sentido, apresento a seguir como recolhi e construí as histórias de vida dos oito sujeitos.

1.4 Enfim o encontro com o(a)s narradore(a)s

A pesquisa de campo que norteou a elaboração da presente tese, teve por base a história de vida de oito jovens, sendo quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino. A forma de acesso a ele(a)s foi por meio da indicação de outros jovens do movimento *hip-hop* e pelo contato direto estabelecido com alguns deles.

Apreender a realidade juvenil, tendo como fundamento as narrativas de oito jovens, significou uma tentativa de ampliar o olhar sobre suas experiências, para além dos aspectos mais visíveis e exteriores, com vistas a captar o singular e relacioná-lo com os aspectos mais gerais da sociedade.

Após um longo processo de aproximação ao movimento, as histórias foram recolhidas no período de julho a novembro de 2005. O(a)s jovens que se tornaram personagens desta pesquisa foram convidados por mim e, após uma breve exposição sobre os objetivos do trabalho, aceitaram contar suas histórias.

Quando comecei as entrevistas, havia convidado para participar da pesquisa apenas jovens do sexo masculino, até porque durante todos os contatos estabelecidos com o movimento, só tinha identificado a existência de grupos de *rap* deste sexo. Entretanto, ao iniciar as primeiras entrevistas, um dos entrevistados falou-me da existência de dois grupos organizados por pessoas do sexo feminino, suscitando-me o desejo de resolver uma inquietação presente desde os primeiros contatos com o movimento: porque o sexo masculino era maioria e o que as jovens achavam disso.

Após essa informação, fiz contatos com algumas “lideranças” do movimento que me confirmaram a existência de apenas dois grupos e, ao mesmo tempo, se dispuseram a colocarem-me em contato com os mesmos.

Mais uma vez, a rede de relações presente entre os jovens havia funcionado e, por meio dela, eu também pude ter acesso, não apenas às narradoras, mas ao material produzido por elas.

Assim, identifiquei apenas dois grupos compostos por jovens do sexo feminino e um misto. Os dois primeiros tinham a seguinte composição: o mais antigo, com cerca de dois anos de existência, era formado por duas pessoas, uma com 32 e outra com 26 anos. O segundo existia há cerca de um ano e era formado por cinco jovens, todas praticamente da mesma idade, entre 15 e 19 anos. O terceiro, de composição mista, funcionava assim há cerca de um ano do período que o localizei em um show em outubro de 2004.

Nesse universo de oito pessoas, apenas quatro se dispuseram a contar suas histórias. Dessa forma, o critério para circunscrever o universo da pesquisa a oito sujeitos, levou em consideração a possibilidade de entrevistar a mesma quantidade de pessoas de ambos os sexos que participavam do movimento e pertenciam a um dos grupos de *rap*. Escolher jovens que pertencessem a grupos foi um critério que visava buscar informações sobre a realidade por quem a vivia e não de fora. Portanto, a definição do universo de estudo circunscrito a oito sujeitos, obedeceu ao critério da significação, cuja seleção foi determinada pelo pertencimento do(a)s mesmo(a)s a um grupo de *rap* do sexo masculino, feminino e misto e pela sua participação nas atividades de *hip-hop* da cidade.

Não obstante alguns relatos acerca da dificuldade de acesso a esses jovens, na pesquisa de campo isto não ocorreu, pois a rede de relações que os envolve no movimento e a confiança entre esta pesquisadora e o(a)s jovens, construída desde o processo de observação, fez com que vários dele(a)s, não apenas fossem uma espécie de articuladores, indicando alguns jovens para participar da pesquisa, mas se dispusessem, também, a narrar suas histórias.

Todas as pessoas contatadas aceitaram contar suas histórias e, embora não tenham manifestado nenhuma preocupação com a preservação de suas identidades, eu solicitei, ao final da entrevista, que nomeassem

algum inspirador(a) das suas criações. À(o)s jovens que nomearam alguma referência, esta lhe foi atribuída como codinome. Quem não o fez, recebeu um codinome, atribuído por mim, levando em consideração aspectos da história narrada. Assim, do(a)s narradores aqui apresentados, apenas *KL* teve seu codinome atribuído, levando em consideração seu inspirador, o músico do grupo de *rap* paulista Racionais MCs. Os demais, *Nega Gizza*, *Negra Li*, *Malu*, *Josy* e *Robin Hood*, tiveram seu codinome atribuído por mim em consonância com o critério acima especificado. Um bom exemplo é o codinome *Robin Hood*, atribuído ao jovem por expressar, na sua história, uma característica semelhante ao mito da tradição oral inglesa do séc XII, retratado no filme: *Robin Hood - o príncipe dos ladrões*, dirigido por Kevin Reynolds. Os outros codinomes foram inspirados em integrantes de grupos de *raps* espalhados por todo o Brasil.

A história de vida possibilita a apreensão da história individual e, ainda, a manifestação de indivíduos pertencentes a segmentos excluídos da sociedade. Postas essas colocações preliminares sobre o encontro com os narradores, gostaria de ressaltar que vários estudiosos têm discutido a importância da história de vida como forma de captar os acontecimentos em processo; bem como, para evidenciar a intrínseca relação entre indivíduo e sociedade. Segundo (FERRAROTTI, 1993, p.183):

[...] cada vida individual, todas as vidas individuais, são documentos de uma humanidade mais ampla com suas discontinuidades históricas. O elo que une estes mosaicos biográficos, singulares ou colectivos, em suas diferentes perspectivas, é a articulação do tempo recolhida em seu duplo aspecto de experiência individual e colectiva, dos momentos que se integram reciprocamente³¹.

Nesse sentido, nas histórias de vida estão contidos elementos que possibilitam estabelecer mediações com a história social de seu tempo. Entretanto, conforme Bueno (2002), para Ferrarotti, a relação entre a história social e a história individual não é vista como linear e nem constitui

³¹ “[...] cada vida individual, todas las vidas individuales, son documentos de una humanidad más amplia con sus discontinuidades históricas. El hilo que une estos mosaicos biográficos, singulares o colectivos, en sus diferentes perspectivas, es la articulación del tiempo recogida en su doble aspecto de experiencia individual y colectiva, de los momentos que se integran reciprocamente.” (tradução nossa).

um determinismo mecânico, uma vez que o indivíduo é sujeito ativo nesse processo de apropriação do mundo social, traduzido em práticas que manifestam a sua subjetividade.

Foram essas possibilidades, presentes na história de vida, que nortearam a escolha nesta pesquisa, cujo objetivo é de compreender as práticas sociais do(a)s *rappers*, com vistas a resgatar *como* ele(a)s se constroem. Utilizando-me de uma orientação de Portelli (2000) de que o trabalho com as fontes orais é, em primeiro lugar, uma *arte de escutar*, eu acreditava que, pedindo para que os sujeitos contassem suas histórias, sem colocar questões, temas, assuntos, a pesquisa conseguiria informações mais densas, mais completas e menos influenciadas pela minha posição de pesquisadora.

Obviamente, no caso desta pesquisa, isto não significou romper com o pressuposto básico de uma entrevista: o diálogo. Mas um diálogo que presumiu ser toda a história do sujeito relevante para a pesquisa. Com isso, ele(a)s podiam contá-la da forma como quisessem, começando por onde desejassem e destacando os acontecimentos que considerassem importantes. Iniciei cada entrevista, tendo a paciência de escutar. No entanto, à medida que fui escutando as narrativas, conforme emergiam os temas e os conhecimentos mais imprevisíveis, para mim, fui colocando meu desejo de ter este ou aquele assunto esclarecido, aprofundado, destacado. Enfim, deixei que os sujeitos, pela sua memória, selecionassem e decidissem contar o que entendessem ser relevantes em suas histórias. Para o recolhimento da história de vida a entrevista aberta foi o recurso adotado, tornando possível o diálogo.

Desta forma, apreender a realidade juvenil a partir das experiências de oito jovens teve como pressuposto a possibilidade de ampliar o olhar sobre tal realidade. Assim, decidi realizar as entrevistas dispondo-me a seguir todas as “pistas” oferecidas pelos sujeitos. Logo no início, quando tentava marcar as entrevistas percebi que o lugar escolhido pelo(a)s jovens para a realização das mesmas, constituía-se elemento importante. Os argumentos utilizados para justificar tais escolhas demonstravam que: os locais de ensaios; a praça nas quais as rodas eram realizadas; os espaços

onde ele(a)s iam aprender ou ensinar alguma atividade, eram mais favoráveis para expressar os significados da experiência através dos fatos narrados. Dei-me conta, à medida que fiz os contados e realizei as primeiras entrevistas. Chamou-me a atenção a preferência por alguns lugares escolhidos.

Apenas para tornar interligável tal afirmativa, em geral, os lugares preferidos tinham em comum o fato de serem estes os espaços em que desenvolviam suas atividades de *rappers*. A princípio, tive receios de que não desse certo, pois, ocasionalmente, os lugares escolhidos, não se constituíam em lugares para “coletar dados para uma pesquisa”. Mas, no decorrer do trabalho, fui percebendo que aqueles lugares (às vezes muito barulhentos, interferindo na qualidade da gravação) deixava-o(a)s motivados para falar.

Em alguns destes lugares, o que mais me chamou a atenção, foi o estado de ânimo com que narravam suas experiências e as relacionavam a construção e funcionamento daqueles espaços. Por vezes, a entrevista foi colhida em meio à realização de um ensaio musical, ou da organização de uma atividade de dança ou de um show. Em meio a essas atividades e, às referências feitas ao desempenho de cada um para que as mesmas fossem concretizadas, pude compreender não apenas o prazer de as realizá-las, mas também os sentidos que aqueles lugares tinham para as suas vidas.

Em suma, geralmente, as entrevistas foram recolhidas nos lugares mais inusitados, para um trabalho deste gênero, porém, em relação direta com as formas de transição dos sujeitos. Na verdade, foi no espaço público, onde mais recolhi entrevistas.

Embora esta tenha sido a regra geral para a realização das entrevistas, fui também à residência de um dos narradores e, neste encontro, o lugar na casa escolhido, por ele, para deixar-me mais à vontade, foi seu quarto. Naquele dia conversamos muito sobre sua vida, e à medida que a conversa fluía, pude perceber que aquele ambiente era, para ele, o mais propício para uma conversa qualquer e não a realização da entrevista, tanto assim que a mesma só foi recolhida em outra ocasião e em outro

espaço. Valendo-se das fotos dos eventos que participara, dos discos que colecionava, das suas composições musicais, parecia querer-me deixar mais à vontade para o encontro no qual desejaria contar sua história. Depois da entrevista, por duas vezes voltei à sua casa. A primeira para ouvir música e segunda para entrevistar uma das jovens.

Mas, o lugar de realização da entrevista assim posto, foi também importante para o processo de observação da realidade, empreendida, por mim, durante a pesquisa de campo. Por meio desses encontros e, visita a esses lugares, pude compreender que as relações que o(a)s narradore(a)s tinham com aqueles lugares eram de segurança, porque ele(a)s se sentiam acolhido(a)s. Já entre as pessoas, a sensação era de que eles confiavam muito uns nos outros. A visibilidade da confiança estabelecida entre ele(a)s pôde ser constatada pela forma como discutiam e gerenciavam os espaços e as atividades ali dentro. Parecia não haver regras, mas, elas existiam, com horários e tarefas a cumprir e, principalmente, na horizontalização dos processos de coordenação das atividades. Cada um era coordenador de uma atividade e todos eram ao mesmo tempo coordenadores de tudo e de si mesmo. A confiança entre eles proporcionava uma verdadeira co-gestão do espaço e da vida deles ali dentro.

Ir aos lugares e acompanhar as atividades desenvolvidas ajudou-me ainda a familiarizar-me com a linguagem do(a)s jovens. A linguagem é aqui entendida, como: “O uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão entre pessoas. A forma de expressão pela linguagem própria dum indivíduo, grupo classe, etc..” (FERREIRA, 2001, p. 427).

Por meio da linguagem foi possível evivenciar as ambivalências das experiências apresentadas: as expressões ambíguas, tentando esconder o que sabiam, foram muito comuns durante algumas entrevistas, sobretudo, quando tratavam de situações indesejadas e/ou de relações sofridas. O fragmento da narrativa de *Mano Man*, sobre a separação dos pais e do envolvimento dos colegas com as drogas, são exemplares, neste sentido. Mas as ambiguidades das expressões puderam ser verificadas, também, nas situações relacionadas com as práticas ilícitas; narram como se não fizessem parte, ou quizessem esquecer, passar a limpo aquelas

experiências dolorosas.

Contudo, por meio da linguagem foi possível, também, identificar expressões eufóricas, manifestadas para demonstrar a superação de obstáculos. Basta imaginar o *Robin Hood* recebendo a notícia do nascimento do filho³². Ou mesmo o momento em que *Mano Brown* soube que seria libertado e passaria seu aniversário em casa e não no CASA, recluso. Esta e outras situações de euforia podem ser identificadas pelo(a) leitor, por revelar momentos de intensa alegria.

A linguagem foi ainda capaz de evidenciar a sonoridade em forma de canção presente nas experiências deste(a)s *rappers*. Ocorrência muito comum durante as entrevistas, este tipo de narrativa, para expressar as trajetórias construídas. É exemplar a canção que *Malu* fez em protesto à forma desrespeitosa com que alguns homens do movimento sobem aos palcos utilizando as mulheres para melhorarem suas *performances*.

Ouvi também, a sonoridade em forma de canção, quando *Mano Brown*, contou-me sobre suas experiências, e de seus amigos, com as drogas e com o crime. A linguagem assim utilizada trouxe para mim uma sensação de leveza no conteúdo subjacente às experiências narradas, pois quase sempre tais experiências eram narradas como fazendo parte de acontecimentos já passados, ou assim desejados. Pode até ser que ainda fizessem parte do presente deste jovem, mas frequentemente, percebi não apenas em relação a ele, mas aos demais, o desejo de se retirarem das experiências dolorosas, de suspensão dos acontecimentos, expresso por vezes, pela repetição de palavras com o emprego dos verbos no passado, pelas suspensões e elipses.

Por fim, a linguagem geralmente era cifrada, codificando as idéias do universo do qual faziam parte este(a)s jovens. Não obstante expressavam também, a transição das experiências narradas e, portanto, da vida, tendo em vista que aquelas pessoas já não eram mais as mesmas.

³² O leitor terá mais clareza acerca desta afirmativa quando deparar-se com o trecho da narrativa do personagem no segundo capítulo.

2 Ele(a)s por ele(a) mesmo(a)

*[...] Uma história de vida colhida por meio da entrevista oral, esse resumo **condensado de uma história social** individual, é também suscetível de ser apresentada de inúmeras maneiras em função do contexto no qual é relatada. [...] Tanto no nível individual como no nível grupal, tudo se passa como se coerência e continuidade fossem comumente admitidas como sinais distintos de uma memória crível e de um sentido de identidade assegurados. [...]. A despeito de variações importantes, **encontra-se um núcleo resistente, um leit-motiv** em cada história de vida. (POLLAK, 1989, p.13).*

[...]
Eu acho que para começar, a vida da gente começa a partir do momento que a gente começa a entender ela, ou seja, a partir do momento que a gente começa a sentir dor, a passar certas coisas que não podem se resolver, ou seja, o que eu estou querendo dizer é que quando você nasce, é recém nascido, está sendo criado pelos pais você é dependente sempre deles, agora quando você passa a caminhar, a se magoar, a sentir falta do seu pai que não lhe aquece aí você passa a viver mesmo.
[...]
(Intervenção oral, Robin Hood).

Neste capítulo, faço uma apresentação do(a)s jovens que narraram suas histórias de vida para a pesquisa que fundamentou a presente tese. Conforme destaca a primeira epígrafe apresentada neste capítulo, não foi por acaso a escolha de tal forma de exposição, visto serem as histórias

individuais, um condensado de uma história social. Desta forma, acredito que por meio de cada uma das histórias dos sujeitos escolhidos, pode-se compreender as histórias do(a)s jovens em um contexto e tempo: Teresina dos anos de 1999, 2000.

Para tanto, adoto duas formas diferentes de exposição. No primeiro item, apresento um resumo de seis histórias, sendo três de jovens do sexo masculino e três de jovens do sexo feminino.

No segundo item, apresento duas histórias em forma de narrativa aproximando-me do roteiro utilizado pelos sujeitos. A escolha pela apresentação destas duas histórias (uma de jovem do sexo masculino e outra de jovem do sexo feminino), não obedeceu nenhum critério, vistos serem todos os sujeitos significativos. Portanto, a escolha das duas histórias não obedeceu, *a priori*, nenhum critério, as utilizei apenas em razão de as já tem organizada desde a qualificação do projeto de pesquisa.

Para realizar tais apresentações subtraí ao máximo informações que pudessem identificá-lo(a)s. Em alguns casos substituí os nomes de locias, ou qualquer outro indício, para evitar alguma identificação do(a)s mesmo(a)s. O recurso a esta estratégia objetivou manter o anonimato dos sujeitos.

Para oferecer, ao leitor(a), uma idéia de como me aproximei de cada entrevistado(a), fiz um resumo dos encontros que tive, com alguns dele(a)s antes do recolhimento da entrevista. Quase sempre a intenção destes encontros era estabelecer relação para obter a confiança para que pudessem ficar mais à vontade para contar suas histórias.

2.1 As biografias do(a)s narradore(a)s

2.1.1 Negra Li: *uma jovem de garra*

A primeira vez que vi *Negra Li*, foi no palco durante uma apresentação musical. Fiquei impressionada com sua capacidade de se expressar e com a proposta musical do grupo do qual faz parte, visto tratarem de temas referentes ao universo feminino. Na ocasião, não pude falar com ela, tamanho era a euforia dos espectadores em relação ao sucesso da apresentação do grupo.

Dias depois a encontrei em outro evento, que ocorrera em uma praça, e, antes que seu grupo subisse ao palco, abordei-a para saber da sua disponibilidade em participar da pesquisa. Para minha surpresa, ela já sabia sobre mim e sobre a pesquisa, dispondo-se imediatamente a encontrar-me para conversarmos.

Dia seis de outubro de 2005, nos encontramos às quatro horas da tarde no Teresina Shopping, momento em que recolhi sua história de vida.

2.1.2 Mano Brown e suas saídas arriscadas

Encontrei *Mano Brown* durante um evento de hip-hop em Teresina, organizado por jovens universitários simpatizantes ao movimento. Na

programação do evento tinham várias atividades, entre elas: oficinas de *graffiti*, *brack*, serigrafia, bem como palestras, mini-cursos e apresentações musicais. *Mano Brown* estava ali para coordenar uma das oficinas programadas e, além disto, seu grupo iria fazer uma apresentação musical, dentro das atividades culturais prevista pelos organizadores.

Na ocasião ele tinha dezessete anos de idade e já tinha cumprido pena de reclusão por práticas ilícitas, durante oito meses. Morava com a mãe, os irmãos e a irmã, na zona sul da cidade. Era um dos mais novos de sua banda de *rap*.

Até então eu não conhecia *Mano Brown*, ele me foi apresentado por outro jovem do movimento que já havia me falado sobre ele. Naquele dia, dez de outubro, enquanto aguardava o horário de iniciar a atividade que ficara responsável, recolhi sua história de vida embaixo de uma mangueira no CCHL - Centro de Ciências Humanas e Letras da UFPI - Universidade Federal do Piauí.

Durante a entrevista ele se mostou bastante preocupado com a mãe, até porque havia passado a noite na rua, numa festa com os amigos. A propósito, a entrevista foi interrompida por diversas vezes para que ele atendesse a mãe ao telefone celular.

2.1.3 Josy: Nossa Senhora, não posso ver uma bola!

Na ocasião em que conheci *Josy* ela tinha quinze anos e era a filha caçula da família. Ela morava com os pais e mais dois irmãos, em um bairro da zona sudeste de Teresina. Durante o dia ficava em casa ajudando nas tarefas domésticas, e à noite, frequentava uma escola na zona sul da

cidade, mesmo com toda dificuldade de deslocamento, por falta de dinheiro para o transporte.

Como ocorrera com *Negra Li*, também conheci *Josy* no palco, durante uma apresentação musical, porém em dias diferentes. Como eram poucas as mulheres que faziam parte do movimento, logo que ela concluiu sua apresentação, fui ao seu encontro para cumprimentá-la e sondá-la sobre sua disponibilidade em participar da pesquisa. Claro, que naquele tumulto não pudemos conversar, apenas peguei seu telefone para um contato posterior.

Três dias após a apresentação musical, fiz o contato com ela, momento em que marcamos a entrevista para o dia seguinte. A mesma foi realizada dia onze de outubro às cinco horas, no pátio do colégio onde ela estuda.

2.1.4 Robin Hood: *um aventureiro teresinense*

Conheci *Robin Hood* durante um seminário sobre juventude, realizado na Universidade Federal do Piauí no início de 2004. Naquele momento ainda não sabia que iria entrevistá-lo, mesmo assim ficamos próximos, eu estava na organização do evento e ministraria uma oficina e ele, além de ministrar uma oficina, desenvolveria outras atividades durante o evento.

Em setembro de 2004 voltei a encontrá-lo durante uma reunião realizada com alguns *rappers*. O objetivo da reunião era discutir e avaliar o apoio manifestado por algumas entidades do Movimento *Hip-Hop* Organizado, ao candidato do Partido dos Trabalhadores a governador do

Estado. Eu era a única estranha e nem poderia esquecer disto, visto que no início da reunião fui alertada sobre o sigilo da mesma, pelo próprio Robin. Mesmo assim os presentes me permitiram que gravasse a reunião.

Em 2005 voltei a Teresina novamente para retomar o trabalho de campo e mais uma vez fiz contatos e mantive vários encontros com *Robin Hood*. Desta vez não me considerava mais uma pessoa totalmente estranha, até porque o encontrei por diversas vezes nas atividades do movimento e outros tantos lugares para “trocar idéias” sobre o movimento.

Dia quatorze de outubro de 2005, após prévio contato telefônico, nos encontramos na Universidade Federal do Piauí, durante um seminário em que *Robin* estava ministrando uma oficina sobre *rap*. Entre o final da oficina e uma apresentação musical que fazia parte da atividade cultural do seminário, *Robin* contou-me sua história, cujas informações básicas apresento nos dois parágrafos seguintes.

Robin Hood nasceu e sempre morou na zona sudeste da Cidade de Teresina. No momento da entrevista tinha 21 anos e fazia parte de um grupo há mais de quatro anos. Morava com a mãe, com quem tem uma relação bastante amigável. Não apenas com a mãe, mas também nos arredores de casa, onde tem influência bastante positiva para os outros jovens, em decorrência das suas atividades no *hip-hip*.

Quando o encontrei não estava estudando, havia parado na quinta série, entretanto, mostrou-se um leitor fervoroso de diversos autores que apregoam idéias socialistas, como Karl Marx Martin L. King e outros. Sobre emprego falou pouco, pois continuava sem atividades fixas e vivendo da ajuda da mãe e dos amigos.

2.1.5 Mano Man e suas resistências

Este jovem nasceu e se criou em Teresina. Quando o entrevistei, tinha dezoito anos. Morava com a avó e a mãe na zona norte da cidade. Na ocasião não estudava, mas trabalhava como garçom durante a noite, em um bar perto de sua casa. Sobre o emprego desmonstrou insatisfação pela forma como era tratado pelos clientes e o tipo de trabalho realizado, considerando-o um *bico*, uma atividade passageira.

Entrevistei-o na manhã do dia dezoito de outubro de 2005, em meio a um barulheto ensaio de outro grupo de *hip-hop*, na sede do projeto na qual seu grupo ensaiava.

2.1.6 Malu: *uma voz contra o machismo*

Malu tinha dezesseis anos, nasceu e sempre viveu em Teresina. Quando da entrevista, morava com os pais e os irmãos em uma vila da zona sul de Teresina. Encontrei esta jovem pela primeira vez em uma apresentação musical. Não a conhecia, mas já havia entrevistado um companheiro do seu do grupo de *rap*. Na ocasião, ele me falara da composição mista do grupo, se comprometendo a colocar-me em contato com ela.

Após a apresentação musical trocamos telefones a fim de marcarmos a entrevista. Assim, na manhã do dia dezoito de outubro de 2005, na calçada do Centro Social Urbano do Parque Piauí, recolhi sua entrevista, interrompida por diversas vezes, em virtude do barulho que vinha das atividades esportivas e das crianças que treinavam na lona de um circo localizado no interior do centro.

2.2 Apresentando ele(a)s por ele e ela mesmo(a)

Após os resumos das histórias apresentadas no item anterior, resta-me agora tratar das histórias restantes. Portanto, neste item apresento duas histórias de vida. Uma de um jovem do sexo masculino e outra de uma jovem do sexo feminino. Conforme explicitado no início deste capítulo, não as apresento na íntegra, porém, utilizo-me de seus trechos para preservar a lógica de sentido do seu e da sua narrador(a).

O recurso a esta forma de apresentação teve como objetivo proporcionar, ao leitor(a), uma visão mais ampliada das histórias do(a)s jovens, a partir das duas aqui apresentadas.

2.2.1 *KL* e suas realizações como Dj em Teresina

Em dezembro de 2003 estabeleci meu primeiro contato com a organização da qual o grupo de *rap* de *KL* faz parte. Na ocasião frequentei diversas atividades da organização, dentre elas: manifestações políticas no bairro; reuniões; apresentações artísticas, momentos que me ajudaram a estabelecer relações com os *reppers*, mas não lembro de ter visto *KL*, em nenhum desses momentos. Toda essa caminhada teve uma única preocupação: a aproximação paulatina aos *rappers* e a conquista de sua confiança.

Encontrei *KL*, pela primeira vez, em setembro de 2005, durante as reuniões da organização e em seguida acompanhei, por duas vezes, ensaios do seu grupo de *rap*. Em seis de outubro, numa manhã ensolarada e sob o som barulheto dos garotos de uma creche vizinha ao local onde estamos, sentei-me com ele, na mesma sala em que fazia ensaios, para que me contasse sua história. Conversamos por mais de quarenta minutos e ao final recebi de presente um CD com suas últimas produções. A seguir apresento um resumo de algumas informações sobre ele:

“Meu nome é KL, eu tenho 22 anos, moro na zona norte. Hoje eu moro com minha mãe, meu pai, minha irmã e meus dois sobrinhos. Meus outros dois irmãos moram na casa deles, eles têm família, são casados. Moro no Bairro Mafrense. Eu falo Mafrense porque ninguém sabe como é que é dividido por uma rua. Tem gente que chama de Mafrense, Poti, tudo é Poti ali.

Eu tive uma infância normal de um garoto de periferia. Eu fui crescendo e passei por várias dificuldades. Meu pai era empregado e, de repente, já estava desempregado. Eu tive que estudar e trabalhar e isso me atrapalhou um pouco. Perdi tempo mesmo, porque o tempo que eu tinha pra estudar, eu estava trabalhando, isso me atrapalhou muito.

Eu sou daqui do Piauí mesmo, mas minha mãe é de São Luis e meu pai é de União. Aí, aquela coisa, eles casaram jovens, com 17 anos. Se casaram em um dia e meu irmão mais velho nasceu no outro. Saíram daqui e foram para um interior aqui em Teresina mesmo, lá em Novo Nilo. Passaram fome, mas nunca desistiram. Tudo que eles puderam dar para nós eles deram, graças a Deus. Tudo que estava ao alcance deles, eles fizeram. Eu acho que o legado maior que o meu pai vai deixar pra mim é a educação que ele me deu, para mim é tudo, porque veio a formar o homem que eu sou hoje.

Minha infância foi de muita traquinagem, muita danação: pular muro, não assistir aula ... Os moleques iam lá para minha casa me “cagüetar” e eu enchia eles de “porrada”. Assim, eu não tive muito tempo de ter infância. Minha infância foi até uns sete, oito anos, depois disto eu comecei logo a trabalhar pra ajudar minha família e, depois, nunca mais parei. As dificuldades foram muitas, as financeiras foram o “bicho”, pegou mesmo que eu tive que ajudar minha mãe e meu pai a sustentar meus irmãos. Eu fui trabalhar em várias coisas: fui vender dindin, picolé, peixe, trabalhei vendendo batata, espetinho, cachorro quente, várias coisas.

Comecei a trabalhar com sete anos. Eu trabalhava numa oficina de carro. Fazia só o básico, chegava primeiro do que todo mundo e varria a oficina, trazia alguma coisa para o dono, e aos pouco ia aprendendo a parte de metalúrgica, de eletricidade, de mecânica, tudo nessa idade, entendeu? Eu trabalhava um turno e no outro eu ia para a escola.

Eu assistia os dois primeiros horários da aula e na hora do intervalo eu ia só brincar. Eu brincava até na hora de ir embora. Não voltava mais pra sala de aula. No dia seguinte, voltava pra escola novamente. Hoje eu estudo, sou estudante do segundo ano do ensino médio, num colégio lá no Poti Velho, próximo

da minha comunidade.

No começo, eu trabalhei também em olaria, já trabalhei como peão de construção civil, já trabalhei como peão de caminhão, botando material nas construções. Hoje eu sou sapateiro, bolseiro: faço bolsa, calçado, cinto, carteira e sou DJ, mexo com som e outras coisas.

Geralmente eu faço uma coisa de cada vez. Quando estou trabalhando contratado, faço só aquilo. Tá feito! Só aquele “trampo” mesmo, quando estou sem contrato nenhum, estou só em casa parado, saio com a enxada nas costas procurando uma coisa para fazer. A mexer com energia aprendi pegando choque. Acho que todo moleque da “quebrada” é traquino, tem curiosidade, vai atrás e aprende. Aprendi sozinho esses ofícios que eu sei, graças a Deus. Agora, estou só com aquilo que eu falei mesmo, só com os tramos daqui, se tem o que fazer, os caras me ligam, eu venho e faço.

Quando as coisas estavam mesmo brabas lá em casa, eu parava de estudar. Todo mundo desempregado, só tendo um para segurar as pontas dentro de casa. Aí tem que cair no campo para fazer seja o que for: uma capina, ligar uma lâmpada, fazer uma instalação no barraco do vizinho, essas coisas assim. Eu tinha que desistir do colégio para trabalhar. No ano passado, por exemplo, eu estava trabalhando, entrava sete horas da manhã e saia onze horas da noite, não tem colégio que dê aula de madrugada. O jeito era só trabalhar mesmo sem estudar, mas eu sempre que pude procurei trabalhar e estudar. Se eu vejo que o trabalho não tem futuro, eu largo o trabalho, mas não largo a escola.

Na realidade, eu trabalhava mais por uma questão pessoal, eu via que o que o meu pai e minha mãe ganhavam não dava pra me dar àquilo que eu queria. Então eu tinha que trabalhar para ajudar eles e também para que conseguisse aquilo que eu estava querendo; por exemplo, eu estava afim de uma camisa da moda e meu pai não tinha condição de me dar, eu tinha que trabalhar para comprar aquela camisa e dar algo para eles também.

Meus pais reclamavam porque eu trabalhava, mas quando eu terminei a quarta série e fui fazer a quinta série, foi um período que passamos uma dificuldade grande lá em casa. Eu quis parar de estudar para trabalhar e eles não queriam que eu deixasse de estudar. Mesmo assim, eu tive que optar por parar de estudar e voltar a trabalhar.

Na escola eu era o terror em todos os sentidos que você imaginar. Por exemplo, se o pivete que me olhasse atravessado, eu já estava metendo a mão

nele. As criancinhas da quarta até a quinta série conheciam a gente, por onde viam a gente já iam saindo da frente, para não trombar, porque a gente era “o bicho”. Nesta época nós fomos bater na Divisão do Menor, uma confusão danada.

Já fui preso. Eu acho que está com uns três anos que eu fui preso, porque um amigo meu se envolveu numa briga lá na praça do Poti, nos festejos. Estavam matando ele de pancada e eu entrei no meio para apanhar junto, quando a polícia chegou nos levou preso. Foram as quatro horas mais longas da minha vida, quanto mais eu rezava pra amanhecer, mais demorava, pensei que não ia acabar, uma visão do inferno. Você está dentro de um distrito...

Quando eu fui preso aconteceram comigo três coisas em seguida, que quase me enlouqueceram: roubaram a bicicleta de meu irmão, minha namorada me deixou e na outra semana, eu fui preso. Eu passei três meses sem sair de dentro de casa, só entocado, com aquele pensamento de que se eu saísse de casa alguma coisa pior poderia acontecer comigo. Eu fiquei resguardado até quando que vi que não tinha muito a ver aquilo e retornei a minha vida normal.

Minha mãe sofreu muito, muito, muito, no período da adolescência da gente. A gente saía de casa, esperava ela dar um vacilo, ela entrava e a gente saía. Eu e meu irmão saíamos na noitada e, enquanto a gente não chegava, a velha não dormia, preocupada. Muitas vezes ela saía de madrugada atrás da gente, só pra ver o que estávamos aprontando, se estava tudo bem. Mas o negócio é que ela nunca nos encontrava, porque a gente nunca dizia para onde ia. Graças a Deus, depois que eu entrei no hip-hop, ela só me apóia, só me dá incentivo, o cara pensa em fraquejar e ela está lá: “Não é assim, isso daí é o que te segura, isso que tu sabe fazer, vai em frente, continua, não desiste.”

Minha entrada para o hip-hop foi na adolescência, na faixa dos 14 para os 15 anos. Eu já curtia rap, só que não tinha consciência do que era o hip-hop. Nesta época, eu estava do lado errado. Estava naquela de briga de gangues, ninguém podia me olhar de modo diferente que eu já estava brigando com todo mundo. Me drogava junto com a “galera” lá do meu bairro. Meus olhos abriram quando meu irmão quase foi morto. Ele foi esfaqueado na minha frente. Foi quando eu vi que aquela vida não dava certo. Logo em seguida, a gente conheceu um dançarino de breack. Ele dança breack aqui no São Pedro. Tem um amigo da gente que também quebra breack. Aí esse dançarino viu, a gente lá, tirando onda, quebrando o breack ... Ele chegou e começou a trocar idéias com a gente. Conversou, falou sobre as rodas que tinham, falou sobre o Movimento hip-hop Organizado aqui do Piauí, que

nós não sabíamos que existia e chamou a gente para “colar”, a gente “colou” e nos identificamos com as idéias e com o que a gente estava buscando. E estamos aí até hoje.

Ele foi muito bom assim nesse negocio de conscientização. Ele chegou e me abriu os olhos, me falou como realmente funciona o hip-hop, o que é o rap e como ele manda uma mensagem para você entender a vida. Geralmente a mensagem que o rap manda está ligada a um acontecimento ruim com alguém. Essa pessoa passou por aquilo e se arrependeu e está dando o depoimento dela para que outras pessoas não façam a mesma coisa que ela fez, não cometer o mesmo erro que ela cometeu. Foi assim que eu abri minha mente para o rap, graças a este dançarino de breack ter aberto minha mente. Ele é um cara pioneiro na arte de fazer hip-hop aqui no Piauí. Foi ele mesmo que me deu a idéia, que falou como funcionava e como é que era o hip-hop.

Quando ele conheceu a gente, a gente já estava mais calmo, já não estava mais com aquela idéia de fazer o mal para o irmão da periferia. Só estava naquela de curtir e necessitava de algo que ocupasse o tempo e tirasse a gente da ociosidade no final de semana. Foi justamente o hip-hop que fez isto. Quando ele convidou a gente para “colar” lá na roda, lá na praça Pedro II, era um dia de domingo. Fomos e gostamos e estamos aí até hoje.

A pessoa para “colar” com a gente é muito simples, é só aparecer a primeira vez e ficar falando nas reuniões, ficar aparecendo nas reuniões, discutindo, dá seu depoimento para a gente saber como é [sua vida]. A gente vai na sua casa, conversa com seu pai e sua mãe e vê se realmente é aquilo que você falou, se não é sua imaginação. O resto é só aparecer mesmo e procurar um dos elementos do hip-hop, o resto acontece.

Na verdade, na participação no movimento, eu não escolhi o rap. Para falar a verdade, eu canto, eu faço letras, mas meu “cacoete” mesmo é para ser Dj, foi aonde eu comecei a minha vida dentro do hip-hop, como militante, foi como Dj. Um amigo lá do Dirceu, que também faz parte de um grupo, ele era Dj de outra banda. A primeira apresentação que eu vi de uma banda de rap foi deles, tocando com os caras lá na universidade e aí eu me identifiquei logo, me apaixonei por aquilo, me interessei mesmo. Por incrível que pareça, ele só me deu uma aula, o resto eu aprendi sozinho. Hoje, tudo que um Dj, que treinou a vida toda, faz, eu também faço.

Na banda somos quatro vocalistas, sendo que eu sou vocal e Dj. A gente

ensaia duas vezes por semana, na quinta e no domingo. Tiramos o ensaio tanto para ensaiar como para trocar idéias, fazer mais as músicas, “rolar mais as bases”, essas coisas aí. A gente ensaia lá no Mafrense mesmo, lá na comunidade da vila.

Graças a Deus somos todos amigos. Na verdade, a formação foi em 2000; já são cinco anos de banda. A primeira formação começou com quatro componentes, só que por causa de problemas entre eles, um saiu. Nessa época, eu fazia parte de outra banda de rap, eu era o Dj. Saí dela e os caras me chamaram para tocar com eles, começando essa nova formação. Com o tempo, vimos a necessidade de pôr mais um vocal e aí chamamos um que é também um dos letristas da banda. Essa formação vem até hoje. A banda tem 5 anos de formação, mas eu só faço parte dela há quatro anos.

A gente não faz show, entendeu? Porque show é para estrela. Eu acho que quem faz show é o Roberto Carlos, o Kid Abelha, são esses caras. A gente faz apresentações nas “quebradas”. Faz apresentação para a “galera” lá que curte o som da gente. Onde eles chamam, a gente vai e canta. Nós não, a gente não tem aquele lance do público lá em baixo e a gente lá em cima do palco. Na realidade, a banda e o público é um só, como todos da banda. Não tem essa de distinção de artistas e público, todos nós somos público. Todos nós somos periferia, todos nós somos banda.

Quando eu entrei no hip-hop, o tempo que eu usava pra fazer baderna, fazer “fuá” e tal, eu ia para as reuniões, estava nos eventos, estava treinando, estava fazendo alguma coisa, não estava na ociosidade.

No hip-hop eu aprendi [também] que, um dos maiores valores que você tem, é a humildade. A pessoa ser humilde e se preocupar com o próximo, pra mim é muito importante. Ontem mesmo, quase não dormi pensando no que fizeram comigo, no que me disseram. Não foi nem comigo, foi com outra pessoa, mas me deixou mesmo entristecido. Eu trabalhava com o cara, a gente trabalhava junto, ele era empregado, aí, ele deixou de ser empregado e passou a ser patrão. Quando ele era empregado achava ruim todas as humilhações que o patrão dele fazia ele passar. Agora como ele é patrão, está fazendo pouco dos outros. Fazendo outros passarem pelo que ele já passou. Eu até discuti com ele ontem por causa disso, se ele achava certo aquilo que ele estava fazendo. Para ele olhar para trás que já tinham feito aquilo com ele. Ele não se tocou, ficou até diferente comigo. Mas acho que [este estranhamento] já deve ter passado e ele deve ter “caído mais a ficha.”

Lá para minha vizinhança eu nunca mudei, continuo sendo o mesmo

pilantra de sempre, o pessoal lá, a grande maioria nem fala comigo e pensam que lá na minha casa é uma boca de fumo. Mas eu desafio qualquer um a ir lá, porque eu tenho certeza que não vai encontrar nenhuma droga.

Acho que todo cara de periferia sofre discriminação, mas sofre assim, pelo modo da gente falar, pelo modo da gente se vestir. O pessoal da minha rua acha que eu sou bandido pelo modo de eu me vestir. O problema é deles, eles têm esse preconceito comigo porque não me conhecem, nunca procuraram me conhecer, eles sempre me julgaram pelo que eles acham que eu sou, não pelo que eles sabem que eu sou. A gente tenta; mas aceitar, a gente não aceita, entendeu? Mas faz de conta que não existe [discriminação], enquanto está acontecendo indiretamente, faz de conta que não existe.

A [discriminação] é aquela de que todo cara que curte rap é bandido. Todo cara que curte rap, “java”, “lombra”, desse tipo. Todo mundo olha atravessado, todo mundo olha “Quem é aquele cara?” A gente vai passando por uma senhora, ela esconde a bolsa. Essa coisa é constante, toda hora acontece. É, na grande maioria é, não tem diferença nenhuma não, a gente se sente pequeno mas sabe que, na realidade, não somos o que pensam. A gente não é nada disso que o povo fala da gente.

Lá na minha “quebrada” eu troco idéias com os malucos que aprontam. Eu troco muita idéias com eles, porque aquilo ali não é o caminho certo. Troco idéias mesmo, para ver se abro os olhos deles, mas não tem muito resultado. Eu continuo tentando, acho que não vou desistir nunca.

Eu pergunto como é que está a vida deles e eles falam que fizeram uma “ganhação”, acertaram, que rendeu tanto. Eu pergunto para eles se eles acham que isso tem futuro. Eles me respondem que não têm outra oportunidade, que não há outra oportunidade para caras como eles que não estudaram, nem têm família rica. A única coisa que eles sabem é assaltar. Eu tenho que entender os caras.

Nas minhas músicas, eu canto a mente. Eu falo muito sobre o preconceito, sobre desigualdade, sobre violência, esses são os temas principais das minhas letras. Falo do cotidiano da minha comunidade e também da dos meus parceiros do Buenos Aires, da Santa Maria da Codipi. Procuro falar sobre a nossa vida, sobre as nossas necessidades... Mas também tem músicas que dão idéias boas, que falam que na periferia não tem só coisa ruim, não acontece só coisa ruim, que existe coisa boa também.

A gente tem uma que fala da violência na comunidade. Que o cara acha

muito perigosa na “quebrada” dele, acha muito “cabuloso” porque não tem coragem de andar a noite sozinho. Diz para ele tomar cuidado porque existe “quebrada” mais “cabulosa” em Teresina. Isto quer dizer que o cara não pode “vacilar” nunca, tem que andar sempre com um olho aberto e outro fechado, porque nunca ele sabe se vai encontrar um maluco “pinxadão” na esquina ou um camburão da Polícia Militar querendo ele. Nunca se sabe.

Eu mostrei [na canção] fatos que relatam a vida de um garoto da minha comunidade. Ele era praticamente o homem da família. Esse garoto trabalhava noite e dia como engraxate, vendia batata, vendia cachorro-quente, fazia o que podia pra ajudar a mãe dele. Ele se envolveu com pessoas erradas: pegou a droga de um cara para vender e, de repente, não apareceu com a grana e o cara matou ele. Estas são as idéias que eu procuro passar, são do meu cotidiano e do cotidiano das pessoas que estão a minha volta.

Eu falo do que eu sei que aconteceu e do que eu vejo e como a gente vê constantemente estas coisas... eu já testemunhei, o “cara” assassinando outro com um tiro à queima roupa, lá na praça da minha comunidade. Eu até gostaria que não fosse assim, mas serve de inspiração pra que façamos as nossas músicas. Essa mensagem tem sido bem aceita, porque até hoje ninguém jogou tomate na gente.

Vamos onde o povo chama, entendeu? A gente canta na Prainha, canta na Santa Maria da Codipi, no Poti, no Mafrense, canta aonde der, onde o povo chama a gente. Já fomos cantar em outras cidades, como por exemplo: Demerval Lobão, Oeiras, Batalha e Caxias do Maranhão. A gente só cantando e manda uma mensagem para quem tiver na era.

Meu sonho é de todo cara que faz rap, é poder viver daquilo que ele sabe fazer de melhor que é o rap. Que um dia vamos estar aqui no Piauí com status do sudeste, lá de São Paulo. Os “caras” vivem mesmo só de fazer as músicas deles e de gravar discos. Meu sonho é esse, minha meta é essa, um dia eu conseguir sobreviver só fazendo hip-hop.

Para o cara que mora na “quebrada” e não faz parte do hip-hop, só tem dois caminhos, aliás existem três: tem aquele que trabalha; tem aquele que vai preso e tem aquele que morre. Na grande maioria, o que sofre mesmo são os dois últimos: o que morre e o que vai preso. Esses são os caminhos na periferia: não tem muita oportunidade, se você mora na “quebrada” ou se você não trabalha, trabalha de bico, porque emprego não tem. Se você não sabe fazer nada, você

nem bico faz e, aí, vai rodar, vai preso. Ou então, vem outro maluco e o maluco vai e te mata. Aí, o maluco vai para a cadeia. É um tipo de círculo vicioso: sempre vai acontecendo a mesma coisa.

Tem uma música da gente que o nome da música que fala disso, que o cara nunca desiste, sempre corre atrás. Ela é mais ou menos assim:

Todo dia dentro da matina começa a correria, zona norte o dia a dia, a favela sobreviver todo instante, lutar contra uma guerra, polícia e assaltante é foda! Você acorda procura sem saber, só ouve na tv o que acontece, as horas se passar, queria te dá um abraço, mas não posso, já é quase meio dia me lembro da minha tia coitada, essa não tem sorte, vacilou, não sou dessa família, lance de terror, a polícia invade meu barraco com o ferro na mão engatilha, encosta aí agora, chegou a tua hora já era. É apenas um pedaço da guerra suburbana, a luta pela grana é foda, agora está difícil, eu luto contra o vício e não posso parar, preciso de uma chance pra mostrar, relatar e contar, o que acontece, o que acontece...

Eu acho que essa música representa a vida das pessoas da periferia, ela é que mais fala do que acontece na favela, é a história de vida do cara que nasce pobre, trabalha a vida toda e vai morrer pobre e o filho vai seguir o mesmo caminho, como se fosse uma doença hereditária. Na minha opinião, o governo tem que parar de construir cadeia e construir escola. Um bom exemplo do que eu estou falando é o Japão. O Japão foi dizimado pela guerra, cheio de bomba atômica; 60 anos depois, o Japão é o maior produtor de tecnologia do mundo e tem o menor índice de criminalidade do mundo também. Porque quando acabou a guerra, quando ele foi massacrado pela guerra, o dinheiro que sobrou no caixa eles investiram exclusivamente em educação. Se nós parássemos de construir cadeia, se os políticos não roubassem, se parassem de meter a mão no dinheiro do povo e investissem maciçamente em escolas, em escolas públicas para que o povo tivesse uma formação de base no ensino, no começo, no ensino fundamental, para quando chegar na adolescência poder buscar um ensino médio bom... só assim ele teria uma capacidade maior de entrar numa universidade, de cursar um curso superior. Eu acho que nós temos que protestar mesmo. Falar, espernear mesmo e pedir educação. Porque só com educação aparece um emprego, só com educação acaba a criminalidade e a violência. Eu acho que o grande problema mesmo está na falta de educação, de investir na educação, pagar bem os professores, investir na estrutura escolar, na base do ensino. Um dia a gente chega lá, eu acredito.

No momento eu não estou trabalhando. Estou trabalhando só aqui. Eu sou o técnico de som. Eu venho para cá quatro vezes por semana, o resto eu fico

em casa estudando. Estou pretendendo fazer vestibular para física ou história. Com fé em Deus, eu vou chegar lá. Pode demorar, mas eu chego.

[Um momento significativo] Teve um show dos caras que vieram para cá, que eu me lembro como se fosse hoje, foi o do Bonde que veio o X, KL e o MV Bill, o Ed Rot, e eu ganhei de presente dois CDs.

Eu não sei, porque eu estava tocando nesse dia e não dava tempo para sair e ver como estava. Para mim foi ótimo, foi maravilhoso. Eu está rodeado dos “caras” que eu considero os melhores Djs que têm no Brasil: o KL dos Racionais MCs. Eu me senti realizado. Eu toquei e passei o resto do show todinho ao lado do KL... Muito bom, muito bom mesmo. Na época que teve esse show, eu fazia parte do outro grupo.

Eu saí desse grupo porque não tinha reconhecimento. Naquela época, tanto eu era Dj da banda como Dj de um programa de rádio, que a gente tinha. Ele funcionava de uma às duas da tarde. Eu saía de casa ao meio dia sem almoçar, sem nada, ia para a rádio, esperava por ele duas horas e ia para o local de ensaio. Eu ensaiava até umas quatro horas da tarde, depois voltava pra casa. Quando tinha alguma apresentação, eu tinha que carregar os toca-discos. Cada um dos toca-discos pesava treze quilos e eu ainda peguei nome de preguiçoso, que não queria ensaiar. Aí me decepcionei com os caras e pedi minhas contas.

Eu não ganhava nada, era só pelo gosto de estar passando nossa idéia. Logo em seguida eu saí. Praticamente uma semana ou duas se passaram, os caras me chamaram. Eu aceitei com todo gosto do mundo.

Com relação às apresentações que me marcaram, foram tantas. Uma bem especial foi a que a gente fez em Demerval Lobão. Foi o “bicho” mesmo pra mim. Aqui em Teresina, foi um que a gente fez na Santa Maria. Antes da gente subir no palco o pessoal já estava gritando pela gente, essa daí foi massa. Foi legal, porque a gente estava vendo que o povo gostava da nossa música, além de gostar da gente mesmo, entendeu? Existia um pessoal que gostava do trabalho da gente, que achava interesse naquilo que a gente estava fazendo e naquilo que a gente estava falando. Eu acho que para o cara que ganha dinheiro fazendo rap, a satisfação dele não está no final do show ao receber o cachê, acho que ela está na “piração dos caras” ali na hora que ele está cantando. Tem uma frase de impacto que a era gosta. Acho que é assim”.

2.2.2 As alternativas de *Nega Gizza* para escapar da violência

A entrevista com *Nega Gizza* aconteceu após diversas conversas para “trocar idéias” sobre o trabalho da entidade na qual ela faz parte da coordenação. Durante minhas visitas, ela sempre estava por lá resolvendo uma coisa ou outra. Assisti, por diversas vezes, seu trabalho de coordenação na limpeza do espaço, de controle de funcionamento das oficinas, reuniões e demais atividades fora do espaço da organização.

Todos esses contatos serviram para ampliar nossas relações, aspecto que possibilitou que ela ficasse mais à vontade para me contar sua história, o que aconteceu dia Dia vinte e hum de outubro de 2005, após prévio agendamento. A seguir, apresento a história da mesma.

“Bom, eu não nasci aqui, nasci no Amazonas, meu pai é militar, minha mãe é dona de casa. Meu pai vivia sendo transferido de uma cidade para outra, por isto eu nasci em Manaus e fui crescendo nas cidades por onde a gente passava e vim parar aqui em Teresina. Passei minha adolescência no bairro Ilhotas, zona norte, depois fui para o Cabral, voltei para a Redenção. Hoje tenho 26 anos de idade e moro aqui na zona sul.

Quando completei 17 anos resolvi sair de casa porque meu pai batia muito na gente, espancava muito a gente. Eu não agüentei mais e sai de casa. Sai numa noite com duas sacolas. Sai de lá da Redenção e fui parar lá no Cabral, fiquei na casa de uma irmã minha. Depois fiquei na casa de um colega. Na época, eu tinha um namorado, a mãe dele me aceitou lá na casa deles, passei um tempo lá. A gente viveu um tempo juntos, fomos para Brasília e quando chegou lá ele me espancava muito, queria me matar, fiquei seis meses. Fugi dele, peguei o dinheiro que tinha dele lá na casa, peguei minhas coisas, esperei ele sair para o serviço e vim embora para Teresina. Meus irmãos juntaram uma “grana” para pagar minha passagem para eu voltar para Teresina.

Voltei de novo a estudar, mas fiquei só até um tempo, depois consegui um emprego e aí morei com minha outra irmã, que é separada do marido e que agora tem dois filhos. Demorou para caramba para arrumar um emprego que desse para segurar a barra. Meu pai nunca quis ajudar a gente. Minha mãe também era muito omissa, submissa demais a ele, ajudava, mas também muito

pouco. Minha outra irmã que é casada também, deu uma força, mas as coisas também estavam difíceis para ela. Ela ajudou até onde pôde. Depois a gente ocupou uma casa lá no Renascença, compraram a casa, a gente teve que procurar outro lugar para ficar. A gente não tinha dinheiro nem para pagar o aluguel, mesmo assim a gente continuou junto, eu e minha irmã.

Depois que eu cheguei de Brasília, meu ex-marido veio atrás de mim. Voltei para ele porque meu pai não me aceitava em casa e eu achei que era só ele quem podia me ajudar. Voltei para ele, aí ele passou um tempo sem me bater e voltou de novo. Ele veio atrás de mim, engravidei e perdi o nenê. A gente discutia muito e ele me bateu quando eu estava grávida. Minha gravidez era de risco, o médico falou que eu tenho um tipo de infecção no sangue, mas nenhum deles conseguiu descobrir qual é o problema. Tenho aborto espontâneo, mas acho que a minha gravidez foi assim um pouco conturbada, porque eu não relaxava e quando eu estava no quinto mês, foi o período que o cara que eu estava com ele levou uma furada e ninguém quis ficar com ele no hospital. Fui eu quem tive que passar um tempo com ele no hospital. Passei umas noites dormindo sentada numa cadeira, acho que isso ajudou muito. Fiquei grávida novamente, esse nenê nasceu, ficou na incubadora e depois morreu. Eu não tenho filho, mas pretendo futuramente morar com o companheiro que estou com ele agora. Nosso relacionamento é muito bom. Ele também é do hip-hop, me dar força na história do grupo e eu dou para ele muita força. Um cara muito bacana mesmo, acho que se a gente não tivesse juntos, seríamos grandes amigos.

Bom, voltando para a história da facada, ele levou uma furada na mesma época eu fiquei ajudando ele e depois que ele ficou bom. Uma noite eu saí, porque ele saía e eu não ia com ele, quando ele chegava era quebrando tudo, aí eu resolvi sair e quando cheguei, ele me bateu muito nesse dia e aí meu irmão e minha irmã foram lá para me ajudar. Arrumamos as coisas dele e fui deixar lá. Desde este dia eu nunca mais quis ficar com ele. Ele me ameaçou de morte, fui na delegacia, registrei queixa e aí não fiquei mais com ele, porque ele me maltratava demais, me batia muito, jogava muita pedra, quebrava as coisas em casa e eu não tinha apoio de pai nem da minha mãe. Eu vi que era eu mesma quem tinha que decidir isso aí. Deixei ele e vim morar perto da minha irmã. Eu ainda estava trabalhando e pagando aluguel, saí do emprego, meu pai resolveu comprar uma casa para a gente, mas num lugar muito longe, lá em Timon. Lá é muito isolado, eu fiquei um tempo lá, depois saí da casa, deixei minha irmã com os meninos dela e fui ver o que conseguia fazer.

Fiz uns programas para poder conseguir juntar um dinheiro, porque os meninos dela estavam passando fome. Eu também estava com fome e não tinha de onde tirar dinheiro. Passamos muita fome. Meu pai só comprou a casa, mas não ajudou a gente em nada. Até hoje ele não quer saber da gente. Aí, eu tive que fazer programas. Fiz algumas vezes programas. Eu e minha irmã fazíamos caminhadas, mas só que eu ia mesmo na expectativa de pegar algum cliente para eu poder levar alguma coisa para o meu sobrinho. Passei uns oito meses. Foi pouco tempo, não chegou nem a um ano, mas foi muito ruim! É muito ruim. Eu já estava separada. É difícil porque para você conseguir dinheiro dessa forma é ruim, você se machuca muito. Depois você tem que ter sangue no olho para conseguir fazer. Pensar mesmo na dificuldade que está passando. Juntei dinheiro para poder comprar comida para os meninos da minha irmã, até que um dia a gente, fazendo caminhada, eu e minha outra irmã...., eu fazia caminhada aqui em Teresina, justamente para conseguir os fregueses lá na hora. Eu deixava minha irmã lá em Timon e ia lá deixar o dinheiro para ela e ficava aqui, já vendo como conseguia mais dinheiro. [Neste dia que estava fazendo caminhada com sua irmã] Ela me falou dos meninos, a gente já tinha feito um curso com eles no SEBRAE. Falou que tinha visto eles aqui e falou também do projeto que eles estavam organizando. Eu vim com ela, me ofereci para ajudar, fui vindo, vindo aqui de vez em quando e eles dando uma força e eu me identifiquei com o lugar, achei: “Rapaz vou ficar aqui com o pessoal do hip-hop”, porque mesmo eu não tendo dinheiro, mas minha auto-estima foi levantando, eu fui vendo que pelo lado que eu estava indo não ia dá certo. Aí eu fui ficando por aqui.

A gente começou aqui despachando o lanche, dando uma força para os meninos, porque ia começar o consórcio e vinha muito aluno e as pessoas que tinham eram poucas para ajudar. A gente se ofereceu, eles gostaram e a gente ficou despachando lanche até que a gente foi ocupando outros cargos. Depois a gente decidiu montar um grupo, eu, minha irmã e um dos meninos e começamos a ensaiar aqui mesmo. Agora o que eu pretendo é conseguir os instrumentos para a gente ensaiar, formar um grupo de mulheres para que não fiquem na situação que eu fiquei, com medo de denunciar e achar que eu vou ter que viver assim mesmo, não abandonar nossos sonhos, não querer estudar, pensar que nossa vida é só estar em casa cuidando do marido; juntar um grupo de mulheres e dá força para as mulheres.

Os homens, até nas letras, procuram ser melhores do que a gente. Do que a namorada, a companheira, mas a mãe eles santificam, é como se fosse uma

peessoa pura para eles. Eles esquecem que a mãe ama, que a mãe gosta de transar, que a mãe vive como uma mulher e quer ser respeitada como mulher. Eles acham que, para respeitar ou eles santificam a mulher ou eles colocam elas como se fossem uma serviçal. Eles não querem respeitar a mulher porque a mulher gosta de beber, gosta de viver, gosta de se vestir, seja de jeito ousado ou não, os homens não querem respeitar assim.

Meu marido era assim, eu não podia me vestir com uma roupa que eu achasse que estava bonita, até o cabelo ... meu cabelo tinha que andar só de um jeito porque se ele visse que estava bonito, aí ia atrair outros caras e ali eu não era mais uma mulher correta, era uma mulher vadia, safada, que estava despertando o desejo dos outros caras e eu sabia disso. Tava tipo tentando seduzir, eu acho que a gente não tem esse poder de seduzir homem nenhum, nem homem de seduzir mulher nenhuma, a gente gosta, a gente se sente bem e eu acho que a gente não deve misturar as coisas, ou tentar colocar uma postura negativa só porque a pessoa se sente bem vivendo sua vida livremente.

Eu, por exemplo, tive que sair de casa, porque minha mãe era omissa, ela nunca falou nada a favor da gente lá em casa, quando meu pai batia na gente. Meu pai era militar, quando dizia que aquela cadeira naquele dia ia ser uma geladeira, todo mundo tinha que ver aquela cadeira como se fosse uma geladeira. Minha mãe não opinava, não mostrava o seu lado de mulher, não teve força para mostrar que ela era mulher e que ela tinha a opinião dela dentro de casa e que ela queria criar os filhos dela junto com o marido dela, mas colocando a opinião dela para ajudar na criação dos filhos. Ela deixou ele levar o barco só para o lado que ele achava correto e aí o que ele fez crescer na gente foi muita revolta, eu não gosto do meu pai. Acho ele uma pessoa muito errada, se eu pudesse escolher, não tinha escolhido ele como meu pai, tenho muito desgosto dele, eu já bati nele porque ele me espancava muito, bati nele duas vezes.

Durante minha infância não, mas depois que a gente começou a entrar na adolescência, ele batia na gente. Desde quando ele colocou minha primeira irmã para fora de casa, que ele batia muito na gente de facão, de corda, de pau, de fio, ainda mandava minha mãe colocar sal, molhar a gente com água de sal. Eu não gosto dele.

Ele espancava a gente e fazia a gente ficar de joelhos e batia na gente depois de mais de uma hora. Sem motivo.... Os motivos dele eram assim: a gente não podia passar de dez horas da noite sentados na porta. A gente não podia faltar

ao colégio, sendo que ele pagava para a gente o colégio particular e atrasava a mensalidade e a gente não podia entrar no colégio. A gente ficava na porta esperando um colega sair para a gente pegar o caderno para poder pegar a matéria que tinha passado. Quando era no período das provas, a gente sempre faltava e ele nem queria saber, queira dizer para os amigos dele que pagava o colégio e a gente não se interessava.

Eu também estudei em muitos colégios públicos, fiquei no segundo ano do ensino médio lá no Anísio de Abreu, mas não terminei porque foi muito complicado, eu estava trabalhando e também estava grávida. Tive que parar um tempo, só voltei para o colégio para terminar o primeiro ano e aí quando foi no segundo ano eu não agüentava mais porque já estava morando aqui no Lourival e tinha medo do meu ex-marido que morava no mesmo bairro que eu. Ele me perseguia muito, vivia me ameaçando, ia lá para colégio, eu deixei de ir para o colégio, porque eu estava com medo dele. Ano que vem eu vou retornar meus estudos, pegar minha transferência e estudar aqui no Lourival, quero fazer vestibular para direito, para ajudar uma “porrada” de mulheres que tem por aí, como minha irmã que está querendo botar o pai do menino dela na justiça, para aumentar a pensão do menino.

Aí voltando, meu irmão conhecia o pessoal do hip-hop, fazia um tempão e eles foram fazer um treinamento sobre associativismo e cooperativismo no SEBRAE e estavam precisando de pessoas para fechar a turma, meu irmão foi e me convidou. Eu ainda estava trabalhando nesta época, trabalhava numa empresa de torrefação de café. Fui lá com ele, conheci os meninos, só que passei um tempão sem ir para o curso, não cheguei até o final e perdi o contato dos meninos. Por isto eu tomei um susto quando minha irmã disse que tinha encontrado com eles aqui [na sede], porque eu pensava que eles não tinham nem conseguido lugar para se reunirem, antes eles se reuniam na praça.

Na época eu já ouvia algumas músicas de hip-hop que meu irmão colocava lá em casa, mas o rap que ele ouvia não era o que eu me identificava. Desde criança eu ouvia muito samba, tive muita influência de samba de raiz, cresci ouvindo samba. Ouvia pouco rap, mas muito pouco. O rap que ele ouvia falava muito mais de crime, sem dar nenhuma solução. Quando eu ouvi “Código Penal” que tem uma música muito “massa” falando de preto, de negro, de escravidão, eu descobri que no hip-hop também tinham músicas falando sobre isso. Gostei, me interessei, porque eu acho que tem que falar do que existe mesmo, da dificuldade,

do crime, da fome, da miséria, mas a gente tem que colocar a solução para isso. Tem gente que é muito pessimista em suas letras.

Então, essa questão do negro me chamou a atenção, porque sou negra, porque sou preta. A gente tem que buscar nossa ancestralidade. Se eu estou no hip-hop e canto rap, eu vou me identificar com as músicas que falam de preto, que falam da dificuldade da gente. Eu vivo isso.

Eu vivo muita dificuldade, para conseguir um emprego você tem que se embranquecer, tem que alisar o cabelo... Na hora que eles falam “Ah, está pedindo boa aparência”, essa boa aparência para eles é só uma forma de maquiar, eles querem dizer que quer que você vá com o cabelo ... Eu tenho que alisar o meu cabelo, tem que colocar um pozinho de arroz. Está entendendo? Isso é uma forma maquiada dos racistas.

Eu já tive que fazer isto para conseguir um emprego. Tive que alisar o cabelo porque se eu fosse de trança já diziam que eu estava parecendo com uma maconeira. Acho que passei seis meses da minha vida alisando o cabelo direto, alisando o cabelo naquele sofrimento, aquela dor que eu passava, eu via todo mundo ali daquele jeito com o cabelo alisado e era bem tratado e eu achei que tinha que fazer isso para eu poder ser aceita. Para poderem ver que eu também trabalho, que eu também tenho o meu valor, aí passei um tempão, o cabelo começou a cair e eu continuava assim mesmo alisando, até que um dia eu parei: “Não vou mais fazer isso no meu cabelo, se não me quiseram mais no emprego assim, eu saio e não vou mais alisar.” Foi na época que eu comecei a fazer trança direto e umas colegas minhas não quiseram mais sair comigo. Aí eu passei a usar trança, não quis mais saber de alisar, continuei com meu cabelo crespo mesmo e com trança. Depois, saí daquele emprego, tive outros empregos mas aí, quando o pessoal via meu cabelo de trança, não aceitava, falava que tinha que alisar o cabelo....

Eu já sofri muita discriminação. Vixe! Muita mesmo. Acho que todo negro já sofreu. Já me chamaram de fedorenta. Lá onde eu trabalhava, o pessoal dizia que eu fedia. Falava que o meu cabelo estava me deixando com uma aparência de malandra. Quando eu era pequena no colégio, puxavam meu cabelo, “mangavam” que meu cabelo era cabelo de bombril. Aquelas brincadeiras de chamar a gente de loirinha vendo a cor da gente. A pele escura. Está vendo que eu sou preta e chama de loirinha! Antes eu sentia raiva, mas não sabia porque. Agora eu sei, agora eu bato de frente com qualquer um que chegar... não deixo passar e

incentivo... incentivo não, falo para os meus sobrinhos assim... sento com eles e falo a verdade para eles... a verdade que não é dita nas escolas, das lutas do nosso povo, das revoltas de Zumbi, de Dandara. Eles não contam nenhuma história e eu conto para os meus sobrinhos que é para eles crescerem já sabendo disso.

No nosso grupo de rap, a gente estava tentando trabalhar estas duas coisas: de ser mulher e de ser negra. Do lado da gente ter um grupo de rap e ser mulher é difícil porque a gente está quebrando barreiras agora. Mas nós não somos o único, agora tem outro grupo de mulheres. O primeiro grupo de mulheres foi o nosso, somos as primeiras a cantar falando de discussão racial. Eu acho que é uma conquista para a gente, porque vejo muita mulher no hip-hop que está ali e faz o que os caras mesmo fazem, pegam o microfone e se comportam como um machão, botam uma calça folgada ...

Quando começou o movimento, os meninos cantando rap, desde o início foram os homens que começaram com isso e aí a gente não tinha em quem tentar se identificar, aí as meninas iam pegando aquilo ali que viam, só homens com microfone na boca, calça folgada e falando mesmo do jeito deles. As meninas não tinham em que se espelhar, só nos homens, aí muitas mulheres achavam que para ter o espaço delas garantido, tinham que vestir calça folgada, botar um boné enterrado na cabeça e falar como homem.

Somos mulheres, não precisa deixar de ser mulher para conquistar nosso espaço. A gente pode subir no palco de saia, de vestido, de turbante ou de boné, com uma saia, o que a gente quiser, não vamos deixar de ser mulher por causa disso, temos que conquistar nosso espaço sendo do jeito que somos, com batom, rebolando... Não estamos nem aí se o cara vai se excitar, problema é dele. [...]. Isso é mais uma prova de que eles não estão querendo respeito, não estão preparados para receber as mulheres de atitude, com idéias como estão surgindo agora. Muitas mulheres com idéias firmes na cabeça, que chega no palco e fala mesmo para os machões se ligarem!

O movimento é machista, em todos os sentidos. Se a gente não batalhar para quebrar essa barreira, não vamos conseguir mostrar para os homens que a gente não quer ser melhor do que eles, quer estar lado a lado e eles não querem dá esse espaço. Ou nós estamos menos que eles, ou a gente sai da reta, a gente tem que mostrar que estamos igualzinhas a eles e vamos caminhando lado a lado.

Não queremos ser mais do que eles, mas também não vale ficar na situação de menos e se calar. Temos potencial, a gente sabe muito bem comandar isso aí.

As letras das músicas dos homens falam das mulheres como se fossem vadias, putas que rastejam na cama, isso e aquilo outro. É só deturpando a imagem da gente cada vez mais. O que me deixa mais triste é que tem mulheres que ficam ali batendo palmas quando o cara acaba de cantar. Parece que elas nem se ligam no que os caras estão falando. Elas imaginam que o hip-hop é só aquilo, o cara no palco com o microfone falando o que bem quer sem dá importância se estar machucando ou menosprezando e desrespeitando as mulheres.

Nas minhas letras, eu falo muito da questão racial, falo muito da auto-estima, levantando a auto-estima da mulher. Falo que elas têm que se prevenir, que se cuidar, que batalhar pelo seu espaço e que não têm que se esconder atrás de um homem com aquela história de que: “Ah! eu vou ficar em casa porque meu marido vai trabalhar e vai chegar mais tarde, vai trazer o dinheiro da mistura”. Não, a gente é independente, somos capazes, nós somos maioria se for olhar bem, somos capazes de virar esse jogo. Chega deste negócio de ficar de dondoquinha, de ficar nessa que está enfrentando a pior barra. Somos capazes de virar o jogo, somos capazes de criar nossos filhos e buscar nossos direitos. Você tem que parar com essa “fuleragem” de ficar choramingando pelo casa [...].

No hip-hop os homens, quando verem a gente no palco, quando a gente vai se apresentar, começam aquela “frescurinha”. Quando a gente desce, querem trocar telefone, querem elogiar a gente, chamar para tomar cerveja, mas a gente escora logo eles e fala na cara deles que a gente está ali pelo mesmo ideal deles. Tem que me respeitar e se querem meu telefone para ligar para me “xavecando” não liga, porque eu não vou trocar idéia com você. Se quiser a gente se reúne, toma uma conversa aberta com o pessoal, pode vir aqui na sede que a gente troca idéia. Se insistir demais, vai acabar levando “porrada”, pode me chamar de ignorante como tem muita gente que fala, mas eu vou logo mesmo pra cima, porque tem que me respeitar, porque eu sou mulher. O que acontece com os caras é que eles assistem muito DVD de gringo, aqueles DVDs que só mostram a mulher como objeto, aí eles acham: “essas meninas estão ali no palco, são muito massa, bacana, vou dá uma idéia nelas”, mas eles rasgam a boca quando chegam.

Para montar o grupo, foi assim, eu estava passando um tempo lá no sítio da minha mãe na época que a gente começou a freqüentar aqui a sede. A gente viu que não tinha nenhum grupo de mulheres, conversamos com meu irmão, ele

falou: “Eu tenho uma letra, vocês têm coragem de cantar?” A gente disse: “Na hora!” Eu falei com minha irmã, ela concordou e a gente começou a ensaiar lá mesmo, batendo nas latas. Quando cheguei aqui, fui mostrar a letra para um dos meninos, um amigão que fica no estúdio, mostrei para ele, ele achou que estava bacana, a gente foi procurar uma base, pronto, até hoje. Tem umas letras muito fortes, falando contra o catolicismo, o machismo e a questão racial. A gente bate muito em cima desta tecla, que tem a ver com a experiência de vida da gente.

Aqui no Brasil, o racismo é muito maquiado, ele não é visto de forma direta, eles maquam justamente para quando você for bater de frente, ele ter como retorcer a história, é muito maquiado. Comigo eles diziam: “Você tem que ter uma aparência melhorzinha, dava até para arranjar uma vaga para você, mas você vem com uma aparência melhorzinha.” A aparência melhorzinha é o embraquecimento total. É esticar o cabelo, passar maquiagem para pele branca, passar pó de arroz, ficar com a cara toda brancona mesmo. Imagina um preto com a cara cheia de pó de arroz. Eu não tinha nem muito conhecimento, o pouco de conhecimento que eu tenho hoje, mas aí eu não aceitei e nunca mais eu aceitei nesses empregos, patrão, indústria.

Depois consegui arranjar um emprego numa empresa de café, fiquei três anos. Neste emprego eu era promotora de vendas, abordava as pessoas para vender café. Trabalho puxado e difícil também, porque tinha que convencer a pessoa a comprar um produto, ainda mais eu sendo negra.... Tinha gente que se espantava assim comigo.... Ficava me olhando, espantado. Uma vez eu me lembro que um cliente chegou para mim e falou que eu era muito bonita e se eu fosse ter um filho para eu procurar uma pessoa de pele clara para o meu filho nascer com a pele mais clara do que a minha, porque eu era muito bonita, mas com a pele muito preta e que isso me deixava feia. Se eu fosse ter filho, para eu procurar um cara branco porque o menino ia nascer com a a pele mais clara.

Tinha gente que me comparava com a cor do pó de café. A gente escuta muita besteira! Eu estava servindo o café, quase da mesma cor do café. Aquilo dali me deixava puta, uma vontade de ir embora na mesma hora. Mesmo não tendo muito conhecimento, eu ficava achando sempre que estava no lugar errado, fazendo a coisa errada, que não tinha nada a ver com aquilo ali.

Tinham algumas pessoas que levavam essas questões no dia de reuniões, outras não, porque estavam acostumadas e, se falassem, os donos iriam dizer que é normal: “Ah! mas é cliente, você tem que saber conversar, não pode

discutir. Cliente tem razão em tudo.” E assim vai passando. Os caras dono de comércio, se a gente fica, sempre estão dando em cima, estão oferecendo dinheiro e aí você não aceita, eles começam a chamar você de vagabunda, de pilantra, de safada... Já me acusaram até de roubo, tive que ficar num comércio e aí quando eu cheguei a mulher disse: “Essa negona vai ficar aqui? Isso não é ladra não?” Mas aí eu continuei lá. Fiquei umas duas semanas. Foi pouco tempo que eu fiquei lá nesse lugar, não quis permanecer mais, se não eu ia acabar arrebatando ela. Não dar para ficar, “rola” muita falsidade, esses empregos são difíceis para mulher negra, mesmo eu não tendo conhecimento nenhum.

É muito maquiado, aí falam assim: “Pôxa, não dá para trocar essa menina com outra, ela é muito grandona. Eu tenho medo de preta, sei lá, de repente querer pegar alguma coisa.” Alguns falavam até brincando: “Só quer ser branca!” Umas brincadeiras chatas. Tudo isto começa a te enfraquecer, você fica se achando inútil, que não se encaixa em nenhum lugar. Que nasceu mesmo só para isso, fica sem expectativa de nada. Tem muita gente que é preto e não quer dizer de jeito nenhum que é, não quer se assumir de jeito nenhum, não é fácil você ser negro e se assumir.”

Nos capítulos subsequentes apresento algumas análises tendo por referências estas histórias.

3 Alguns aspectos da vida do(a)s jovens *rappers*: infâncias enredadas, juventudes alargadas

A vida é uma urdidura enredada de constrangimentos. Da mesma forma que as lançadeiras de um tear lançam a trama que atravessa a urdidura, os jovens lançam-se com igual fervor na urdidura da vida.

Urdindo sonhos e desejos, inquietações e temores, expectativas e ilusões. O sucesso em ponto-cruz com o fracasso. Tramando o destino, se possível antes que este os trame.

(PAIS, 2001, p.9)

Neste capítulo, resgato as diferentes trajetórias de socialização dos jovens, destacando o ambiente familiar, a saída para a rua e as implicações daí decorrentes. A idéia é evidenciar o tornar-se jovem ou como e quando a juventude chega para cada sujeito, ressaltando acontecimentos que os “tornam jovens” ou que fazem-nos pensar como tal.

Por meio do resgate das histórias busco evidenciar: a negação da infância, o assumir responsabilidades, a saída para rua, o envolvimento com o trabalho, dentre outros temas. Em síntese, quero avaliar o modo como “chega” e “sai” a juventude para os diferentes sujeitos. Que pontos em comum e/ou diferenças sobressaem das diversas experiências?

A epígrafe utilizada neste capítulo, não o foi por acaso. Ela revela o sentimento produzido pela leitura das histórias de vida aqui apresentadas. Histórias que podem ser comparadas a uma *urdidura enredada* sinalizadas *de constrangimentos*, desde a infância. Desta forma, para se compreender como vivem o(a)s jovens *rappers*, é preciso retomar algumas experiências que marcaram suas infâncias.

O tema mais acentuado ou mais determinante nas histórias foi a referência à infância com fase não vivida, ou vivida de forma diferente do que pensam hoje ser viver a infância. Também, a juventude é referida contemporaneamente como uma fase da vida diferente da fase adulta. Esta última entendida como a ser experimentada futuramente, dado o que significa para esse(a)s jovens cada uma dessas fases da vida.

Martinelli, ao analisar as histórias de vida desse(a)s jovens, afirma que suas juventudes “... [têm] tem um lugar fugidio, ela se completa no avesso do avesso. Não é quando eles completam 10, 15 anos, ela se institui pela crueldade das experiências” (2006)³³.

Partindo desta compreensão, antes de tratar aspectos das juventudes desse(a)s sujeitos, cabe aqui indagar: que práticas ele(a)s experimentaram na infância? Recuperando suas narrativas, no item a seguir tento resgatar, como essas infâncias foram vividas. São narrativas que nos

³³ Informação verbal de MARTINELLI, Maria Lúcia, durante o exame de qualificação do projeto de pesquisa que originou a presente tese. O referido exame foi realizado em 11 de agosto de 2006.

colocam em contato com um grupo de jovens em contextos específicos. Ou seja, ao resgatarem suas práticas, ele(a)s nos proporcionam um cabedal de informações que nos permitem compreender suas dinâmicas familiares, suas ambiências na cidade, enfim, o contexto cultural do qual fazem parte.

3.1. Infâncias enredadas



Foto IV – Instalação durante Seminário sobre juventude. Arquivo da pesquisa.³⁴

³⁴ Fotos de brincadeiras no chão: instalação realizada durante Seminário sobre juventude realizado em outubro de 2005. O seminário foi organizado por um grupo de jovens.

Embora eu apresente as história de vida desse(a)s a partir das experiências infantis, é importante destacar que, como acontece geralmente, estas experiências não foram narradas de forma linear, nem mesmo os acontecimentos vividos, resgatados cronologicamente. Pelo contrário, alguns narradores partiram de acontecimentos do presente e pouco se referiram à fase da infância. Porém, que experiências são apresentadas por este grupo de jovens?

A fase da infância é referida por eles(a)s como o tempo em que deveriam ter experimentado aventuras e estripulias infantis, mas também que pode ser compreendida como um tempo marcado por ausências materiais e afetivas de toda ordem, independente do lugar onde moravam na cidade e da estrutura familiar a qual pertenciam. Como na narrativa de Graciliano Ramos, no romance *Infância*, também aqui, as experiências de infância trazem, para o leitor, a sensação permanente de uma lente realista para alertar, com precisão, sobre a dureza das travessias de suas vidas. A idéia é trazer alguns dos aspectos velados dessas experiências infantis.

Diferentemente do que normalmente se afirma, ele(a)s não nasceram, nem se tornaram o(a)s jovens que são hoje naturalmente. Foi enfrentando obstáculos de toda ordem que as juventudes lenta e penosamente se desenvolveram. A maioria dele(a)s narram ambientes familiares absolutamente áridos, em que só encontraram indiferença, injustiça, ingratidão...., mas também, para alguns, compreensão e afeto.

Apropriando-me de Portelli (1996), o *significado* dessas histórias consiste na sua capacidade de gerar múltiplas visões, múltiplos relatos, múltiplas interpretações. Assim, o modo como cada leitor(a) encontrará para compreender esses processos, variará de pessoa para pessoa e se relacionará, estreitamente, com o meio cultural em que está inserido, com a capacidade de apreender os sentidos e significados que as experiências aqui tratadas tiveram para quem as viveu. Em suma, cada leitor(a) terá que se desfazer da atitude de “juiz” e das comparações de como teriam

procedido se fossem ele(a)s os protagonistas dessas histórias. Só assim terão uma maior capacidade de se desfazerem de alguns preconceitos acerca do universo juvenil popular, como pleno de malandros, vagabundos, irresponsáveis etc. Também terão que sair do círculo vicioso da censura que “informa”: “todo pobre rouba, que todo jovem é irresponsável”, enfim, de que “pau que nasce torto, morre torto”³⁵.

Nestes termos, uma lente desfocada ou uma visão míope, poderá impedir a compreensão de que, na vida humana, todas as experiências são significativas, inclusive as mais difíceis. Por isto, o(a) leitor(a), ao contrário de relacionar, imediatamente, os personagens aqui apresentados a determinada “etiqueta”, deverá tentar apreender as suas histórias da maneira mais abrangente, com vistas a poder captar aquilo que não é familiar às suas experiências, procurando aprender com estas.

Começemos pelas experiências de *Robin Hood*, que, ao narrar sua história começa assim:

Eu com 5 anos de idade, já comecei ver as coisas. Minha relação com o meu pai foi muito boa, muito boa mesmo; pena que ele foi embora bem cedo. Ele perdeu a gente. Quando ele estava bem pertinho de morrer disse que a maior tristeza dele era morrer deixando a gente tão jovem daquela forma. Eu e minha irmã éramos bem jovens mesmo; minha irmã tinha sete e eu tinha seis [anos]. Meu pai vivo ainda eu já sofria algumas conseqüências, algumas conversas dos vizinhos: “ah, só anda com essa roupa, o *Robin* só tem isso, não tem aquilo, não tem brinquedo”. Meu pai faleceu; piorou mais ainda.

A perda do pai foi uma marca na vida desse jovem, sobretudo porque a partir desse momento se acentuou a ausência de afeto, não apenas dele, mas também da mãe, que era obrigada pelas circunstâncias a sair de casa para ganhar a vida, já que agora cabia apenas a ela suprir materialmente a família.

³⁵ Expressão popular bastante utilizada para identificar uma pretensa naturalização dos problemas dos subordinados: jovens, mulheres, negros, etc. Não se tem conhecimento do uso desta expressão para representar a vida dos dominantes de toda ordem.... para referir-se às dificuldades de mudança

Dentre as muitas ausências materiais, a de comida é relemburada por *Robin Hood* como um problema que interferiu não apenas na sua convivência familiar, mas também na sua relação com as outras crianças:

Minha mãe todo dia ia para o centro para poder tirar a pensão da gente. Deixava a gente só com a massa de milho. Às vezes, nem isso. Às vezes quando a mulher chegava eram dez, onze horas da noite — com uma massa de milho e todo mundo já dormindo com fome, trancado em casa. Aí [ela] ia acordar a gente para lanchar. É assim o começo da minha vida. Minha infância praticamente não existiu. Para mim, não tive infância.

Como se pode compreender, a morte do pai de *Robin Hood* trouxe-lhe uma série de constrangimentos, dentre estes, o fato de permanecer boa parte do tempo trancado em casa; somente quando a mãe retornava para casa à noite, era que ele podia sair para conversar com as outras crianças. Tais conversas eram marcadas pela ausência de comida, ou pela precariedade da comida existente em relação à dos amigos vizinhos. Para ele, a infância é sinônimo de brincadeira e, sobretudo, de descontração. Descontração que segundo ele corresponde às experiências vividas no momento atual da sua vida, como estar com os amigos falando sobre coisas frívolas, não permanecer trancado dentro de casa o dia inteiro e não passar fome. Ou seja, falar do que não podia fazer quando era criança:

Eu acho que agora eu estou tendo minha infância, entendeu? Eu acho que agora estou tendo minha infância porque não tive oportunidade [de viver] da minha infância no tempo certo. A questão de eu estar lá dentro de casa o dia todinho, quando a mãe chegava abria o portão e a gente saía e ia conversar com o vizinho. E a conversa com o vizinho e com os outros coleguinhas era falando de comida, o quê que [você] comeu hoje? E eu não tinha nada para contar sobre essa questão aí. Às vezes eles mesmos descreviam o que eu comia “ah! lá em casa a gente só come carne, na casa do *Robin* só come ovo e olhe lá...” e tal.

Assim, pode-se compreender que a definição de infância para *Robin* é negativa: o que não teve e o que não viveu.

O fato de permanecer boa parte do tempo trancado em casa, não é narrado por *Robin Hood* como uma experiência difícil na sua vida, mas a ausência de comida sim. Mesmo trancado em casa, muitas vezes escalava

o muro para pedir comida e, quando não era bem sucedido, só comia quando a mãe chegava em casa. Talvez por isto, conversar com os colegas sobre tal assunto era-lhe, muito difícil. A falta de assunto afastou-o das outras crianças porque ele era conhecido pelos colegas como o menino que não tinha o que comer em casa, que passava fome. Isto porque normalmente ele pedia aos vizinhos “cuscuz” e café. Na vizinhança ele era conhecido como aquele que vivia atrás de comida.

Como se pode ver, a ausência de comida marcou profundamente a infância de *Robin Hood*, a ponto de ele acreditar que as pessoas o criticavam quando o encontravam nas saídas que fazia para ir à *quitanda* (pequenos comércios existentes nas zonas periféricas da cidade). Ainda sobre o assunto, ele acrescenta:

Isso chamava a atenção dos meus vizinhos, das pessoas que diziam que eu era ‘pontal’, vivia atrás das coisas. E todo lugar que eu ia, até pra comprar uma caixa de fósforos na quitanda quando a mãe mandava, tinha uma pessoa bebendo, ou fazendo outra coisa. Eu não sei como, mas ali naquele momento em que eu estava comprando, aquela pessoa falava alguma piadinha comigo. E o cara estava bêbado, era melhor ser amigo daquela pessoa, entendeu?

Inicialmente, suas saídas de casa eram para fazer pequenas compras na *quitanda*. Só mais tarde, por volta dos dez anos é que ele começa a sair para locais mais distantes de casa, acompanhado dos colegas. À medida que ia construindo amigos e se encontrava protegido para circular com seus pares pelo bairro, Robin se distanciava de casa, até começar a se deslocar para o centro da cidade.

Outro tema que transparece na narrativa desse(a)s jovens sobre suas infâncias, é a lembrança de violência física cometida por membros da família, como expresso a seguir por *Mano Brown*:

Sete anos mais ou menos por aí. [...] família pobre, mãe desempregada e um doido que diz ser meu pai chegava bêbado em casa e dava na coroa, queria espancar os moleques; minha irmã, eu e tal. Até aí tudo bem, era só um homem bêbado que chegava, espancava a mulher, não botava nada dentro de casa, só queria saber chegar, comer a coroa e assim ia [...].

A experiência de violência narrada por *Mano Brown* envolve o pai e é potencializada e justificada pela embriagues do mesmo, que ao chegar a casa, espancava sua mãe, seus irmãos e suas irmãs e ele. O fato de estar embriagado não pode ser compreendido como determinante da violência intrafamiliar, mas da dominação masculina, neste caso por meio da força física, sobre a mulher e os filhos. Outro tema que aparece é o da paternagem: para o jovem, a expectativa existente é por um pai provedor material, não havendo, nenhum anseio de cuidado e/ou provimento afeto positivo.

A marca dessa violência parece ter se constituído um dos fatores decisivos para as suas saídas de casa, para o estabelecimento de relações de amizade com os meninos da vizinhança e, sobretudo, para o desenvolvimento de algumas práticas ilícitas, como a que ele denominou de roubo: “Desde pequeno eu fui vendo aquilo ali [o roubo]. Perto de onde você mora você tem seus amigos de infância. Onde eu morava nossos amigos eram nós mesmos, malandros, os mais velhos se acompanhavam com os menorzinhos. [...]”.

Além disso, na narrativa de *Mano Brown*, as brincadeiras aparecem também como ausentes na fase infantil. A referência à ausência da prática de atividades tão comuns entre as crianças das zonas periféricas da cidade, como jogar “pelada” nos campos de areia, é associada por ele à falta de tempo. Mesmo porque, em sua experiência, o tempo que poderia ser destinado à brincadeira era utilizado para a busca de sobrevivência por meio da supressão de pequenos objetos de alguns moradores de um bairro localizado nos arredores da vila onde morava. Por volta dos sete anos de idade, ele já se aventurava para além dos arredores de casa com um grupo amigos:

Eu nunca tive oportunidade de sair num lugar pra jogar uma bola. Hoje tu pega uma bola, joga no peito, faz uma bagunça... Não foi porque não quisesse, [foi] porque eu não tinha tempo. No lugar de jogar bola, eu e a rapaziada nos juntávamos e íamos para um bairro chamado Planalto Santa Fé. O que a gente ia fazer lá? Roubar! Antes roubava o mínimo que era garrafa, fio telefônico que o pessoal colocava no varal, roubava roupa.

Talvez, essas aventuras fossem experimentadas como uma possibilidade de circular pelo bairro na companhia da “rapaziada”, mas é muito clara também, a busca por objetos que pudessem ser vendidos com vistas a suprir dificuldades financeiras deixadas pela ausência de condições materiais para sustento da família.

A experiência de violência intrafamiliar influenciou a saída desse jovem para a rua, entretanto, o trânsito entre a casa e a rua é uma prática corriqueira no processo de individuação, afinal, todos precisam transitar por ambientes a fim de adquirir capacidades e ampliar relações, não sendo diferente na vida do mesmo. Por isto, o problema não se constitui no fato de ele sair de casa, mas para onde saia e o que fazia. No seu caso, sair de casa foi o modo encontrado para subjetivar-se.

Evidentemente, as dificuldades materiais experimentadas por esses jovens na infância, levaram a que encontrassem alternativas para garantia de sobrevivência. No caso de *KL*, elas também eram comuns, em decorrência da situação de desemprego do pai e da mãe. Por isto, muito cedo, com sete anos de idade, ele tomou para si uma parte da responsabilidade pelo sustento da casa, e “decidiu” começar a trabalhar:

A minha infância, é ..., é uma infância normal de um garoto de periferia. Eu fui crescendo e passei por várias dificuldades; meu pai era empregado e de repente já estava desempregado. Eu tive que estudar e trabalhar, e isso me atrapalhou um pouco. Assim... perda de tempo mesmo! Assim ... perdi muito meu tempo. Assim necessitando trabalhar. Porque o tempo que eu tinha para estudar eu estava trabalhando. Aí, me atrapalhou muito.

KL considera sua infância normal para um garoto de periferia. Da mesma forma que *Robin Hood* e *Mano Brown*, ele começou a sair para a rua na infância. Mas, no seu caso, o motivo foi o trabalho. Bem cedo *KL* teve que trabalhar para resolver não apenas os problemas imediatos de ausência material em casa, mas também para aprender a desempenhar alguma atividade para poder fazer dela um meio de sobrevivência até terminar os estudos. Então, sua infância não foi normal. Foi correspondente ao esperado de uma criança “séria” em meios empobrecidos. Entretanto, ser uma criança “séria” elimina o caráter necessário da infância. Fica só a

seriedade, uma experiência esperada de um adulto e não de uma criança.

É comum entre as famílias das camadas populares a colocação dos filhos, sobretudo aqueles do sexo masculino, para trabalhar desde a pouca idade, sob a justificativa de que o trabalho protege da “marginalidade”³⁶ e educa. Trabalhando, ele preenche o tempo livre deixado pelas ausências de outras práticas. E, ainda, ganha “um dinheirinho logo cedo”, para satisfazer seus desejos por determinadas bens materiais — que a família não pode suprir em decorrência da quantidade de filhos que tem e das impossibilidades ocasionadas pela falta de emprego ou pelos poucos salários que mal dar para comprar o que comer. Estes dois argumentos foram apontados por *KL* para justificar sua “opção” pelo trabalho. É desse modo e por este caminho que a tentativa de proteção dos filhos pode levar à eliminação das práticas e ao impedimento de vivências esperadas para a infância. Nesse caso, há a coincidência entre o cuidado e a destruição de uma fase da vida.

Da mesma forma, a ida de *KL* para a rua não foi para fugir da violência doméstica, conforme ocorrera com *Mano Brown*. Porém, para todos eles, seja o envolvimento com o trabalho, seja com práticas ilícitas, implicou no abandono da escola, levando-os a não concluírem o ensino médio no tempo previsto formalmente.

Para *KL*, o trabalho constituiu-se em uma prática cotidiana presente na sua vida já por volta dos sete anos de idade. Ao afirmar sobre esta prática como importante, surgiu-me de forma imprevista a seguinte indagação:

Lila: E tu não ias para a escola?

KL: Eu trabalhava durante um turno só. O outro eu ia para a escola.

Lila: E quando chegava na escola dava certo?

KL: Pelo meu lado dava. Eu assistia os dois primeiros horários e na hora do intervalo eu ia só brincar. Eu brincava até na hora de ir embora. No dia seguinte eu não estudava e voltava para a escola de novo.

³⁶ É muito comum a tradução do termo marginalidade, não como o viver à margem, mas como o viver como um bandido.

Como se pode perceber, mesmo trabalhando somente um turno, o outro não era destinado apenas às atividades escolares, visto que era associado às brincadeiras, que tinham início no período recreativo da escola e se estendiam até a hora de retorno para casa — uma vez que esse retorno não significava ter horário disponível para lazer. Na fase da vida em que se encontrava *KL*, essa divisão do tempo preenchia uma necessidade, já que o trabalho na mecânica de carros era o que o esperava no outro turno do dia.

Na oficina, ele era o primeiro a chegar para realizar as atividades de limpeza do local e auxiliar o dono na busca de ferramentas enquanto o patrão permanecia embaixo dos carros fazendo o reparo dos defeitos. Somente aos poucos, com o passar do tempo é que “... eu ia aprendendo um pouquinho a parte de metalúrgica, de eletricidade, de mecânica, tudo nessa idade, entendeu?”. Parece-me compreensível que com sete anos ele não tivesse a capacidade para realizar tarefas que exigissem um raciocínio mais complexo. No entanto, do ponto de vista físico, a tarefa de limpeza também não parece ser adequada para uma criança que se encontra em desenvolvimento, neste sentido, pergunto ainda: não deveria esta criança estar fazendo outra atividade compatível com sua idade, como por exemplo, brincar?

Posteriormente, conforme aumentavam as necessidades materiais em casa, ele foi se envolvendo em outras atividades e se tornando “... vendedor de dindin, de picolé, peixeiro. Trabalhei vendendo batata, vendendo espetinho, vendendo cachorro quente, várias coisas, várias, várias...”, até perder o desejo e o tempo para freqüentar a escola. Mesmo assim, conforme narra *KL*, sua infância foi singular também, no que se refere às brincadeiras, o que para ele significou “... muita traquinagem, muita danação mesmo.”, como:

Pular o muro, não assistir aula. Os moleques iam lá em casa me cagüetar³⁷ e eu enchia eles de porrada. Assim, eu não tive muito tempo de ter infância não. Minha infância foi até uns sete, oito anos ... Aí, eu comecei logo a trabalhar para ajudar minha família. Depois disso nunca mais parei.

³⁷ Na linguagem do(a)s jovens o cagüeta é aquele que revela um segredo com o intuito de prejudicar uma pessoa ou um grupo.

Que contradição! Diz que não teve infância, no momento em que descreve que, apesar de tudo contra a brincadeira, ele brincou. Ou seja, de qualquer jeito a brincadeira faz parte da infância, mesmo que tudo esteja contra. Quando não sobre espaço, as outras dimensões ficam sacrificadas. Neste caso, foi a escola. Como pode ter sido tranqüila uma infância em que o trabalho ocupa um lugar tão significativo, chegando a substituir o das brincadeiras e das primeiras atividades escolares? Talvez seja por isto que o jovem prosseguiu sua narrativa, afirmando que não teve muito tempo para ter infância, referindo-se ao fato de ter que trabalhar como um dos responsáveis pela ausência de tempo para outros afazeres na infância.

Habitante da região norte da cidade, uma região bastante propícia para a prática de atividades lúdicas no espaço público, *Mano Man*, foi o único narrador do sexo masculino, a fazer referência à sua infância como “normal”, por ter podido realizar algumas “... brincadeiras e tudo...”, ou seja, por ter podido “... fica[r]va na rua empinando pipa, jogando bola ...”. O bairro no qual ele morava e mora até hoje, o Poti Velho, é bastante favorável à prática de atividades lúdicas no espaço da rua; seja pela ausência de espaços de lazer diferentes, seja pela temperatura amena do bairro favorecida pela proximidade do encontro entre os dois rios que cortam a cidade; seja ainda pelas praças e terrenos livres que eram ocupados para a prática de lazer. Por isto, a realização de “peladas”, “empinar pipa”, correr de “pega”, jogar peteca eram as brincadeiras realizadas com a garotada das redondezas da sua rua. Como se pode compreender, ao contrário dos outros jovens, *Mano Man* utilizava a rua também para brincar.

Por outro lado, o horizonte da infância tranqüila comportando as brincadeiras, foi marcado pela ausência do pai em virtude da separação da mãe, quando *Mano Man* ainda era bebê:

Meus pais eram casados. Isso é história que eu já ouvi da minha mãe... Só que enquanto eles eram casados eu era criança, era um bebê, não estava sabendo o que estava rolando. Eles tinham uma casa, se separaram. E minha mãe chegou na casa da minha avó e até hoje a gente está morando com a nossa avó. Meu pai já tem outra família. Só que meu pai garantiu uma [pensão]. Mesmo ele sendo trabalhador assalariado — trabalha muito e tudo — ele sempre deu o que há de melhor para nós; minha irmã e eu.

Minha mãe sempre trabalhou para dar o que há de melhor, nunca deixou faltar nada não.

Veja como um processo de separação pode ampliar o horizonte de ação para o esperado de uma mãe. Aqui o provimento material vinha de ambos os pais. Mesmo separados, havia a pensão do pai e o resultado do trabalho remunerado da mãe.

Na sua narrativa sobre a ausência paterna, encontramos uma situação diferente daquela identificada nas narrativas dos outros jovens; o pai como o provedor material mesmo diante da separação, da constituição de outra família e da instalação deles na casa da avó. Houve, na experiência de *Mano Man* um suporte material proporcionado pelo pai, pela mãe e pela avó, o que não tornou necessário que ele saísse de casa, seja para o trabalho, seja para o desenvolvimento de outras práticas, conforme ocorrera com os outros jovens. Isso fica mais claro, quando ele afirma não haver faltado *nada* para ele, mesmo que este *nada* tenha significado o provimento da alimentação cotidiana. Tal provimento é reconhecido como importante na vida deste jovem, permitindo-lhe estabelecer outras referências acerca do pai, apesar de sua ausência durante muito tempo na vida desse jovem. A primeira separação ocorrera quando *Mano Man* era ainda bebê e suas recordações sobre o fato foram filtradas pelas informações fornecidas pela mãe e pela avó:

Para mim foi na maior porque na primeira separação eu era uma criança, mas na segunda separação eu já tinha mentalidade, já sabia o que estava rolando. Eu fiquei normal. Eu não tive — assim — nenhum pai: “é meu pai... não sei o que...” essas coisas! “Por causa da minha mãe, eu vou brigar com ele, vou espancar ele...” Eu já era adolescente... mas não. Eu tive consciência de que isso era uma coisa deles, [que] eu não tinha nada a ver..., como tem cara aí que quer espancar o pai, [que] quer espancar a mãe, matar irmão... matar irmã, essas coisas aí. Eu não pratico não. Fico na minha: eu fico de lado. Meu pai e minha mãe... eles que se entendam e tenham a conclusão do que dá certo ou não para eles.

Por outro lado, a referência à aparente tranquilidade ocorrida durante o primeiro processo de separação, parece não ter se configurado durante o segundo. Já na adolescência, fase em que ocorre a segunda

separação dos pais, ele nos apresenta a cobrança por um posicionamento a favor do pai ou da mãe, como um problema enfrentado no decorrer do processo. Além disso, destaca a recorrência à violência contra o pai ou a mãe, como uma atitude presente entre seus pares que passaram por experiências semelhantes de separação em casa, mas que eles são contrários.

A separação para esta família e, para tantas outras marcadas por experiências comuns as suas, é uma vitória contra a permanência em contextos familiares marcados por ódio e violência. Logo após a conquista do direito ao divórcio, por volta do final da década de 1977, grupos da igreja católica, conservadores em geral diziam que “a família e a infância seriam destruídos” com a instituição desse direito. Transcorridos quase trinta anos, eis a prova de que é exatamente o contrário.

Como se pode perceber, a ausência de brincadeiras foi freqüente durante a infância destes jovens e, dependendo do lugar onde moravam e das relações estabelecidas com os vizinhos e com seus pares, as opções encontradas para substituir as brincadeiras eram as mais diversas possíveis, como: vadiar pelas ruas do bairro ou até mesmo surrupiar objetos de outrem.

No entanto, parece-me um grave erro generalizar a partir das experiências dos jovens acima referidos e tirar conclusões de que as violências intrafamiliares e as carências materiais resultam necessariamente, saídas semelhantes às aqui narradas. Embora seja comum que crianças que convivem com violência intrafamiliar tenham a rua como uma das saídas e, nesta, a possibilidade de envolvimento com algumas práticas ilícitas, dado que o ambiente da rua é pleno de armadilhas, de improvisos, ou seja, de situações inadequadas a essa fase da vida. Contudo, o que é importante compreender, a partir das narrativas desses jovens sobre suas infâncias, é que suas experiências foram fundamentais e determinantes para o percurso que cada um, a seu modo, pôde trilhar, definindo-lhes outras práticas de sociabilidades na fase de juventude. Mas, até aqui, só falamos de crianças do gênero masculino. E as jovens *rappers*, que experiências evidenciaram como fazendo parte das

suas infâncias? Haveria alguma diferença?

Começemos por *Nega Gizza*. Amazonense de nascimento, ela cresceu em Teresina, para onde seus pais retornaram e fixaram residência. Seu pai é militar e a família o acompanhava em suas transferências de uma cidade para outra, o que fez com que ela tivesse uma infância marcada pelas lembranças das diversas viagens que fizera em companhia da família. Ao retornar para Teresina, a família instalou-se no Bairro Ilhotas, zona sul da cidade, onde permaneceram residindo até sua adolescência. As constantes mudanças de uma casa para outra também se configuraram na vida de *Nega Gizza*, quando sua família estabeleceu-se em Teresina, talvez por isso sua infância seja mais marcada por referências ao espaço familiar, sobretudo ao convívio com os dois irmãos e as duas irmãs.

Ao contrário dos demais *rappers*, guardadas as diferenças, *Nega Gizza* foi uma das jovens que teve a infância mais tranqüila do ponto de vista das possibilidades materiais para acesso e permanência na escola. Tais possibilidades eram proporcionadas pelo pai que, no contexto de Teresina, tinha um salário médio capaz de garantir, não apenas à *Nega Gizza*, mas também a seus irmãos, o acesso à escola privada até a conclusão do ensino básico. *Nega Gizza* também não conviveu com violência doméstica durante a infância; seja contra ela, seja contra membros da família. Desta forma, ao se referir ao espaço familiar, não resgata conflitos familiares, nem necessidades materiais que justificassem sua saída de casa em busca de recursos para ajudar no sustento da casa durante sua infância.

No entanto, o espaço escolar é marcado por insultos das outras crianças, relacionados à sua cor de pele e ao seu tipo de cabelo. Além dos xingamentos, que pode ser compreendido como uma forma de violência simbólica e moral, existia a violência de raça/etnia, conforme identifiquei na sua narrativa:

Quando eu era pequena no colégio puxavam meu cabelo, mangavam³⁸ que meu cabelo era cabelo de bombril.
Aquelas brincadeiras de chamar a gente de loirinha

³⁸ Mangar significa zombar.

vendo a cor da gente, a pele escura: “está vendo que eu sou preta mesmo e chama de loirinha!”. Antes eu sentia raiva, mas não sabia por que [...].

O fato de ser negra marcou profundamente suas experiências de infância no espaço escolar. Aqui se percebe que mesmo as crianças já fazem, por meio dos xingamentos, dos risos e das ironias, pressão sobre quem não se situa no modelo de raça predominante. Mesmo não sabendo que se tratava de manifestações racistas, revoltava-lhe ter a sua cor de pele como objeto de brincadeira, quando os colegas a chamavam de “loirinha”. Com esta idade era impossível avaliar o que tudo isto significaria para a sua vida e o que a esperava, pelo fato de ser negra.

Malu refere-se assim à sua infância:

Minha infância foi legal. Foi bacana apesar de ficar só em casa com meu irmão. Minha mãe ia trabalhar e eu sempre fiquei só em casa com ele. Mas foi bacana, foi legal, eu sempre me divertia, brincava com as outras crianças, foi legal.

Moradora da Vila Paraíso, localizada na zona sul da cidade, mais precisamente nos arredores do Bairro Santo Antônio. Com sete anos de idade, *Malu* já era responsabilizada pelos cuidados com o irmão, enquanto a mãe saía para trabalhar. Até sete anos, ela e o irmão ficavam na casa da avó. A partir de então, passou a ficar trancada em casa sozinha na companhia do irmão. Sua jornada era assim distribuída:

Malu: De manhã a gente ficava em casa, eu limpava as coisas da mamãe e tudo. Almoçava. Ela já deixava feito. Éramos crianças. À tarde nós íamos para escola. Aí, [depois] voltávamos e ficávamos em casa à noite esperando a mãe chegar.

Lila: E vocês estudavam aonde?

Malu: Eu estudava no Promorar, nós dois [em escolas] particulares. Na época, minha mãe ainda pagava.

A experiência de ficar trancada em casa cuidando do irmão é vista como um ato de confiança da mãe para com ela. Além do cuidado com o irmão, devido às particularidades de sua família, em que todos os adultos saíam de casa para trabalhar, tocava-lhe também algumas tarefas domésticas como a limpeza da casa e a distribuição da refeição para os

irmãos. Prosseguindo sua narrativa, afirma que com essa idade ia sozinha na companhia do irmão para a escola, atravessavam a vila até chegar ao local. Mais adiante continua:

Malu: [Passava] O dia inteiro [sozinha], até hoje.

Lila: E ela [tua mãe]?

Malu: Ela [mamãe] sempre trabalhou para ajudar a gente, ela sempre confiou deixar duas crianças em casa. Ela sempre confiou na gente. Trabalha para ajudar a gente. Sempre me apoiou nas minhas decisões. Me ajudava.

Malu: À noite, nós brincávamos na rua com as crianças. Essas brincadeiras de “salva latinha”... essas coisas. Sempre brincávamos assim à noite. Ela já estava em casa. A gente podia sair.

Como *Robin Hood*, ela também experimentou ficar trancada em casa. Porém, ao contrário dele, era-lhe destinado o trabalho doméstico. Seu cotidiano era preenchido por muitos afazeres: no primeiro turno do dia tocava-lhe as atividades de casa; o segundo era destinado para a ida à escola e a noite, quando sua mãe chegava à casa, restava-lhe tempo para as brincadeiras. Mesmo assim, *Malu* considera sua infância legal.

Segundo ela, não foram os afazeres o que lhe impôs limites para a prática de atividades lúdicas na infância, muito menos ter apenas a noite para realizá-las, mas o fato de viver na vila, local em que existiam “gangues e tal”, limitando suas saídas, até mesmo, pela rua do bairro. O limite para circular pelas ruas da vila era imposto pela mãe, como uma forma de preservá-la contra os meninos “que andavam atrás dela”. Mesmo assim, admite ter dado muito trabalho, pois resistia à essas imposições. É o modelo tradicional de relações de gênero determinando limitação de espaço. Para proteger a menina dos meninos, só regulando suas andanças. E os meninos, que “ficam atrás” das meninas, também realizam o modelo tradicional de identidade de gênero.

Também na narrativa desta jovem sobre sua infância, encontramos uma referência diversa das outras jovens, sobre a figura paterna. Embora ela tenha uma imagem de que o pai era “trancado” e de ter sido “espancada”, afirma:

Malu: De bater assim só quando nós éramos pequenos que aprontava, mas depois de grande ele não bate não, ele fala e tal, mas ele fala só uma coisinha e fica na dele, pronto! Pra ele já falou o que tinha que falar. Ele é assim, muito trancado, eu não conversei muito com ele.

Lila: E aí depois, passou essa fase.

Malu: Passou. Isso eu tinha... o quê? Uns onze anos para doze. Aí de lá pra cá, foi tranqüilo.

Da mesma forma que *Malu*, *Negra Li* afirma ter experimentado uma infância boa, haja vista não ter tido problemas em casa e ter podido brincar. Segundo ela, os problemas só apareceram na adolescência ou, ainda, quando ela, nos seus termos, “começa a enxergar o mundo”:

Negra Li: Minha infância foi boa. Foi assim: digna de qualquer criança. Muito boa minha infância. Como qualquer criança, eu brinquei muito. Eu não tinha muito problema. Quando eu comecei a chegar na adolescência é que fui enxergar mesmo os problemas. Talvez por eu ser criança, eu não via, eu via a vida de outra maneira, com brincadeiras... essas coisas. Depois é que eu fui começando a enxergar o mundo.

Ao lhe indagar acerca do que significava enxergar o mundo, pude compreender que ela crescera convivendo com as agressões do pai e que a expressão “enxergar o mundo” significava, ter consciência da situação de agressão do pai contra ela e sua família:

Negra Li: Meu pai é que agredia a gente. Eu, minha mãe, meus irmãos... todo mundo lá em casa sofreu com isso. Eu já cresci naquela coisa assim de agressão.

Lila: Vocês eram quantos em casa?

Negra Li: Cinco. Aí meu pai foi embora e agora só tem quatro.

Mesmo considerando ter vivido uma infância boa, ela não escapa das agressões do pai. Na sua memória, elas aconteciam desde quando ela tinha dez anos de idade e foram se tornando cada vez mais constantes, gerando-lhe medo, insegurança e indisposição para relacionamentos afetivos, em função destes traumas:

Negra Li: O problema era assim, só aquelas agressões. Só que era pouco, aí de uns dois anos pra cá começaram a aumentar, foram, foram. Minha mãe agüentava, suportava. Acho que talvez por a gente ser muito criança ainda, ela foi

suportando. Depois de uns dois anos pra cá, ela disse que não suportava mais. Eu disse: "ah, a senhora é quem sabe". **Quando eu me lembro dá tanta vontade de chorar, porque é uma coisa que eu sofri muito!** Eu fiquei de um jeito que não podia ver [ouvir] voz de homem na minha casa que eu já pensava que era meu pai que vinha com agressão. A mãe tinha medo que eu ficasse com algum problema na minha cabeça por ter passado por isso. Ela dizia que poucas mulheres que passam por isso querem ter a vida assim: casar e tudo. Não acredita, porque de tanto eu ver minha mãe apanhando... Tinha dia que eu chegava da escola, eu tinha medo. Eu não queria mais ir pra escola porque eu tinha medo de encontrar minha mãe morta por causa da agressão. Ela começou a freqüentar a delegacia da mulher... Ela disse: "a partir de hoje eu não vou sofrer mais, e foi".

Como se pode ver, as constantes agressões do pai contra a mãe, presenciadas por esta jovem no seu cotidiano infantil, trouxeram-lhe resistência até para sair de casa e ir à escola, com o receio de, ao retornar, encontrar a mãe morta. Desta forma, o que fica evidente na narrativa desta jovem, sobre sua infância, é que não apenas sua mãe sofrera violência doméstica, mas ela também. A violência doméstica tinha particularidade: era dirigida contra a mulher e contra a criança. Não teve violência contra outro igual a ele. É evidente ainda, que as marcas desta violência acompanham sua vida até hoje, trazendo-lhe emoções indesejadas que se expressam através do choro e do silêncio, ao lembrar-se desses acontecimentos.

Josy, a última jovem a ter sua história de vida como referência, tinha apenas quinze anos de idade no período da entrevista, mas muita experiência para narrar. Assim, ao ser indagada sobre sua infância, fez-me a seguinte afirmação:

Josy: Eu lembro só de brincadeiras em casa e a morte de gente da minha família. Eu sou muito apegada à família e eu sinto. Eu converso muito com meu pai e ele é meu espelho. Então, se tiver uma estrada muito grande e [eu] olhar para cima e ver meu pai dizendo "vai"... É incrível porque ele é um homem, assim, que não tenho nem palavras para expressar o que ele é. A gente foi criado aqui mesmo, eu nasci na Vila Coronel Carlos Falcão. Eu fui criada lá, eu conheço todo mundo. Tivemos muitas dificuldades... a gente está passando dificuldades agora [até hoje].

Josy nasceu e cresceu em Teresina, mais especificamente na Vila Coronel Carlos Falcão, onde reside até hoje. Segundo dados do Censo das

Vilas e Favelas de Teresina, a vida Carlos Falcão é a segunda mais povoada da zona sudeste. A vila não era apenas populosa, mas também lugar de muitos problemas, como desemprego, violência, circulação de drogas. Todos esses problemas que revelam a expansão desordenada da cidade em que os migrantes se aglomeram nas vilas e favelas existentes na mesma. Os colegas de *Josy* usavam droga dentro da escola.

Morando com a família, da qual é a mais nova e a única mulher, após o nascimento dos dois primeiros irmãos, um agora com 20 anos e outro com 17 anos. *Josy* considera sua família tradicional e coloca-se como a “subversiva, a doida da família”, por confrontar-se com algumas opiniões dos seus pais sobre sua forma de pensar o mundo e, ainda, pelo fato de gostar de atividades esportivas consideradas próprias do universo masculino, como o futebol. Por isto, na sua narrativa sobre a infância, *Josy* intercala experiências prazerosas, com sofrimentos. O prazer é evidenciado pelas brincadeiras e convivência amigável com o pai. Os sofrimentos resultavam da violência dentro de casa: “meu irmão me batia, ele quer me bater ainda, só que eu... [silêncios]”, e por presenciar os colegas se drogarem dentro da escola.

Como se pode observar, das histórias até aqui narradas, a de *Josy* foi a única a fazer referência ao pai como um amigo, embora ele a tenha proibido de jogar bola. Isto mostra que ter o pai como um “espelho”, não permite garantir a superação do modelo esperado de comportamento para o gênero feminino. Receber afeto e atenção é fundamental. Mas, ainda falta o enfrentamento das tradições.

Tendo base emocional, pôde distanciar-se e adquirir posição crítica. O pai era um espelho, mas isto não impediu que ela visse o machismo. E, emocionada, continua narrando seus sofrimentos:

Josy: Onde a gente mora — onde eu moro — antes, as que eram moças no tempo que eu tinha sete anos, muitas casaram, outras sumiram, não sei, cadê? Os meninos — os que têm a minha idade agora — estão por ai de qualquer jeito, jogados. Do jeito que o mundo quer. Meu irmão parou de estudar, ele acha que isso nunca vai atrapalhar ele. E eu sei — assim, no meu contexto — que vai atrapalhar. Ele pensa que não, mas eu sei que vai.

Suas emoções também são evidentes quando ela fala das constantes experiências de desemprego do pai. Embora *Josy* fosse uma criança sem muita consciência dos acontecimentos, ela cresceu convivendo com o pai ora empregado, ora não. Por ser o único provedor da família, a ausência de emprego resultava no acúmulo de contas e no desequilíbrio emocional da mãe, por ela acompanhado muito de perto:

Josy: Falta de emprego. Meu pai é cozinheiro profissional, mas já ficou bastante tempo desempregado. A última vez foi três meses. Só que em três meses, foi juntando conta, muita conta. E assim, [quando] ele arrumou um emprego, a remuneração não está sendo boa devido ao trabalho que ele faz. E as contas vão só juntando... e minha mãe chora, minha mãe fica desesperada e eu tento: “Não, não é bem assim”. Quando eu era menor eu não dava muita atenção porque, para mim, ia passar logo, era só uma coisinha. Aí, eu fui crescendo, fui vendo, convivendo com isso, não só na minha casa, [também] na casa das minhas tias, das minhas colegas, e assim, sempre muita dificuldade mesmo... violência, droga.

Como se vê na história de *Josy*, as situações de carência material é semelhante àquelas vivenciadas pelo(a)s outro(a)s jovens. A diferença é que *Josy* acompanhou de perto esta situação; ora considerando-a passageira, dando-lhe a atenção que sua compreensão permitia. Em outros momentos, como durante a entrevista, ao fazer referências às constantes experiências de desemprego do pai, colocou-se no centro da narrativa, ao tratar das conversas que tivera com a mãe buscando acalmá-la frente às dificuldades de falta de dinheiro em casa. Da mesma forma, refere-se a ter dado pouca atenção ao problema do desemprego do pai, por considerá-lo passageiro. Tal referência traz elementos para compreendermos que a experiência de desemprego sempre perpassou suas experiências infantis, seja no espaço familiar, seja entre seus pares.

Diante das experiências acima narradas, não seria o caso, então, de se questionar em que medida a violência doméstica, a prisão domiciliar, sob o signo da proteção, a ausência de práticas lúdicas, a fome, o trabalho infantil, o racismo e todos as demais experiências desse(a)s jovens, na infância, determinaram suas vidas, possibilitando-lhes a construção de outras trajetórias?

Obviamente, o fato de todo(a)s o(a)s personagens dessas histórias terem vivido tais experiências, não é um simples dado demográfico, mas um “resumo condensado de uma história social individual, [...]” (POLLAK, 1989, p.10). Nestas histórias, estão, sem dúvida, os acontecimentos que balizam a existência desse(a)s jovens, a partir dos espaços ocupados na cidade; todo(a)s o(a)s são oriundo(a)s de zonas periféricas, em que o convívio com tais experiências é visto como muito comum, relações estabelecidas na família. Seja ainda, porque estas narrativas são autobiográficas e, portanto, expressões das subjetividades dos narradores. Desta forma, são também história da sociedade na qual estão inseridos.

3.2 As juventudes do(a)s jovens *rappers*: experiências alargadas

Foi fácil compreender que as experiências acima referidas foram fundamentais nas trajetórias do(a)s jovens que encontrei pela frente durante as entrevistas. Sem dúvida, há evidências de que tais experiências marcaram suas trajetórias, determinando *trajetórias encurtadas* (PAIS, 2001), em virtude de suas infâncias serem marcadas por afazeres distintos do comumente atribuído à mesma, como as “travessuras”, as brincadeiras.

Desta forma, para a maioria deste(a)s jovens, a infância “termina” quando são lançados à experimentação de outros afazeres que lhes atribuem certa autonomia e liberdade não apenas para se movimentar pela cidade, mas também para tomar decisões, constituir relações afetivas, confrontar-se com os pais, dentre outras atitudes que marcam sua entrada na fase da juventude. Neste sentido, a idade perde importância relativa para definir suas juventudes como uma fase de transição entre o que experimentaram na infância e a futura vida adulta, sobretudo, porque não existe “a idade” para a manifestação dessas atitudes, elas decorrem da forma como cada um se lança experimentar a vida.

É importante também relativizar outras referências que têm levado a conclusão dos estudos, o início da vida profissional e a saída da casa dos

pais, como demarcações para estabelecer o fim da juventude como fase da vida e a entrada na idade adulta, sobretudo no caso das experiências do(a)s jovens *rappers* de Teresina. Essas demarcações estão desconectados da realidade do(a)s *rappers*, mesmo porque suas trajetórias demonstram que suas experiências são *imprevisíveis, flutuantes e reversíveis* (PAIS, 2001). No caso do(a)s jovens *rappers*, estas referências se aplicam de forma bastante flexíveis, pois a maioria dele(a)s apenas iniciaram os estudos, na vida profissional se lançam a cada novo “bico” que realizam. Da mesma forma, em geral, ele(a)s não saem da casa dos pais e, quando essa saída ocorre, não ocorre por uma opção deliberada e planejada. No caso do(a)s *rappers*, algumas saídas se configuram como imposição marcada pela violência física sofrida dentro de casa desde a infância. Por vezes, ela acontece, ainda, quando o jovem comete um ato infracional e tem que cumprir medida de reclusão em espaço fechado, tendo a sua liberdade privada do convívio com seus familiares e com as outras crianças, como ocorrera com *Mano Brown*. Ou ainda, por não suportar as agressões físicas do pai, atitude assumida por *Nega Gizza*, após resistir por diversas vezes os reiterados castigos que sofrera por conflitar com o pai. Frente a isto, cabe indagar: como apreender as juventudes do(a)s *rappers*, se elas não se constituem numa fase de transição demarcada pelos padrões comumente propagados?

No momento do recolhimento da entrevista, cada um dele(a)s se considerava um(a) jovem *rapper* capaz de contar sua vida no ritmo repetitivo e opressivo das rimas obrigatórias, às vezes preciosas, às vezes brutais, das canções que exemplificavam como sendo suas primeiras criações após se tornarem *rappers*. As juventudes do(a)s jovens *rappers* será aqui compreendida a partir dos seus modos de vida. Tal compreensão dilui uma provável homogeneidade juvenil presente na concepção de juventude, vista como apenas circunscrita a uma categoria etária.

No Brasil, a idéia de juventude, nestes termos, é comumente pensada e utilizada para definir critérios para intervenções de políticas públicas dirigidas aos jovens nas áreas do trabalho/emprego, educação, saúde, dentre outras. Diante disso, o que pode ser problematizado é em que

medida os modos de viver do(a)s jovens *rappers* possibilitam uma compreensão de formas de viver juvenis diferentes das representações sociais já consolidadas, permitindo uma visão de juventude como uma complexidade variável e que, de acordo com Carrano, "... se distingue por suas muitas maneiras de existir, nos diferentes tempos e espaços sociais" (2003, p. 110).

Para o autor, a precariedade da perspectiva cultural nas investigações sobre os jovens, transforma-os numa ponte, sem maior identidade, entre a infância e a idade adulta. Em sua análise sobre juventude, enfatiza que este não-lugar sociológico de transição nos afasta sensivelmente daquilo que o jovem experimenta como sendo a sua verdadeira identidade, que não se constitui isoladamente, mas que se estabelece com os adultos e o conjunto de ações de suas redes culturais (CARRANO, 2003, p. 114).

Além disso, ele chama a atenção para o fato de que a ambigüidade e a indefinição sobre o conceito de jovem são características da situação de complexidade que marca as diferentes experiências. Obviamente, a juventude como categoria de análise, precisa possibilitar a apreensão de *trajetórias alongadas, fraturadas, adiadas, frustradas* (PAIS, 2001), como aquelas experimentadas pelo(a)s jovens *rappers* entrevistado(a)s.

No caso desse(a)s jovens *rappers*, a juventude pode ser compreendida como *processo* em suas formas particularizadas em diferentes contextos. É *processo* porque é relacional e porque se expressa em pelo menos duas dimensões distintas e combinadas. **A primeira**, entre um tempo de ter vivido ou não a infância; num outro de estar vivendo a juventude e num outro de vir a viver a fase adulta. Em **segundo lugar** é *processo, em face do* modo como o(a)s jovens experimentam o conjunto de ações de suas redes culturais. Nestes termos, como fase da vida, tem diversos significados, dentre estes: experimentar relações; assumir as conseqüências das ações de riscos experimentadas; reclusão para refletir e tomar decisões; inserir-se em outras instâncias fora da família e da escola, para compartilhar novas experiências. Enfim, é tempo de muitos afazeres.

Assim, o lançamento na juventude, para esse(a)s jovens, ocorre no limiar da infância, ou seja, aproximadamente dos 7 aos 10 anos de idade e vai se consolidando através de uma processualidade de afazeres que ele(a)s vão assumindo por volta dos 13, 14 anos, quando já se consideram autônomos para dizer o que vão ou não fazer em casa e fora dela. Efetivamente, “quando consolida a condição juvenil, pelo menos no que respeita a ter a possibilidade de vivenciar as práticas que são atribuídas ao ser jovem” (REIS, 2004, p. 213).

A considerar pelas experiências vividas na fase da infância, esta passagem se consolida quando ele(a)s se colocam como autônomos para se arriscar em direção a *processos difusos de socialização*, quando não conseguem mais suportar as alternativas postas pela vida. Configura-se, portanto, quando as instâncias de socialização tradicionais, como a família e a escola, têm seu poder de influência relativizado em favor de outros contextos mais informais ou subterrâneos de socialização como aqueles que envolvem os grupos de amigos (PAIS, 1993) e as diversas redes de socialização, que ele(a)s vão construindo para realizar alguns afazeres com mais liberdade e certa responsabilidade, ainda não considerada, sobretudo, pela família e pela escola como capazes de realizá-los. A seguir, apresento algumas situações presentes nas experiências do(a)s jovens *rappers*, que se particularizam na forma de experimentar a juventude.

3.2.1 Trânsitos, espaços, trajetórias: risco e inseguranças da vida



Foto V: Instalação no Seminário sobre juventude. Arquivo da pesquisa.

O(a)s jovens experimentaram situação de risco em maior ou menor grau. Tais experiências foram vivenciadas, inicialmente, no espaço doméstico por meio das agressão físicas e, na escola, em regra geral, por meio de ofensas dos colegas. No caso dos jovens, a inexistência de um acolhimento institucional, que permitisse a permanência na escola, favoreceu o abandono da mesma.

Durante este item, vou tratar das experiências de risco que o(a)s jovens vivenciaram, com vistas a explicitar que as mesmas aliadas à transformações nos espaços escolares e familiares foram determinantes para que vivenciassem uma diversidade de referências identitárias na vida. No que se refere ao risco, meu pressuposto é o de que a diversidade de espaços compartilhados por ele(a)s, desde a infância e, sobretudo, na fase juvenil, proporcionou-lhes responsabilidades para as quais ainda não

estavam preparados, levando-o(a)s a saídas arriscadas que marcaram, profundamente, suas vidas.

Neste sentido, ao analisar suas narrativas, pude compreender que seus percursos de vida são marcados por uma infinidade de constrangimentos, desejos e ausências/carências materiais e afetivas. Foram as possibilidades de resolvê-las que cada um(a), a seu modo, lançou-se em situações de perigo, em busca de saídas para redefinirem suas vidas.

Conforme La Mendola (2005), a idéia de risco é aqui entendida como uma *interpretação* do enfrentamento do perigo na persecução dos objetivos. Para o autor, o perigo é uma condição imanente da vida individual e social, fazendo parte do conjunto de fatores que se interpõem entre as ações dos agentes e a tentativa de alcançar os resultados desejados explícita ou implicitamente (p. 60). Na sua análise sobre o risco na modernidade, o contexto da convivência social é um dos aspectos para se compreender as razões daqueles que, por algum propósito, colocam-se em situações de perigo e adotam comportamentos de risco ou de imponderabilidade.

Quase sempre é impossível falar de escolha própria quando os comportamentos de risco são experimentados por quem vive inseguranças. Uma reflexão neste sentido é desenvolvida por Pais (2001), ao destacar que:

Embora para alguns jovens os riscos ofereçam oportunidades e sejam aceitos na expectativa de benefícios – assim acontece quando se fareja ou pedincha³⁹ um *tacho*, embora haja o risco de não obter – para muitos outros jovens a vida é como uma lotaria [loteria], onde os *riscos* estão fora de controlo e a segurança é uma questão de sorte. Os riscos ameaçam, mas é a insegurança que verdadeiramente torna a vida insegura. Com efeito, o conceito de *riscos* recobre a consciência da possibilidade de ocorrência de determinadas ameaças, teoricamente antecipáveis através de alguma forma de cálculo ou previsão. Em certa medida, estamos perante incertezas que podem ser transformadas em probabilidades. (p.65-66).

³⁹ Em português brasileiro significa pechincha, barganha.

Contudo, é difícil evidenciar com detalhes, as situações de risco na vida desse(a)s jovens, considerando a diversidade presente em cada uma das histórias de vida em questão. Obviamente, tal apreensão torna-se ainda mais dificultosa pelo fato de a maioria dele(a)s já ter toda a vida marcada por risco. Entretanto, foi possível perceber que suas saídas em direção a situações de risco tinham por trás a expectativa de benefício em experiências pouco seguras, tornando suas vidas ainda mais inseguras.

Evidentemente, já bem cedo na vida deste(a)s jovens “a ‘aventura’ se cruza com a ‘desventura” (PAIS, 2001, p.344). Estas são impressões que o autor registrou no seu diário de campo, quando fez a primeira visita aos jovens reclusos em estabelecimento prisional de Lisboa. O autor utiliza a expressão: “a ‘aventura’ se cruza com a ‘desventura””, no item “Ganchos ilícitos”, quando se refere, sobretudo, aos itinerários de vida que levaram alguns deles à prisão. Neste contexto, a expressão serve para designar as incertezas trazidas por algumas práticas desenvolvidas pelos jovens, que ele identifica como pequeno tráfico, assalto ou burlas.

Durante a leitura das histórias de vida, para a escolha dos trechos que expressavam as situações que o(a)s jovens experimentaram, pude perceber que, mesmo se tratando de experiências tão diversas, de alguma forma, também na vida do(a)s *rappers*: “a ‘aventura’ se cruza com a ‘desventura””. Nestes casos, tanto a aventura, como a desventura, não ocorrem, necessariamente, por meio da adoção de práticas ilícitas, mesmo que alguns jovens as tenham experimentado. Obviamente, não usei a expressão para generalizar o significado utilizado pelo autor, mas, como sinônimo de imprevistos, de incertezas, da falta de oportunidade que levam a saídas arriscadas. Em suma, para evidenciar a não linearidade presente em qualquer vida humana e, em especial, naquelas que estou tratando neste trabalho.

Então, vejamos, no caso de *Robin Hood*, o cruzamento entre a aventura e a desventura é experimentada, inicialmente, quando ele começa a sair de casa para fazer os “mandados” da mãe na *quitanda* do bairro. Na *quitanda*, ele entra em contato com os usuários que ali bebiam e que, por diversas vezes, ofereciam-lhe mercadorias como biscoitos e refrigerantes,

possibilitando-lhe voltar para casa com alguma contribuição que lhe permitisse minimizar as dificuldades enfrentadas pela família e agravadas após a morte do pai.

Robin Hood era considerado “esperto” para sua idade. Mesmo os que não o conheciam o admiravam por sua desenvoltura caracterizada, sobretudo, pela capacidade de se comunicar. Há certa eloquência demonstrada por no modo com que narrava suas dificuldades, em que um dos assuntos prediletos eram as necessidades de comida enfrentadas em casa. Por isto, lentamente, ele foi assumindo as responsabilidades por seu próprio sustento. Da mesma forma, a confiança da mãe para com ele, possibilitava-lhe ficar mais à vontade na rua. Porém, ele reconhece que foi sua desenvoltura que o fez, logo cedo, entrar para o mundo da criminalidade e a chefiar, segundo ele, uma das gangues mais perigosas do seu bairro.

Na sua narrativa, fica claro que ele inicialmente busca saídas para os problemas da sua vida, através da mendicância na *quitanda* do bairro, quando tinha por volta de oito anos. Aos poucos, amplia seu horizonte geográfico, passando a aventurar-se pelo bairro na companhia dos outros meninos. Daí, lentamente, vai deixando de pedir comida, saindo da mendicância e, por volta dos 13, 14 anos, insere-se num grupo de jovens em que ele era um dos mais novos. Sua inserção no grupo permitiu-lhe arriscar-se nas aventuras do assalto a pequenos comércios do bairro.

Exatamente assim, *Robin Hood* prossegue por muito tempo arriscando-se na execução de pequenos assaltos, em que o perigo não estava apenas no fato de realizá-los, mas, essencialmente, na forma de inserção no grupo do qual pensava ter-se tornado o chefe. Sobre a chefia, vale ressaltar que tal atribuição foi-lhe destinada em virtude da sua “esperteza” e da idade precoce para tais afazeres, considerando o fato de ele ser o mais novo do grupo e, ter habilidade para arquitetar as atividades a serem realizadas pelo mesmo. Mas, para *Robin Hood*, tal inserção tinha, principalmente, o sentido de possibilitar-lhe acesso a bens materiais que não poderia ter, sem que se submetesse a tais afazeres. Tal fato fez com

que ele permanecesse no grupo, até descobrir que não era, na realidade, o chefe.

Durante a realização de uma “parada”⁴⁰, ele descobre que havia algo errado, ao constatar que:

Robin Hood: [...], acho que eles me enganaram, porque quando eu fui procurar minha parte, eles disseram que tinham perdido o dinheiro [...]. Até que eu acreditei porque isso acontecia muito com a gente, mas, depois, eu vi todo mundo de tenzinho novo, sabe? Apesar de nós termos muita coisa [...] é fulano pagando a prestação da sua moto... É fulano que está indo... Aí eu: “Rapaz tem algo errado aí!” Mas eu fiquei na minha, até quando chegou uma pessoa e disse assim pra mim: “E aí, essa última parada que vocês fizeram deu um lucrão, né maluco? E aí eu fiquei: “É, maluco, pode crer e tal, deu um lucrão mesmo.” Aí eu fiquei imaginando assim: “caraca, meu, os caras me enganaram mesmo, o que eu vou fazer?”

Esta constatação permitiu-lhe dar-se conta de que havia perdido espaço no grupo, a ponto de ser enganado por seus pares. Ao mesmo tempo, fez com que ele se arriscasse em direção a um confronto velado que se constituiu no fato de arquitetar uma “parada”, permitindo revidar a agressão sofrida anteriormente.:

Robin Hood: A gente foi lá para roubar só roupa mesmo, enquanto os panacas estavam lá pegando as roupas e tal. [Eu] [...] estava pegando o clima do ambiente, mexendo numa coisa, mexendo em outra. Eu vi um quadro, aí eu mexi no quadro e atrás do quadro eu vi uma diferença, [...] eu continuei mexendo, [...] e olha o que eu encontrei lá! Encontrei dinheiro, contra-cheques, bem organizados, tudo separado como se fosse já pra pagar [...], o que eu fiz? Eu peguei o [dinheiro] [...]. Eu olhei assim para a galera: “E aí galera, tem uns brindes para a gente aqui.” Quando eu disse brinde eles puxaram a arma e eu não entendi! Eles puxaram a arma, não apontando direto para mim, mas eles puxaram [a arma] desconfiados. Qual foi o filme que deu ali dentro? Foi como se eles estivessem pensando, tipo assim: “Ele descobriu que nós traímos ele. E então, nós vamos ter que deixar ele aqui.” Não era, entendeu? Ei, os caras com as armas, sacando ... e aí eu falei: “O que é?” “Não, é porque a gente pensava que fosse alguma coisa.” “Não, não é alguma coisa não, é um negócio que eu achei aqui.” Aí eles vieram. Eu peguei o dinheiro e mostrei, “Olha aí e tal.” Aí, um: “Êta! pois ninguém não vai mais levar roupa não.” “Não, vamos

⁴⁰ O termo tem vários sentidos e pode ser utilizado para designar uma série de atividades. No caso acima exposto, foi utilizado para designar “assalto”.

levar as roupas.” Aí eu botei o dinheiro... já estava todo dentro da minha mochila. [e] [...] um amontoado de roupa de mulher também, porque eu já tinha muita roupa de homem. Inclusive, eu tinha um quarto alugado num bairro aqui em Teresina para eu guardar todas as coisas que eu comprava [comprava ou roubava?], porque eu não poderia chegar com essas coisas lá em casa, tinha que passar vários dias.

Ao sair do local, fugindo com o dinheiro, *Robin Hood* depara-se com um conhecido que ia passando de moto. Imediatamente, vem-lhe em mente a possibilidade de agilizar a fuga: pede-lhe carona. Ao subir na moto, sua cabeça parece “Borbulhar” com a cena que acabara de assistir lá dentro. O saque das armas, a expressão de espanto estampada nos rostos dos membros do grupo.... A partir daquele momento, ele começa a refletir e, ao mesmo tempo, associar o ocorrido com comentários já ouvidos de que o grupo o havia traído.

Descobre que o “cara” da moto era mais do que um simples conhecido, ou melhor, era uma pessoa com quem poderia contar para articular uma possível revanche ao grupo: imediatamente planeja absolutamente tudo. Ao iniciar seu plano, oferece ao conhecido, uma parte do dinheiro e, em troca, ele deve confirmar, para o grupo, que eles tinham sido interceptados pela polícia e esta havia tomado todo o dinheiro. E assim *Robin Hood* prossegue com seu plano. Quando o grupo veio atrás da parte do dinheiro que caberia a cada um, ele conta a história já combinada. Como era de se esperar, a história não se sustenta, pois muitos detalhes ficam sem respostas. Como ser interceptado, sem ser preso? Por que levaram apenas o dinheiro? Onde estavam no momento da interceptação? Com tantas lacunas na história inventada por ele, era impossível sustentá-la por muito tempo. Logo sua astúcia cai por terra, seu comparsa na fuga e que fora pago para mentir sobre o destino do dinheiro, não resiste e revela ao grupo, sob pressão, que toda a história havia sido uma criação de *Robin Hood*. Tudo que parecia perfeito, para ele, desmorona-se:

Robin Hood: [...] quando a galera veio atrás de mim para querer tomar o dinheiro, eu sabia que eles iam querer me matar. Aí o que eu fiz? “Ah, eu estou com a vantagem, o dinheiro está comigo.” Eu levantei minha própria gangue, entendeu! Levantei uma galera de oito pessoas, de oito a sete pessoas, mas eram só sete contra onze, eles podiam

arrumar mais lá, mas essas sete pessoas eram cada uma com duas armas, não tinha vaga não. Rapaz eu queria que você visse, eu era criança ainda, eu sou magro mesmo um pouquinho.

Robin Hood instala um conflito com seus pares, quando toma para si o lucro do assalto realizado e, para o grupo diz ter sido interceptado pela polícia durante a fuga. Frente a isto, sua opção é clara, prosseguir correndo risco e, desta vez, escolhe enfrentar o grupo do qual fazia parte, aliando-se a outros jovens, porque já se considerava suficientemente preparado, mesmo preferindo afirmar ser ainda uma criança. Perplexa com sua revelação de que era ainda criança, intempestivamente indaguei-lhe:

Lila: Tu tinhas quantos anos?

Robin Hood: Nessa aí eu tinha 15 anos, 17 por aí. Não faz muito tempo não, [...]. Aí o que aconteceu? Quando eles vieram, eu já sabia a quantidade de armas que eles tinham, sabia os canais... Criaram uma cobra e a cobra era eu. Já estava bem criado. Já sabia como tudo funcionava, a própria galera que distribuía tráfico para a gente [...], confiava mais em mim do que no próprio líder. Essa galera me deu mais livre acesso, ficou mais fácil o acesso, quando eles foram atrás de mim. Eles desceram daquele carro tudo com arma na mão, enquanto eles puxavam uma, nós puxávamos duas armas, enquanto eles davam sete tiros, a gente dava quinze, ficou esse conflito. A gente botou todo mundo para pegar o beco mesmo.

O fragmento da narrativa acima é ilustrativo do modo como ele passa a enfrentar os perigos postos a partir da escolha pelo rompimento com seus pares. Entretanto, mesmo com toda esta ousadia para desafiar quem até bem recentemente era considerado aliado, ele não suportava a idéia de a mãe vir a saber das suas formas de ganhar a vida. Causava-lhe sofrimento ver tanto dinheiro em mãos e, ao mesmo tempo, saber que tantas outras pessoas, inclusive sua mãe, enfrentavam dificuldades semelhantes àquelas anteriormente experimentadas por ele. Então, por que e para que permanecer arriscando-se naqueles afazeres que só lhe causavam tensões, assombros e sofrimentos? A resposta a esta indagação é difícil de ser dada, em virtude da tensão que passou a fazer parte da vida de *Robin Hood*, após tomar a decisão de confrontar o grupo, estabelecer vínculos como outro grupo e continuar se arriscando. Ao que parece, pode-

se concluir que ele convivia, em certa medida, com a iminência da morte que rondava sua vida, a ponto de ter que permanecer sob a vigília dos novos parceiros. Teve, portanto, que gastar parte significativa do dinheiro que conseguia, com a guarda da sua própria vida, quando tinha que sair em público.

Valendo-me de La Mendola (2005), pude compreender que a escolha de *Robin Hood* em romper com o grupo, não pode ser interpretada como uma incapacidade de saber avaliar as próprias forças. Da mesma forma, não se pode afirmar que ele estava fugindo de uma vida monótona. Pelo contrário, parece-me que ele estava utilizando toda sua experiência para tomar sua decisão e ampliar seus horizontes, inclusive, assumindo as responsabilidades frente ao perigo a ser enfrentado. Não obstante a aparente consciência das responsabilidades presentes nas atitudes de *Robin Hood* em continuar arriscando, a possível segurança material que passou a ter com a ampliação dos lucros, não lhe garantiu segurança efetiva, pois ele vivia com receios da morte.

À época, *Robin Hood* tinha uma namorada, cuja família apoiava o relacionamento dos dois, até descobrir seu envolvimento com: "... essas coisas, porque apesar de viver no gueto, viver na quebrada...", ele se preocupava com sua aparência, a ponto de evitar falar gírias e vestir-se de determinada forma que permitisse às pessoas associá-lo a tais afazeres. Ele achava que, evitando as gírias e outros estereótipos, ocultava da família da possível esposa, tudo o que fazia. Mesmo com toda esta precaução, ele continuava arriscando, mas tencionava redefinir suas práticas ilícitas. A namorada sabia das suas atividades e os dois há algum tempo vinham planejando sua saída, conforme afirma ele: "[eu] ia sair dali para eu viver, criar mesmo uma família". Um dos fatores que o fortalecia nesta direção era o nascimento do primeiro filho, quando ele tinha por volta dos dezessete anos. Sua namorada havia engravidado no início do relacionamento, mas quando o pai dela descobriu que *Robin Hood* tinha envolvimento com práticas ilícitas, tirou-a do convívio com ele, mandando-a viver em outra cidade. Repentinamente, ela desapareceu da vida dele, levando por terra todos os projetos de constituição da sua família, os quais o fortaleciam na

direção da busca de novas relações. Entretanto, depois de certo tempo morando em outra cidade e sem fazer contatos, ela procurou por ele afirmando ter feito um aborto. Seu desespero foi tamanho a ponto de ameaçá-la de morte. Aqui aparece com muita clareza a impossibilidade de uma mulher escolher seu destino: o pai decide para onde ela vai; o namorado a ameaça de morte, porque fez um aborto... etc. E não apenas isto, *Robin Hood* aprofundou suas *desventuras*, talvez como forma de punir-se pela possível perda do filho:

Robin Hood: Aí, quando ela viu que eu estava bem perdido mesmo, ela me procurou, (essa moça né?). Quando eu a vi, ela já estava com a barriga aparecendo. Aí ela disse que estava grávida: “Não, não abortei não e tal”, aí eu “Também não é assim não, vamos fazer exame para saber quantos dias você está grávida e tal.” E fomos fazer e bateu realmente os dias em que eu estava com ela. Porque a minha idéia é que ela podia ter ficado com outra pessoa, sei lá. Eu mesmo não confiava em ninguém. Aí quando eu descobri que ela não tinha abortado mesmo, que era verdade, que o filho era meu, foi a maior felicidade do mundo.

O sonho de constituir uma família é novamente realimentado ante a iminência do nascimento do filho. Frente a isto, os riscos que corria passam a ter uma dimensão de perigo, sobretudo de morte, que sobressaem à segurança material e financeira proporcionada pelos lucros com as práticas ilícitas. No dia do nascimento do filho, *Robin Hood* estava exatamente refletindo sobre isto:

Robin Hood: [...] [o] risco de perder a minha vida, porque não contava nos dedos nem dos pés, nem das mãos de gente que queria me matar. Aí quando eu cheguei no meio da ponte, olhei para o rio assim, deu vontade de pular nele. Aí o celular tocou e disseram: “Oh, é homem, teu filho nasceu, é homem.” Eu chorei de medo e puxei as duas armas que estavam na minha cintura e joguei dentro do rio. Não pensei nem duas vezes, joguei e fui caminhando para a maternidade a pé mesmo, correndo o risco de alguém me pegar. Acreditei na sorte e fui a pé até lá. Isso era por volta de doze e meia, uma hora. Eu fui chegar lá eram duas e trinta e tal; fui ver meu filho já de manhã, e isso daí foi muito louco mesmo [...].

Robin Hood fala daquilo que La Mendola (2005) reconhece como sendo características das experiências de risco: “Junto com a dimensão do

perigo, é preciso examinar as dimensões que conferem o sentimento de segurança.” Por isto, mais uma vez *Robin Hood* coloca-se a necessidade de avaliar as próprias forças para permanecer arriscando. Desta vez, condicionado pela existência do filho, ele passa a buscar saídas, não apenas para reduzir os perigos enfrentados ao arriscar-se, mas para deixar de se arriscar. *Robin Hood* não estava mais apenas ante o perigo da morte — mesmo porque este perigo não lhe causava assim tanto medo — agora, ele estava frente ao perigo de perder a convivência com o filho.

Evidentemente, em menor ou maior grau, foi a possibilidade de viver a paternidade e constituir uma família que fez *Robin Hood* traçar outros caminhos em direção a deixar de se arriscar nos moldes que vinha fazendo. A partir de então, passa a pensar na segurança do filho, tendo isto como um dos motivos para uma possível nova vida. Esta decisão foi enfrentada com muita dificuldade, porque os antigos parceiros não eram, de fato, parceiros na medida em que *Robin Hood* acreditava. Pelo contrário, apenas o utilizavam pelas circunstâncias etárias e pelas suas habilidades intelectuais para idealizar os afazeres previstos pelo grupo. A decisão de *Robin Hood* marca o início de uma luta espantosa para se libertar do grupo e, sobretudo, dos afazeres ilícitos. Mas, como era de se esperar, ele perdeu a batalha, embora não tenha perdido a guerra. Todavia, tal decisão significou um novo curso na vida dele, marcado pelos conflitos com os grupos. Isto significou, também, certa “Retirada de cena”.

Mas os riscos foram enfrentados de forma diferente por outros jovens. Com *KL*, por exemplo, ocorre exatamente quando ele se lança para o trabalho. Da mesma maneira que *Robin Hood*, *KL*, ao sair de casa para trabalhar, amplia seu horizonte geográfico, na medida em que passa a transitar por diferentes lugares do bairro. Mas, também, com isto, adquire certa autonomia financeira proporcionada pelo acesso ao dinheiro obtido como vendedor ambulante.

O fato de ter uma individualidade desenvolvida de modo mais satisfatório permitiu-lhe andar com mais desenvoltura no bairro e, posteriormente, fora dele, bem como o dinheiro que lhe possibilitara comprar suas próprias coisas. Isso fez com que *KL* adquirisse mais

segurança para tomar suas próprias decisões acerca de onde ir e do que fazer, a ponto de decidir deixar de estudar. Na escola, ele e um dos irmãos eram considerados os “terrores” levando o(a)s outro(a)s aluno(a)s a se sentirem ameaçadas por eles e a escola a recorrer à Divisão do Menor⁴¹, para tentar conter os conflitos que provocavam naquele espaço.

É assim que, quando *KL* tinha quinze anos, o espaço da escola já não era mais o único para a realização de suas *desventuras*, mesmo porque a autonomia financeira adquirida desde cedo havia lhe proporcionado experiências de riscos, conforme expresso na sua narrativa: “... aí eu estava do lado errado, estava naquela de briga de gangues, ninguém podia me olhar de modo diferente que eu já tava brigando com todo mundo, me drogava junto com a galera...”. Efetivamente, ele já tinha constituído a rua como um espaço privilegiado de circulação, não apenas para o trabalho durante o dia, mas para as saídas, às escondidas da mãe, durante a noite.

A relação com a “galera” e o conseqüente uso de “drogas” são experiências que foram entrando na vida de *KL* sem que ele se desse conta das conseqüências. As tentativas de ganhar a própria vida para romper as barreiras financeiras que assolavam a ele e a sua família, proporcionaram-lhe, também, viver estas outras experiências. A segurança esperada por meio do trabalho se revertia em perigo, em razão do *emponderamento* proporcionado por sua inserção na “galera” e pelo uso de drogas.

No que se refere ao trabalho precoce em Teresina, vale acrescentar que há particularidades decisivas para a permanência de jovens na prática do mesmo, sobretudo por dois aspectos. O primeiro circunscrito à tradição dos pais de repassarem, sobretudo aos filhos do sexo masculino, o ensinamento de uma determinada atividade laboral, em especial, aquela que garante o sustento da família. O segundo aspecto refere-se ao fato de os pais mandarem o(a)s jovens das pequenas cidades para as maiores, com o objetivo de garantir-lhes os estudos. A maior parte desse(a)s jovens que migram para as cidades maiores são normalmente inseridos no trabalho doméstico e o pagamento é a hospedagem, a alimentação e o

⁴¹ A Divisão do Menor foi a primeira delegacia especializada no atendimento a crianças e adolescentes em conflitos de toda ordem.

consentimento para freqüentar a escola pública. Em geral, o destino é a casa de um compadre da família ou do dono da terra na qual os pais são agregados.

KL não era migrante, embora sua família tenha sido. Ele nasceu em Teresina. Sua inserção no trabalho fora facilitada, sobremaneira, pela produção de mercadorias, como dindins, espetinhos de carne e batatas fritas, pela mãe, em casa. Além disso, o trabalho de *KL* era fortalecido pelos moradores do bairro que se envolviam na atividade pesqueira, recorrendo às crianças e aos jovens como vendedores. Na região onde ele mora, localizada no Bairro Poti Velho, o peixe sempre foi uma mercadoria bastante acessível, não apenas na época em que *KL* era criança, há cerca de 15 anos atrás, mas também, nos tempos atuais. Por isto, é bastante comum, ao se circular pelo bairro, encontrar crianças e/ou jovens com bacias de peixe na cabeça a comercializá-los.

Como se pode ver, o fato de *KL* ir para a rua trabalhar, não lhe deixou isento de viver experiências com outros jovens que já experimentavam o vício das drogas. Todavia, sua inserção no trabalho era considerada necessária, pelo fato de precisar complementar a renda familiar. Aliás, a mesma argumentação utilizada por *Robin Hood*, para se inserir no mundo da criminalidade.

Vale destacar que, no caso de *KL*, a ida para o trabalho, não significou o não trabalho dos pais, conforme comumente se propaga. Porém, sua ida para o trabalho, significava a existência de mais pessoas trabalhando na família. Entretanto, por vezes, em virtude de os outros membros da família não encontrarem trabalho, *KL* era o único que trabalhava, sendo o dinheiro que ganhava a única fonte de sustento da mesma.

Além de tudo isso, o ganho que *KL* tinha por meio do trabalho servia também para a realização de algum desejo material que não poderia ser atendido pelos pais, conforme argumentado no trecho da sua narrativa a seguir:

KL: [...] eu via que o que o meu pai e minha mãe ganhavam não dava para me dar aquilo que eu queria. Então eu tinha

que trabalhar para ajudar eles e para que eu conseguisse aquilo que eu estava querendo. Por exemplo, eu estava afim de uma camisa da moda e meu pai não tinha condição de me dar. Eu tinha que trabalhar para comprar aquela camisa e dar algo para eles também.

Experiência singular, obviamente. O que não impede de ver que a ele também foi imposto o modelo do mercado: o consumo.

Ao olhar para o passado, *KL* assume sozinho a responsabilidade pela decisão de trabalhar. Entretanto, embora este seja o seu argumento, pude compreender que não se tratava de uma decisão. Existia, obviamente, uma série de necessidades enfrentadas cotidianamente no âmbito familiar, que a indisponibilidade de uma rede pública e/ou privada de proteção e promoção social, fez sua família valer-se dele, como uma das possibilidades para complementar a renda.

Muitas vezes, a alternativa de colocar os filhos mais velhos desde cedo para vender “qualquer coisa” é tomada como de caráter temporário, “enquanto as coisas não melhoram”. Sobre isso, quando indaguei a *KL* sobre a posição da sua família frente à sua situação de trabalho, ele prossegue:

KL: Não, reclamavam..., depois que eu terminei a quarta série e fui fazer a quinta série..., foi no tempo que estava passando uma dificuldade grande lá em casa. Aí eu quis parar de estudar para trabalhar e eles não queriam que eu deixasse e mesmo assim eu tive que optar por parar de estudar mesmo e trabalhar.

Desta forma, o perigo de deixar de estudar é assumido como opção pela possibilidade de segurança que o trabalho tinha para a resolução dos problemas imediatos de ausência material. Por esta via, ele é assumido como sendo de caráter temporário e na forma de *bico*⁴². Todavia, à medida que *KL* prosseguiu narrando sua história, percebi que o que deveria ter caráter temporário torna-se definitivo, levando-o a conduzir os estudos formais, estes sim, de forma temporária.

O tempo passava e *KL* continuava arriscando-se na companhia da

⁴² Para uma melhor compreensão sobre a questão do trabalho em forma de *bico*, ver Reis, 2004.

“galera”. Na “galera”, certamente, elevaram-se as oportunidades de riscos de *KL*. Cada vez mais autônomo em relação à família a convivência com os pares permitia-lhe segurança para sair à noite e circular pelas festas do bairro. Porém, é de se supor que a saída para a rua não se prendia apenas ao divertimento, mas foi utilizada para enfrentar riscos, principalmente, por três razões. Uma primeira, refere-se às desconfianças da mãe em virtude das suas constantes saídas, sinalizando preocupações com a perda de controle sobre os afazeres do filho, visto que ele já vinha evidenciando comportamentos estranhos. Uma segunda razão diz respeito aos comentários dos vizinhos sobre sua conduta. Nos arredores da sua casa, ele era conhecido como o “pilantra”, adjetivo até hoje difícil de ser redefinido pelos vizinhos, mesmo com toda a mudança de rumo que *KL* diz ter dado à sua vida, afastando-se do grupo do qual fazia parte e deixando de usar drogas. Uma terceira razão está relacionada ao envolvimento de *KL* com as “brigas de gangues”. Em geral, tais brigas são motivadas pelo controle de territórios.

De fato, estes eram sinais claros do que resultara a experiência social de *KL*, na rua. Isto pode parecer um tanto surpreendente para um jovem que então tinha a rua como um horizonte para resolver, pelo trabalho, suas necessidades materiais. Entretanto, a aflição da mãe em acompanhar os passos do filho; o adjetivo utilizado pelos vizinhos e o envolvimento com as “gangues”, eram demonstrações de que o trabalho na rua tinha proporcionado espaços a *KL* para seguir outros caminhos. Ele só se deu conta do que poderia resultar sua vida, quando certo dia, nos festejos de São Pedro, na praça do bairro, ele enfrentou um grupo rival para defender um amigo e, durante tal enfrentamento, o irmão foi “... esfaqueado na [sua] minha frente...”, levando-o a concluir que “... aquela vida não dava certo.”

Mas, o fato que mais deixou *KL* perplexo foi a permanência de algumas horas na delegacia quando ele foi preso a primeira e única. Esta experiência o deixou desapontado frente à sua tentativa fracassada de “apenas” proteger um amigo das pancadarias e lhe resultou o resto de uma noite na delegacia. Vejo um jovem ser preso em praça pública, com as pessoas assistindo sua saída no “Camburão da Polícia”. Neste instante

podemos imaginar a cena diante de nossos olhos: a mãe impaciente com o não retorno do filho para casa. Enquanto no distrito policial, *KL* madrugada a dentro a espera de um membro familiar – no caso a mãe – para providenciar sua liberdade. O drama de *KL* já não era apenas seu, agora fazia parte das preocupações de sua mãe.

Essa experiência fez com que *KL* se deparasse frente a frente com o perigo da morte e, portanto, pensasse no risco que correria, se continuasse saindo e realizado as mesmas práticas. Depois de algum tempo recluso⁴³ em casa, ele resolve retornar a vida normal significou outros rumos, conforme será explicitado no item a seguir.

Segundo La Mendola (2005), nos vários comportamentos de risco, parece ser possível identificar uma demanda implícita por responsabilidade, mesmo naqueles aparentemente mais irresponsáveis. De fato, uma análise da narrativa de *Mano Brown*, evidencia uma série de experiências de risco, em que a demanda por responsabilidade sempre esteve presente.

No caso de *Brown*, esta demanda por responsabilidade tinha por trás, em certa medida, a presença violenta do pai em casa e, a conseqüente irresponsabilidade do mesmo em subsidiar material e afetivamente a família. Por isto, seus primeiros riscos tinham implícita a necessidade de fugir de casa, para não assistir aos constantes espancamentos que a mãe sofria quando o pai chegava bêbado. Tal experiência o deixava impotente para enfrentar o pai, porém, cada vez mais potente para interagir com outros jovens dos arredores de casa, com os quais construía suas *desventuras* em direção a acontecimentos que tramavam seu fracasso. Conforme Pais (2001), tramando o destino, se possível, antes que este o trame.

Suprimir pequenos objetos da vizinhança já era uma prática recorrente na vida de *Brown*, desde a infância. Conforme os anos se passaram, tal prática foi se distanciando do que deveria ser uma simples aventura, marcada pelo constante desejo de viver novas experiências em grupo, tomando uma complexidade a ponto de *Brown*, por volta dos 14

⁴³ As experiências de reclusão de *KL* e dos demais jovens, serão tratadas no próximo capítulo.

anos, ser abordado⁴⁴ pela primeira vez. Naquele momento, ele estava circulando com seu grupo, por um bairro distante daquele onde morava e, segundo ele:

Mano Brown: [...] eu estava andando lá no [bairro], estava jogando umas ondas lá com o cara... fazendo pipa, para os caras ..., [quando] os homens chegaram, abordaram... Eu estava com uma balinha de coisa dentro do bolso, soltei e eles nem acharam... Acho que foi alguém que ligou para eles... [peguei] [...] um pau. [...]. E eu: “É moleque!”. Cheguei em casa a mãe perguntou: “O que foi?” e eu: “Não, foram os malandros que me pegaram na rua.”

Exatamente assim, *Brown* experimenta um acontecimento que resulta numa das suas primeiras *desventuras*, conforme expressa na sua narrativa:

Mano Brown: O que aconteceu? Nós fizemos uma ação lá no Lourival Parente [...], fizemos uma parada lá. Roubamos um DVD, um vídeo game play station, dinheiro, roubamos até revólver que o cara tinha guardado em casa, dinheiro, ouro, vixe! nós estávamos parecendo dois viajantes, cada um com uma bolsa de viagem na garupa da bicicleta e duas mochilas nas costas. A casa caiu, o moleque foi preso, me cagüetou, destino? CASA [Centro de Apoio Social ao Adolescente], certo! A lei da favela é essa: se você apronta só tem dois caminhos: morte ou cadeia. Porém, deu pra mim cadeia, o que aconteceu? Fui preso, passei um bom tempo lá e tal, oito meses [...].

Porém, o que ele não contava era que uma destas “paradas” significaria uma mudança de rumo na sua vida: oito meses de reclusão no CASA.

Sem dúvidas, as modalidades de ingresso em percursos de risco, experimentados por *Brown* têm características de maior destrutividade. Tal afirmação tem por base a diversidade e a *complexidade dos desafios em jogo e dos fatores envolvidos nas dinâmicas do risco*. Segundo La Mendola (2005), os fatores “próximos” são aqueles ligados às interações com as demais pessoas significativas - adultos ou jovens - com as quais os protagonistas se defrontam. Existem ainda os fatores “distantes”, como os

⁴⁴ Significa ser indagado em via pública, pela polícia.

sistemas simbólicos de atribuição de valor e os procedimentos sociais de atribuição de sucesso.

Na narrativa de *Brown*, os fatores próximos não são referidos, apenas os “distantes”, os simbólicos, que obriga um jovem a se arriscar com um desconhecido, somente para mostrar e construir sua identidade de homem de verdade. Porém, o ódio era tamanho que tinha sua face na memória, a ponto de reconhecê-lo quando circulava próximo à sua residência. Com todo esse ódio, decidiu e planejou defrontar-se com essa pessoa na casa dela:

Mano Brown: Não, a gente estava esperando ele chegar, na hora que ele chegou nós [o] abordamos [...]. Abordamos no sufoco... penou, comeu o pão que o diabo amassou, mas também quando ele me pegou, humm! Tenha piedade de nós... a salvação minha, foi que a coroa acreditou e foi rápido ... me levou logo para [...] o Conselho Tutelar... Bateram em cima, nós estávamos lá dentro de um lixão, eu dentro de uma cova e o meu parceiro [...], nós dois menor de idade... Até aí tudo bem, o que tinha para rolar, rolou!

O que eu vejo aqui é a luta acirrada pela construção de identidades de machos. Não precisa motivo real. Só a ameaça de parecer frouxo é suficiente para que ele o espere perto de casa. Portanto, seu objetivo não era assegurar qualquer benefício para sua vida, mais vingar-se de uma situação vexatória que havia experimentado durante uma “batida policial”, em que fora abordado em plena praça pública por ter sido confundido com um drogado. Mesmo sem ter sido encontrado nada com ele, ainda o espancaram: “... [leve] um pau, não me pegou com nada e quase me mata.”

Sem sombra de dúvidas, ao planejar a vingança, ele não avaliou a possibilidade de um dos seus pares ser preso e revelar que ele havia sido o mentor da atividade. Evidentemente, acredito que mesmo que ele tivesse avaliado todas as possibilidades de insegurança, o risco de ser apreendido como protagonista da atividade continuaria. O que me interessa ressaltar aqui é que a revelação do parceiro de *Brown* de que ele era o protagonista da atividade, proporcionou-lhe uma longa experiência de reclusão, na qual, os riscos estavam fora do controle e a segurança era uma questão de sorte.

Mesmo estando “protegido” pelo Estado, *Brown* e seus companheiros do pavilhão, corriam risco de morte . Utilizando a linguagem dele, de ser “atropelado”, de ver passar o “trem”, o “metrô” sobre si. Mas *Brown* experimentou silenciosamente a passagem do “trem” que, segundo ele é:

Mano Brown: Ser atropelado é o metrô chamado, o trem. É dia de trem meu amigo, no Pavilhão, fica todo mundo calado e quando pensa que não, é só o cara apanhando e ninguém sabe porque... Eu apanhei porque [...], meu parceiro, que se dizia né! Além dele ter sido preso primeiro na parada que eu falei lá do [bairro], e ter me entregado, quando ele chegou lá disse que fui eu que caguei ele e aí tá ligado? A lei da cadeia é essa, cagüete [alcagüete] e esturador é o mesmo caminho [por isso ele foi] atropelado, fui. [...]. A galera depois chegou para mim: moleque você está assim porque apanhou. Não doido.

Brown não apenas experimentou silenciosamente, mas guardou para si toda a dor física e psíquica vivida em decorrência do espancamento e da traição do parceiro. Quando os outros companheiros de cela lhe perguntaram se seu silêncio era resultante de algum espancamento, ele negou: “Não, doido!”. Isto pode ter ocorrido porque ele não quis arriscar-se a ir contra as regras do jogo vigentes lá dentro. As informações sobre as mesmas lhe haviam sido repassadas por outro jovem:

Mano Brown: Sabendo que lá no meu setor tem um chegado [...], [que] chegou e me deu a idéia: “Olha aí moleque é o seguinte: “a galera vai te atropelar. Você é meu chegado lá de fora. Mas eu vou ter que te atropelar também porque, senão, o próximo vai ser eu. Vou ao menos fingir que estou te batendo”. E aí eu: “Não, está valendo moleque. “O respeito prevalece”. Aí eu perguntei: “Porquê?” “Não posso dizer isso não”. E aí eu “[...] lá no meu cantinho fingindo que estava lendo um livro, olhando de canto de olho para todo mundo, só maldando e pensando ... o que eles quiserem comigo, eu quero o dobro.” Rolou, rolou ... quando eu olhei para um lado, olhei para outro. Parecia brincadeira de cirandinha, duas filas me cercaram e só eu no meio para dizer qual era o anel mais bonito e dizer uma frase. Olhei ao meu redor todinho e procurei só o mais fraco e eu disse: “É aquele ali que vai levar uns murros meus também. [...] fui para cima dele sem dó, nem piedade. Eles não tiveram piedade comigo também. Foi pau, cara. Passei três dias dentro da cela tomando sossega leão porque não agüentava nem as dores. Todo roxo! Até aí tudo bem, levei um pau, apanhei, não tiraram minha vida, [que é] meu bem mais valioso.

A força do modelo tradicional de identidade masculina dominante é tamanha que nem a amizade pôde impedir que a hierarquia e a violência prevalecessem.

Valendo-se das informações disponíveis, ele avaliou que suas possibilidades de afirmação e de sobrevivência eram mínimas no limite da reclusão. Por isto, preferiu não arriscar a própria vida desconsiderando as regras do jogo. Parece ter refletido que estaria, mais uma vez, confrontando-se com as certezas de ser instado a fazer as coisas de um modo ou morrer. Para reafirmar tais posições, vejamos um trecho da narrativa de *Brown*, em que ele descreve o tratamento dispensado àqueles que infringem as regras:

Mano Brown: A primeira coisa que os caras fizeram foi só dar uma taca nele. Até aí tudo bem. Mandaram ele para fora do pavilhão [...], foi para o II⁴⁵, chegou lá no II os caras quase matam [ele]. Foi para o III, dos estupradores, chegou lá no III caiu num cara lá que nem estuprador era e ele queria comer o cara⁴⁶ à força, levou um saravá. Foi para o IV [...], na hora que chegou lá os caras pisaram na cabeça dele que abriu uma brecha na testa, que pegou mais de 25 pontos; a quina da quadra lá mais alta, o piso mais baixo, botou a cabeça dele assim em cima, pisaram em cima que abriu. A parte do couro cabeludo dele subiu para cima [...].

Os meses foram passando e as experiências que *Brown* vai vivendo no CASA vão lhe evidenciando fortes indícios de que era necessário repensar suas práticas. De certa forma, ele ficava apavorado com as agressões que os colegas do “Pavilhão” sofriam. Quando mais assistia às agressões contra aquele que havia revelado toda a informação que resultou na sua reclusão — o que na linguagem deles era considerado um “cagüete”—, mais passa a entender como o silêncio era importante ali dentro.

De certa forma, esta era uma lição que servia para todos aqueles que experimentassem quebrar o silêncio, frente a assuntos que pudessem complicar mais ainda a vida de qualquer um deles. Manter-se em silêncio

⁴⁵ Os nomes atribuídos aos pavilhões são fictícios.

⁴⁶ Mais uma vez a guerra por territórios de masculinidade. A demonstração maior é esta: “querer comer o cara”.

sobre o espancamento que sofrera, foi o primeiro sinal de que ele havia compreendido como se comportar ali dentro.

Por outro lado, parecia envergonhado com o sofrimento que estava fazendo a mãe passar. Segundo ele, ela estava definhando. A cada visita que fazia, demonstrava não suportar mais vê-lo ali dentro: “[...] cada dia que passa, que eu vejo minha mãe, ela está sofrendo, emagrecendo, está morrendo aos poucos.”

Outro forte indício de que *Brown* estava cansado daquelas práticas ou, pelo menos, de estar ali dentro, foi o fato de ele mesmo achar que merecia uma oportunidade na vida e, que se esta lhe fosse dada, ele pretendia fazer diferente do que vinha fazendo até então. A demonstração dessa intencionalidade pode ser observada no trecho exposto a seguir, quanto *Brown* escreveu uma carta pedindo a uma autoridade judiciária que conceda sua liberdade:

Mano Brown: [...] eu coloquei assim: “E aí doutor juiz... [...] Sei que não estou sendo bem educado na carta mas com a cabeça que o cara tem aqui dentro não pensa muito bem não, entende? Mas quero fazer um apelo, se você pudesse dar um jeitinho para olhar mais meu processo: réu primário, primeira vez que eu fui preso, já estou com oito meses no veneno. Cada dia que passa que eu vejo minha mãe, ela está sofrendo, emagrecendo, está morrendo aos poucos. Essa vida eu sei que não dá mais para mim não. Eu só quero que me dê uma oportunidade e tal. Talvez... talvez eu possa até voltar, porque o mundo dá muitas voltas. Lá fora a coisa é muito difícil. Não posso prometer ao senhor que nunca mais vou voltar, se eu não sei o dia de amanhã, [mas] rapaz se você me desse essa oportunidade eu agradeceria.” [...].

A intenção de *Brown* era sair dali, também com todo aquele tempo recluso, quem sabe talvez já tivesse perdido a noção do tempo e as referências da vida além muro. E, o que posso deduzir da sua narrativa, aquela era uma das poucas possibilidades que via pela frente, por isto resolvera investir. Depois de um tempo, cerca de dois meses, para sua surpresa e de todos aqueles que haviam criticado sua tentativa de apelo, foi posto em liberdade. Ele nem acreditava, mas enfim, ia passar seu aniversário em casa.

Mano Brown: Eu [...] mandei uma carta para o juiz, expliquei né cara! ele só leu e sorriu, pode crer. Dia 5 de dezembro

fiquei pensando “É, meu aniversário é no dia sete, vou passar meu aniversário aqui na cadeia”. Dia 6 de dezembro chegou o capitão: “Ajeita tuas coisas aí, teu alvará está aqui”, no dia seis de dezembro. Um dia antes do meu aniversário, umas cinco horas da tarde, cheguei em casa era seis e meia.

É *Mano Man*, o último personagem do sexo masculino a ter alguns aspectos sobre suas experiências de risco aqui abordados. Na história deste jovem a referência ao risco aparece, quase sempre, vinculada ao grupo de amigos e, sobretudo, ao envolvimento destes com práticas ilícitas:

Mano Man: [...] na minha adolescência, eu vi que vários amigos meus já partiram para um lado diferente do que o que eu estou seguindo. Vários amigos meus já estavam envolvidos com a droga, com crime... Na roda que eles estão só se fala de roubo, de droga e roubo, roubo e droga. Aí eu vejo assim, os pais desses meus colegas, ficam praticamente inocentes do que os filhos estão fazendo [...]. Então, eu vejo esse lado aí que eu estou tentando me sair desse lado e estou conseguindo sair. Eu não vejo esse lado do crime assim uma coisa que vá compensar: “Não, eu vou ganhar dinheiro fácil, não sei o que... vou comprar tudo o que eu quero”. Você vai se envolver com crime vai sobrar na cadeia, na prisão, na jaula. [...]. Então, minha adolescência sempre foi trilhada para esse movimento aqui, o movimento ele vai na cabeça do adolescente que aquele lado ali não tem nada a ver com o que ele pensa.

Pode-se observar que as drogas, o crime e os roubos começaram a fazer parte das experiências de risco deste jovem, por meio dos amigos, já no início da sua juventude. Neste sentido, segundo ele, são as práticas adotadas pelo grupo que o afetaram diretamente, indicando um caminho que ele também poderia ter tomado, caso não tivesse tido outras inserções na vida. Além disto, sua narrativa é plena de angústias e impotências frente ao fato de seus amigos estarem naquele caminho. Embora ele tenha narrado nunca ter se envolvido com tais práticas, era o potencial envolvimento que o deixava aflito. Ao indagar-lhe sobre seu envolvimento, ele responde:

Mano Man: Não, graças a Deus eu nunca me envolvi com droga. Meus colegas já partiram para esse mundo, falavam assim: “Não, vou só experimentar uma vez”, e até hoje estão na droga. Só foi isso aí: “Tu acha que eu vou ficar viciado, é só um pouquinho. Só uma pegadinha e não vou ficar viciado.” Até hoje estão lá nas drogas. [...] Muita gente fala: “Não, é uma coisa besta, eu vou só fumar um pouquinho, eu

paro na hora que eu quiser.” Eles contam: “Eu não vou me viciar não”, e ainda hoje estão. Aí passaram para droga mais pesada: do loló, passaram para a maconha, do loló para o crack, para a maconha, comprimido; famosa aranha. E daí por diante.

De posse desses dados, pude compreender que o aflige não apenas as experiências e as justificativas dos seus amigos mas a possibilidade imaginária de vir a experimentar tal prática. Além disso, sua aflição maior é dar-se conta de que a droga passou a fazer parte das preferências de quase todos os seus amigos e, que eles não se dão conta disso.

Como todos os jovens que se tornaram personagens desta narrativa, *Mano Man*, tinha também, um suporte afetivo que contribuiu, efetivamente para que ele experimentasse outras práticas. Entre seus suportes, a mãe e a avó, foram pessoas determinantes para suas trajetórias de vida:

Mano Man: Dizia[m] [refere-se à mãe e à avó] que era para eu me afastar desses amigos: “Se afaste, é só malandro.” Mas a pessoa, se ela for forte, ela nunca vai cair, porque ela acha que aquela pessoa levou meu filho para o mau caminho... Mas eu acho que isso aí está errado, porque a pessoa só vai trilhar o caminho errado se quiser. Se a pessoa me chama: “Ah! vamos fumar ali...” Eu vou se eu quiser, não vai querer me forçar. Nesse caso, eu tenho uma idéia que a pessoa só vai se quiser. Se for para o mau caminho, vai se quiser.

Entretanto, embora vivesse constantemente na iminência de se envolver com tais práticas, já que todo o seu universo de amigos parecia estar ali submerso, *Mano Man*, considerava-se muito forte para conduzir sua vida, afirmando-se de outras maneiras. Foi exatamente assim, que o encontrei: resistindo, resistindo, resistindo ...

De certa forma, para deixar mais clara a resistência deste jovem, recorro ao imaginário literário. Com este recurso, vem-me em mente a resistência do protagonista de *Vida e Época de Michael K*, romance de J. M. Coetzee. Como sabemos, na narrativa de Coetzee, o jovem Michael K, tentou sobreviver e desconsiderar uma guerra civil. Resistiu ao regime totalitário sul-africano para levar a mãe à fazenda onde nascera, na qual

desejava passar seus últimos dias de vida. Naquela narrativa, K percorre uma parte do país: da Cidade do Cabo em direção ao interior do mesmo, furando os bloqueios policiais, pois sem os documentos que o exército exigia, não poderia ir muito longe. Porém, ele resiste a todos os obstáculos, conseguindo chegar ao lugar de destino. Outra semelhança entre o jovem personagem desta narrativa e o da narrativa de Coetzee é a capacidade comum a ambos de recusar a aceitar as ordens para entrar numa determinada ordem, com o risco da própria morte. É com a não aceitação que ambos enfrentam a realidade hostil que os cerca.

No caso de *Mano Man*, pude compreender que a hostilidade o acompanhava até nos momentos de lazer com os amigos, conforme pode-se apreender a partir da sua reação a continuar no grupo, porém não compartilhando das suas realizações:

Mano Man: Eu me saia!

Lila: Como é que tu te saias?

Mano Man: Eu saia assim [...] Por exemplo, eles me convidavam: “Aí dá um pega aí..., não sei o que” “Rapaz não estou a fim não”. Era no campo de futebol: “Não, tô afim não.” Eu ia era jogar bola, ia me saindo... “Não, vou lá em casa beber água.” Ia me saindo desse tipo [jeito], escapando pelas brechas. Consegui sair e até hoje eles estão no mundo da droga, estão praticando assalto e tudo.

Como se pode observar, jogar bola com os amigos, uma das formas de lazer deste jovem, tornou-se impossível, na medida em que ele toma consciência da finalidade desejada pelos mesmos. A opção de *Mano Man* era por fazer diferente, e por isto encontrava argumentos para livra-se e continuar resistindo. Ao que parece, até hoje continua resistindo, a prova disto é que acaba afastando-se daqueles amigos e inserindo-se em outros grupos, adotando a música como meio de aproximação, conforme poderemos constatar a partir do relato das suas experiências.

Ao final destas referências sobre as experiências de risco dos jovens do sexo masculino, é possível destacar que o direito maior de transitar permitiu-lhes acesso a uma heterogeneidade de espaços que possibilita a produção e a troca de informações, saberes e competências importantes para suas vida.

De posse desta informação, um leitor ou leitora poderia perguntar: “Mas, será que não é igual o direito de ir e vir, entre meninos e meninas?”. Supondo-se que não é óbvia a resposta a esta pergunta, tomo-a como ponto de partida para aprofundar a compreensão e passo, agora, a tratar de forma mais específica, das experiências de risco das jovens *rappers*. Antes, porém, quero fazer algumas considerações com vistas a tornar mais compreensível a forma, encontrada por mim, para apropriar-me das suas narrativas, visando apreender as experiências de risco enfrentadas por elas.

Neste sentido, em meio às histórias de vida das jovens, a **primeira** observação que quero destacar é de que nas suas narrativas as experiências de risco ocorreriam, frequentemente, em outra dimensão espacial, a exemplo da escola e da família. Neste aspecto, existe um interessante indício de distinção de gênero em relação aos ambientes onde as experiências são vividas: enquanto os jovens as viviam no espaço público, tendo a rua como mais recorrente, as jovens tinham o privado como recorrente, sobretudo quando têm a casa como palco das agressões físicas. Esta diferenciação espacial pode estar relacionada ao processo de socialização dos indivíduos, em que claramente são estabelecidos lugares de homens e de mulheres na sociedade e tais papéis são definidos e diferentemente atribuídos às diversas categorias sexuais. Segundo Saffiotti (1999), estes papéis são tão rígidos e naturalmente vinculados, que homens e mulheres os cumprem sem maiores contestações. Nesta mesma lógica, alguns estereótipos como fortaleza, mandonismo, superioridade..., são normalmente vinculados aos homens; enquanto fraqueza, obediência, inferioridade... são tidos como inerentes às mulheres.

Levando em consideração estes e alguns outros elementos presentes nas histórias das jovens *rappers* narradoras, foi possível perceber uma trajetória de vida diferente da dos jovens *rappers*, na medida em que permaneceram mais tempo em casa durante a infância e a adolescência. Essas jovens ficaram em casa, em decorrência da tradição, sobretudo entre algumas famílias das camadas populares piauienses, de que cabe a elas parte da responsabilidade pela realização do trabalho doméstico, principalmente quanto são as mais velhas entre os outros irmãos. Por outro

lado, enquanto isto, aos homens cabe o trabalho na rua. No caso das *rappers*, é possível inferir que suas saídas de casa em direção à rua tiveram como motivações os conflitos com o pai e as violências presenciadas em casa, sobretudo, contra suas mães.

Uma **segunda** observação que me parece pertinente destacar, diz respeito à natureza do risco. No caso das jovens *rappers*, é peculiar uma vinculação entre o risco e a violência física no interior do domicílio, tornando a situação de violência mais difícil de ser apreendida como risco, por dois motivos. Primeiro, por se configurar no espaço doméstico. O doméstico é, geralmente, sacralizado como espaço de proteção familiar, sobretudo das mulheres. Assim, do primeiro motivo emerge o segundo: o reconhecimento dos espaços e/ou situações públicas como campos privilegiados para as práticas de risco juvenis.

Uma **terceira** observação refere-se aos motivos que geram as situações de risco, sobretudo quando estas estão relacionadas ao espaço doméstico. Acerca destes motivos, são comuns os argumentos relacionados às proibições familiares em virtude da crescente busca por autonomia que as jovens vão construindo em torno da constituição das relações afetivas, do usufruto do lazer, da liberdade para escolher lugares de diversão, dentre outros.

Por fim, foi possível observar certa diferença quanto às formas de enfrentamento das situações de risco. Neste aspecto, existe evidência de um confronto com a condição de mulher presente no espaço doméstico e, portanto, a perspectiva de construção de papéis diferentes na família. Evidentemente, tal afirmação pressupõe agir com maior liberdade frente ao pai e aos irmãos. Além disto, experimentar relações afetivas diferentes daquelas vividas pelas suas mães em relação a seus pais. Esta afirmação pode ser constatada, em relação à busca, empreendida por elas, para se libertarem das agressões físicas sofridas em casa, pelo pai e, posteriormente, em relação aos seus pares do sexo masculino.

Nas narrativas das jovens, a busca por maior autonomia, se evidencia a partir dos 14, 15 anos e, caracteriza-se como um período de

muitos conflitos familiares. A origem de tais conflitos estava, geralmente, vinculada às proibições da família contra as manifestações de desejo de namorar, de sair para as festas com os colegas do bairro e/ou da escola, de permanecer nas rodas da praça ou das calçadas com as amigas.

Neste sentido, é emblemática a maneira como enfrentavam todas estas experiências. Nas suas narrativas, a violência era bastante presente e o fato de se posicionarem contrárias a ela acabava resultando em serem postas fora de casa, quando não decidiam sair antes. Acerca da violência física, todas narraram algum aspecto que me pareceu bastante pertinente para compreender que desde a fase de infância elas também sofreram violências e que estas se constituíram em risco, embora tenham ocorrido no âmbito familiar. Mesmo que nem todas tenham vivido na mesma dimensão as mesmas experiências, as observações acima explicitadas, refletem uma compreensão do que aparecem nas suas histórias.

Então, comecemos pelas experiências de *Nega Gizza*:

Durante a infância não [o pai não a espancava], mas depois que a gente começou a entrar na adolescência ele batia na gente. Desde quando ele colocou minha primeira irmã para fora de casa que ele batia muito na gente. [utilizando] facão, corda, pau, fio e ainda mandava minha mãe colocar sal, molhar a gente com água de sal. Eu não gosto dele.

Não é demais lembrar, ao leitor, que o pai de *Nega Gizza* era militar e que os conflitos com ela se repetem como ocorrera com sua irmã mais velha, resultando na sua expulsão de casa pelo pai. Neste sentido, a associação que ela estabelecesse entre o início dos espancamentos e a expulsão da irmã de casa pode estar vinculada a uma demonstração de autoridade do pai para com os filhos que permaneceram em casa, mas, principalmente para ela, que tinha quase a mesma idade da irmã. A diferença de idade entre elas era de apenas seis anos.

Conforme explícito na narrativa da jovem, o pai não apenas demonstrava que a autoridade da casa era ele mas, também, de que forma os filhos deveriam comportar-se. No caso de *Nega Gizza*, os motivos dos espancamentos estavam relacionados a proibições, censuras ...:

Os motivos dele eram assim: a gente não podia passar de dez horas sentados na porta. A gente não podia faltar ao colégio sendo que ele pagava [...] atrasada a mensalidade e a gente não podia entrar no colégio: o que a gente fazia? Ficava sentada na praça esperando um colega sair para poder emprestar o caderno para a gente escrever e aí ele ia ao colégio conversar com a diretora e a diretora dizia para ele que a gente estava faltando. Mas a diretora não sabia porque a gente estava faltando. Ele sabia mas fazia de desentendido e [isto] já era um motivo para a gente apanhar. Conversar com uma colega, até na forma da gente tratar uma colega, chamar de maninha ou botar um apelido ele não gostava. Não gostava que a gente conversasse fazendo mímica porque ele achava que a gente estava fazendo plano para enganar ele. Tudo dele era assim, não era para a gente conversar dentro de casa, nem a mamãe falar com a gente, nem os irmãos conversarem entre [si].

Ao invés de ser amigo e confidente, o pai era hostil para com os filhos, não demonstrando nenhum sinal de afeto. Por isto, as brigas entre eles tornam-se corriqueiras, em virtude de *Nega Gizza* passar a enfrentar sua hostilidade cotidianamente. O tempo passa e ela vê-se cada vez mais vigiada em casa e na escola. As idas do pai à escola dela, parecia não significar a busca para tratar, com a direção, sobre maiores detalhes da educação da filha, mas, havia, pelo contrário, um forte indício de que a vigilância sobre ela havia se estendido ao espaço público. Era em casa que as proibições se tornaram terrivelmente severas, resultando até mesmo no controle da comunicação entre os membros da família: *Nega Gizza* viu-se também proibida de conversar com a mãe e com os irmãos.

A situação foi ficando cada vez mais insuportável, pois as punições corporais foram se diversificando: “[Ele] Fazia a gente ficar de joelhos e batia na gente depois de mais de uma hora”, revelou *Nega Gizza*. Porém, o que mais a revoltava era o total silêncio da mãe, frente às hostilidades do pai. Para ela, a mãe demonstrava medo de intervir em favor dos filhos, conforme explicitado na afirmação da jovem:

Nega Gizza: Porque assim, minha mãe nunca falou nada a favor da gente lá em casa. Meu pai era militar, quando dizia que aquela cadeira naquele dia ia ser uma geladeira, ia ser uma geladeira. Todo mundo tinha que ver aquela cadeira como se fosse uma geladeira. Minha mãe não opinou, não mostrou o seu lado de mulher, não teve força para mostrar que ela era mulher e que ela tinha a opinião dela dentro de casa e que ela queria criar os filhos dela junto com o marido

dela. Colocando a opinião dela para ajudar na criação dos filhos [...] ela se calou! Ela deixou ele levar o barco só para o lado que ele achava que era correto. Aí o que ele fez crescer na gente, foi muita revolta. Eu não gosto do meu pai, acho ele uma pessoa muito errada. Se eu pudesse escolher, não tinha escolhido ele como meu pai, tenho muito desgosto dele. Eu já bati nele porque ele me espancava muito [...] bati nele duas vezes.

Olhando retrospectivamente, ela demonstra que precisava de uma mãe que se posicionasse a seu favor, que amenizasse seu sofrimento e a tranquilizasse pelo menos de que aquela era uma situação passageira. Porém, a mãe permanecia em silêncio naquele momento crucial na vida daquela jovem. Os motivos de tal silêncio não foram explicitados. Entretanto, pelo que posso deduzir, a partir da narrativa da jovem, eles poderiam estar relacionados a dois fatores: às atitudes violentas do pai e ao medo que a mãe tinha de perdê-lo. O certo é que qualquer que fosse a razão, a mãe desempenhava uma função subordinada em relação ao marido, quando se tratava da educação dos filhos. Com o passar do tempo, esse sofrimento transformou-se numa revolta difícil de conter, resultando na troca de agressões físicas entre pai e filha.

O tempo passava e os espancamentos tornaram-se cada vez mais freqüentes, a ponto de ela tomar a decisão de sair de casa:

Nega Gizza: [...] acho que numa sexta série, quando completei 17 anos, eu resolvi sair de casa porque meu pai batia muito na gente, espancava muito. Eu não agüentei mais e sai de casa. Sai numa noite com duas sacolas, sai lá da [Zona Sul] e fui parar lá [para a Zona Norte], fiquei na casa de uma irmã minha. Depois fiquei na casa de um colega, e aí tinha um namorado, a mãe dele me aceitou lá [na casa deles]. Passei um tempo lá. A gente viveu um tempo juntos, fomos para Brasília e chegou lá ele me espancava muito, queria me matar. Fiquei seis meses, aí fugi dele. Peguei o dinheiro que tinha dele lá na casa, peguei minhas coisas, esperei ele sair para o serviço e vim embora para Teresina.

Nega Gizza decide sair de casa, mesmo sem ter bastante ciência sobre o mundo que a esperava lá fora. Para onde ir e o como se manter, podem não ter sido indagações presentes naquela noite, com as sacolas nas costas. Ao sair de casa, o destino foi a casa da irmã, onde permaneceu

por um certo tempo. Em seguida, a casa de uma amiga e mais tarde foi acolhida pela mãe do namorado, com quem passou a viver junto. Eles não se casam formalmente, mas resolvem morar juntos e tentar ganhar a vida em outra cidade, Brasília. É lá que o namorado, após um certo tempo de convivência, revela-se tão agressivo com *Nega Gizza* quando seu pai havia sido:

[...] a gente viveu um tempo juntos; fomos para Brasília e chegou lá ele me espancava muito, queria me matar... Aí eu fiquei seis meses... Aí fugi dele, peguei o dinheiro que tinha dele lá na casa, peguei minhas coisas, esperei ele sair para o serviço e vim embora para Teresina. Meus irmãos juntaram também uma grana para pagar minha passagem [...] Voltei para Teresina.

Mais uma vez, a crueldade do risco apresentava-se no espaço doméstico, tendo como protagonista, e a figura masculina era o protagonista. A diferença é que desta vez era o companheiro no lugar do pai. A jovem estava tão atormentada, que lhe apanha o dinheiro e foge, como se estivesse revoltando-se contra o “destino”.

Ao voltar para Teresina, reinicia seus estudos, mas as dificuldades financeiras permaneceram, levando-a a não ter dinheiro nem ao menos para pagar o aluguel da casa onde morava. Enquanto isso, o ex-marido pressionava-a para que voltassem a viver juntos. Todas estas adversidades a fazem voltar atrás e a decidir viver novamente com o mesmo:

Voltei [a viver com ele] depois que cheguei de Brasília.

Lila: Ele veio atrás de ti?

Nega Gizza: Ele veio atrás de mim; eu engravidei, perdi o nenê, e a gente ficou junto outra vez. [...]. Voltei para o meu ex-marido porque meu pai não me aceitava em casa e eu achei que era só ele quem podia me ajudar... Voltei para ele; aí ele passou um tempo sem me bater, e [depois] voltou de novo.

A jovem avaliou o risco de retornar à convivência com o ex-marido. Entretanto, pelo modo como as coisas aconteceram, será que não lhe restava outra escolha? Desta vez parece que sua avaliação sobre o risco era pouco consistente, pois era difícil que o ex/atual marido pudesse agir diferente. As pesquisas sobre violência indicam que a aceitação de voltar

garante impunidade e ampliação da violência, o que não foi diferente no caso desta jovem, a dominação e a violência foi ainda pior: o sossego que *Gizza* pensava adquirir não se mostrou exatamente como calculara:

Nega Gizza: Aí eu consegui arranjar um emprego no CSG [sigla da empresa em que esta jovem trabalhava] , fiquei três anos. Aí fiquei grávida novamente, esse nenê nasceu, ficou na incubadora e morreu... E esse cara que eu estava com ele levou uma furada na mesma época, eu fiquei ajudando ele e depois que ele ficou bom... Aí uma noite que eu sai, porque ele saía e eu não ia com ele... Quando ele chegava era quebrando tudo... Eu resolvi sair e quando cheguei ele me bateu muito nesse dia. Meu irmão e minha irmã chegaram lá para me ajudar, arrumamos as coisas dele e eu fui deixar lá. Desde esse dia eu nunca mais quis ficar com ele... Me ameaçou de morte, fui na delegacia, registrei queixa e não fiquei mais com ele... Não, porque ele me maltratava demais, me batia muito, jogava muita pedra, quebrava as coisas em casa e eu não tinha apoio de pai e nem de mãe. Eu vi que era eu mesma que tinha que decidir isso. Deixei ele. [...].

Este trecho indica uma excelente descoberta de que o jeito de enfrentar a forma mais grave da dominação é ser um sujeito: “eu vi que era eu mesma que tinha que decidir isso: deixei ele.” Mas, o motivo é o tamanho da agressão: “não, porque ele me maltratava demais.”

Com o passar do tempo, *Nega Gizza* descobre que haviam outras formas de enfrentar as situações de violência sofrida e recorrer à polícia para livrar-se das perseguições do marido. Para além do espaço doméstico, tais perseguições já haviam se estendido aos demais espaços, por onde esta jovem circulava; ela sofrera ameaças nos espaços sociais por onde circulava: escola, trabalho ...

O retorno para o marido, significou, também ficar em casa sem poder sair enquanto ele saía para a rua, acordar no meio da noite com ele quebrando os pertences de casa e, enfim, ser até ameaçada de morte. *Nega Gizza* libertou-se do pai violento e, isto significou ter autonomia para namorar, sair à noite, conversar com os colegas etc, Entretanto, como não pensar que sua tentativa de ter autonomia era uma das causas do comportamento violento do marido? Em toda a história de *Gizza*, existem evidências de que ela já havia adquirido uma autonomia para circular em espaços sociais diversos, um rendimento próprio, aspectos que a

fortaleceram contra a aceitação de relações violentas, sobretudo no âmbito familiar, em que o marido era agora o protagonista.

A autonomia pode ser demonstrada pela decisão de não aceitar a continuação da relação da forma como vinha ocorrendo. Isso fez com que a jovem recorresse à sua única saída: a casa da irmã, visto que o risco era de perder a própria vida. Como se pôde ver, as tentativas de afirmação de *Nega Gizza*, como mulher e os enfrentamentos adotados para viver de forma livre e responsável, mais uma vez são postos por terra. Mais uma vez seu caminho é a casa da irmã. No entanto, as dificuldades financeiras enfrentadas fizeram com que *Nega Gizza*, saísse de casa e:

[...] depois, eu tive que sair de casa de novo; deixei minha irmã com os meninos dela e fui ver o que conseguia fazer. Teve umas vezes que eu fiz uns **programas** para poder conseguir juntar um dinheiro porque os meninos lá dela estavam com fome e eu também estava com fome e não tinha de onde tirar. [...] [Ela fazia] caminhada, justamente para conseguir os fregueses lá na hora.

O uso da metáfora para falar das experiências com a prostituição, indica suas ressalvas a tal prática, mesmo frente às justificativas de que o dinheiro ganho serviria para sanar sua fome e a dos sobrinhos. Ela parecia não vislumbrar outras saídas:

Nega Gizza: Aí eu tive que fazer programas... fiz algumas vezes programas, juntei dinheiro para poder comprar comida lá para os meninos, até que um dia a gente fazendo. [...] Era muito ruim....

Lila: Em que sentido?

Nega Gizza: É muito ruim, assim...

Lila: Tu já estava separada?

Nega Gizza: Estava. Era difícil porque para você conseguir dinheiro dessa forma assim, é ruim... Você se machuca muito, depois você tem que ter sangue no olho mesmo para conseguir fazer, pensar mesmo na dificuldade que está passando.

Mais uma vez, olhando retrospectivamente, ela parece avaliar ter se tratado de um fato que a expôs à violência, não apenas no plano sexual, mas também no da própria vida. Com isto, é importante ressaltar que sua saída não se configura como constitutiva de maior ou menor perigo e,

portanto, mais arriscada. Pelo contrário, ante o abandono pelos pais, ante as constantes ameaças de morte pelo marido, sem trabalho para arcar com o aluguel da casa que morava e ante a fome, o que mais podia buscar? Tudo isto pode ter subsidiado sua decisão para um percurso até então não experimentado, do qual ela se lembra com uma certa resistência.

Da comparação destas histórias, pude compreender que, se para *Robin Hood* era a droga, para esta jovem era a prostituição, uma prática que utilizava para amenizar as ausências de comida. A diferença, porém, está no fato de que as práticas do uso ou consumo de drogas representam um dos aspectos de maior alarde para a opinião pública e para os governantes, com diferentes ênfases, segundo as circunstâncias, os períodos e as épocas históricas (LA MENDOLA, 2005).

Por outro lado, no imaginário social e nas ações governamentais, a prática da prostituição aparece quase sempre vinculada à esfera pessoal e familiar. Os entendimentos assim configurados dificultam a compreensão dos significados dessas experiências para quem as vive, sobretudo com vistas à adoção de mecanismos que superem a barreira do silêncio. *Nega Gizza*, por exemplo, ia à procura dos seus clientes em uma rua bastante movimentada de Teresina. Trata-se do *point* em que, todas as tardes, circula uma grande fração da classe média, para fazer *cooper*. Talvez o fato de tal prática ser vista como pertinente à esfera pessoal e familiar, tenha tornado “invisível” o uso daquele espaço, por esta jovem, para tal finalidade.

Também na narrativa de *Negra Li*, foi possível apreender aspectos do risco, em que o espaço doméstico constituiu-se como o privilegiado para tal enfrentamento.

Nas experiências de *Negra Li*, a figura do pai agressor esteve presente desde a infância. A diferença é que no caso desta jovem, não apenas ela, mas todos os membros da família eram agredidos, conforme afirma:

Negra Li: Meu pai que agredia a gente; eu, minha mãe, meus irmãos, todo mundo lá em casa sofreu isso. Eu já cresci naquela coisa assim de agressão, é tão tal que eu tenho até medo dessas coisas de casamento. [...] Minha mente abriu [...], quando eu comecei mesmo a entrar na minha

adolescência foi que eu fui começar a vê as coisas mesmo. Problemas Sociais, por eu ter passado em casa questão da violência, eu já comecei vê de outro lado que eu poderia mudar, que não era para eu morrer naquilo, que era para eu tomar uma atitude na minha vida: “Mãe a senhora tem que tomar uma atitude na sua vida porque a gente não pode morrer assim[ela falava]”, até quando ela tomou uma atitude também.

Negra Li tinha mais ou menos dez anos, quando afirma ter se dado conta das agressões que o pai fazia à família. Ou, utilizando suas palavras: “Desde [...] que eu comecei a me entender por gente, um ditado popular, que eu tive problemas [em casa]”. Ao se dar conta, ela passa boa parte do tempo insistindo para que a mãe desistisse daquela vida. Neste ambiente familiar, ela também se sentia ameaçada pelas constantes violências do pai. Porém, quando a encontrei para o recolhimento da entrevista, ela já aparentava mais tranqüilidade, pois a mãe tinha tomado a decisão de se separar do pai:

Nega Gizza: O problema era assim, só aquelas agressões [...] aí de uns dois anos para cá que começaram a aumentar, foram, foram... Minha mãe agüentava, suportava, acho que talvez por a gente ser muito criança ainda também, ela foi suportando. Depois de uns dois anos para cá, ela disse que não suportava mais. Eu disse: “ah! a senhora é quem sabe.” Quando eu me lembro, dá tanta vontade de chorar porque é uma coisa que eu sofri muito, e eu fiquei de um jeito que eu não podia vê voz de homem na minha casa que eu já pensava que era meu pai que vinha com agressões. A mãe tinha medo que eu ficasse assim com algum problema na minha cabeça por eu ter passado por isso. Ela dizia que poucas mulheres que passam por isso querem ter a vida assim, casar e tudo. Não acredita porque de tanto eu vê minha mãe apanhando, tinha dia que eu chegava da escola, eu tinha medo... Eu não queria nem mais ir para a escola porque eu tinha medo de encontrar minha mãe morta por causa das agressões. Ela começou a freqüentar a delegacia da mulher... Ela começou... Ela disse: “A partir de hoje eu não vou sofrer mais, e foi”.

Conforme já destaquei logo acima, as experiências de risco das jovens são marcadas pela convivência com situações de violência física dentro de casa, não se constituindo uma novidade, também na vida de *Negra Li*. Entretanto, parece-me que mais do que ser agredida, o que lhe afligia eram as constantes agressões à mãe e sua impotência frente a tal situação. Talvez por isto, ao contrário de *Nega Gizza*, esta jovem não tenha

saído de casa, embora aquele cotidiano hostil e violento tenha sido vivido com uma infinidade de medos, dentre este o de perder a mãe.

É bastante comum entre pessoas que presenciam cenas de agressões a entes queridos, o medo de sair de casa, por considerarem que seu afastamento possa resultar na morte do mesmo. O medo de perder a mãe fez parte das preocupações de *Negra Li*, a ponto de ela resistir ir à escola para não abandonar a mãe, com medo de encontrá-la morta ao retornar para casa. Parece-me que ela achava que com o simples gesto de permanecer ao lado da mãe alimentava sua força para que a mesma saísse daquela situação. Em suma, era o que podia proporcionar-lhe, até porque não tinha mais nada a oferecer, além da sua solidariedade.

Ao contrário da indiferença que tinha a mãe da *Nega Gizza*, frente às agressões do pai para com ela, *Negra Li* ressaltara que sua mãe agia totalmente diferente. Segundo essa jovem, sua mãe conversava constantemente com ela, não apenas para externar suas insatisfações para com aquela vida, mas também manifestava seus receios de que a filha, por acompanhar todo aquele sofrimento, ficasse limitada para a constituição de relacionamentos afetivos. Elas eram muito amigas e me parece que aquela mãe, embora permanecesse naquela relação, quisesse, com a manifestação de suas preocupações sobre a afetividade da filha, também dizer à mesma, que existem formas diferentes de se relacionar. Talvez por isto *Nega Li* tenha se convencido desde o início que o risco que enfrentava ao lado da mãe, mesmo tão doloroso, era passageiro.

No que se refere aos motivos das agressões paternas, também existe uma diferença nas narrativas de ambas: o pai de *Nega Gizza* a agredia como represália devido a suas saídas noturnas; do estabelecimento de relacionamentos afetivos; do bate papo com as amigas nas calçadas de casa, dentre outras. No caso de *Negra Li*, a embriagues do pai potencializava a manifestação de posicionamentos violentos que já existiam na sobriedade. Isto significa que o pai agredia a filha porque era mulher e filha mesmo.... Por este motivo, ao chegar a casa, o pai dessa jovem agredia a todos, inclusive sua mãe. Talvez por isto, *Nega Li* tenha

permanecido ao lado da mãe, mesmo expressando ser tão doloroso viver daquela forma.

Ainda que não seja prudente fazer deduções frente às experiências acima explicitadas, posso pelo menos destacar uma observação que me parece pertinente: existe um forte indício de que estas jovens sejam menos tolerantes ao tipo de relação que suas mães experimentaram. Faço tal observação, por ser recorrente, nas suas narrativas, o reconhecimento da natureza violenta das mesmas. Tanto *Nega Gizza*, quanto *Negra Li*, ao reconhecerem tais experiências passíveis de denúncia, apontam fortes evidências de que não sofreriam em silêncio, embora cada uma, a seu modo, as tenham enfrentado: a primeira saindo de casa e a segunda permanecendo junto à mãe com o intuito de fornecer-lhe apoio. E, todavia, é importante ter presente que determinações diversas fortaleceram suas decisões: o apoio ou não da mãe, irmãos e amigos; a relação com o namorado; a possibilidade de se manter por conta própria. O certo é que *Nega Gizza* saiu de casa e *Nega Li* continuava até o momento da entrevista, ao lado da mãe e dos irmãos, tendo o pai saído de casa.

Conforme explicitado acima, as formas de experimentar o risco se diversificam no contexto doméstico, mas é neste espaço que o enfrentamento das imposições familiares, sobretudo para estas jovens, coloca-se como aspecto importante na presente análise sobre risco.

Na narrativa de *Josy*, o risco tem relevância particular em relação às demais jovens, na medida em que em suas experiências não existe referência a qualquer ódio ao pai em razão de violência. Com o pai, mantinha uma relação de amizade e admiração, conforme afirmou: “[...] o pai sempre foi mais forte para mim, sempre me ajudou, sempre procurou me apoiar e me entender [...]”, mesmo assim, o pai, para ela era um machista. Por esta razão, os conflitos entre os dois começaram quando ela tinha por volta dos catorze anos, pois o pai não via com bons olhos sua paixão pelo futebol:

Josy: Joguei até os catorze anos e já estava ficando com o corpo bonito, mas aí rolava o machismo até do meu pai por que: “Não, mulher não serve para jogar futebol.” De certa forma, a menina que jogava bola em algum campo ... eu no

caso, no campo que fosse, ninguém, nenhum deles viam com bons olhos. E eu por não concordar com certas opiniões, certas atitudes, eu teimava, birrava muito.. Teve uma fase na minha vida que eu fiquei muito rebelde, eu não queria ouvir ninguém, queria que prevalecesse só o que eu pensava, queria resolver tudo no grito. Foi aí que eu me perdi porque meu pai cortou o futebol: “Não vai mais jogar, pronto, acabou!” Para mim foi como se tivesse sacado um braço meu, porque aquilo era o que eu amava, se desse certo ia ser para minha vida toda.

Embora o pai fosse severo para com os gostos da filha, ele não precisava agredi-la fisicamente, pois, a forma como sua família era estruturada, o controle dos afazeres da filha cabia à mãe e aos irmãos mais velhos. Neste caso, os conflitos de *Josy* eram com a mãe e com o irmão. Por ser a mais nova entre os três, os cuidados para com ela eram, conforme afirma, demasiados e, muitas vezes, violentos. O irmão cumpria a função do pai no que se referia às agressões físicas, fazendo-a obedecer as restrições que a família impunha.

Josy amava o futebol, mas não suportava as discussões cotidianas que tinha que enfrentar, em razão da escolha pela bola. Considerava-se psicologicamente sem forças, frente àquela pressão familiar. Mas o que mais lhe causava estranheza era a idéia de que alguém pudesse discordar dos benefícios que o futebol poderia trazer para uma jovem como ela. Mas sua mãe discordava e ela até imaginava saber as razões de tais discordâncias: o machismo! Porém, em que circunstâncias e com base a mãe revelava-se machista? As circunstâncias eram as mais diversas, mas os propósitos eram, quase sempre, as proibições:

Josy: A opressão, aquela militância em casa e eu não podendo sair para qualquer festa, eu digo: “Mãe eu quero sair! E ela: “Não você não vai.” “É festa de escola com minhas colegas”. “Não, você não vai e pronto!”. Namoro! Não posso namorar. Por incrível que pareça até hoje, namoro escondida. Correria! aquele corre, aquele pega não pega, e assim, para dizer “Mãe vou trazer o caboco aqui e tal”, eu não posso. É o que eu falei, eu fiquei revoltada com isso quando o pai cortou o futebol e se ele não tivesse feito, eu ficava com raiva. Eu parei! Cara, eu sentia raiva e se não fosse ele pegando no meu pé, estava por aí de qualquer jeito porque eu não sabia de nada.

A partir deste trecho, é possível identificar impecilhos diversos na relação desta jovem com sua família, principalmente no que refere às experiências de autonomia simbolizada pela saída para o jogo de bola. Nestes termos, a mediação da família contra este ato é realizada em meio a discussões e agressões. No entanto, no caso de *Josy*, era o pai quem silenciava, mesmo porque ele concordava com os encaminhamentos dados pelos outros membros da família. Frente a esta afirmação, uma pergunta é necessária: ante ao papel que a família exercia para manter *Josy* sob controle, era necessária a manifestação do pai?

Heleieth Saffioti (2001) recorrendo ao universo artístico, mas precisamente à filmografia chinesa, tomando como objeto de análise o filme “Lanternas Vermelhas” dirigido por Zhanq Yimou, afirma que o filme apresenta imagens e tramas reveladoras de que para o controle das mulheres não é preciso a presença do patriarca: “[...] para mover a **máquina do patriarcado**, levando à força a terceira esposa, pela transgressão cometida contra a **ordem patriarcal de gênero**.” (SAFFIOTI, 2001, grifo da autora). Ao continuar seus argumentos apresenta mais detalhes do drama narrado na película:

Trata-se, aqui, da China continental. Além de **o patriarcado fomentar a guerra entre as mulheres, funciona como uma engrenagem quase automática, pois pode ser acionada por qualquer um, inclusive por mulheres**. Quando a quarta esposa, em estado etílico, denuncia a terceira, que estava com seu amante, à segunda, é esta que faz o flagrante e que toma as providências para que se cumpra a tradição: assassinato da “traidora”. O patriarca nem sequer estava presente no palácio, no qual se desenrolaram os fatos. Durante toda a película, não se vê o rosto deste homem, revelando este fato que Zhang Yimou captou corretamente esta estrutura hierárquica, que confere aos homens o direito de dominar as mulheres, independentemente da figura humana singular investida deste poder. Quer se trate de Pedro, João ou Zé Ninguém, a máquina funciona até mesmo acionada por mulheres. Aliás, imbuídas da ideologia que dá cobertura ao **patriarcado**, mulheres desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos e outras crianças ou adolescentes, segundo a lei do pai. Ainda que não sejam cúmplices deste regime, colaboram para alimentá-lo. (SAFFIOTI, 2001, o grifo é nosso. O grifo na palavra patriarcado é da autora).

Do que nos faz observar a autora, assim como o universo literário, também aquele da filmografia possibilita uma compreensão dos processos de dominação patriarcal⁴⁷ bastante útil para entendermos o papel que a mãe e os irmãos de *Josy* cumprem ao posto do pai.

Porém, considerando os argumentos da família de *Josy* para mantê-la em casa, pude perceber que o medo era de que a filha se envolvesse com as drogas e com a prostituição que rondava sua casa e a escola que freqüentava. Frente a isto, ela afirma: “[...] **eu não podia ser uma menina drogada**, eu não podia ser aquela que te batiam, na verdade eu nem sei [...].” e acrescenta: “Parar de estudar, ou estar usando droga, **ou podia estar me prostituindo** porque foram muitas dificuldades mesmo.”

Nestas breves frases encontram-se todas as alternativas que foram oferecidas a esta jovem; o risco de se envolver com a prostituição, com as drogas e de abandonar a escola. Mas também a superação dessas dificuldades que podem ser apreendidos por meio da ucronia⁴⁸. Por outro lado, olhando retrospectivamente, estão também suas utopias, seus sonhos, que expressam as formas de enfrentamento do risco, “como escapou de tudo aquilo que viveu”, encontrando saídas que lhe permitiram chegar até aqui.

E *Malu*, que risco enfrentou? Que experiências marcaram sua trajetória? Assim como para *Josy*, para *Malu*, o risco de envolvimento com as drogas rondava constantemente sua casa. Segundo ela, na vila onde morava, existiam várias gangues e sua mãe tinha medo que ela se envolvesse afetivamente com um dos seus membros e, por conseguinte, com as drogas. *Malu* dá-se conta disto não apenas quando reconhece que deu muito trabalho à mãe, mas, principalmente, ao revelar que se acompanhava com pessoas que “[...] era[m] metido[as] com isso [...]”. Embora ressalte: “[...] nunca cheguei a ficar com ele [...]”. Ao afirmar não ter ficado com uma pessoa que era envolvida “com isto”, quando o “isto” serve

⁴⁷ Para maior aprofundamento sobre o termo ver Saffioti (1987, 2001, 2004).

⁴⁸ Ucronia: “[...] Aquilo que não se situa nem se pode situar em nenhum tempo”. (FERREIRA, 1999, p.. 2023).

para referir-se às drogas, revela, na verdade, indícios de que também, percebera o risco que correria de vir a se envolver com tais práticas.

Vemos também, nestas breves frases, que esta jovem correria o risco de ser seduzida por um dos jovens com quem circulava. Frente a isto, pode-se concluir que as preocupações da mãe eram pertinentes. Mesmo assim, ao prosseguir sua narrativa, afirmou ter que enfrentar a família, descumprindo as recomendações da mãe de não andar com “más companhias”. Com isto, adota a rua como espaço para suas “aprontações”. No caso de *Malu*, as “aprontações”, em certa medida, estavam relacionadas ao risco iminente de vir a ser conquistada por um desses jovens. Segundo ela, tentativas não faltaram:

Malu: [...] ele é de lá e tudo... Ele me via e ficava falando coisas e uma vez foi umas meninas lá em casa atrás de mim, porque ele mandou... Minha mãe não gostava. Aí foi o tempo que eu fiquei assim... Não falava com minha mãe direito, com raiva dela.

Na vila em que morava, para alguns jovens, o uso de drogas possuía uma marca convencional de prestígio, pelo poder distintivo que tinham frente aos demais moradores. Dentre estes, é importante ressaltar o de circular a qualquer hora na comunidade, mas também, o de se destacarem como líderes dentre os demais jovens do bairro, pela segurança ou insegurança que impunham. No caso de *Malu*, as mensagens recebidas por meio das amigas são fortes indícios de que aqueles jovens tentaram envolvê-la afetivamente, seja por meio da liderança que exerciam, como pela segurança que impunham. *Malu* afirmara “[...] nunca que ia ficar com ele, mas ela [a mãe] ficava pegando no pé como se eu fosse ficar, achando que eu fosse ficar”. Entretanto, que “aprontações” eram estas? Será que as “aprontações” eram apenas a circulação na rua em grupos na comunidade?

Quando lhe indaguei sobre as “aprontações”, ela respondeu-me com o silêncio, mas frente a tudo que narrou ficou evidente que ela não se deixou “[...] arrastar por uma corrente que haveria de lhe acorrentar o futuro.” (PAIS, 2001, p. 349), visto que ressaltara não ter enveredado pelo mundo das drogas e ter redefinido suas relações com os jovens da

comunidade e com sua família. Talvez por isto, no momento da entrevista *Malu* tenha afirmado:

Antigamente eu tinha muito medo pelo fato de eu não conhecer, mas aí agora eu já falo com eles [...]. Eles respeitam, falam! Eu mesmo falo com alguns caras de lá, uns que eu conheço quando passam eu sempre falo, é bacana mesmo. Eles fazem as coisas deles, usam o bagulho deles lá e não mexem com o pessoal de lá de jeito nenhum, conhece, fala. Mas os caras estão quietos agora, acalmaram mesmo. Antes era assim mais violenta e tal, mas agora estão todos de bom amigo, quietos mesmo. Não se ouve nem mais falar neles.

Efetivamente, o medo desta jovem acabou? E o risco de conviver naquele espaço não existe mais? Não é possível uma resposta afirmativa a estas indagações, apenas considerando a assertiva da jovem de que os “caras” estavam mais calmos. Todavia, também não se pode desprezar o fato de ela se sentir mais segura ao circular pela vila, reconhecendo a calma reinante. Quem sabe a percepção da calma e o reconhecimento da diminuição da violência, não sejam tentativas de ser objetiva reflexo de convivência suportável com realidade, demonstrando sua maneira de lidar com a mesma. Ou quem sabe, uma utopia, um desejo de ver mais tranquilidade no lugar em que mora, ou uma forma de dizer para si mesmo e para todos nós que aprendera a viver ali com as *aventuras e desventuras* que as experiências proporcionavam a ela.

Com vimos, cada história narrada se diferencia uma da outra. Porém, é possível apreendemos não apenas o risco nas trajetórias de vida deste(a)s jovens, mas também compreender o que ele significou e que saídas cada um(a) “escolheu”. Nesse caso, no capítulo seguinte, vou resgatar por onde cada um(a) enveredou.

4 Das experiências de reclusão aos grupos de *rap*: outros trânsitos

*Toda rua tem seu curso
 Tem seu leito de água clara
 Por onde passa a memória
 Lembrando histórias de um tempo
 Que não acaba
 De uma rua, de uma rua
 Eu lembro agora
 Que o tempo, ninguém mais
 Ninguém mais canta
 Muito embora de cirandas
 (Oi, de cirandas)
 E de meninos correndo
 Atrás de bandas*

*Atrás de bandas que passavam
 Como o rio Parnaíba
 O rio manso
 Passava no fim da rua
 E molhava seus lajedos
 Onde a noite refletia
 O brilho manso
 O tempo claro da lua [...]
 É, minha rua, meu povo
 É, gente que mal nasceu
 Das Dores, que morreu cedo
 Luzia, que se perdeu
 Macapreto, Zé Velhinho
 Esse menino crescido
 Que tem o peito ferido
 Anda vivo, não morreu
 [...]
 (A rua, Torquato Neto)*

Como as águas, as experiências humanas têm seu **curso**. Não um curso livre como parece ser o das águas. Nessas experiências, são **cursons** e como tais, resultados de determinação e escolhas, que expressam

sentimentos, idéias, valores, significados, enfim, tudo que é subjacente às experiências humanas.

São, portanto, cursos vivenciados por meio da realização de diversas práticas, que como tais podem ser denominadas *labirínticas* (PAIS, 2001), por representarem diversas dimensões do curso de vida do(a)s jovens. Neste caso, uma das práticas consideradas, por mim, como *labiríntica* é a reclusão dele(a)s decorrente das experiências de risco vivenciadas. Neste capítulo, veremos como ele(a)s saem do risco para a reclusão e, ao mesmo tempo, os diversos sentidos e espaços evidenciados, com vista a configurar os processos de descoberta e acesso ao *rap*; quem os influenciou. Começamos pelas experiências de reclusão.

4.1 As experiências de reclusão: entradas, (des)encontros e saídas

O substantivo **Reclusão** é utilizado para designar: “Encerramento; Pena rigorosa cumprida em penitenciária.”, e o adjetivo **Recluso**: “Posto em reclusão ou em cárcere. Que vive em convento.” (FERREIRA, 2000, p. 586). Outra definição para o substantivo **Reclusão** é encontrada no dicionário Housais⁴⁹, que acrescenta aos sentidos acima explicitados o de: “Afastamento volutário do convívio social.”

Com estes elementos, a reclusão enquanto uma experiência humana pode ser compreendida como um afastamento, desejado ou não, de um determinado convívio social para: cumprimento de pena; reflexão sobre algum aspecto da vida; convívio e socialização/aprendizado sobre certa função ou religiosidade; dentre outras. Nestes termos, ela pode ser imposta por uma instituição social, a exemplo um tribunal, quando trata-se de reclusão penitenciária; mas também por membros da família, quando se

⁴⁹ O acesso ao dicionário foi por via eletrônica, por isto não consta número de página. Ver referências bibliográficas.

refere ao controle e proibições exercidas dos pais sobre os filhos mais jovens. A compreensão comporta ainda o sentido de uma opção voluntária em que o sujeito encerra-se em si mesmo com o desejo de refletir sobre alguma experiência já vivida ou a ser vivida ou, por proteção.

Na reclusão assim compreendida, identifica-se uma decisão pessoal ou imposta, visto trata-se de uma experiência humana. Mas identifica-se também que ela ocorre em um espaço/tempo específico. Tomando como base esta compreensão, discuto, a partir das histórias de vida, as diferentes dimensões de reclusão experimentadas pelo(a)s jovens *rappers*.

Ao narrarem suas histórias, todo(a)s o(a)s entrevistado(a)s, de alguma forma, apresentaram experiências que podem ser compreendidas como reclusão. Neste sentido, constituiu-se tanto numa estratégia adotada pela sociedade, quanto pela família ou por ele mesmo, para a superação das dificuldades, em determinado momento de suas trajetórias de vida.

Nas narrativas, aparece acentuadamente, o sentido da busca por alternativa e, neste caso, o(a)s jovens referem-se a atitudes desenvolvidas com o desejo de “**suspensão**” das práticas até então vividas, como se estivessem realizando uma “**parada**” para reflexão. Vejamos mais detalhadamente algumas destas referências com vistas a compreender e analisar quem decidiu pela reclusão e qual foi sua dimensão espaço/temporal.

Começemos pela história de *KL*:

[...] fui preso! Fui preso. Eu acho que está com uns três anos que eu fui preso, porque um meu amigo se envolveu numa briga e estavam matando ele de pancada e eu entrei no meio para apanhar junto. Quando a Polícia chegou ainda levou foi a gente.

Eu fiquei... Foram as quatro horas mais longas da minha vida, quanto mais eu rezava para amanhecer, mais demorava. Pensei que não ia acabar, uma visão do inferno você está dentro de um distrito.

Aqui ele experimenta sua primeira reclusão. E, no caso, quando afirma “Fui preso!”, identifica-se a idéia de *casualidade* ou *heterodirecionamento* (fui preso!) simbolizando o acaso ou as vontades de outros, como se desejasse afirmar que não fora sua a decisão pela

permanência em reclusão. Realmente a decisão pela reclusão não fora sua, muito embora aquela de se envolver “na briga” tenha sido. Motivo pelo qual foi a Polícia o conduziu até o Distrito.

Conforme Portelli (2002), ao narrarem suas histórias os sujeitos atribuem sentidos de *casualidade* e ou *heterodirecionamento* ao se referirem a acontecimentos vividos e/ou decisões tomadas, como se transferissem a outros a responsabilidade pelos acontecimentos e pelas decisões. Segundo o mesmo autor, isto pode estar vinculado à idéia de que o motor de tudo é, todavia, a vontade de outras pessoas ou algo do além, revelando uma dimensão divina⁵⁰.

KL ao continuar sua narrativa afirma:

Quando eu fui preso aconteceram, em seguida, três coisas comigo que eu quase enlouqueço. Foi: roubaram a bicicleta de meu irmão, com uma semana minha namorada me deixou e na outra semana eu fui preso. Eu passei três meses sem sair de dentro de casa, só **entocado**. **Com aquele pensamento de que se eu saísse de dentro de casa alguma coisa pior poderia acontecer comigo**, eu fiquei resguardado até quando eu vi que não tinha muito a ver aquilo. Aí, retornei à minha vida normal.

A experiência de ficar preso, mesmo que em curto espaço de tempo, uma noite, foi tão significativa quanto a supressão do transporte do irmão e o fim do namoro. Cronologicamente, a prisão ocorrera posteriormente às outras experiências. Entretanto, há indícios de que a mesma tenha sido mais dolorosa, levando-o a decidir permanecer recluso em casa como uma maneira de se preservar de outros acontecimentos negativos, repensando a vida.

Robin Hood, também experimentou a reclusão em casa. Porém suas razões foram outras; ele havia rompido a ética do grupo, com o qual desenvolvia algumas práticas ilícitas, conforme explicitado no capítulo anterior. Obviamente, dado seu envolvimento com o grupo, parece ter sido difícil tal desligamento, visto revelar ter passado “[...] quatro meses pagando gente [...]” para vigiá-lo enquanto dormia.

⁵⁰ Sobre casualidade ou heterodirecionamento, ver Portelli (2002).

No trecho a seguir identifique o contexto e o sentido atribuído por ele:

Robin Hood: [...]. Lá em casa eu passei quatro meses pagando gente, pagando os malucos, os malucos canalhas mesmo, tudo armado! Aí a mãe dizia: “Ah, vocês ouviram a troca de tiro ontem... Vocês ouviram não sei o que e tal, tu ouviu?” E eu: “Não, eu não ouvi não e tal.” Vai ver a troca de tiro era trocando tiro comigo, quando eu via aquele carro com mais de três homens dentro a gente mandava fogo, não queria saber [...]. Eu gastei todo esse dinheiro foi em questão disso, comprando arma, bala... É questão que tive que pagar... pagar as dívidas, apesar de tudo eu tinha muitas dívidas mesmo.

Ele não teve experiências de reclusão em espaço prisional como ocorrera com *KL* e *Mano Brown*. Entretanto, suas tentativas de “suspensão”, de “parada”, foram marcadas por diferentes formas de reclusão em casa e/ou na casa de amigos: “O [meu amigo] já me ajudou muito, já dei fuga na casa dele e hoje estou [...] curtindo a vida com moderação, não curto mais da maneira como eu curtia. Curto em lugares entocados [...].”

Ao afirmar ter sido “Um dos mais considerados” entre seus pares, fato que lhe atribuía a possibilidade de desempenhar uma espécie de poder distintivo no bairro, permitiu-me compreender que ter ficado em casa sem poder sair, representou uma forma de reclusão, por limitar a circulação pela cidade nas horas desejadas. Além disto, por um lado, ele perdera suas fontes de rendimento e, por outro, ainda tivera que investir emocionalmente, para permanecer dentro de casa. Tal investimento pode ser apreendido a partir do trecho a seguir, quando narra sobre sua primeira saída ao espaço público após o período em que ficara entre a casa dele e a casa de amigos.

A avaliação sobre os perigos de permanecer vivendo daquela forma fê-lo decidir pela reclusão em casa e na casa de amigos. Vejam o que aparece na sua história quando ele decide sair de casa a convite de um amigo:

Robin Hood: E ele me chamou para uma manifestação, alguma coisa assim, inclusive eu não sei nem o que significava, mas parece que no dia 3 de dezembro é uma data da origem negra também sabe! Não sei qual é, eu não me lembro, mas parece que foi 3 de dezembro, ele me chamou para ir ao centro para o negócio lá que estava tendo.

Não, não foi nem isso, foi uma caminhada, não sei se foi o grito da independência, foi alguma coisa assim [...]. Quando eu chego lá, eu fui logo com duas armas na cintura porque logo do centro para minha casa... quando eu cheguei lá no centro, chegou um cara bem pertinho de mim: “E aí doido tu está lembrado que tu estava querendo me linchar, naquele dia e tal?” Aí eu: “Sou eu, rapaz tu tem certeza que sou eu?” “É tu sim, é tu sim!” Aí eu comecei a caminhar para trás e na hora que eu ia meter a mão na cintura ele me atracou: “Não doido eu te conheço desde pequeno e tal”, mas também não sabia o que eu ia fazer, “Eu te conheço desde pequeno, tu ia correr pra quê? Que é isso eu estou brincando e tal”, aí eu olhei para ele assim, também fiquei na minha, sai fora dali...

Talvez ele não se considerasse suficientemente preparado para tais saídas, por não sentir segurança, por continuar pensando que ainda corria risco de ser interpelado por membros do grupo do qual fizera parte. Vejam como se desenrolou a história, ao ser cumprimentado por um de seus pares durante uma manifestação no centro da cidade, na primeira vez que saiu:

Robin Hood: Naquele tempo [a partir do instante em que foi saudado pelo outros jovens] em diante eu comecei a tremer, comecei a olhar para um lado e para o outro, queria saber se aquele cara me conhecia mesmo, aí depois eu puxei ele! Se aquele cara não estiver me devendo ele vai ter que confiar em mim, “Ei doido vamos comprar refrigerante mais eu.”, Ele foi: “Ei doido...” Ele: “Não, não sei não!” Tu sabia que ia perder tua vida?” Olha o que eu ia fazer contigo: “Puxei as duas armas e fiquei olhando para ele assim...” Aí ele abaixou a cabeça: “Cara eu não acredito que tu ia fazer isso comigo não!” “Não estou dizendo que eu tenho nenhuma má intenção com você, mas a forma como você chegou para mim.”

Quando encontrei *Robin Hood* para o recolhimento da sua história, ele não se sentia mais recluso, nem se revelou apreensivo, com receios de encontrar pela frente alguém que pudesse abordá-lo inadvertidamente. Ou seja, ele se revelou seguro de que seu tempo de reclusão havia passado.

Mas a reclusão pode não ser desejada quanto ao espaço onde permanecer e o tempo definido e destinado para tal experiência. *Mano Brown* narrou duas experiências de reclusão. Vejam como ele se referiu à primeira, quando lhe indago: “Me diz uma coisa, e os oito meses de passagem lá pelo CASA como foram?”

Mano Brown: Rapaz foram aterrorizantes... Foi bom, foi ruim, entendeu? Tem gente que diz assim: “A cadeia é ruim.” “É

cara, é ruim mesmo. Quem quer passar oito meses preso?” Ninguém quer passar nem três dias dentro da sua casa trancado! Mas assim, tem várias partes lá no CASA que eu gostei: ótimo, bom. Tem gente que diz assim: “*Mano Brown* tu te arrepende de ter sido preso?” “Me arrependo não cara!”

Lá na cadeia eu vi neguinho morrer. Vi! Lá na cadeia eu via neguinho ser atropelado. Eu fui atropelado nos primeiros dias que cheguei lá por 24 caras do pavilhão⁵¹.

O espaço e o tempo para esta reclusão, não foi uma desição sua, embora tenha sido resultante de suas conseqüentes escolhas. Para ser clara recorro mais uma vez ao trecho da história em que este jovem narra com detalhes as razões que levaram a polícia a prende-lo:

Mano Brown: Nós fizemos uma parada aí, fomos parar aonde? Foi há três anos atrás, no dia 20 de dezembro, vai fazer três anos [...], eu sai da cadeia e nunca mais pisei. **O que aconteceu?** Nós fizemos uma ação lá no Lourival Parente na casa de um delegado civil, fizemos uma parada lá, roubamos um DVD, um vídeo game play station, dinheiro, roubamos até revólver que o cara tinha guardado em casa, dinheiro, ouro, vixe! Nós estávamos parecendo dois viajantes, cada um com uma bolsa de viagem na garupa da bicicleta e duas mochilas nas costas, a casa caiu, o moleque foi preso, me cagüetou. Destino? CASA, certo?

Na sua indagação: “**O que aconteceu?**”, identifica-se a idéia de *casualidade* ou *heterodirecionamento* (me prenderam!) simbolizando o acaso ou as vontades de outros, como se desejasse se eximir da responsabilidade pelo ato realizado.

Na história de *Mano Brown*, esta dimensão parece ter sido fortalecida durante os meses em que permanecera recluso no CASA:

Eu me lembro como se fosse hoje. Como se tivesse acontecendo [hoje]. No pavilhão, todo **mundo** ajudando, **orando**, pedindo a **Deus... A gente estava sendo forçado a rezar**, porque o capitão disse que era para todo mundo rezar e queria ouvir a voz de todo mundo.

Pedindo a Deus o que? Para ser libertado? Não se pode afirmar o que ele e os outros rogavam. Entretanto, a informação presente na história de que **estavam sendo obrigados a rezar**, apresenta indícios de que naquele lugar a pregação era institucionalizada como uma das atividades, o

⁵¹ Mais detalhes sobre seu “atropelo” favor recorrer ao capítulo anterior.

que pode ter ajudado *Mano Brown* a fortalecer a idéia de *casualidade* por estar ali dentro.

Todavia, o significado da *casualidade* ou *heterodirecionamento* da reclusão pode ser ainda melhor compreendido, a partir da maneira como ele descreve o pavilhão em que permanecera recluso:

Mano Brown: Nosso pavilhão era todo graffitado, você olhava assim, você via logo assim: **“Bem vindo ao pavilhão, esquece teus delírios!”** Aí tinha as imagens lá dos santos. Tinha Nossa Senhora, tinha Jesus Cristo, aí tinha uns caras lá da seita satânica, os caras desenharam o diabo do lado de cá. O pavilhão era dividido, tinha gosto para todo mundo, tinha uns caras que eram anti-Cristo da seita satânica. Como na Casa de Custódia é a maior seita que tem lá dentro e assim vai indo, a rapaziada só observando, você entra na seita se quiser.

Mesmo diante de toda esta proteção divina, ele desejava sair dali, mesmo que fosse para servir a **Deus**:

Mano Brown: Uma oportunidade dada por você, todo mundo tem, porque um dia tem que chegar a hora de você sair. Você não vai morar aqui dentro para sempre. **Sai, nem que seja para ser servidor de Deus, mas sai!** Não vai ser enterrado ali dentro.

Ou ainda da visão que tivera da mãe quando lá estava:

Mano Brown: Minha coroa [referindo-se a sua mãe]... Vixe cara, a minha coroa quando ia me visitar uma vez por mês, logo ela quase não tinha condição, entende? Quando ela ia me visitar uma vez por mês que eu olhava para ela, **ela estava parecendo uma múmia maluca**, toda assim, seca. Cortou o cabelo dela, estava bem curtinho. Para quem tinha um cabelo longo, coroa com trinta e poucos anos, estava parecendo uma velha de setenta.

A metáfora utilizada para referir-se à mãe, pode significar que, para ele, até mesmo esta encontrava-se em outra dimensão. E ao pai, que lugar *Mano Brown* destinara? Vejam como se refere ao pai:

[...] só vive no mundo, trabalha no parque de diversões. Pai não é amigo não. Prefiro nem falar dele porque **verme e inseto só servem para pisar em cima, é assim que eu comparo ele. Ele é um inseto, um verme, acho que eu chamando ele de inseto e de verme, eu estou até ofendendo os vermes e os insetos.** Eu acho que eles têm

mais responsabilidades do que ele, acho que ele na terra ainda serve ao menos para alguma coisa, causar doença, alguma coisa parecida. Eu acho que ele nem para isso serve.

Como se pode ver, à mãe era reservado outra dimensão, ainda que ele reconheça que tenha sido ela a intervir junto ao Conselho Tutelar para retirá-lo do “lixão” em que fora enfiado após ser preso. O pai era para ele um ser irracional. Nestes termos, se com a mãe e com o pai não tinha como estabelecer relações, não lhe restava a quem prestar explicações sobre as decisões tomadas.

Ao contrário da primeira, a segunda forma de reclusão narrada por este jovem parece ter sido propositadamente decidida:

Mano Brown: [Ao sair do CASA] desci do ônibus, atravessei a praça, todo mundo me olhando, me maldando, a sociedade toda me discriminando. Aí eu olhei para um lado, olhei para o outro, os malucos todos [...], me chamaram, botaram uma coisa lá, nós fumamos, tomei um pouco de cachaça. Eu estava na maior vontade de fumar um cigarro, um tempão que eu não fumava. No CASA não permite, só na custódia, com maioridade.

Aí eu lá né! Fiquei em casa, passei do dia sete de dezembro depois que eu sai [do CASA] até o dia vinte dentro de casa sem sair para lugar nenhum. Dia 20 foi um dia de quê? Na quinta-feira à noite peguei: “Meu irmão vou dar um rolê.” Mandei segurar a bicicleta e passei, não tem? Fui ao Promorar, fui ao Lourival na casa de um chegado que fazia um tempão que eu não via [...].

Quem sabe não ocorrera com ele o mesmo sentimento de medo de circular pela cidade, que enfrentou *Robin Hood!* A propósito, esta *casualidade* ou *heterodirecionamento*, também foi de certa forma, observada, por mim, na narrativa de *KL*. Quando indaguei a ele se havia sido preso outras vezes, ele responde: “Não, graças a **Deus**, não!” e acrescenta: “Até porque eu não ando procurando”, demonstrando certa divisão de responsabilidades pelos seus atos, com quem se encontra em outra dimensão: **Deus**. Aqui cabe uma indagação: frente ao que haviam realizado, era tão imprevisível assim a reclusão?

E, no caso das jovens que dimensão tem a reclusão? Mais uma vez a famosa questão de gênero é fato distintivo para definir não apenas as

diferentes práticas dos jovens daquelas das jovens, mas o processo de reclusão por elas experimentado.

Conforme explicitado na introdução desta tese, as entrevistas foram iniciadas partindo de uma única pergunta para todos o(a)s entrevistado(a)s e que teve o seguinte enunciado: “Conte-me sua história de vida do modo como você considerar mais importante.” Com esta conduta eu tinha como propósito não apresentar temas à(o)s entrevistado(a)s, mas apenas ouvi-los e retomá-los, quando necessário. Estava ciente de que este modo de condução tinha um risco: em trabalhando com gênero diferentes, como apreender temas comuns ou não a ambos? Como perceber as diferenças de gênero? Como apreender os diferentes acontecimentos ressaltados por ele(a)s?

Neste sentido, com relação ao tema reclusão, enfrentei meu primeiro problema enquanto mulher jovem pesquisadora, qual fora: foi mais difícil identificar as experiências de reclusão das jovens do que as dos jovens. Na análise das narrativas deles a alteridade de gênero constituiu-se numa proteção que me permitiu facilmente entender que não sair à rua para realizar suas práticas era como permanecer recluso (a compreensão do espaço público como sendo masculino era natural também para mim); como mulher, a diferença de gênero era menor quando abordei as jovens. Todavia, mais sutil, não me protegendo do envolvimento e da dificuldade de observar, impondo-me, conseqüentemente, o desafio de compreender que muitas vezes, para estas jovens, tomar uma decisão, “enfiar-se” numa relação “indesejada”, abandonar a vida à “própria sorte”, “largar” uma atividade desejada, constituiu-se, também, a fuga de uma reclusão, imposta pela família e a ser vivida no espaço da própria casa

Para que tal compreensão fosse possível, houve, portanto um processo de estranhamento, um senso de descoberta e de aprendizagem, a partir das histórias narradas. Estes e outros aspectos permitiram-me analisar que a dimensão da reclusão presente nas histórias de vida das jovens é, antes de mais nada, o encontro entre uma realidade social intrafamiliar conflituosa — com infâncias marcadas por violências — e subjetividades individuais com projetos de vida melhor. É a história de

peessoas, com desejos, anseios, dores, renúncias, proibições. Mas é principalmente, a história social das mulheres em um espaço e tempo particular: Teresina dos anos de 1990, 2000 e, quem sabe, se a realidade não mudar, poderá ser também de tempos vindouros.

Na história de *Nega Gizza* a dimensão da reclusão, nos termos acima explicitados, aparece nas proibições paternas quanto à permanência no espaço público, conforme explicitado no capítulo anterior, quanto tratei do risco.

Mas também por meio da repressão do marido:

Meu marido era assim, eu não podia me vestir com uma roupa que eu achava bonita, até o cabelo..., Meu cabelo tinha que andar só de um jeito, porque se ele visse que estava bonito aí ia trair [ele com] outros caras e ali eu não era mais uma mulher correta, era uma mulher vadia, safada, que estava despertando o desejo dos outros caras e eu sabia disso, estava tipo tentando seduzir.

Além das proibições paternas que a faziam ficar em casa, agora ela recorre àquelas impostas pelo marido para fazer-nos compreender que tais imposições são também formas de reclusão, mesmo tendo lugar no espaço doméstico. Todavia, revelando igualmente o poder do homem sobre a mulher, as razões eram diversas: a primeira, exercida pelo pai, tinha por base mantê-la em casa para não namorar, não trocar experiências com as colegas e, quando ela demonstra sua resistência às proibições paternas chega à sua máxima: ele a proíbe de conversar com os irmãos e a mãe, conforme apresentei no capítulo anterior e em seguida, a obriga a sair de casa.

A segunda razão é aquela argumentada pelo marido. Da mesma forma, seu propósito era mantê-la em casa. Segundo ela, primeiro a proibindo de vestir-se e pentear-se da forma desejada e, quando ele não consegue, vale-se dos adjetivos “**vadia! Safada!**”, para colocá-la num lugar menor, de seutora dos homens.

Como demonstrei no capítulo anterior, ela só desejava ser um sujeito, o trecho a seguir indica e reforça muito bem este seu desejo. Ou ainda, ela só desejava ser livre:

E eu acho que a gente não tem esse **poder de seduzir homem nenhum**, nem homem de seduzir mulher nenhuma. A gente gosta, a gente se sente bem e eu acho que a gente não deve misturar as coisas ou tentar colocar uma postura negativa só porque **a pessoa se sente bem vivendo sua vida livremente**.

No caso de *Josy*, fora a família, sob as determinações do pai, que a obrigara a renunciar ao jogo de futebol e, portanto, a recluí-la em casa. Nestes termos, a decisão da família dessa jovem tinha por base a compreensão do pai e, deles todos, de o jogo de bola ser uma atividade masculina.

Como as experiências humanas são oriundas de escolhas e determinações diversas, tais experiências ao serem narradas, revelam também diversas dimensões, possibilitando, portanto diferentes compreensões. Estou fazendo esta afirmação, porque recorro ao mesmo trecho da história de *Josy*, utilizado no capítulo anterior, quando tratei das experiências de risco, para interpretar a proibição ao jogo de futebol, como uma forma de mantê-la reclusa em casa:

Josy: Senhora! Não posso ver uma bola! [...]. Eu já estava ficando com o corpo bonito, mas aí rolava o machismo até do meu pai porque: “Não... Mulher não serve para jogar futebol!” [refere-se aos argumentos do pai] De certa forma a menina que jogava bola em algum campo — eu, no caso — no campo que fosse, ninguém, nenhum deles viam com bons olhos. E eu, por não concordar com certas opiniões, certas atitudes, eu teimava, birrava muito [para referir-se que se opunha às determinações familiares]. Teve uma fase na minha vida que eu fiquei muito rebelde, eu não queria ouvir ninguém, queria que prevalecesse só o que eu pensava e eu queria resolver tudo no grito. **Foi aí que eu me perdi porque meu pai cortou o futebol, “Hum! Não vai mais jogar, pronto, acabou.”**

Da forma como narra parece querer afirmar que a decisão do pai de proibí-la de jogar bola, decorreu do seu comportamento rebelde. Entretanto, quando ela acrescenta: “E, para mim, foi como se tivesse sacado um braço meu, porque aquilo era o que eu amava. Se desse certo ia ser para minha vida toda.”, identifiquei uma ação autoritária do pai, que embora tenha sido motivada pelo comportamento da filha, tinha o propósito de revelar seu

poder de mando naquele espaço e a prevalescência dos costumes e valores de seu grupo social.

Esta atitude do pai torna-se mais compreensiva, quando se identifica, na história da jovem, que toda sua família exerce o poder sobre ela no lugar do pai:

Josy: [Com] catorze, quando eu parei definitivamente... [...]. Só que devido às condições que eu estava psicologicamente, eu não estava preparada para isso... Eu vou resolver isso assim, assim, no bico. Isso vai valer tanto! **Ou seja, estava tendo discussão em casa com minha mãe. Eu sempre me dei bem com o meu pai, ainda não estava assim, meus irmãos esses nem se fala... E cortaram, podaram, foi ruim pelo fato de eu gostar.** Mas foi bom porque se não tivesse sido assim eu não teria amadurecido [...].

A reclusão também aparece na narrativa de *Malu*, quando ela se refere a seus pares: “[...] ela xingava muito nas letras dela falando a respeito dos homens [...].” Quando lhe perguntei o porquê disto e qual era a postura dos colegas, a jovem acrescentou: “[...] eu nunca vi uma letra deles assim em relação [contrária] ao machismo.”

Com a preocupação de compreender melhor a referência da jovem sobre o machismo de seus colegas do sexo masculino, insisti:

Lila: Nem defendendo, nem a favor?

Malu: Não! Assim, fala para mulher se colocar no lugar dela e tal.

Lila: E o que é se colocar no lugar dela para você?

Malu: Porque tem mulher tipo vulgar demais. Aí é isso que a gente tenta reverter o quadro para mulher se dar o valor dela, não fazer coisas que deixe a visão de mulher lá em baixo porque o pessoal não acredita muito, não apóia muito negócio de mulher que a visão de mulher, aí a gente tenta.

Malu descreve ainda sobre as proibições espaciais. Entretanto, tem clareza de que elas não são recentes, porém, registra a luta das mulheres, pela conquista de espaço, apresentando, na sua história uma dimensão mais geral do lugar da reclusão, presente no imaginário social, “o lugar de mulher” conforme afirma:

Malu: A mulher, antigamente não tinha, não via isso... [A] mulher está conquistando o espaço, porque sempre que

olham para mulher, a visão é de objeto sexual. Mas a gente está tentando mudar essa história através da música, do rap mesmo, porque tem que mudar cara, a visão da mulher sempre é essa. Não dá! E as mulheres hoje não se dão valor, porque uma tenta mudar e outras vêm e fazem o contrário. E aí fica difícil, a gente está tentando isso.

Um lugar sustentado sob uma dominação que esta jovem não apenas deseja ver transformada, mas também que reluta ocupar: “A visão que eu tinha era diferente demais [refere-se a como aprendera qual seu lugar]. Eu aceitava tudo do jeito que acontecia e aí agora eu vejo que não é assim.”

Nas histórias, identifiquei, na realidade, uma resistência aos discursos e às práticas que as colocam num lugar menor, que produz reclusões que sustentam as desigualdades de gênero. Refere-se *Nega Li*, ao inspirar-se numa ícone, a cantora Nó, que também protesta contra esse “lugar de mulher”. E afirma:

Nega Li: Porque [...] as pessoas assim pensam que o dia das mulheres é aquela coisa, coisa capitalista, que é um dia de presente e tudo, como a própria mídia insiste, dia das mulheres é tipo assim ... é um máximo total. **Aí a gente já fala que não é isso**, a gente quer pregar **outra imagem**, como o dia das mulheres também. A gente quer pregar outra imagem, a gente quer passar para as meninas... [...].

Quando se refere a “**outra imagem**”, está implícito também outro lugar. Com isto, ela pode ter expressado que não deseja para si o lugar da reclusão privada, presente, no imaginário social. Lugar este ocupado por sua mãe, do qual *Nega Li* lutava para que a mesma saísse. Segundo ela sua mãe:

Veio do Canto do Buriti [uma cidade localizada ao Sul do Estado do Piauí], [quando tinha] 13 a 14 anos. Ela veio com a mãe dela que estava doente. [...]. Quando minha vó morreu [ela] tinha 15 anos, só que ela não teve muita adolescência porque ela casou com 17 anos. Aí ela veio para cá, teve a gente, [...].

A mãe casara-se quando tinha 17 anos, quase a mesma idade de *Negra Li* no momento do recolhimento da entrevista, que era de 18 anos. Por que será, então, que ela afirma não ter a mãe tido muita adolescência? Ao fato de ter casado nova, ou ao de ter perdido a mãe? Não se sabe ao

certo, entretanto, pode-se afirmar que do casamento precoce ela parecia estar escapando, mesmo porque: “É tão tal, que eu tenho até medo dessas coisas de casamento.”, restando o desejo de não encontrar um marido que a espancasse como fazia seu pai com sua mãe. Este lugar ela não queria ocupar.

Nega Li: Também eu já passei por vários problemas familiares, **meu pai era agressor e tudo** [...], aí foi passando, quando eu lembro..., quando eu estou assim em algum lugar, Ave Maria! poderia ter sido diferente por causa que eu lembro na minha história mesmo, das coisas que eu passei e tudo.

Nas histórias aqui analisadas, as figuras masculinas são, em geral, os protagonistas das proibições e, portanto, motivadores das reclusões das jovens, quando estas se manifestam contrárias às práticas que expressam desigualdade de gênero.

Nas histórias das jovens mulheres, a contestação aos espaços e práticas construídos sobre elas existe, e como tal, é um reconhecimento da compreensão de que elas têm o direito de continuar resistindo a estas formas sacralizadas socialmente de inscrevê-las sempre nos mesmos espaços, fazendo as mesmas atividades.

Talvez o imaginário literário tenha elementos que nos permitam apreender melhor a resistência destas jovens. Com este recurso, vem-me em mente a resistência das protagonistas de *Mulheres de Cabul*, um livro retrato da fotógrafa inglesa *Harriet Logan*. Como sabemos, no livro a autora apresenta, a partir do depoimento de um grupo de mulheres Afegãs, texto e imagens sobre as proibições, dificuldades e violências que elas enfrentaram durante o regime autoritário e repressor do Taleban.

Um(a) leitor(a) menos avisado(a) argumentará prontamente que as duas realidades são incomparáveis, visto que no Afeganistão, as mulheres são textualmente proibidas de se vestirem livremente, de saírem de suas residências, de usarem produtos cosméticos ou de atraírem atenções desnecessárias, de trabalharem fora de casa, dentre outras. Como se pode ver, há o que se comparar: as referências são as proibições e, nas duas realidades, dos homens sobre as mulheres. Frente a esta constatação, uma

questão é central: porque tanto lá como aqui mesmo depois de tantos avanços, ainda existe a indisponibilidade de aceitar novas tentativas de práticas diferentes para as pessoas do gênero feminino?

Como afirma Pereira (2005), quando tudo parece natural e óbvio, é preciso perguntar mais à realidade, para buscar responder à pergunta: “o que ocorre, então, quando tudo que parecia natural é posto em questão pela descoberta de que o próprio desejo está fora do modelo predominante?” A referida autora coloca a questão quando trata da naturalização da masculinidade heterossexual. Aqui, a referida questão foi-me útil para compreender a não existência de uma naturalização da diferença de gênero, imposta a mim socialmente, mas que desde o início da pesquisa de campo eu relutava em perceber. A realidade se impôs por meio das histórias narradas, restando-me analisá-las.

A seguir, enfoco algumas referências sobre as descobertas do *rap*, pelo(a)s jovens.

4.2 O *rap* surge para o(a)s jovens: música, ritmo e outras descobertas



Foto VI: Centro de Referência da Cultura *hip-hop*. Teresina. Arquivo da pesquisa

Conforme já anunciado anteriormente, não tratarei do *rap* protagonizado pelos sujeitos individualmente, muito menos pelos seus grupos, de forma coletiva, como material de análise. Tal atitude poderia revelar a identidade do(a)s narradora(e)s e, portanto, ferir o princípio ético de sigilo estabelecido desde o início da elaboração deste trabalho.

Mesmo assim, dada a importância do *rap* na trajetória do(a)s narradora(e)s, considere relevante recuperar o modo como aconteceu em suas vidas, a descoberta do mesmo e o que significou, naquele momento, tal descoberta. Antes, porém, vou tecer alguns comentários sobre o mesmo, com vistas a situar-vos acerca deste elemento do *hip-hop*.

O *rap* é um dos elementos mais difundido do *hip-hop*, em decorrência, sobretudo, do fato de ser o mais disseminado entre pessoas que participam ou não do *hip-hop*. Na sua constituição estão presentes as **melodias** tocadas por meio de *pick ups* (toca discos), que são comandadas pelos *DJs* (Disc jôquei); denominação atribuída às pessoas que misturam os ritmos e trabalham os sons. Mas o *rap* também é constituído pela **letra** dos *MCs* (Mestres de Cerimônia) ou *rappers*; que na grande maioria das vezes são também os autores das músicas.

A música *rap* é conhecida pelo ritmo cadenciado, cujas palavras ditas em tom de declamação, demarcam uma de suas principais características. Em geral, o conteúdo das letras trata das experiências de seus protagonistas, ou de seus “manos” [apenas para usar a mesma linguagem]. Dentre os conteúdos, um dos mais abordados é o da violência cotidiana que acomete as zonas periféricas dos grandes centros urbanos, envolvendo: a violência policial; a violência contra os jovens; o assassinato de jovens e a violência entre eles mesmos, por meio dos grupos organizados. Desta forma, é comum estes conteúdos serem retratados por meio de um assalto, de uma briga, de uma festa, tudo isto destacando o cotidiano do país, da cidade e/ou da comunidade da qual fazem parte.

Em geral, por intermédio do *rap*, os jovens descrevem de forma “crua” as experiências com a violência, com a pobreza, como se estivessem falando e contando, para quem está ouvindo, um universo desconhecido para uns, mas bastante familiar para outros. Por meio do mesmo, é transmitido, também um conselho, um aviso, um recado, para que o(a)s jovens estejam atentos a determinadas situações. Muitas vezes a mensagem transmitida é resultante da experiência vivida pelo emissor como vítima ou como observador de situações de violência. Por isso, quase sempre tal mensagem tem como conteúdo um alerta ao(a)s jovens, para que evitem envolver-se em situação de perigo e, com isto, tornem-se vítimas.

No conteúdo dos *raps* criados pelo(a)s jovens que narraram suas histórias de vida para a presente tese, também identifiquei as preocupações acima explicitadas, visto ser recorrente, na realidade em que vivem, a

problemática da violência e da pobreza, conforme o leitor vem acompanhando ao longo deste trabalho. Conscientes das dificuldades de torná-la “visíveis”, principalmente para seus pares, alguns jovens pertencentes ao *hip-hop*, realizavam atividades com vistas a divulgar os problemas enfrentados pela população juvenil das zonas periféricas da cidade. Entre estas atividades eram comum (e ainda é) a realização de programas de rádio em emissoras comunitárias; a ida a diversos lugares da cidade (como praças, clubes, escolas, instituições de reclusão) para o desenvolvendo de oficinas e palestras, repassando mensagens sobre a política local, os problemas da cidade, a cultura *hip-hop*, a violência, dentre outros temas relacionados ao universo juvenil popular de Teresina.

Por meio dessas iniciativas a maioria dos narradores teve, pela primeira vez, acesso ao *rap*. Entretanto, conforme veremos existiram diferentes formas de acesso: umas por meio da escuta do mesmo e outras da ida às rodas de *breack*. Para eles as influências foram de outros jovens amigos ou não, para elas foram os irmãos e, muitas vezes, em casa.

A maioria dele(a)s fez referência à escuta do *rap* como gênero musical, antes de conhecerem e se envolverem com o movimento *hip-hop*. Portanto, foi comum um acesso ao *rap* desvinculado do sentido que o *rap* e, por conseguinte, que o movimento *hip-hop*, tinha para ele(a)s no período do recolhimento das entrevistas, que era, segundo eles, de denúncia e protesto dos problemas enfrentados cotidianamente.

Desta feita, a escuta era motivada pelo desejo de curtir um gênero musical diferente, um ritmo “agitado”, nas horas de lazer. Tinha também a dimensão da possibilidade do estabelecimento de novas amizades por meio da inserção nas “rodas” identificadas por ele(a)s. Ao circularem pela cidade, eles iam às rodas para escutar a música e para aprender a dançar *breack*. Mas, também, a escuta do *rap* era realizada para preencher o tempo livre, ou como deixam claro, o tempo em que não faziam “nada”. Vejamos então, como estas informações aparecem nas histórias de alguns jovens.

KL começa assim sua narrativa sobre a descoberta do *rap*: “A gente já **curtia** *rap* só que não tinha consciência do que era o *hip-hop* [...]” E ao

continuar destacou que sua descoberta fora motivada por um membro do movimento *hip-hop*, quando ele e o irmão circulavam pela cidade:

KL: [...] logo em seguida a gente conheceu o Mauro do *breack*, aqui do São Pedro. Ele dança *breack*. Aí ele viu a gente lá [na Praça Pedro II]... Aí, tem um amigo da gente que ele quebra *breack* também... O Mauro viu a gente lá tirando onda, quebrando o *breack* e tal.

Nesta mesma direção, também narrou *Robin Hood*:

Foi assim, quando eu estava no crime, eu já curtia rap, vem aquele elemento, também é o elemento do hip-hop que não está registrado no histórico do *hip-hop* como um elemento, mas o *freestyle* também é um elemento do hip-hop que é como se fosse uma bolada, é tudo o que vem na mente. **Eu curtia rap, no tempo que eu curtia era bem gangster, era bem criminoso mesmo, vivia nas ruas, andando por aí, fazendo rap de forma bem criminosa também,** e depois foram me trazendo um cd de *rap* bem politizado mesmo, mostrando qual era a solução e tal.

Como se pode ver, neste caso deste jovem, além da diversão, afirmou que o *rap* foi-lhe bastante útil para o alívio de suas tensões.

Mano Brown estava recluso no CASA e durante o período em que permanecera naquele lugar, recebera, por diversas vezes, visitas de membros do *hip-hop*, que lhe proporcionaram a escuta *rap*. Ao sair dali, deparou-se com uma roda de *breack* nas proximidades de sua casa:

Mano Brown: Na volta [do CASA para casa] passei lá pelo SESC e vi a rapaziada do *hip-hop*, fiquei vendo, gostei... O [...] foi o primeiro cara que eu tive contato. Acho que ele nem se lembra disso. Ele é um dos caras que eu mais admiro ali dentro, me respeita para porra! Hoje: Olhei para o moleque e aí vip! Olhei assim, troquei idéia com ele, ele começou a me ensinar... Depois eu comecei a treinar sozinho lá mesmo. Fui lá para o meu canto porque eu sempre tinha assim... [...].

Em suma, entre os jovens existia quem já ouvia *rap*, mas não tinha com ele uma relação de reconhecimento ligado a uma cultura juvenil, muito menos à problemática enfrentada naquele momento de sua vida. Neste caso, eles, inicialmente, se identificavam com a batida, com o ritmo, poucos estavam atentos ao conteúdo das músicas.

No tocante às referências espaciais, as histórias não se dividem, visto que as experiências sociais dos jovens tinham lugar nos espaços

públicos. As referências às conversas nas praças do bairro, nas esquinas localizadas nas proximidades de suas casas, ilustram nitidamente não apenas a circularidade dos jovens, mas também a existência da concentração de determinados membros do *hip-hop*, naqueles lugares para o ensaio de suas *performances*. Um bom exemplo é a referência que *KL* e *Mano Man*, fizeram à Praça do Bairro Marquês, localizada na Zona Norte da cidade, próxima à região em que moravam ou na Praça Pedro II, local onde eram realizadas as rodas de *breack*. Para vos oferecer uma idéia dos espaços referidos por eles, segue abaixo a foto da Praça do Marquês.



Foto VII: Praça do Marquês. Arquivo da pesquisa⁵²

As considerações acima evidenciam uma síntese das circunstâncias que foram determinantes para o acesso desses jovens ao *rap*. Entretanto, foi possível identificar diferenciações espaciais marcadas pelo recorte de gênero, quando se procura depreender das narrativas das jovens seus primeiros contatos com o *rap*.

⁵² O Clube do Marquês fica localizado na praça.

Na narrativa das jovens a referência à escuta do *rap* fora igualmente destacada como sendo inicialmente despertada pelo estilo musical. Todavia, existe uma diferença: tal escuta era mediada pela escolha de um dos irmãos e não pelo desejo delas próprias. Além disso, o espaço doméstico fora predominante para tal acesso. Por esta via, existiu, ora uma identidade com a melodia, com a batida e com o ritmo, ora com o conteúdo de protestos expresso nas letras.

Começemos por *Josy*:

Engraçado. Foi assim! Um pouquinho de cada coisa. **Meu irmão ouvia rap por ouvir.** Porque os colegas ouviam e ele botava Racionais para curtir e eu: ah! “É massa!” **Eu ouvia os artistas e achava legal e tentava imitar. Outros colegas meus ouviam rap só por ouvir também. Na praça via grafite.** Tudo isso era muito engraçado, eu olhava e achava engraçado. Aí teve um que falou: “E aí, curte rap cara? Curte rap?” “Não pode ser, pode ser?” Porque assim, numa rádio Parque Sul FM, Vila São Francisco, não sei, aqui é zona sul, saía rap e mamãe gostava. Ela ficava cuidando da limpeza enquanto eu só estudava. Não fazia nada e mamãe ouvia “Ah, essa música é legal.” Aí eu comecei a prestar atenção na letra do Fação Central, prestei tanta atenção que aprendi, copiei toda e daí foi só um pulo para saudades mil..., Aí foi sucessivamente, Racionais e outros. Eu comecei a querer freqüentar os bailes, foi quando eu ouvia “Você não vai, não vai!”

Sobre seu acesso, *Nega Li* assim expressou:

Eu acho que eu cresci muito bem porque **meu irmão, meu irmão mais velho... Eu sempre tive influência dele, ele botava o rap lá em casa.** Só que eu assim menina, sabe! Comecei... **Ele foi me influenciando.** O primeiro rap que eu escutei foi Dj Jamaica [...], aí eu comecei a gostar. Aí eu comecei a conhecer os meninos [...], comecei a andar nos bairros e tudo.

Ao ser indagada sobre suas influências, afirma ter sido o irmão o principal influenciador:

Negra Li: Já, meu irmão participava... Meu irmão de 19 anos participava. O outro gostava mas ele nunca participou de movimento nenhum, ele gosta de escutar rap, mas ele não participava de nenhum. Foi assim através do meu irmão (que meu irmão entrou primeiro), que me influenciou mais e eu conheci os meninos [...]. Aí meu irmão começou a andar, começou a me levar, lembro até o primeiro baile que eu fui... Já foi um show, o show do Gog, o primeiro que eu fui, acho

que foi dia 19 de novembro, lembro até o dia, parece que foi de 2001, faz um bocadinho de tempo.

Malu também se refere ao espaço doméstico como espaço de acesso ao *rap*. Embora não o relacione à influência do irmão, pode-se afirmar, com presunção da visão a *posteriori*, subsidiada pela narradora, diria que sim. Quando lhe indaguei como havia entrado em contato com o *rap*, ela me respondeu: **“Eu curtia em casa, eu sempre gostei de ouvi Facção Central. Eu sempre gostei muito do Facção, aí eu curtia lá o Facção, ficava ouvindo lá. Foi assim... Eu sempre curti *rap* mesmo. Meu irmão também gosta pra porra!”**.

Nega Gizza também fez referências às influências do irmão, entretanto, traz um elemento até então não explicitado pelas demais jovens: a divergência de gosto musical com o irmão e a não identificação com o conteúdo do *rap* ouvido por ele. Então vejamos a partir da história narrada:

Nega Gizza: **Eu ouvia algumas músicas porque meu irmão colocava lá em casa, mas** o que eu ouvi sempre desde infância foi muito samba, influência muito de samba mesmo, samba de raiz. Cresci ouvindo isso. **Eu ouvia *rap*, mas muito pouco e o *rap* que ele [o irmão] ouvia não era o que eu me identificava muito.**

Lila: Como assim?

Nega Gizza: **Porque falava muito mais assim de crime sem dar nenhuma solução.** Aí quando eu ouvi Código Penal que tem uma música muito massa, falando de preto, de negro, de escravidão, eu descobri que no *hip-hop* também tinha músicas falando sobre isso. Aí eu gostei, eu me interessei, porque eu acho que não tem que falar só do lado..., tem que falar do que existe mesmo: da dificuldade, do crime, da fome, da miséria, mas a gente tem que colocar solução para isso aí. Tem gente que é muito pessimista no mundo em suas letras.

Quanto às formas de acesso ao *rap*, as diferenciações de gênero guardam outras particularidades. À dimensão espacial pode-se acrescentar também a não identificação com o conteúdo do *rap* que os irmãos escutavam, talvez por tratar-se de referências a práticas estranhas a elas.

Além disto, pode-se acrescentar as contestações familiares, em relação à escuta, por elas, daquele tipo de música por considerá-las

músicas de homens. Esta resistência foi identificada na história de *Josy*. Segundo esta jovem, sua mãe, demonstrava não gostar que ela ouvisse esse tipo de música. A mãe “resmungava” ser aquela música de malandro, fazendo com que a filha a ouvisse silenciosamente dentro de casa, até ser percebida e, nestes termos, ser reprovada pela família. Esta jovem assim trouxe a problemática da resistência familiar:

Josy: Em casa só...: **“Ah, essa música é muito feia.”** [dizia a mãe]. Aí eu ouvi ali “Não, prefiro que tu escute a tua música!” Isso aqui não é uma música que entra aqui e sai tocando, o *rap* é a única música que fala e pronto! [...]. Ainda minha mãe como eu falei, ela não se acostumou [e dizia]: **“Eu não vou ouvir porque é música de marginal eu não quero. Meu irmão por outro lado diz: “Um dia ela vai chegar aqui com um monte de tatuagem, calça larga, um monte de colar e isso e aquilo outro... Ela vai fumar maconha.”** O outro ficava na dele, troca idéia comigo. O mais velho fica na dele assim e o meu pai diz: “Vá em frente, vá em frente!” “Pai vamos curtir tal música aqui nova, banda nova, vamos vê como é que é?” Aí meu pai senta, se for preciso meu pai senta para ouvir comigo, tipo *A vida é um desafio*, dos Racionais, meu pai acha linda aquela música e para mim é interessantíssimo isso.

No espaço familiar de *Josy*, inicialmente, apenas o pai a apóia na escolha musical. Quem sabe ele não estivesse vendo, nessa nova escolha da filha, maiores possibilidades de controlá-la, visto a escuta da música dar-se, primeiramente, dentro de casa. Não é exagero lembrar, que ele teve uma postura diferente, quando ela resolveu praticar futebol. Talvez ele tenha vislumbrado que seria mais fácil controlá-la dentro de casa, mesmo contrariando o filho que ocupara seu lugar na execução dos castigos quando a filha infringia as regras impostas por eles.

Vejam na história dela, os argumentos utilizados pelo irmão: **“Um dia ela vai chegar aqui com um monte de tatuagem, calça larga, um monte de colar e isso e aquilo outro... Ela vai fumar maconha.”** Se na história de *Nega Gizza* é o marido quem a desqualifica para enfraquecê-la, na desta jovem é o irmão, todos com o mesmo propósito: desqualificá-las para tê-las sob seu domínio.

Josy pode ter visto nesta nova escolha uma perspectiva de mudança para ela enquanto mulher:

Josy: Olha, todo mundo sabe que **mulher conseguir espaço é uma agonia**, para votar, para lutar por qualquer coisa que seja, tem ali num livro meu uma mulher numa manifestação feminista tirando o sutiã lá em São Francisco, nos Estados Unidos, 1970... Não lembro a data, não recordo! Assim, como o cara vê, a mulher é um objeto sexual, a mulher é pra ficar em casa tomando conta dos filhos e o homem que é para ganhar o mundo. **Na verdade a gente foi criada assim, mulher é para tomar conta da casa**. E rola muito preconceito. Os colegas mesmo dizem que nunca viram mulher cantando *rap* [...].

E o pai pode ter aceitado por ter percebido mudanças na filha, também na escolha das amigas. Ao narrar sobre essas mudanças destaca:

Josy: [...]. Mudou amizade porque a amizade que eu construí aqui é totalmente avessa a essa que eu tenho agora, porque a que eu tenho agora é construtiva, é uma coisa bem construtiva mesmo e os que me vêm assim com essa ideologia, nesse projeto, já fecham a cara. Mudou muito, o conceito mental mudou.

Os trechos das histórias apresentados até agora, permitem compreender que mais uma vez as regras de socialização quanto aos papéis atribuídos a ele(a)s, a distribuição de espaço, a decisão de onde pode ir, enfim, todos os esquemas foram diferenciados. Neste caso, é visível que a ocupação de espaços de sociabilidade diferenciados entre os jovens dos gêneros masculino e feminino como determinante para o acesso ao *rap*. Com isto, foi comum entre as jovens a adesão ao *rap* como forma de desafiar a família frente a uma imposição de papéis diferentes daqueles atribuídos aos irmãos.

A forma narrativa destas biografias parece sempre acentuar a espacialidade marcada pelas diferenciações de gênero: para eles o espaço público da praça e as influências dos desconhecidos; para elas o espaço privado da casa e as influências dos irmãos. Nas narrativas das jovens existem fortes indícios de que as mudanças no que se refere ao espaço de circulação das mulheres, ainda precisam ser efetivadas, sobretudo quando as proibições familiares têm por base o enfrentamento ao desejo das jovens por maior liberdade para namorar, sair com os amigo(a)s, participar de atividades de lazer, dentre outros. As narrativas assim referendadas podem

representar o desejo, por um lado, da reificação dos papéis e por outro da contestação dos mesmos. Obviamente, em ambos os gêneros existe o desejo de mostrar-se como protagonista dos seus atos e a idéia de que o motor de tudo é, todavia, suas próprias práticas.

Diante destas evidencias, pode-se indagar: que projetos estas jovens vislumbravam com o *rap*? E eles desejavam o quê, já que de acordo com o modelo de socialização se consideravam livres para realizar aquilo que quisessem, inclusive práticas ilícitas? Que possibilidades, sentidos e significados passam a ter suas práticas cotidianas após o acesso ao *rap*? Que contribuições o encontro com o *rap* vai trazer para minimizar estas diferenciações de gênero e outras diferenciações presentes na vida deste(a)s jovens? Ou será que o *rap* apenas acentua ou mantém a superioridade do gênero masculino sobre o feminino? Tomando como referências os espaços grupais de socialização do(a)s jovens, no próximo item tratarei mais diretamente das duas primeiras questões, as demais serão abordadas no capítulo seguinte e nas considerações finais.

Essencialmente, o que aparece nas histórias até aqui apresentadas, é que o acesso do(a)s jovens ao *rap*, fora importante, visto ter proporcionado a ele(a)s o estabelecimento de novas relações e, principalmente, de outros vínculos que resultaram na inserção em grupos, para a realização de sociabilidades diferentes das que até então desenvolvidas.

4.3 O estar junto: nos grupos de amigo(a)s, de dança, de rap



Foto VIII: Nomes de grupos de rap. Arquivo de Marcodes Brito

Ao tratarem sobre as culturas juvenis, alguns autores⁵³ afirmam que na juventude os grupos são espaços de práticas de sociabilidade bastante interessantes em todas as dimensões do tempo cotidiano do(a)s jovens. Pais (1993), por exemplo, afirma que na contemporaneidade os grupos de jovens são cada vez mais importantes, visto as instâncias de socialização tradicionais como a família e a escola, terem perdido o poder de influência em favor de contextos mais informais ou subterrâneos de socialização como aqueles que envolvem os grupos de amigos.

Para Abramo (2003), a organização em grupo é apontada como bastante significativa para a compreensão das várias formas de expressão juvenis na contemporaneidade. Segundo a autora, a formação de grupos, o estar em grupos, partilhar experiências nos grupos, tem sido evidenciado por diversos estudiosos da sociologia como um elemento quase “natural” entre os jovens: os grupos são espaços de sociabilidade fundamentais que possibilitam aos jovens processar sua individuação em relação à família de origem, modelar sua identidade pessoal e coletiva, compartilhar as mudanças operadas nessa fase de transição e criar um conjunto de valores e referências orientadores do comportamento e da visão de mundo (ABRAMO, 2003).

Nas histórias aqui apresentadas, na referência aos grupos identifica-se a existência de práticas de sociabilidades como: lazer; troca de materias iconográficos; de atividade de dança; de canto, dentre outras. Ao mesmo tempo, os mesmos foram ressaltados como espaços para compartilhar: amizade; afetividade; estilo de vestir; problemas vividos; segredos... Nesse sentido, a idéia é resgatar e analisar os grupos como agregação e espaços de sociabilidades do(a)s jovens *rappers*.

Desta forma, nas histórias apresentadas até aqui, é possível analisar os diferentes significados que os grupos cumpriam na vida do(a)s jovens. *Robin Hood*, por exemplo, antes de conhecer o *rap*, fazia parte de um grupo organizado em torno da realização de práticas ilícitas. Ele acreditava tratar-se de um grupo de amigos, até que a ética que sustentava seus vínculos com o grupo foi abalada pela desconfiança de traição entre eles, resultando no seu afastamento do mesmo.

O resultado desta experiência deixou *Robin Hood* bastante desconfiado. No período da entrevista, mas ou menos três anos depois da ocorrência do fato, ainda percebi um silêncio, uma dificuldade para tratar deste tema, principalmente, porque envolvia lembranças de perseguição que o grupo exercera sobre ele: “Mas só que eu fui ver que não era fácil, [se afastar do grupo e sair do crime], eu fui muito perseguido, muito perseguido mesmo!”. Toda essa experiência resultou na dificuldade que

⁵³ Dentre estes ver: Abramo (1994), Pais (1993).

passou a ter para estabelecer relações confiáveis com outros jovens, isto porque por onde passava pensava estar sendo perseguido. Ele mesmo afirmou: “Não confiar em ninguém!” Ou, ao contrário, “Ninguém acreditava em mim. Aí [ele] parava assim na esquina lá aonde eu [ele] moro, os caras tudo lá... Os caras começavam a trocar idéia, passar mensagem para eles. Aí os caras riam tudo!” Por tudo isto, somente depois que passa a criar seus *raps*, volta a se inserir em grupos de jovens. Desta vez naqueles que estavam associados a esse estilo musical, diferentemente da identificação anterior.

Para *Mano Brown* a função era semelhante: “Eu e a rapaziada se juntava e ia para um bar chamado Planalto Santa Fé, o que a gente ia fazer lá? Roubar, antes roubava o mínimo que era garrafa, fio telefônico que o pessoal colocava no varal, roubava roupa”.

Porém, as inserções de outros jovens do sexo masculino em grupos tiveram outras motivações e, portanto, outras identificações, outros significados. É exemplar a referência de *Mano Man*, ao falar dos vizinhos com quem saía para jogar bola, mesmo contrariando as orientações da mãe e da avó, que os consideravam más companhias. No caso deste jovem, o grupo de amigos funcionava como espaço para a prática de lazer no bairro.

Outra função dos grupos que emerge destas histórias é de aprendizagem sobre o um estilo de dança e para o conhecimento de algumas práticas ligadas ao *hip-hop*. Tal funcionalidade pôde ser observada na história de *KL*, quando ele trata das suas primeiras incursões pela cidade:

Bom, primeiro o Fernando mesmo... Ele foi muito bom assim nesse negócio de **conscientização**. Ele chegou e me abriu os olhos, ele me falou como realmente funciona o *hip-hop*, o que é o *rap*, o *rap* manda uma mensagem para você, entender [...]. Foi assim que eu abri minha mente pro *rap* graças ao Mauro ter ..., cara como eles estarem jogando a gente de bobo dentro do *hip-hop*, porque é um cara pioneiro na arte de fazer *hip-hop* aqui no Piauí, mas assim foi ele mesmo que me deu a idéia, que falou como funcionava e como é que era o *hip-hop*.

Por isto, as relações de amizades e as identidades com o estilo musical eram fundamentais para o acesso ao grupo:

Mano Brown: Porém, eu lá no Teatro de Arena, triste, cansado... Aí eu ia e tal, aí eu lá triste com a cabeça baixa, as duas mãos no rosto, eu não estava nem olhando para o palco, estava olhando ao meu redor, para a rapaziada e tal. Aí eu escuto o *Robin Hood* lá chamando: “E aí *Mano Brown* se tu tiver escutando aparece aqui no palco!” Ao vivo, subi: “Pode dizer mano, diga lá o que que lhe dói!” “Não moleque porque é o seguinte nós queremos mandar primeiro o som.” “Rapaz se der!” “Dá!”. Eles botaram o instrumental lá, mandei meu som que eu tenho minhas letras e tal, aí os moleques **fizeram um convite.**

E acrescenta:

Mano Brown: **Porque a gente se ama demais, é como se fossemos [...] [quatro pessoas] é para dizer que não tem preconceito, onde a gente se ver a gente se abraça, a gente diz que um está com saudade do outro, diz mesmo na maior e não está nem aí para quem tiver ao lado.** Toda vez que a gente se ver: “Meu irmão eu te amo.” E o outro “Meu irmão eu também te amo.” E assim vai, acho que até as gatas dos caras olham assim e sentem ciúme e chega até a duvidar da nossa masculinidade, porque são uns caras bem humildes mesmo. São humildes isso eu confesso, a rapaziada é firmeza em questão de postura, não vou dizer que nós somos a melhor banda porque eu tô sendo pouco, como é que se diz, ganancioso e orgulhoso demais, mas só que muitas pessoas valorizam nosso trampo, a gente sabe trocar idéia, **a gente sabe chegar, a gente sabe conversar, se acontece um problema com a gente, a gente sabe resolver, seja no diálogo, seja na pancada, seja como for, a gente procura a maneira mais fácil, mais rápida de se resolver. Se tem problema para resolver a gente não deixa para resolver depois não, resolve na hora, o que der e vier. O que der na telha a gente faz.**

Pode-se observar ainda que o fato de participar do grupo fazia *Mano Brown* sentir-se acolhido. Por isto, o grupo tinha também o sentido de resgates das situações vivenciadas, como motivação para sair das dificuldades enfrentadas no cotidiano.

Além da amizade, o desempenho de alguma atividade útil ao grupo de *rap*, também define quem vai fazer parte do mesmo, conforme expressa *Mano Brown:*

O que aconteceu? Chegou o *Robin Hood* falou umas palavras lá que doeu e a partir daquele momento eu me

identifiquei como [grupo], com o *Robin Hood*, com o *Munari*: “E aí moleque eu sei que tu está cantando numa banda aí, mas não sei se está certo, nunca mais vi como é que ta, mas nós [do grupo] pra fazer festa estamos precisando de um bascuio e é você, se você puder aceitar. Abracei os caras, abracei a idéia, aceitei o bagulho e disse: “Oh, a partir de hoje se precisar estou aí, marcando junto. Fiz letra, vixe! Mudei, não tem, me senti muito alegre, **a rapaziada do [grupo] mesmo, um pessoal bem acolhedor, pode trocar idéia com todo mundo.** Tem uns ignorantes porque todos nós somos, às vezes a gente vacila, a gente briga. O nosso grupo eu comparo tipo gato, rapariga ruim, nós quatro, de raça mesmo.

Vejam o que *KL* expressa ao fazer referência ao grupo de *rap* que passa a fazer parte depois de se reconhecer conscientizado por Fernando:

Graças a Deus somos todos amigos. Na verdade o Armazen teve formação em 2000, quer dizer que já são cinco anos de grupo. A primeira formação era o Rudhy, Karyhn, Mukasah e o Daniel. A primeira formação começou em 2000, começou com quatro componentes, era o Rudhy, Karyhn, Mukasah e o Daniel, só que por problemas entre eles, nessa época eu não fazia parte da banda, o Daniel saiu, eu fazia parte de uma banda de *rap* chamada Puro Rap. Eu era o Dj do Puro Rap. Sai do Puro Rap e os caras me chamaram para tocar com eles. Aí começou a nova formação, era o Dj Mukasah, Maicon, Cahí e o Carioca. Com o tempo, o tempo foi passando, a gente viu a necessidade de por mais um vocal, e aí a gente pôs o Preto, um dos letristas também da banda, e essa formação vem até hoje.

Para *KL* também as relações de amizade e as identidades com o estilo musical, em particular, foram fundamentais para o acesso ao grupo. Por isto, as relações pessoais eram percebidas como bastante importantes nas escolhas de quem poderia participar do mesmo, tornando-o às vezes muito fechado.

Como se pôde observar, as motivações dos jovens para participarem dos grupos eram bastante diferenciadas. Uns se integravam porque se identificavam com o estilo musical, outros porque sabiam realizar alguma atividade importante para o funcionamento do mesmo, outros porque queriam aprender a cantar. Evidentemente, o que é difícil afirmar é em que medida os diferentes interesses foram se conflitando e engendrando formas diferentes de participação. Ou ainda, se não foram, exatamente, os conflitos

entre as diferentes motivações, norteados por diferentes interesses, que fortaleceram estes grupos de jovens.

E as jovens que referenciam grupais apresetam nas suas histórias? O que projetavam? Como e de que grupos participavam?

Começemos por *Negra Li*:

É porque uma escolha assim já da adolescência, eu comecei a gostar assim de criticar e ao mesmo tempo dar solução. Eu sempre gostei, só que para falar isso para o mínimo, né? O [refere-se a um amigo] falava assim: "**Nega Li, porque tu não entra numa roda, porque tu não pode ficar fora dessas coisas, tem que entrar**", me incentivava para entrar. E eu começava com receio, sabe aquele medo, aquele receio de não dar certo e agora eu entrei mesmo de frente mesmo. Eu levo muito a sério.

Quem sabe com esta escolha, ela tivesse vislumbrado a possibilidade de usufruir da liberdade que o irmão tinha para circular livremente com os amigos ou com os outros *rappers*?

Na história de *Nega Gizza* também o irmão aparece como intermediando a relação entre ela e os outros *rappers*:

Nega Gizza: Meu irmão conhecia os meninos, [refere-se a membros do *hip-hop*], fazia um tempão e aí eles foram fazer um curso [...] e estava precisando de pessoas para fechar o quadro... **Aí meu irmão foi e convidou a gente**. Eu ainda estava trabalhando nessa época.

Lila: Tu trabalhavas ainda no CM?

Nega Gizza: No CSG. Aí eu fui lá com ele. **Aí conheci os meninos todos**, só que eu passei um tempão, eu fui assim durante uma semana, depois eu parei de ir porque estava chegando muito tardão em casa e eu estava com problemas também. Aí eu não fui mais.

Lila: Tu ainda eras casada na época?

Nega Gizza: Não, eu estava só namorando. Aí eu não cheguei a ir até o final do curso e a [irmã] foi. E aí acabou e teve o segundo módulo e a gente não participou e [meu irmão] **também já não estava mais aqui, tinha viajado. A gente perdeu o contato dos meninos**, é por isso que a gente tomou um susto, [minha irmã] encontrou eles aqui e me falou. Eu tomei um susto porque eu pensei que eles não tinham nem conseguido lugar para se reunirem porque eles se reuniam na praça.

Conforme ressaltado anteriormente, a apresentação do estilo

musical a algumas jovens foi mediatizada pelos irmãos e, no caso desta jovem, o acesso aos grupos também ocorrera da mesma forma, como se elas necessitassem de uma permissão não apenas para circularem mas, também, como se o irmão quisesse dizer aos amigos que aquelas mulheres eram suas irmãs.

Já na história de *Malu* aparece um amigo que já fazia parte de um grupo de *rap*:

Malu: Conheci as meninas por acaso. *QL*, que era da banda também. Meu, a gente... Uma menina mentiu para gente lá e depois que o *QL* entrou a história começou a andar. Ele fez uma música para gente cantar e a gente começou a ir para casa dele [...]. Aí ele apresentou a gente para um... [...]. E foi assim a gente começou a andar com ele, a cantar e tal. Eles gostaram e o *QL* saiu, tem outra banda agora e a gente continuou.

Como aparece na história de *Nega Li*, a ida aos primeiros bailes permitindo um contato mais direto com os grupos durante as apresentações musicais, também fora realizada com o irmão:

Foi assim através do meu irmão que meu irmão entrou primeiro, me influenciou mais e eu conheci os meninos, mas só que nos.... assim não tinha entrada. **Aí meu irmão começou a andar, começou a me levar, lembro até que o primeiro baile que eu fui já foi um show, o show do Gog, o primeiro que eu fui, acho que foi dia 19 de novembro, lembro até o dia, parece que foi de 2001**, está com um bocadinho de tempo.

Quando *Negra Li* começa a sair para estes espaços, já começa a vislumbrar a perspectiva de organizar o grupo de *rap* com as amigas:

As meninas, uma das meninas ... [...]. **Eu vi a Jocy cantando num baile que teve lá na [Vila]. Eu pensei que ela nem gostava, eu via ela.** Falava com ela assim: “Como é que vai *Jocy*?” Aí eu vi ela lá no baile: “Meu Deus essa menina canta demais, eu olhava assim para ela, meu Deus a menina canta”. **A gente comentou e aí o Robin Hood: “Rapaz tem uma menina ali que canta, eu acho que ela está a fim de cantar também.”** E aí falou de mim e aí a gente começou a conversar. **“Porque vocês não formam uma banda e tudo.” Mas no começo eu comecei só a ajudar ela, ela tinha um problema que o pai dela não deixava. Aí a gente começou a tentar convencer os pais dela a deixar ela entrar, e aí a gente foi, começou e tudo.** No momento que ela começou a entrar mesmo assim, aí eu comecei a me interessar mais, porque eu não estava assim

tão ..., que eu pensava assim, eu queria entrar, mas aquele medo mesmo.

O fato de encontrar outras meninas já cantando, fortalece a idéia de *Negra Li* sobre o que fazer com o *rap* dali pra frente. Mesma assim, elas enfrentam as resistências da família de *Josy* que era contrária não apenas à escolha da filha pelo *rap* mas, também, à organização do grupo.

Além, disto, na história de *Nega Gizza*, outras dificuldades são destacadas:

É porque é assim, quando começou, os meninos cantando rap. Desde o início foram os homens que começaram com isso e aí a gente não tinha em quem tentar se identificar. Aí as meninas iam pegando aquilo ali que iam vendo, só mais homens com microfone na boca, calça folgada e falando mesmo do jeito deles. As meninas não tinham em que se espelhar, só nos homens. **Aí muitas mulheres achavam que para ter o espaço delas garantido tinham que vestir calça folgada, botar um boné enterrado na cabeça e falar que nem homem. Tem mulher, a gente não precisa deixar de ser mulher para conquistar o nosso espaço não! A gente pode subir no palco de saia, de vestido, de turbante, ou de boné, com uma saia, o que a gente quiser. Não vamos deixar de ser mulher não por causa disso.**

E acrescenta:

Temos que conquistar o nosso espaço sendo do jeito que a gente é; com batom, rebolando, não estamos nem aí se o cara vai se excitar, problema é dele, ele não sabe se segurar com uma mulher daquelas. Isso aí é mais uma prova de que eles não estão querendo dar o respeito, não estão preparados para receber as mulheres mesmo de atitude, com idéias como está surgindo agora. Muitas mulheres mesmo com idéias firmes na cabeça que chegam até ao palco e fala mesmo para os machões se ligarem, se mancarem. E para quem escreve as letras, o cara que canta, começar a fazer uma letra consciente dando mesmo uma força para a mulher mesmo que está ali na batalha. Não só reconhecer o lado de mãe ou da parceira porque está em casa cuidando dos meninos, não! A mulher mesmo que está segurando o BO sozinha, que rala mesmo, que tem coragem de chegar no palco ou tem coragem de acordar de manhã cedo e meter a cara atrás de um trampo e assim mesmo não deixa de respeitar o cara. Tem muito cara que não está nem aí para isso, ele só quer saber que vai botar uma levada na música dele falando da puta preta, a puta branca... Ou então, eu sou gostosão, no meu carro tem um monte de vadia, não sei o que... **E depois ele vai atrás dessa mesma mulher**

que ele fala isso. Então ele acha que mulher só é a mãe dele; meninas que estão cantando rap, [...]. Aí eles pensam que isso aí não são mulheres, não são guerreiras. São sim, essas aí são mulheres que têm mais fibra.

A história concentra-se nos momentos decisivos da juventude de uma jovem que, aparentemente, deseja apenas montar um grupo de *rap*. Entretanto, a protagonista examina e reconstrói a própria história num jogo de proibições e preconceitos que revelam a atitude dos *rappers*, oscilando entre a forma imposta por eles e aquela desejada por ela para participar dos grupos de *rap* preservando sua identidade de mulher. Narrada em terceira pessoa, a história evolui com simplicidade, como se a narradora se pusesse a lembrar experiências que marcam imposição de espaços e formas de comportamentos para as mulheres de um modo geral, mas que ela não deseja ver ali reproduzida, deixando a memória aflorar livremente. Aos poucos, ela vai recorrendo a exemplos do cotidiano - como a ironia sutil e as imagens poderosas – para evidenciar que, para os *rappers* as mulheres sagradas são suas mães e suas esposas, como se quisesse afirmar que ao assumirem um lugar no palco perderia este *status*.

Por meio da história desta narradora, encontramos a contestação de uma visão masculina de divisão sacralizada entre a mãe e a esposa e as outras mulheres. Entre duas formas diversas de as perceber. A história procura rever alguns lances principais da educação machista presentes não apenas no universo masculino, mas também naquele feminino, como se quisesse afirmar que para fazer parte deste espaço deve-se ser contrário a tais condutas. Em síntese, a narradora procura compartilhar suas próprias “dores” com as outras mulheres, com os outros *rappers*.

Diante do exposto acima, pude observar que existe uma diversificada face social, com diferentes formas de grupos juvenis, uns mais e outros menos estruturados; funcionando ou não através de instituições e com princípios claramente postos ou não. Mesmo assim, essas formas de agrupamentos não podem ser desqualificadas por não se enquadrarem aos modelos tradicionais de classificação, sobretudo, quando envolvem a mobilização e a ação coletiva dos jovens, por meio da música, da dança, da prática do graffiti, dentre outras atividades. É importante destacar que é,

exatamente, utilizados estas formas de expressão gráfica, oral, corporal que diferentes grupos juvenis têm se manifestados suas idéis no espaço público.

Nas narrativas do(a)s jovens, ficou evidente diferentes formas de aglutinação em grupos de amigos, de dança, de *rap*, transformando-se em símbolo de identificação, tornando inevitável a constituição de relacionamentos diferenciados a partir da inserção do(a)s mesmo(a)s nestes espaços.

5 O(a)s jovens em movimento: lazer, política e ocupação

Por meio dessa organização [da cultura], cada narrador dá uma interpretação da realidade e situa a si mesmo e aos outros e é nesse sentido que as fontes orais se tornam significativas para nós. (KHOURY, 2001, p. 84, grifo nosso)

Os sentimentos produzidos pela leitura das histórias de vida aqui apresentadas permitem-me compreender que:

Cada pessoa, valendo-se dos elementos de sua cultura, socialmente criados e compartilhados, **conta não apenas o que fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez**. As fontes orais são únicas e significativas por causa de seu enredo, ou seja, do caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores para contá-la. (KHOURY, 2001, p. 84, grifo nosso).

Mas também narram com certa **simultaneidade** tudo acontecendo ao mesmo tempo, todos acontecimentos inseparáveis uns dos outros, mas logicamente distintos. (PORTELLI, 2000, p. 306).

Desta forma, foi difícil apreender quando o(a)s jovens e seus grupos passam a se considerar no movimento. A passagem da simples escuta da música ou da participação nas atividades como lazer é bastante tênue também quando narram suas histórias de vida e nelas as experiências no movimento são referidas.

Os obstáculos enfrentados para compreender e analisar de forma separada **risco** e **reclusão**, foram enfrentados para separar **lazer**, **política** e **ocupação** como parte das práticas dele(a)s no movimento. Assim como ocorreu com a relação risco/reclusão quando a menção era o espaço, nas histórias as referências ao movimento aparecem tênues em relação aos grupos e às atividades desenvolvidas a partir da formação da banda. A dificuldade de compreender separadamente **lazer**, **política** e **ocupação**, quando o(a)s jovens narram suas experiências no movimento está relacionada à impossibilidade de separar tais sentidos do conjunto das práticas dele(a)s, não apenas porque as vivem ao mesmo tempo, muitas vezes no mesmo espaço, mas porque as vivem por inteiro. Esta é, portanto, uma dificuldade metodológica, mas não é na experiência cotidiana.

Na realidade, os acontecimentos são vividos ao mesmo podendo ser organizados conforme os sentidos atribuídos por quem narra. Portelli (2000) tratando do uso do tempo na narrativa oferece-nos pistas para o agrupamento de eventos referentes à mesma área de sentido, mas que ocorrem em outros momentos, formando linhas sintagmáticas paralelas que ele denomina de **nível**; e o padrão desenvolvido por cada narrador, **modo**. Segundo ele, existem mais ou menos três estratos verticais (experimentalmente ligados a espaços de referência) em torno dos quais os níveis e modos são organizados na maioria das narrativas: o **institucional**, o **coletivo** e o **pessoal**.

O primeiro estrato, o **institucional**, refere-se à esfera política, governo, partidos, sindicatos e eleições; o contexto histórico nacional e internacional; e a ideologia. Neste estrato, o espaço de referência é a nação e o mundo. O segundo, o autor chama de **coletivo** e diz respeito à vida da comunidade, do bairro e do local de trabalho; greves, catástrofes naturais e rituais; e a participação coletiva em episódios “institucionais”. Este estrato tem como espaço de referência a cidade, o bairro, o local de trabalho. O terceiro, o **pessoal**, está relacionado à vida privada e familiar; o ciclo vital de nascimentos, casamentos, empregos e mortes; e envolvimento pessoal nos outros dois níveis. Neste estrato, o espaço de referência é o lar (p. 306-307).

Nesta linha de raciocínio, o autor acrescenta que os **modos** e os **níveis** nunca são completamente separados e distintos, pois todos caminham simultaneamente e se misturam de acordo com o pensamento das pessoas e com a maneira como relatam suas vidas (PORTELLI, p.307). Por esta via, tornou-se ainda mais difícil a separação em itens, quando a menção do(a)s jovens foi o movimento e, a partir dele, os sentidos foram o **lazer**, a **política** e a **ocupação** do tempo. Aqui o tempo das práticas experimentadas no movimento comporta simultaneamente todos estes sentidos. Desta forma, a separação em itens constituiu-se apenas num recurso didático e para cumprir uma exigência de exposição textual, mesmo porque a formação da banda já sinaliza, em si, a realização das práticas de lazer, o exercício de atividades políticas e a ocupação do tempo livre. Este mesmo entrelaçamento ocorre não apenas quando as práticas realizadas têm um sentido mais político, mas também quando o interesse é pela ocupação do tempo. Vejam como foi possível organizar.

5.1 O movimento surge na vida dele(a)s: a formação da banda própria

Nas histórias narradas, o surgimento do movimento aparece frequentemente relacionado à participação nas atividades formais que caracterizam para ele(a)s ser um(a) *rapper* ou, utilizando a linguagem dele(a)s, quando assumem a “postura⁵⁴” de *rapper*. E, neste sentido, para algum(ma)s, a experiência de se tornar um(a) *rapper* é identificada com o surgimento do *rap* na vida dele(a)s e/ou com a inserção nas atividades particulares ao movimento, como a formação da própria banda e a realização/participação em atividades de convencimento em espaços públicos ou privados. Para outro(a)s, são as apresentações musicais nas

⁵⁴ Refere-se a um posicionamento que impõem respeito em determinados grupos, até mesmo rivais. O termo é mais comumente utilizado para militantes do *hip-hop* e simpatizantes. As atitudes e os posicionamentos de quem tem postura é uma referência para o grupo do qual faz parte e para os demais grupos.

praças, a visita a espaços prisionais, a realização de programas de rádio que marcam o surgimento do movimento nas suas vidas. Tentarei aqui explorar como são narradas estas experiências e os modos como nelas aparecem as referências ao movimento, com vistas a apreender os diferentes sentidos presentes.

Uma das peculiaridades das experiências no movimento é a identificação do mesmo, pelo(a)s jovens, como espaço de publicização dos problemas enfrentados por ele(a)s e de ressignificação de suas práticas. Em primeiro, lugar ele(a)s falam de entrada no movimento, fato que se configura numa temporalidade posterior àquela referida ao surgimento do *rap* em suas vidas. Então, observem o que foi possível compreender como sendo para ele(a)s o surgimento do movimento em suas vidas e que significados atribuem a esse fato.

Começemos por *KL*:

A entrada para o *hip-hop* foi da seguinte forma; eu estava na minha adolescência, na faixa dos quatozes, quinze anos... Aí eu estava do lado errado, estava naquela de briga de gangues... Ninguém podia me olhar de modo diferente que eu já estava brigando com todo mundo. Drogava-me junto com a galera lá.

A gente já curtia *rap* só que não tinha consciência do que era o *hip-hop* [...]. **Aí ele [refere-se a um membro do *hip-hop*] chegou e começou a trocar idéia com a gente. Conversou com a gente, falou sobre as rodas [de *breack*] que tinham [na Praça Pedro II], falou sobre o Movimento *hip-hop* organizado aqui do Piauí, que nós não sabíamos que existia e chamou a gente para **colar**. A gente colou e nos identificamos com as **idéias** e com aquilo que a gente estava buscando e estamos aí até hoje.**

Na história de *KL* o movimento surge a partir da motivação de um membro do mesmo que, não apenas repassa informações mas, também convida-o para participar das rodas de *breack*, possibilitando-lhe contato com grupos de jovens já estruturados. O espaço das rodas é aquele que, conforme aparece também na história de *Mano Man*, os jovens vão conhecer as idéias defendidas pelo movimento, fundamentais para que eles passem a **colar**⁵⁵.

⁵⁵ Ver glossário no final do trabalho.

Na história de *Mano Man*, o passar a **colar** é uma ação mediada por alguém que faz parte do movimento. Esse alguém permanece perto do convidado transmitindo informações sobre o movimento, quando este aparece nas rodas para ouvir música e aprender a dançar. Como se pode ver no trecho acima, uma das finalidades das rodas é a troca de idéias, mas é, também, tratar com o(a)s outros jovens sobre problemas relacionados ao universo do qual fazem parte.

Por meio da história de *Mano Man*, pode-se compreender que estas idéias são entendidas como:

Uma ideologia que é assim ... Não sei se vou falar coisa errada, eu vivia num núcleo [refere-se às amizades que tinha antes de conhecer o movimento] ... **Aí quando eu entrei no hip-hop eu passei a ver depois desse núcleo** [ao se referir às práticas das quais fazia parte]. Eu saí desse núcleo e passei a ver como acontecem realmente as coisas. Como as coisas são, saí desse núcleo. Muita gente que ainda não conhece o *hip-hop* pensa que ainda hoje tem que estar nesse núcleo, que eu acho que é um núcleo **sistemático. Do sistema, que é aquela coisa que a pessoa deixa se levar por várias coisas que vê em tv, qualquer coisa que lance na tv a pessoa quer usar [...]**.

Valendo-se de uma linguagem cifrada, *Mano Man* apresenta informações que me permitem entender que a troca de idéias consiste em discussões sobre problemas enfrentados por ele(a)s, evidenciando uma dimensão mais ampliada sobre a realidade em que vivem. Ao utilizar a palavra “**sistemático**”, explicou que é vindo de sistema, ou seja, das idéias dominantes, contrárias aos interesses deles. Interesses estes que podem ser melhor vistos, pelo ângulo do *hip-hop* e não da tv. Segundo sua história, as questões discutidas estão relacionadas ao poder da mídia na influência do consumo, mas também aos modos como são influenciados a viver socialmente.

E ao continuar narrando sobre o surgimento do movimento, trata dos resultados que esta experiência teve para si próprio, evidenciando uma perspectiva relacionada a uma dimensão individual:

Mano Man: [...] ideologia própria de se **auto erguer. Erguer a cabeça**. Por exemplo, ver em novela, ver aquelas coisas... As pessoas se deixam levar por essas coisas, porque a

maioria das coisas de novela, é tudo aquela [de] classe rica falando, tudo é o mesmo tema; ou é briga na família, é empresa, empresário bem sucedido, mostra assim um lado que não existe no cotidiano brasileiro, porque a maioria da população brasileira é a população da periferia. [...], eu não me deixo levar, eu vejo uma visão diferente, eu vejo assim, por exemplo, um detento, ele já está detento, “Ah é bandido, não sei o que, tem que ficar na cadeia.”, eu vejo que ele nunca teve uma oportunidade [...] que uma pessoa de classe rica já teve. Ele nunca teve essa oportunidade [...].

Para analisar de forma mais consistente como e quando ele passa a compreender estas questões, fiz-lhe algumas indagações:

Lila: E como foi que tu descobrites o *rap*? Foi por acaso, como foi isso? Conta um pouco essa história.

Mano Man: Antes eu não tinha nenhum conhecimento sobre o *rap*, no ano assim de 1999, deixa eu ver, 1998 para 1999, se eu não me engano, meu primo veio de São Paulo, veio para a casa da minha avó, passou uma temporada lá, ainda hoje ele está lá, veio de São Paulo. Antes dele vir eu não tinha nenhum conhecimento sobre o *rap*⁵⁶.

[...]

Nunca tinha ouvido *hip-hop*. Aí ele [referindo-se ao primo] passou a escutar o *rap* e eu também via aquilo ali e ficava achando estranho. Nunca tinha escutado *rap*, não sabia nem o que era *rap*, na hora que ia escutar sempre tem aquela pessoa que [diz] “Tira isso aí, isso é coisa de bandido.” Aí eu passei a gostar do *rap*, comecei a escutar as batidas. Que batida é essa? Mais tarde eu comecei a entender que era outra coisa, outra coisa. **E ainda hoje já mando uma mensagem bem positiva para aqueles que curtem o *hip-hop*, não só pela batida, mas também pelo conteúdo da letra.**

Vários outros sentidos sobre o *hip-hop* são revelados por este narrador — tanto quando pelos outros sete — mas aqui um tema capital, é aquele apresentado a partir da compreensão do conteúdo das letras dos *raps* e, conseqüentemente, da preocupação que este jovem passa a ter com

⁵⁶ Entre os narradore(a)s *Mano Man* foi o único a fazer referência de ter recebido influências de jovens de outros Estados. Conforme tratei em artigo sobre as origens do movimento, foram bastante significativas as influências de membros do *hip-hop* de outros Estados na organização do movimento em Teresina. Um membro da entidade Quilombo Urbano do Estado do Maranhão deu uma grande contribuição para a organização do *hip-hop* teresinense. Além de maranhenses, identifiquei influências de membros do Movimento *Hip-Hop* Organizado do Ceará, participando de atividades em Teresina e ajudando na organização do movimento local.

suas elaborações, fundamentais para que passe a desenvolver atividades junto a outros jovens.

O trecho a seguir confere ao tema capital sua dimensão mais significativa revelada por meio das preocupações com os acontecimentos ocorridos na comunidade:

Mano Man: Esse lance aí do *hip-hop*... Eu e o Dd [um amigo], a gente teve assim uma conversa... A gente estava vendo o que estava acontecendo na nossa quebrada, vendo aquilo tudo, [...]. A gente está assim com uma mentalidade de que o *hip-hop* mostra a realidade mesmo. **Eu passei a escutar o rap, a gente se ligava na letra, porque muita gente escuta o rap não é por causa da letra, mas é por causa da batida.** Quando a gente vai desfilar no carro com a batida de rap, um grave pesado, por exemplo, na hora que o cara passa assim com o carrão, o somzão pesado, um grave pesado ... “Poh! o *hip-hop* não sei o que, eu curto.”, mas não curte por causa da letra, não se liga no conteúdo da letra mas se liga na batida. O rap para nós não quer dizer que ele tem uma base que não preste, mas a letra presta. **É só você se ligar na letra da música, não na batida da música.** Tem gente só por esse lado, a gente não, a gente se ligava e aí passamos a escutar diretamente o rap e aí tiramos a conclusão de formar esse grupo [nome do grupo]. **A gente formou, até hoje estamos aí, estamos mostrando o nosso trabalho.** A gente tem um demo, um pequeno demo, um cd de demonstração, três músicas de início, para demonstrar nosso trabalho. **A gente tem música falando sobre droga que manda uma *idéia real* mesmo para [a] pessoa perceber mesmo e ver que é uma mensagem bem positiva.**

A escuta do rap tinha agora outro significado, exigindo deste jovem outro papel: disseminar as idéias sobre o movimento na comunidade. Para ocupar-se deste papel o caminho vislumbrado por *Mano Man* é o da formação da própria banda. Neste caso, a *idéia real*, era falar da realidade das drogas. Ao tratar deste tema, o objetivo deste jovem, por meio do grupo do qual faz parte, é possibilitar aos outros jovens da sua comunidade, da mesma forma que fora possibilitado a ele, uma reflexão para que eles “[...] sai[am]r desse mundo.” E venham “[...] cair na real porque esse mundinho aí não dá em nada.”

Estes espaços — da roda referido por *KL* e da banda por *Mano Man* — possibilitam aos jovens o estabelecimento de uma relação entre os

temas discutidos e suas experiências cotidianas, conforme também evidenciou *KL* ao referir-se agora a mais um outro espaço:

Bom, a gente... a pessoa para colar com a gente é muito simples, é só aparecer a primeira vez e ficar falando nas reuniões. **Ficar aparecendo nas reuniões, discutindo e tal. Dar seu depoimento para a gente saber como é. A gente vai lá na sua casa, conversa com seu pai e sua mãe e vê se realmente é aquilo que você falou. Se não é sua imaginação. O resto é só aparecer mesmo e procurar um dos elementos do *hip-hop* para fazer. O resto acontece.**

E *KL* depois de conhecer o movimento, passa a trilhar os caminhos dos eventos organizados na cidade, fato que o fez decidir o que fazer lá dentro:

Para falar a verdade eu canto, eu faço letras, mas meu caguete mesmo é para ser Dj, foi aonde eu comecei a minha vida dentro do *hip-hop*, como **militante**, [...] foi como Dj. Foi com [de] um amigo lá do Dirceu [...] a primeira apresentação que eu vi de uma banda de *rap* foi eles tocando com os caras lá na universidade. E aí eu me identifiquei logo, me apaixonei por aquilo, me interessei, por incrível que pareça ele só me deu uma aula, o resto eu aprendi sozinho. Hoje tudo que um Dj que treinou a vida toda faz, eu também faço.

Além dos ganhos citados, que não são poucos, as narrativas revelam, também, ganhos pessoais em outra dimensão, a do conhecimento intelectual. *Robin Hood* manifesta ganhos pessoais ao se referir ao surgimento do movimento em sua vida, todavia, apresenta outro caminho e outros significados até a formação da banda:

[...] eu comecei a escrever [e a] chamar várias pessoas para montar o grupo de *rap*: “E aí irmão vamos montar um grupo?” A galera: “Vamos e tal.” Eu dizia: “Oh cara o que é que tu acha?” Eu não tinha nem noção do que era *rap* mesmo e de como montava uma banda. “Rapaz vamos comprar disco tal, rapaz a gente dá um jeito, a gente compra.” [...]. E nisso era nós os viajantes [...]. Pra tu ver que até o nome era padronizado para muitas pessoas [...], o nome do grupo. E a primeira galera que entrou foi esse meu primo que se chama Edielson e outro lá do Dirceu [...], um cara bem conhecido também. [...]. Então era assim, todo lugar que a gente andava junto, a gente ia. [...]. Daí eu chamei eles para montar o grupo: “E aí vamos tentar?” E nada deles, aí eu desisti deles e arranjei outros caras do *rap* aí, outras pessoas [...], marcava ensaio, marcava reunião e ninguém ia e isso já estava com uns quatro, cinco, sete meses, e eu já começava a andar com negócio de mochila,

andava com mochila, papéis... Onde eu ia arrancava cartaz e tudo, e sempre comprando livro, comprando livro. Quando eu terminava de ler eu dava para as pessoas. Aí depois disso aí tudo que eu fui aprendendo, um cara me chamou “*Robin Hood?*”, sempre eu via ele, o nome dele é Calandro. O apelido dele é Calando, o nome dele é JW. Ele é um dos maiores *rappers* daqui de Teresina. Para mim aquele cara ali... Eu não tenho nem palavras para descrever aquele cara. Dizer o que ele significa para mim. Toda vez que eu via ele: “Tenho vontade de entrar no *rap*. Quero entrar no *rap*, montar um grupo, olha meu *rap* aí!”, aí cantava o *rap* lá dele. E porque que eu acho de facilidade no *rap*? Porque para você ver, eu sozinho botava o cd de *rap* para rolar, o cd rolava e eu ficava cantando lá junto do cara que estava cantando. Quando terminava toda aquela música, aí soltava aquela batida, aí quando soltava a batida eu aproveitava: “Aqui é o Mano *Robin Hood* direto do Itararé, os malucos batem nos peitos, bote fé que eu estou em pé.” É mais ou menos assim eu ia levando. E aprendi a rimar mesmo em cima da batida e quando eu peguei o primeiro impacto para cantar, eu não tive esse susto porque eu faltava.....

Os caminhos trilhados por este jovem permitiram-lhe ocupar seu tempo com suas criações antes de montar a própria banda. Isto significou ficar em casa ouvir outros *raps* e sair a procura de materiais que que ajudassem nas suas criações. Por esta via, *Robin Hood* entra no movimento, monta a banca e é “contaminado” por informações que lhe permitem adquirir conhecimentos sobre a realidade local, nacional e mundial. Possibilita-lhe não apenas ressignificar suas práticas, mas também suas identidades com a música, em virtude da “**postura**” crítica, ou da possibilidade de criticar, proporcionada pelos conhecimentos:

Faço parte do *hip-hop*. Faço a 5ª série, mas não é me exibindo, é o tipo de conhecimento que eu tenho. [...]. A questão também é que quando eu estava no clima aproveitando o dinheiro que eu tinha, eu comprava muito livro: eu comprava livro de Karl Marx, eu comprava livro sobre socialismo, sobre Platão, esse tipo de coisa que me chamava a atenção mesmo. Sobre sociologia, literatura. Comprava livros de contos, história, história do Brasil, sobre a ALCA também, um monte de coisas assim, por que? Porque que eu tive esse pensamento de conhecer esse tipo de coisa? Porque tem gente que diz assim: Porque ele teve sorte desse jeito? Porque fulano tem e outro não tem? **Então, cada coisa que eu lia que era dado no final tinha dizendo é de livro tal e tal. Isso foi o que foi me levando a procurar livros descendente de outros. Eu fui comprado coisas bem fortes que pessoas chegavam para mim assim: “Rapaz, tu é doido? Tu está lendo um livro desse**

aí? Tu ao menos entende o que tu estar lendo? Esse livro é para pessoa de ensino superior, isso aí não dá pra ti não?” E apesar disso eu entendia, nunca deixei de está com o dicionário do meu lado, dez palavras que eu não entendia eu estava com o dicionário do meu lado aqui.

Quanto a *Mano Brown*, como a experiência do surgimento do *hip-hop* aparece na sua vida? Quando, tendo de resgatar este tema na discussão, narra sobre suas andanças pela cidade para participar das festas de *hip-hop* e das rodas perto de sua casa. Ele afirma: “No *hip-hop* eu tenho dois cargos. Dois cargos que muitas vezes se multiplicam em mil ou até mais. Sou MC. MC para quem não sabe canta. Sou MC, canto na banda que se chama Tatuagem, junto com os meus parceiros [...]”

E continua resgatando informações sobre os outros espaços em que havia participado antes de fazer parte da banda na qual se encontrava no momento do recolhimento da entrevista:

Mano Brown: Antigamente eu cantava numa banda que se chamava Idéia Geral, junto com um parceiro conhecido como Marvim. Só que, tá ligado, esse cara é mais enrolado do que a própria enroladeira. Não tem? É pior do que uma cobra, o bicho marca um compromisso aqui e aí vai para outro e tal. Não deu certo [...], o irmão é assim mesmo, eu compreendi.

Mano Brown já era um conhecido do grupo, mesmo porque desde a saída do CASA, onde entrara em contato com o *rap*, passa a frequentar as atividades do movimento e, em especial, as rodas de *breack*, que aconteciam perto da sua casa. Neste sentido, suas primeiras tentativas de participar formalmente de uma banda foram frustradas, segundo sua história, porque seu companheiro Marvim era muito ocupado. *Mano Brown* continua participando de atividades, até que:

Porém, eu lá no Teatro de Arena, triste, cansado... Tinha rolado umas tretas lá no setor, eu estava invocado, aí os irmãos do Tatuagem lá no palco, eu não estava nem prestando atenção para eles. **Eles sempre gostaram de mim, toda vez que eles iam cantar que a base furava eles iam me chamar para fazer pit bof que é uma das funções também que eu faço com a boca.**

Já bastante “sintonizado” com as atividades cotidianas do movimento, *Mano Brown* narra suas ações na banda Tatuagem, à qual

passou a pertencer após esta apresentação no Teatro de Arena, momento em que *Robin Hood* convida-o para participar da mesma, por reconhecer suas habilidades. Sobre as atividades que passa a desempenhar a partir de então, afirma:

Rapaz para encabular, nós do Tatuagem somos uma banda que acha que outra igual não existe. Pode ter uma parecida, porque tipo assim, eu vou para os ensaios das outras bandas, dou idéia e tal... Nós não temos ensaios, nós temos... Tem ensaio tem, mas é difícil, a gente já improvisa mais na hora no palco que nós somos assim. Cada um fez sua parte, o cara dá o tempo, a gente faz. Depois junta, canta e ai tá massa, pode ir na frente, sobe no palco [...]. A gente tem um negócio que se chama *freetilers*, improvisar na hora e nisso no Tatuagem todos nós somos bons. Cara, fazer um *freetilers*, tu é doido, basta estar sentido... Se o cara lhe ofende na hora que você pega o microfone você fala loucuras que depois te perguntam e você não sabe nem o que falou.

E acrescenta: “Hoje eu tenho uma família em casa. E quando eu digo Tatuagem é minha família, é porque é realmente família Tatuagem...” Então, para *Mano Brown*, o surgimento do movimento oscila entre realizar as atividades e participar da banda. Entretanto, a vivência da experiência na banda é mais significativa por permitir-lhe colocar para fora o que sente. Na banda, a vida de *Mano Brown* continua sendo improvisada, semelhante ao improvisado com que sobe ao palco: “basta estar sentido vontade de subir.” Para *Mano Brown* a forma mais adequada de permanecer na banda, naquele momento, era continuar desta forma, mesmo considerando-a uma família. Mesmo assim, este jovem tinha encontrado um caminho mais tranquilo para circular pela cidade — a banda — e para afogar suas magoas — o microfone. Não se sabe ao certo até quando.

E nas histórias de vidas das jovens, como o movimento surge? Que projetos estas jovens vislumbravam com o *rap*? Que possibilidades, sentidos e significados passam a ter suas práticas cotidianas após o acesso ao *rap*?

Na história de *Negra Li*, o surgimento do movimento é assim narrado: “Está mais ou menos com uns cinco anos que eu comecei a **participar mesmo das atividades do movimento *hip-hop***, só que eu não

tenho nenhuma facção, eu gosto de *rap*, mas eu não tenho facção nenhuma.” Porém suas alusões às atividades já aparecem relacionadas ao grupo do qual faz parte:

Negra Li: Tem o meu grupo, minha facção é o meu grupo, que eu tenho. A gente não tem apoio de nada a não ser dos meninos, dos nossos amigos mesmo. A única coisa que a gente tem é isso, mas a gente não tem apoio do governo, nada, só mesmo nosso, mesmo.

E, ao continuar narrando, apresenta informações sobre as circunstâncias de como o grupo foi formado:

Negra Li: Eu não conhecia algumas meninas do grupo, a [...] chamou... Não, eu tenho um grupo mas eu quero montar com a [...] que é outra integrante. Aí o *Hobin Hood* me chamou, uma vez... Vai fazer parte, quer fazer parte... Aí foi lá em casa, conversou e então vamos fazer assim... Eu queria, mas eu estava meio assim, sabe... Eu tenho assim. Aí entrou, aí depois entrou a namorada dele: “Olha ela vai mandar um som, acho que ela vai mandar só.”, aí eu disse: “Por que vocês não chamam ela para fazer parte do nosso grupo, para ser quatro meninas?”, “Não, pois está bom.”, aí chamou... e aí a última que entrou foi a [...], ela pediu para entrar. Ela já ia participar, aí ela entrou, ela foi a última a entrar. A gente nem se conhecia, depois eu fui começar a conhecer elas

As jovens não se conheciam entre si, mas viam naquela atividade uma forma de integração entre elas para a constituição de um grupo de *rap* e, *Negra Li* vê nesta inserção no grupo possibilidades: “Eu estou achando até bom porque a gente está começando a conhecer outras pessoas. Comecei a trocar idéia agora com elas.” de estabelecer relações com os pessoas. Não parece demasiado lembrar que *Negra Li* durante muito tempo de sua vida permanecera em casa para proteger a mãe da violência que sofria do pai, situação que pode ter limitado seu ciclo de amizade. Quem sabe ela agora via com a participação nas atividades do movimento, a possibilidade também de fazer novas amizades.

Inquieta para compreender o que significava para ela trocar idéias, indago:

Lila: E como é essa troca de idéia, eu nunca entendo, me conta um pouco.

Negra Li: A gente conversa toda coisa, tem até os meninos que eles comentam que eles gostam de conversar comigo porque a gente conversa sobre tudo. Nesses dois meses para cá eu só vou conversar contigo sobre elas. A gente fala assim, questão mesmo de mulher, questão de relacionamentos, questão de problema, vida sexual que algumas meninas já tem e tudo, e a gente começa a conversar, orientar, para auxiliar mesmo. A gente não tem essa troca de experiência, mas tem um pouquinho, a gente vai conversando.

Como se pode observar, a experiência de “trocar idéias”, referida por esta jovem, é diferente daquela dos rapazes e é também diferente daquela referendada pelos seus pares do sexo feminino. Porém, o importante a destacar é que é exatamente esta forma de fazer e este conteúdo que vai marcar as expressões dela no grupo e, portanto, no movimento.

Não é por acaso que estes temas aparecem na história de *Negra Li*, quando ela refere-se às suas práticas no movimento. Ela e toda a família sofreram violência do pai. Por isto, os vínculos dela com o(a)s amigo(a)s e vice-versa eram muito fortes, visto que ele(a)s sabiam dos acontecimentos violentos pelos quais ela passava. Ele(a)s estavam sempre por perto acompanhando e apoiando-a e viam no movimento um espaço em que ela iria se fortalecer e/ou conquistar novos espaços para minimizar seu sofrimento. Segundo sua história, eles a incentivavam: “O [meu amigo] falava assim: “*Nega Li*, porque tu não entra numa roda, porque tu não pode ficar fora dessas coisas, tem que entrar.”

Josy já tinha laços com outros jovens antes de organizar a própria banda com as outras moças:

Eu fui convidada para outra banda que o cara montou. A banda agora... Se eu não fosse do Acesso Rápido, estaria lá em outro grupo. Eu não queria. **Antes do Acesso Rápido eu já tinha sido convidada duas vezes para tocar em outros lugares e não quis.** Assim, minha mãe me induziu para o *rap* que eu me interessei e depois de um ... eu quis aprender todos. Curtir mesmo. Quis conhecer a cultura, sou nenezinha no *rap*, sou principiante, ainda estou aprendendo como todo mundo.

Da mesma forma que ela investiu na prática do futebol, ela investiu

no *hip-hop*:

Josy: Aí eu vi uns colegas meus montando uma banda. E eles: “Não a gente tem tantas letras.” “Olha ele tem, eu posso fazer uma!” Aí fiz uma... Todas retratam mais a vida mesmo... **E foi vindo a idéia e foi surgindo outra, outra ... [...] e comecei a escrever e tal.** E aí, jogando bola, a Loise que é integrante do grupo... A gente estava lá e começamos a cantar. “Oh, tu curte rap?” “Curto.” “Oh! que massa e tal.” A gente começou a trocar idéia e era assim: “Eu tenho tantas letras, eu faço.” “Me mostra.” Aí eu mostrei, cantei.... Foi no ano passado, 2004.

A paixão pela bola agora é canalizada para o *rap* e, ao mesmo tempo, é transformada em produções para movimentar a banda que organiza. Sua capacidade de criar é vista pelo(a)s amiga(o)s, dentre este(a)s *Negra Li* e *Robin Hood*, como um grande incentivo para as outras jovens. Segundo sua história, bastava ouvir alguém cantando, para que surgissem novas elaborações, o que a fez se tornar uma das criadoras de canções da banda.

Já na história de *Nega Gizza* o surgimento do movimento ocorre depois do curso que fizera, em que também participaram membros do *hip-hop*. Ela já tinha ouvido *rap* em casa, mas não se identificava com as mensagens, com as idéias. Talvez por isto não tenha encontrado motivações para ultrapassar a simples escuta.

Quando participou do curso e conheceu os membros do *hip-hop*, decidiu participar das atividades, mesmo que numa posição menos privilegiada:

Nega Gizza: Aí eu vim com ela [a irmã] me ofereci para ajudar... Eles já conheciam a gente. A gente foi vindo, vindo aqui de vez em quando e eles dando uma força e eu me identifiquei com o lugar, eu achei [pensei]: “Rapaz vou ficar aqui com o pessoal do *hip-hop*.” Porque mesmo eu não tendo dinheiro, mas minha auto-estima foi levantando. Eu fui vendo que pelo lado que eu estava indo não ia dá certo. Aí eu fiquei aqui até... **A gente [ela e a irmã] começou aqui despachando lanche**, dando uma força para os meninos [...]. **A gente se ofereceu, eles gostaram e a gente ficou despachando lanche até que a gente foi ocupando outros cargos.** A gente decidiu montar um grupo [...] a gente começou a ensaiar aqui.

Nega Gizza começa a fazer parte das atividades do *hip-hop*, porém,

naquelas consideradas adequadas para jovens do sexo feminino, como distribuir o lanche. Este fato, não a faz pensar, imediatamente, em formar uma banda, talvez ela tenha visto, inicialmente, nesta sua inserção, uma oportunidade de deixar de fazer programas. Porém, tão logo se deu conta de que poderia ser diferente, não apenas passou a pensar na formação da própria banda, mas também a movimentar os espaços para inserir outras jovens, como afirma a seguir:

Nega Gizza: [...] E aí como é firme a nossa vida aqui e agora, o que eu pretendo assim é conseguir os instrumentos para a gente ensaiar. [e] Conseguir formar um grupo de mulheres para que não fiquem na situação que eu fiquei com medo de denunciar e achar que eu vou ter que viver assim mesmo. Não abandonar nossos sonhos, não querer estudar, pensar que nossa vida é só estar em casa cuidando do marido mesmo sem dar essa força para nada. Juntar um grupo de mulheres e dar força para as mulheres.

Ela se insere de forma menos privilegiada, porém tem dois propósitos: sair da prostituição e organizar outros grupos de mulheres no movimento. Não se pode negar que fora exatamente sua experiência a inspiração para seus propósitos no movimento. Mesmo tendo começado a realizar uma atividade menos valorizada ali dentro, distribuir a comida, ela vislumbrava a possibilidade de fazer mais pelas mulheres jovens.

O caminho e modo como cada um(a) se insere no movimento é razoavelmente definido pelas suas experiências de vida que, de certa maneira, também vão ser fundamentais para os passos sucessivos enquanto sujeitos singulares e, sobretudo, enquanto sujeitos coletivos por meio das práticas que passam a realizar no movimento. Para a realização destas práticas o espaço da banda é, por excelência, o mais utilizado. A seguir apresento-vos como o(a)s jovens narram suas experiências no movimento, tomando como referência seus espaços grupais de socialização.

5.2 A política em movimento: os shows e outras práticas de convencimento

Nas histórias, em geral, a rua aparece como lugar de realização de manifestação das reivindicações e de ocupação de espaços na cidade⁵⁷. Neste sentido, os shows são apresentados como importantes referências não apenas para a troca de informações entre o(a)s jovens mas, também, para a manifestação de protestos, consolidação de espaços. Para algun(ma)s jovens, os shows constituem-se, ainda, nas únicas formas de lazer experimentadas na comunidade.

No ambiente democrático da rua, identifiquei o que Portelli (2000) denomina de experimentações de práticas **Coletivas**, relacionadas, sobretudo, à vida da comunidade, do bairro; dos acontecimentos ligados a outros jovens e rituais [relacionados às atividades do movimento]; e participação coletiva em episódios “institucionais”, cujos espaços de referência é a cidade, o bairro, e a coletividade.

Assim, por meio dos shows que acontecem geralmente em algumas praças da cidade e de algumas outras práticas realizadas pelo(a)s jovens em estabelecimentos prisionais e escolares, pode-se compreender uma dimensão mais ampla dos seus fazeres. Assim sendo, procuro analisar como os espaços são ocupados e, na dinâmica de ocupação dos mesmos, como as diferentes categorias de sexo se particularizam e que práticas desenvolvem no ambiente do *hip-hop*.

⁵⁷ Uma interessante reflexão sobre aspectos políticos e culturais da produção do espaço público, tendo como referencial empírico a cidade de São Paulo e, nesta, a preservação do patrimônio como prática social, foi-me bastante útil para a compreensão dos shows como práticas políticas e culturais do(a)s jovens. Sobre o referido trabalho, ver: Arantes (2000).

Desta forma, vejam como a consciência aparece nas histórias, não apenas a que passam a ter, mas, também, a que passam a disseminar para o(a)s outros jovens, como parte das práticas de convencimento realizadas.

5.2.1 As presenças femininas e masculinas: os temas em movimento

É fato soberjamente conhecido e discutido pelos estudiosos das diversas áreas do conhecimento social, a ausência de pesquisas que tratem das jovens nas culturas juvenis. Segundo Magro (2004), existe uma constante “invisibilidade” das mulheres nos trabalhos sobre culturas juvenis, o que parece evidenciar uma perspectiva de que elas não possuem um papel ativo e crucial na produção dessas culturas.

Também Weller (2005), identifica uma lacuna na ausência de estudos sobre jovens-adolescentes do sexo feminino. No caso desta autora, ela afirma que isto ocorre tanto nos trabalhos sobre juventude quanto nos estudos feministas e afirma que isto decorre de alguns fatores. Dentre os quais, ela destaca o fato de alguns desses estudos analisarem as práticas culturais juvenis e suas formas de representação a partir do olhar masculino dos membros desses grupos. As contribuições dessas autoras foram fundamentais para minhas reflexões sobre a participação das jovens no movimento *hip-hop* teresinense, possibilitando-me compreender, com base nas histórias aqui analisadas, como ocorre esta participação.

Nas histórias das jovens, vários aspectos sobre a dinâmica de suas participação no *hip-hop* teresinense são narrados. Porém, vou me deter em alguns acontecimentos, próximos da realidade trazidos por elas, por possibilitar apreender algo mais profundo das relações entre os sexos. Assim, penso ser possível recuperar e compreender que temas expressam, que espaços ainda ocupam e o que desejam para si alí dentro.

Portanto, vale a pena recuperar um acontecimento narrado por *Josy*

durante o recolhimento de sua história. Para tal recuperação vou valer-me de algumas informações obtidas enquanto espectadora no show, ou seja, como pesquisadora. Particpei não apenas deste show mas de vários outros organizados pelo movimento do rap. Trata-se de uma apresentação musical, realizada em outubro de 2005, para lançamento do CD “Infectante”, do grupo de *rap* “Atividade Interna.” O evento teve lugar na Praça Principal do Bairro Dirceu Arcoverde I, localizado na zona sudeste da cidade. Naquele dia, além de estarem lançando o CD, o evento tinha um sentido de protestar contra uma medida do Governo do Estado - Secretaria de Segurança, que havia instituído o “toque de recolher” na cidade, proibindo a realização de atividades em espaço público após as duas horas da manhã, como medida de contenção da violência.

Durante a realização do show, o clima de tensão era visível em virtude da ronda policial na praça. Pude compreender que a ronda estava ali como uma maneira de proibir a realização do evento, sob a justificativa de inibir a violência. Aliás, a visível tensão era causada pela preocupação que alguns jovens tinham do que poderia resultar uma possível interferência policial no evento, já que passava do horário permitido e muitas bandas ainda iam se apresentar.

Assisti o evento na companhia de algum(ma)s jovens *rappers* e, por me encontrar nesta posição, pude ouvir as histórias do(a)s seus participantes e compreender que além de um show, ali se constituía, também, num momento de protesto contra o “toque de recolher” na cidade. Na praça, ouvi vários comentários de jovens preocupados com suas apresentações, mas também, com o protesto, expressando um sentido coletivo para estarem naquele espaço enfrentando, por meio de suas apresentações, a polícia de segurança do Governo do Estado. O conteúdo de algumas músicas fazia, exatamente, um julgamento negativo sobre o que significaria para o lazer daqueles jovens, não poderem ficar até mais tarde em praça pública. Porém, a imposição daquelas medidas foi prejudicial, de um modo geral, também para as práticas de lazer juvenil na cidade, frente a ausência de alternativas.

Entretanto, para *Josy*, o sentido do protesto parece ter tomado

outro rumo após ela ter assistido a apresentação de: “[...] cinco mulheres para cantar *rap*, cinco *rappers*.” num grupo de *rappers* do sexo masculino. As mulheres foram utilizadas como bailarinas para melhorar a *performance* do grupo no palco. Porém, no momento das apresentações das bandas a despreocupação sobressaia.

As informações trazidas por *Josy* sobre este acontecimento dão-nos a oportunidade de refletir, também, sobre os espaços que as jovens ocupam no movimento e sobre os temas que elas desejam ver debatido pelo mesmo.

Eis como *Josy* avalia esse acontecimento que, segundo ela, expressa aquilo que alguns jovens pensam e esperam das mulheres:

[...] a gente corre, corre, corre... Naquela altura do campeonato, melhor dizendo, do show, a gente estava cansada porque foi o dia inteiro de atividades, de sete horas até aquela hora a gente não tinha parado, e assim, a gente sobe, a gente vai cantar, a gente vai representar mesmo e a gente faz um discurso e aí rola uma **coisa daquelas** porque nós somos cachorras, mulheres vulgares... É assim que eles vêem a gente... e a gente quer quebrar isso. Eu fique chateada, mas também nem procurei saber qual foi o motivo daquilo. No fundo eu nem procurei a pessoa, o que ela tinha para me falar, eu fui julgando logo, mas aí eu fiz a letra, foi difícil! Foi porque era mulher.

No trecho acima, *Josy* afirma ter permanecido durante todo o dia em função da organização da banda. Ela se envolveu na produção do show. Esse trecho não apresenta de forma clara informações sobre o que aconteceu. Frente ao ocorrido ela afirma: “Eu fique chateada[...]” pelo fato de as estarem mulheres semi nuas e, segundo ela, uma banda de *rap* utilizar mulheres para melhorar a *performance* no palco, causa-lhe indignação.

Mas, obviamente, *Josy* relata outras experiências de participação em shows que tivera depois de entrar no movimento e, claro antes desse acontecimento, já que o mesmo ocorrera no dia anterior à realização da entrevista. Na história dela, suas experiências no movimento e, conseqüentemente, nos shows, expressa suas resistências

Josy: Os homens vêm [ao se referir a alguns jovens do movimento]: “Ah! vocês não têm postura. Ah! não sei o que...”

Como tu vai cantar *rap* com a saia curta, como tu vai cantar *rap* assim.” Aí eu: “Não, não, não, espera aí, calma, você pode usar uma boneta, camisa, calça larga, mas eu que sou mulher, eu sou mulher, eu estou ali cantando *rap*, mas minha voz é feminina, se eu puder afinar o máximo, eu vou afinar, eu vou usar salto, vou usar maquiagem, cabelo solto ou afro...” Eu como mulher tenho que usar saia ou poderia usar uma calça larga e uma camisa e vão dizer que é um homem do cabelão grande, aquele cara é muito bonito, não! Eu tenho que mostrar mesmo, mostrar. O cara de Caxias olha para mim [e diz]: “Eu estou toda pat porque eu estava de rosa.”, e ele “Não, mas é isso que vale, você é mulher, você não está deixando de ser mulher, você não tem que virar macho, você tem que ser feminista, você tem que ser feminina mesmo, sensível, mulher!” Mulher, é isso que eu sou. Eu tive que mostrar “Não, eu vou tocar com essa saia aqui porque eu sou mulher. Não é aquela saia que eu mostrei aqui dançando, mas é uma saia, uma blusinha, a maquiagem...”

Observem que antes de se indignar contra a utilização das mulheres, pelos homens no show, *Josy* já havia entretido resistência em relação à sua forma de vestir para cantar e subir ao palco. E acrescenta:

Assim, eu estava avisando para o pessoal do ensaio “Oh, minha roupa vai ser rosa, sapato rosa e tal.” E eles: “Oh a patricinha do *rap*.” E eu: “Não, mas é isso que eu quero.” Chega lá no show todo mundo olhar pra mim torto: “Olha o que tem a ver.” Eu quero subir porque eu vou cantar *rap* e vou mostrar que sou mulher, que sou e pronto! Não estou declarando guerra aos sexos não, mas tenho que mostrar que sou mulher, a postura tem que ser feita.

Então, o tema capital desta jovem no movimento é a **postura**. Não me parece demasiado lembrar que se a **postura** para eles têm um sentido de não usar drogas, de não se envolver com atos violentos após a entrada no movimento, para ela o sentido é por defender a feminilidade que, no seu caso, é representada pela resistência de vestir-se como uma mulher para subir ao palco. É, mas é preciso ver até que ponto vestir-se de Rosa não significa paradoxalmente uma idéia de feminilidade cristalizada no modelo patricinha mesmo. Se os meninos do *rap* se vestem diferente da média, por que as meninas não inventaram um modo de vestir diferente da boneca *suzy*? Esta é uma indagação que fica.

Para ela, o uso do rosa como cor para as vestimentas não pode ser entendido como uma perspectiva puramente formalista: “É [por] algum

motivo que eu vou usar rosa, para alguma coisa por trás, não é por acaso.” Quem sabe o recurso ao uso desta cor não tenha por trás uma forma de deslegitimar, agora em nível público, o espaço de desigual destinado para as mulheres, também nas práticas desenvolvidas pelo(a)s *rappers* no movimento?

Sem ter a intenção de ser repetitiva, esta batalha de *Josy* por um espaço diferente começa no privado: em casa contra a família. Apenas para recordar-vos em que dimensão esta luta é travada, vejam o trecho a seguir:

Josy: Eu falo para mãe que eu lavo roupa, varro casa, mas eu não nasci para isso. Meu Deus do Céu: “Eu tenho jeito?” E ela: “Milha filha é assim mesmo.” “Não, não, não, eu não vou ser dona de casa. Não quero.” Eu quero, como eu falei, se ele existe mesmo para ele poder fazer, eu vou fazer por mim e ele pode me ajudar: “Eu quero para todo e sempre, não sei se essa é a palavra, se estamos com três meses, eu quero chegar nos três anos, pelo menos três anos é uma estimativa.”

Como sua história demonstra, ela não deseja para si o lugar da mãe, seja em casa com as ponderações da mãe de que é assim mesmo, muito menos no movimento com as manifestações contrárias dos colegas sobre sua forma de adesão ao rosa como cor predominante para as suas vestimentas.

Na história de *Malu*, aquele acontecimento também é narrado:

É que a Maria não está se dando valor. A gente fala na letra que quando o cara te olha [você] já sabe o que ele quer na maioria das vezes. Ele não te olha com boas intenções. Na maioria das vezes, a gente tenta fazer isso e agindo assim que a gente vai...**Porque naquele domingo que a gente estava... Eu não gostei muito porque os caras lá pagaram uma mulher para tirar a roupa lá em cima.** Aí, é essa forma assim que a gente não quer agir. Tenta fazer o contrário, falando coisas diferentes daquilo, mas o pior é que o cara também faz *rap* e aí não dá porque uns dizem uma coisa e o outro diz o contrário. Aí não dá! Mas vamos mudar, quem sabe!

Ela também julgara negativa a atitude dos colegas e das colegas sobre o ocorrido. Porém, agora apresenta-nos outra informação: eles haviam pago as mulheres para subirem ao palco. E, não apenas isto, elas tiraram a roupa lá em cima. A sua subjetividade feminina afirmava que subir

ao palco poderia significar concordar com tais atitudes, ou mesmo contribuir para a construção de uma imagem das mulheres diferente daquela almejada por ela.

E as outras jovens o que têm em comum e/ou diferente com *Josy* quando o tema é a política no movimento? Esta indagação permite ressurgir, implícita ou explicitamente, alguns pontos já analisados, porém, tendo como referência a dimensão pessoal, portanto o espaço privado como espaço da luta. Aqui, conforme já destacado na história de *Josy*, o sentido coletivo da luta ganha destaque, visto não ser mais a luta da *Josy*, da *Nega Gizza*, da *Negra Li* e da *Malu*, mas de jovens mulheres *rappers*, a partir da criação de novos espaços políticos, uma vez que a experiência no movimento as conduz a novas relações com o espaço público (CHAUÍ, 1988, 13).

Desta feita, agora recorro às histórias das outras narradoras com vistas a apreender outras informações para ampliar as reflexões propostas para este item.

Na história de *Nega Gizza*, encontro informações que me permitem associar suas práticas no movimento a uma dimensão coletiva, com um sentido político relacionado à lutas das mulheres, que pode ser compreendido quando a indago sobre a organização do grupo do qual faz parte e ela me apresenta um argumento que vai além das suas pretensões individuais: o racismo. Descrevendo sobre os preconceitos que sofrera quando trabalhava no CSG, diz: “O racismo aqui no Brasil é muito maquiado, ele não é visto de forma direta, eles maquiam justamente para quando você for bater de frente, ele ter como retorcer a história. É muito maquiado.”

O racismo é o tema da sua bandeira de luta no movimento. Obviamente sua experiência foi determinante para que ela adotasse esta bandeira:

Nega Gizza: Eu era promotora de vendas, eu abordava as pessoas para vender café. Trabalho puxado, difícil também porque para a gente convencer a pessoa a comprar um produto, ainda mais eu sendo negra. Tinha gente que se espantava assim comigo, ficava me olhando assim

espantado. Uma vez me lembro que um cliente chegou para mim e falou que eu era muito bonita e se eu fosse ter um filho para procurar uma pessoa de pele clara para meu filho nascer com a pele mais clara do que a minha porque eu era muito bonita, mas com a pele muito preta, isso me deixava feia. Se eu fosse ter filho para eu procurar um cara branco porque o menino ia nascer com a pele mais clara. **Tinha gente que me comparava com a cor do pó de café, a gente escuta muita besteira.**

Mas, segundo sua história, o fato de ser negra fez com que ela sofresse outros preconceitos:

E assim vai passando e os caras dono de comércio, se a gente fica, sempre estão dando em cima. Estão oferecendo dinheiro e aí se você não aceita, eles começam a chamar de vagabunda... Você é pilantra, você é safada.

A experiência mais dolorosa talvez tenha sido quando *Nega Gizza* fora acusada de desonesta, pelo fato de ser negra:

É, me acusaram até de roubo também. Tive que ficar no comércio e aí a mulher quando eu cheguei ela disse: **“Essa negona vai ficar aqui? Isso não é ladra, não?”** Mas aí eu continuei lá. Fiquei umas duas semanas, foi pouco tempo que eu fiquei lá nesse lugar. Não quis permanecer lá não porque se não eu ia acabar arrebitando ela. Não dá para ficar não, “rola” muita falsidade. Esses empregos são difíceis demais para a mulher negra [...].

Ao falar da desonestidade, *Nega Gizza* apresenta, na sua história, outro tema norteador da sua luta no movimento: o racismo. Ninguém havia falado antes sobre a interferência da cor da sua pele na sua trajetória ou, de forma direta, ter sofrido preconceito racial. Mas ela falou e de forma espontânea. Frente ao que narrou e o sentido por ela atribuído às experiências acima, permite-me compreender que estas foram determinantes para sua inserção no movimento.

O enfoque no particular, a partir de sua experiência individual, torna o tema do racismo sua principal bandeira de luta, a ponto de ela decidir investir na organização das mulheres no movimento, incentivando e apoiando a formação de outras bandas de mulheres, tendo a luta contra o racismo como um de seus propósitos. Propósitos estes que, segundo ela, o

movimento pode incluir entre suas lutas, consolidando os anseios dessas jovens:

Nega Gizza: Do lado da gente ter um grupo de *rap* e ser mulher é difícil porque a gente está quebrando barreiras agora. Mas nós não somos o único, agora tem outro grupo de mulher. Mas nós fomos o primeiro grupo de mulheres. As primeiras [...] falando de discussão racial. Eu acho que é uma conquista para nós, porque a gente vê muita mulher no *hip-hop* que está ali e faz o que os caras mesmo fazem, pegam o microfone e se comportam como um machão, botam uma calça folgada e se tem uma outra opção sexual não chega a dar nenhuma idéia, dar uma auto-estima para a companheira que é negra. **Não sei, ainda não vi. Se tem, ainda não ouvi. Se ela fala da importância de ela ser negra e estar no hip-hop...** O que para nós é importante é porque o *hip-hop* é um movimento que vem mesmo dando força para os negros. Que **lutou mesmo pelas pretas e pelos pretos.**

Por outro lado, no trecho acima identifiquei a luta contra o racismo sendo redirigida para outra dimensão: a coletiva, que segundo ela, deveria ser encabeçada pelo movimento. O que esta jovem deseja ver é o compromisso político do movimento contra o racismo, nas suas palavras, que o movimento lute pelo povo negro.

As narrativas revelam, também, a dimensão da construção coletiva de reivindicações para o universo juvenil feminino do qual fazem parte estas jovens, sobretudo quando envolve a tomada de consciência sobre os problemas, tendo as letras como recursos para evidenciar seus protestos. Esta é uma visão presente na história de *Nega Li*:

Como eu te falei, a gente tem uma letra falando do cotidiano. De onde a gente mora, tem letras criticando a questão de meninas que gostam de *rap* e criticam de modo diferente e tudo. Até a gente tem uma letra agora que ela é bem irônica. **Ela é irônica assim em questão de falar, porque todo mundo se preocupa com o estilo das meninas e tudo.**

Procurando entender melhor o que ela queria expressar ao falar que sua colega de banda é irônica nas suas letras e da sua preocupação com o estilo das meninas, indago se elas sofrem discriminação. Fiz tal indagação na expectativa de identificar novos temas nas suas histórias. Diante da minha indagação, ela responde:

Negra Li: Muita discriminação. Às vezes: “Vocês poderiam está fazendo outra coisa, poderiam está escutando Calypso, dançando, fazendo outra coisa, estão é fazendo letra de doido.” o pessoal começa a falar.

Porque tem menina... Eu me preocupo muito com o lado social das coisas com relação a mulher. [...]

A gente fala do sofrimento que a gente passa. Tipo assim, tem uma letra que fala que a gente vai no hospital... Porque como é uma coisa bem intimista da *Josy* que ela compôs... **Ela disse que uma vez ela precisou ir a hospital e lá no hospital não deram assistência para ela. Aí ela precisou ir a um posto de saúde, outra situação [...], aí ela disse que não tinha por conta que lá estava tudo errado. Tudo depredado, não deram assistência, estava tudo fechado.** Fala também da desocupação que os meninos que moram lá e tudo, passam. Das drogas, da questão das drogas, da destruição que tem no mundo, da destruição entre eles mesmo que moram na própria comunidade que destrói. Ela fala isso também.

Encontrei novos temas na história desta jovem, como aquele relacionado à ausência de atendimento às mulheres nos hospitais públicos da cidade, mas, também, outros relacionados aos jovens da comunidade em que vive. Todos estes temas vão consolidar a luta delas no movimento.

Na história de *Malu* outra vez de forma espontânea o tema do racismo apareceu, porém não mais vinculado a experiências individuais, mas à luta por garantia de direitos para setores excluídos socialmente. Então, eu pergunto:

Lila: Que direito é esse ao qual tu te referes?

Malu: Em relação a mulher e ao negro. Também na sociedade, que existe muito preconceito nessa parte, se a mulher errar e tal... aquele machismo dos homens. O negro também por ser muito discriminado; questão do racismo, a gente vai lutando contra isso.

Como o tema racismo é enunciado na história de *Malu*, eu procuro saber mais sobre ele:

Lila: No teu caso como são esses preconceitos, esses machismos? Como eles funcionam no teu caso? Quais são as tuas experiências, nesse sentido, no movimento?

Malu: Acho que não tive nenhum.

Lila: Então quando tu cantas, tu cantas para os outros e não porque tu sofreste alguma coisa?

Malu: Não. Eu nunca sofri nenhum tipo dessas coisas, por ser mulher e está em algum lugar. Eu nunca sofri nenhum tipo de discriminação. Nunca sofri nenhum tipo de discriminação, **pelo fato de ser negra, nunca sofri**. Aí eu não posso dizer que mulher... Eu canto lá sabe, sou mulher, estou representando bem a mulher lá e é só. Por isso mesmo, por eu ter sofrido, eu não lembro. Eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito por eu ser mulher [...].

Ela responde se reconhecendo como negra e eu continuo querendo entender melhor se, como *Nega Gizza*, suas experiências de jovem negra eram determinantes na escolha dos temas das suas elaborações, bem como, na escolha dos espaços que ocupa na banda. Minha insistência tinha outra pretensão: entender melhor o percurso escolhido, por ela, para tratar do tema: do coletivo “**a mulher e o negro**” para o individual “[**o**] **fato de ser negra, nunca sofri**.”

Sua história se difere da de *Nega Gizza* que faz o percurso inverso: primeiro se reconhece e depois toma o coletivo como preocupação. Insisto indagando-a, de forma mais direta, sobre suas experiências: “E na tua vida, por exemplo, você disse: sou negra, sou mulher e canto *rap*. Como é na tua vida essa coisa de ser mulher, negra e cantar *rap*? Na vila, no teu lugar de moradia, na escola...” *Malu* prontamente responde-me: “Não. Essas três coisas na minha vida estão combinando perfeito: negra, *rap*, morar lá na favela.”

No conjunto, as narrativas destas jovens, possibilitam uma compreensão dos problemas das mulheres, alguns abortados com mais recorrência e, aparecendo como sendo mais hegemônicos, como aqueles relacionados ao machismo. Outros menos aludidos como aqueles relacionados ao atendimento precário à mulher no serviço pública de saúde da cidade e o racismo. Embora sejam menos referidos, não significam serem estes temas menos hegemônicos, visto a dimensão política que assumem no cotidiano de algumas narradoras e, na história delas e de outras mulheres da cidade.

Todavia, independente da hegemonia que estes temas assumam nas experiências das jovens narradoras, em certos momentos eles foram significativos para que estas constituíssem suas bandas e definíssem suas

estratégias de luta no movimento, possibilitando a emergência daquilo que Sader (1988) denomina de imagem viva de um sujeito coletivo, como ato de afirmação de setores sociais excluídos.

Do conjunto dessas narrativas foi possível compreender que a presença feminina no movimento é, quantitativamente, minoritária, porém, qualitativamente significativa em relação aos temas expressados e aos espaços já ocupados. Sobre os espaços, um bom exercício para a compreensão da dimensão da construção até então realizada por elas, são suas participações nos shows e a liberdade para definir temas e comunicá-los por meio de suas criações.

Nesse caminho de reflexão, algumas indagações vieram-me em mente: será que se elas não estivessem entrado no movimento, estes temas seriam objeto de suas contestações? Eles teriam emergido da forma como emergiram, trazendo os significados que trouxeram? Tendo como parâmetro os eventos descritos até agora e os indícios de que os mesmos foram determinantes na vida destas jovens, pode-se afirmar que suas experiências no movimento possibilitaram-lhes descobertas de novas formas de sociabilidades: em casa e/ou fora dela; com a família; com a comunidade; com os grupos de amigo(a)s, sem as quais seria impossível viver o que viveram da forma como viveram.

E os jovens do sexo masculino que inquietações suas histórias trazem para reflexão? Antes de analisar suas histórias, começo por indagar: que preocupações expressam nas suas histórias, como sendo objeto de suas lutas no movimento? Que preocupações apresentam em relação aos espaços ocupados no movimento e na sociedade?

Prosseguindo com as reflexões propostas para este item, passo agora a tratar sobre como e o que narraram os jovens como temas de suas reivindicações no movimento. Algumas respostas a estas indagações podem ser aventuradas.

Apenas para retomar a discussão sobre o show como um dos eventos que norteou a narrativa de duas jovens sobre os temas objetos de suas manifestações políticas no movimento, quero destacar que após o

show recolhi as entrevistas de dois jovens, *Robin Hood* e *Mano Brown*. Na história do primeiro este acontecimento é citado assim: “Teve um último evento agora que a galera gostou da apresentação.”, ao falar do desempenho da sua banda no show.

Em seguida eu o indago mais sobre o show, *Robin Hood* responde:

Foi domingo. Hoje é 14, o baile foi no dia 9, na praça principal do Dirceu.

Lila: Eu estava lá!

Robin Hood: A gente estava com uma porrada de tempo que não ensaiava, a gente não sabia nem o que é ensaio. [...]. A gente foi se apresentar, nós falamos: “Nós vamos nos apresentar mesmo? Estou meio adoentado.” “Rapaz vamos, umbora”. E nossa apresentação fez uma porrada de gente chorar. A gente viu uma porrada de gente chorar com o discurso que a gente fez e com a letra que a gente faz [...]. Quando a gente tocou, a gente disse lá no palco: “Olha gente, a gente está falando de quem a gente conhece, mas tudo isso identifica as pessoas que vocês perderam. Então, estamos padronizando a família Tatuagem. Todos nós estamos aqui refletindo, escutando e meditando esse som.” Aí quando a gente cantou, eu pedi no final da letra: “É em homenagem a um amigo nosso que a gente perdeu, ele ia ser do Tatuagem, ele morreu com um gargalho de garrafa no pescoço. Mataram ele. Esse som aí é em homenagem a ele [...].”

Na história de *Mano Brown*, nenhuma referência ao evento é feita, como também, à utilização das mulheres para melhorar a *performance* do grupo de *rap* foi citada, muito menos questionada. Em virtude disto, não tenho como realizar nenhuma interpretação entre o que pensam as jovens e os jovens sobre o mesmo acontecimento. Todavia, entre as indagações relacionadas ao acontecimento que não posso responder aqui, encontram-se três bastante presumíveis: Eles não assistiram e nem ouviram falar daquele acontecimento? Eles assistiram ao acontecimento e o consideram como natural frente àquilo que compreendem serem papéis de homens e de mulheres no movimento, por isto não fizeram qualquer referência ao mesmo? E, por fim: eles preferem silenciar frente àquele acontecimento? Como se pode observar, as indagações são presumíveis, mas as respostas não. Mesmo assim, parece-me estranho nenhum dos dois jovens fazer qualquer referência àquele fato que deixou *Josy* e *Malu* tão indignadas.

Então, passemos agora aos conteúdos apresentados pelos jovens que podem ser compreendidos como temáticas das suas reivindicações por meio do movimento. Começemos por *Mano Man*:

O hip-hop já mudou várias coisas... A gente está providenciando assim, ter um espaço na nossa quebrada [refere-se a comunidade ou ao bairro em que mora]. **Uma escola**, para providenciar um projeto como o MP3, para ajudar esses jovens a sair dessa onda de crime e está dando certo. A gente tem esse projeto, tem essa ideologia... **A gente vai atrás para providenciar laboratório de informática, reforço escolar, esporte, como a capoeira, futsal, várias coisas. Assim, a gente tem na mente para botar na nossa quebrada para os caras saírem dessa vidinha [...].**

Na história deste jovem, os temas apresentados estão numa dimensão coletiva relacionada à ausência de políticas públicas de educação na comunidade em que vive. Esta ausência pode ser compreendida pela referência à necessidade de estabelecimentos escolares, mas, também, à implantação de projetos que possam proporcionar aos jovens a ocupação do tempo livre com atividades também de caráter complementar à escola formal, como por exemplo, aquelas esportivas.

Já na história de *KL*, o orgulho não estar apenas em “batalhar” por equipamentos comunitários, mas, também, na possibilidade de estar presente na mesma, tratando de temas relativos aos acontecimentos cotidianos dos jovens da mesma:

Geralmente a mensagem que o *rap* manda é que aconteceu uma coisa ruim com ele [o jovem da banda]. Ele passou por aquilo e se arrependeu e está dando o depoimento dele e tal, para que outras pessoas não façam a mesma coisa que ele fez, não cometam o mesmo erro que ele cometeu

Pude compreender que *KL*, ao utilizar os espaços comunitários, trata de temas que têm conexões entre suas experiências e as de seus espectadores, quando afirma:

Eu canto a mente. Eu falo muito sobre o **preconceito, sobre a desigualdade, sobre a violência, esses são os temas principais das minhas letras. Falo do cotidiano da comunidade**, da minha comunidade especificamente. E também da dos meus parceiros que aqui tem gente do Buenos Aires, da Santa Maria e tal. Eu procuro falar do

cotidiano, sobre a nossa vida, sobre as nossas necessidades... Mas também tem músicas que dão **idéias boas**, que falam que na periferia não tem só coisa ruim, não acontece só coisa ruim, que existe coisa boa também.

Dentre tantos temas, eis o tema do **preconceito** aparecendo pela primeira vez entre aqueles tratados pelos jovens. Não tenho dúvidas de que a referência ao *rap*, pode ter encorado a emergência deste tema na história de *KL*, entretanto, deixei escapar a oportunidade de tê-lo aprofundado, a partir do seu surgimento espontâneo.

A despeito dos temas que tratam das dificuldades hostis, enfrentadas pelos jovens da/na comunidade, *KL* diz tratar de “idéias boas” nas suas criações musicais, procurando atribuir aos acontecimentos cotidianos do contexto em que vive, um significado menos doloso. Não entendendo muito bem a imagem idealizada, eu pergunto a *KL*: “Me diz aí um exemplo de cotidiano? [Ou melhor] um exemplo de tema de violência que tu trata nas tuas músicas?” Desta pergunta surge o seguinte diálogo:

KL: A gente tem uma música [...] [que] fala da violência na comunidade, que o cara acha muito perigoso na quebrada dele. O cara acha muito cabuloso porque não tem coragem de andar a noite sozinho. Para ele tomar cuidado porque existe quebrada mais cabulosa em Teresina [...]. Quer dizer, que o cara não pode vacilar nunca, tem que andar sempre com um olho aberto e outro fechado porque nunca ele sabe se vai encontrar um maluco pinxadão na esquina ou um camburão da Polícia Militar, querendo ele. Nunca se sabe.

Ao contrário do que ocorrera com o tema preconceito, quando *KL* faz alusão ao tema violência como conteúdo das suas criações musicais, eu pergunto: “E tu já sofreste algum tipo de violência que tu trata nas tuas músicas, o que foi? *KL* prontamente responde-me:

Não! Na realidade eu não. Eu mostrei fatos que como minha música [...] [fala] de um garoto lá da minha comunidade que era praticamente o homem da família, trabalhava noite e dia como engraxate, vendia batata, vendia cachorro-quente, fazia o que podia pra ajudar a mãe dele. Ele envolveu com pessoas erradas: pegou a droga de um cara lá para vender e, de repente, não apareceu com a grana e o cara matou ele. Estas são as idéias que eu procuro passar, são do meu cotidiano e o cotidiano das pessoas que estão a minha volta. [...]

Eu falo do que eu sei que aconteceu e do que eu vejo e

como a gente vê constantemente estas coisas... Eu já testemunhei o cara assassinando o outro com um tiro a queima roupa.

Como se pode observar, diferentes temas são aludidos nas suas criações musicais: todos temas que emergem das suas próprias experiências, como também, das experiências de outros jovens da comunidade de *KL*, atribuindo uma dimensão coletiva aos temas e problemas abordados. Na história deste, em relação aos temas tratados nas suas músicas, encontro o que Norbert Elias (1995) denomina de aspectos estruturais da existência social e da sociedade deste jovem como *sujeito criador*.

Compreendendo não apenas a influência dos referidos aspectos nas criações de *KL*, mas, também, o fato de os temas abordados tratarem de mensagens reais ou potenciais aos jovens da comunidade, pergunto sobre a aceitação e o reconhecimento, por eles, das mensagens transmitidas. Ao responder a esta pergunta *KL* afirma acreditar serem suas mensagens bem recebidas, e responde entusiasticamente: “Eu acredito que sim, [pois] até hoje ninguém não jogou tomate na gente.” Em seguida, quando o peço para falar mais sobre uma de suas apresentações, afirma:

Foi legal, por a gente está vendo que o povo gostava da música da gente, além da gente mesmo. Entendeu? [que] Existia um pessoal que gostava do trabalho da gente. **Que achava interessante aquilo que a gente estava fazendo e aquilo que a gente estava falando.** Eu acho que o cara que ganha dinheiro fazendo *rap*, a satisfação dele não está no final do show receber o cachê não, **acho que está na piração dos caras ali na hora que ele está cantando, tem uma frase de impacto que a galera gosta e tal. Acho que é assim.**

Ao fazer tal afirmação e, utilizar tais termos “**piração**” e “**frase de impacto**” *KL* nos faz compreender que, mesmo tratando de temas que comunicam uma realidade hostil, seus espectadores são capazes de produzir fantrásias “**pirações**”, fato que também o alimenta enquanto *sujeito criador*. Ele parece desejar que aconteça com os outros jovens a mesma coisa que aconteceu com ele: “um despertar de consciência.”, que o permitiu, nas suas palavras, “sair daquele mundinho.”

Mas *KL* não é muito otimista, visto ser peculiar a persistência de certa ambiguidade entre otimismo e pessimismo no *rap* que, segundo ele, melhor representa o universo periférico/comunitário no qual vive ele e seus espectadores. Para dar-vos uma idéia sobre o que estou afirmando, apresento o trecho a seguir que contem informações sobre a aludida ambiguidade:

KL: Tem uma música lá da gente que o nome dela é **[Batalhador da Periferia]**⁵⁸. **Ela fala disso que o cara nunca desiste...** Ele sempre corre atrás. Essa música é baseada no tempo. [...].

Eu acho que das pessoas da periferia assim, ela [a música] é quem mais fala do [que] acontece mesmo na favela. Só o nome diz tudo [Batalhador da Periferia], **é a história de vida do cara que nasce pobre, trabalha a vida toda e vai morrer pobre e o filho vai seguir o mesmo caminho tipo como se fosse uma doença hereditária.**

Por meio de uma história de vida, o *rap* narra um conflito entre o otimismo simbolizado pelo “**batalhador**”, pela não “**desistência**” e o pessimismo simbolizado pela pobreza como “**doença hereditária**”. O conflito assim posto por *KL* pode não alimentar, muito menos possibilitar a perseguição de sonhos entre seu(a)s espectadore(a)s. Ou, quem sabe, ao revelar este conflito, o jovem *KL* não deseje expressar uma inadequação entre as necessidades do(a)s jovens das zonas periféricas e as alternativas existentes para superá-las?

Na história de *Mano Brown* — diferentemente de *KL*, por exemplo — os temas aludidos estão relacionados a esta inadequação. Um dos temas tratados por *Mano Brown* refere-se exatamente à incapacidade de o Estado oferecer programas sociais aos jovens em situação de risco.

Antes de adentrar na forma encontrada por *Mano Brown* para narrar sobre este assunto, quero lembrar-vos que este jovem pode ser considerado um exemplo vivo desta inadequação e, porque não dizer, da inoperância de alguns programas sociais para crianças/adolescentes na nossa cidade. A partir de sua história pode-se acompanhar todo seu encontro e desencontro com as instituições de Serviço Social da cidade.

⁵⁸ Utilizei um sinônimo, para não revelar a identidade do grupo.

Seu percurso neste sentido vai desde o “abandono” ou “exclusão” da escola, até aos programas de inserção no mercado de trabalho, passando por outros mais.

Como apresentado na sua história [ver capítulo 3], desde cedo aprendera a se virar e, como isto significou ficar na rua, prontamente fora identificado como criança em situação de rua e inserido nas atividades de uma Escola de Circo que ficava nas proximidades de sua casa. Na escola de circo aprende a fazer uma série de “coisas”, porém, nada lhe garantisse permanência na escola e alimentação em casa, tanto assim que continuou por um bom tempo na rua, até se envolver com a realização de um assalto e terminar no CASA recluso por oito meses. Após sua saída é inserido, por certo período, em um programa para adolescentes aprendizes.

Sem dúvidas, na sua história, existem evidências de que ele aprendera muito com suas experiências no projeto para crianças em situação de rua, no CASA e no estágio após a reclusão. Porém, nada que lhe gerasse possibilidades de inserção em atividades laborais e escolas, para um jovem que havia sido inserido naquelas institucionais de signos protetivos e inclusivos. Sua escolaridade ainda era baixa para os padrões e exigências do mercado. Com 17 anos, “Até agora eu só tenho a 7ª série” do ensino fundamental, mas tinha planos de voltar a estudar. Durante o recolhimento da entrevista, indago sobre seus afazeres e *Mano Brown* afirma:

[...] acabou meu estágio, ano que vem já vou me dedicar mais ao colégio, eu estava com o pensamento aí um tempão de voltar [a estudar], porque não dá para ficar sem estudo, porque a rapaziada cobra muito de mim: “E aí *Mano Brown* o colégio”? [Ele] “Meu irmão estou sem estudar!” Todo mundo me dá pressão, já chegou pivete pra mim... para chegar e dizer assim: “*E Brown* estuda moleque.” Pivete, não tem? E dói pra porra na consciência e tal.

As evidências presentes na sua história permitem-me afirmar que suas possibilidades continuam inseridos em projetos sociais na condição de aprendiz eram poucas, menores ainda para aceito na escola formal com o estigma de ex-interno para cumprir medida sócio-educativa. Tais evidências permitem-me, também, afirmar que sua situação era muito peculiar para um

garoto que carregara sobre as costas as experiências já apresentadas ao longo deste trabalho. E como tinha clareza disto! Aliás, a noção que tinha das possibilidades existentes pode ser compreendida a partir dos temas que aparecem na sua história.

Começemos pelo aspecto mais óbvio. Na sua história os temas expressam um desagrado

Mano Brown: Porra, o tanto de coisa que tem aqui no Piauí, como em outros lugares, tanto investimento do governo, tudo jogado no lixo.

Primeiro, porque não sabem investir. Eu acho que se cada [...] desses que estão no poder, calçassem uma chinela havaiana ou então descalço, vestisse uma roupa rasgada e viesse viver com a gente eles iam saber realmente do que a gente precisava. Só que eles não vêm, o cargo deles é lá em cima. [...] Mas e aí? Tem muitas pessoas que dizem: “Ah, o cara vai pra cadeia, sai e volta pior.” Volta, fica pior? Fica. Quando não tem um tipo de **reintergraçãõ social** é a única maneira que tem, entende? Porque o cara vai pra cadeia, quando sai, além da polícia ficar pegando no pé do malandro, as próprias pessoas de onde ele mora, lhe julga e lhe discrimina, **ninguém vai querer dar um trampo** para aquele cara porque ele foi preso. Ninguém vai querer ajudar ele em nada. **Se o cara não sair pra fora e ir atrás, acha não! Foi o que eu fiz [...].**

É presumível que ele tenha se incluí como referência para tratar do seu desagrado com a gestão da “coisa” pública, com a precariedade dos programas de reinserçãõ social e com a falta de oportunidades de trabalho para quem vive experiências de reclusãõ. Não há dúvidas de que mais uma vez a experiência social é determinante na escolha do tema. Entretanto, existe uma dimensãõ coletiva do universo social do qual faz parte, simbolizado por “aquele cara”, pelo desejo expresso de que o “investimento do governo” seja melhor utilizado.

Com relação aos temas, identifica-se ainda, na história deste jovem, a preocupação com a ausência de segurança pública, refletida na violência urbana sofrida pelos jovens da sua comunidade:

Mano Brown: Lá no meu setor, agora rolou umas mortes. Mães chorando, várias vítimas. Parei de frente ao cemitério, durante mais de meia hora... Olhei um por um... As senhoras tinham em comum: roupa humilde, pele escura, rosto abatido pela vida dura, [todas] colocando flores na sepultura do cara.

Aí eu fico pensando, podia ser a nossa mãe, que loucura! Mas é assim mesmo, cada lugar é seu lugar, cada lugar é uma lei.

Com esta preocupação, eu pergundo: “Você disse que tem uma música que você fez pra ti, que você conta a tua vida, você quer cantar?” E começa:

Mano Brown: Pode até ser, cara. Assim, tem várias músicas, por exemplo, quando eu começo a cantar, **eu canto tudo que [...] fala, não só de mim, como o que acontece ao meu redor.** Por exemplo, esse som fala de mim, fala de nós, o que acontece na minha área. Fala de alguma coisa parecida e assim vai [...]. Mas assim, se quiser que eu cante, eu canto com maior prazer, orgulho, sei lá. Na hora, é mais ou menos assim: “Eu quebrei... É assim...” Não vai sair tão bom, logo porque eu estou um pouco esquecido, sem instrumental, nem nada, mas é pra sair bom [...].

Meio sem jeito começa a cantar. Ao prosseguir, recorre a gestos com o auxílio das mãos e das pernas, como se desejasse fazer-me perceber o ritmo da dançante proposto pela canção e, para expressar e me fazer entender sobre a sonoridade, faz sons com a boca auxiliado pelas duas mãos. Repentinamente o esquecimento desaparece — o que eu entendi como sendo uma inibição — e a falta de instrumento é substituída pela habilidade de usar o corpo para expressar as informações sobre o que acontece ao seu redor envolvendo seus pares que, como ele, experimentam situação de risco. A canção é extensa e trata, ainda com detalhes da violência na comunidade “vira e mexe acontece um finado”, do “sofrimento do povo” da “pobreza”, do “governo maluco que engorda a sua pança”, enfim, dos acontecimentos e dos espaços existentes na comunidade.

A recomposição das informações sobre os temas tratados nas histórias de vida do(a)s jovens aponta para a diversidade e complexidade das problemas que o(a)s envolvem, mas também, nos ajuda a compreender aspecto da juventude na cidade. Segundo Rodrigues (2005):

[...] suas falas e fragmentos de vida vão nos ajudar a compreender os impasses, descobertas, avanços que elas, eles e outros jovens enfrentam na periferia [...], o que pode nos inspirar a pensar e construir com eles caminhos com oportunidades e possibilidades [...].

Portanto, ao narrarem sobre histórias individuais e, ao apresentarem os temas, ajudam-nos a identificar os espaços em que vivem, os problemas que enfrentam, as alegrias e tristezas compartilhadas, os sentimentos e significados do que fazem enfim, suas experiências em movimento pela cidade. No item a seguir, observo com mais detalhes como se ocupam ao estarem em movimento.

5.3 Ocupando o tempo: os shows, os bicos

Um das principais medidas de autonomia atuais para que uma pessoa seja considerada uma cidadã é a forma como ela usa o espaço e o tempo. Desta forma, cabe indagar: que usos o(a)s jovens fazem do espaço e do tempo? Ele(a)s são autônomos para realizarem suas próprias escolhas ou estas lhes são impostas?

Pôde-se compreender, a partir das histórias do(a)s jovens apresentadas até aqui, que a preocupação com a ocupação do tempo com atividades “úteis” sempre esteve presente no espaço familiar como uma tentativa de evitar que este(a)s “caíssem na marginalidade”⁵⁹, na prostituição, no mundo da droga, se envolvessem com a malandragem....

⁵⁹ Marginalidade, pela concepção cotidiana que informa tais posições, não tem a ver com o seu sentido dicionarizado de estar à margem. O sentido principal é o de viver em meio às práticas consideradas por nosso código penal como crime.

Com este propósito, quase sempre as formas de ocupar o tempo desejadas pelos grupos familiares deste(a)s jovens estavam relacionadas a atividades laborais dentro ou fora de casa. Isto revela muito acerca da reificação presente na sociedade acerca das formas de proteção de seus membros jovens: preparar para o trabalho, manter a “cabeça” ocupada com trabalho, eis o caminho para manter-se hígido! Em todas as histórias relatadas, de garotos e garotas, não apareceu nenhum relato acerca de qualquer preocupação de pais, mães, outros parentes ou amigos com a ausência de lazer para a juventude. Ao final deste trabalho, posso afirmar com segurança que, segundo famílias, instituições estatais e, talvez conforme os próprios jovens, há uma única saída para estes últimos: O TRABALHO. Como há muito já está comprovada a necessidade de lazer, como espaços de sociabilidade tão fundamentais como os outros, é de se esperar que nas trajetórias do(a)s jovens estas aparecessem tensões, impossibilidades e/ou saídas arriscadas para um mundo não desejado pelas famílias.

Da mesma forma, para os jovens, os esforços para obter o próprio sustento e ainda ajudar em casa não resultaram em ganhos significativos que lhes garantissem uma autonomia financeira. Pelo contrário nas histórias dois momentos aparecem: o da vida arriscada e a tentativa de, ao mesmo tempo se adequar e contestar. Ou seja, no *hip-hop*, tentam tornarem-se cidadãos, mas diferentemente de dois modelos: o das gangues (uso de drogas, tráfico, roubos etc..) e o do cidadão que agora contesta no comportamento, no movimento, no discurso etc.

Porém, se esta batalha dos meninos parece uma epopéia, que o(a) leitor(a) encontre energia para acompanhar a batalha das jovens, no caminho da autonomia! É que, para elas, esta autonomia era ainda mais difícil de ser conquistada, visto que, em todas as suas histórias elas tiveram que atravessar o universo de prescrições no qual suas ocupações eram (e deveriam ser) desenvolvidas majoritariamente no espaço doméstico, envolvendo tarefas relacionadas aos cuidados com os irmãos e com a limpeza da casa. No que toca a este segmento social, vimos que mesmo os

parceiros de *hip-hop* também se constituíram em obstáculos a ser enfrentados.

Vimos também, ao longo do presente texto, que grande parte da infância, estendendo-se até o início da juventude da maioria deste(a)s jovens foi marcada pelas tensões produzidas entre ocupar o tempo com atividades laborais e realizar outros afazeres. Este é um ponto que une os dois gêneros: a condição de viver em condições sociais adversas os une. O que os diferencia e separa, já dissemos: a condição de gênero.

Nestes termos, o que significaram estas experiências? O elemento mais marcante desta pesquisa, talvez não se configure como uma descoberta: a ocupação do tempo por meio do trabalho representou para todos os grupos familiares do(a)s narradore(a)s e também para ele(a)s próprio(a)s, uma espécie de método preventivo contra os riscos e contra os “pecados” morais.

Entretanto, se a ocupação do tempo pelo trabalho “oficial”⁶⁰, era uma preocupação de todo(a)s, o mesmo não se pode dizer quando se olha para a natureza das pressões dirigidas para meninos e meninas. Se para os meninos, a pressão ou se dirigia para o desempenho, a atividade ou então para o controle dos “excessos”, nunca se dirigiram para a contenção das manifestações de sua sexualidade. O exato oposto pode ser dito, com segurança, no que tange à experiência das jovens *rappers*: as pressões, todas, eram direcionadas, sobretudo, no sentido do controle de sua sexualidade.

Conforme evidenciado acima, todo(a)s o(a)s entrevistado(a)s fazem parte de uma banda. Todavia, destacam experiências diversas que os levaram a se inserirem e a organizá-la. Ao mesmo tempo, ressaltam diferentes práticas realizadas a partir da inserção na mesma como forma de ocupação do tempo. Neste sentido, para uns, a banda é considerada um espaço de realização de atividades apenas nos finais de semana, como as

⁶⁰ As aspas aqui querem indicar que todas as atividades desenvolvidas pelos jovens e pelas jovens, para efeito desta pesquisa, podem ser consideradas como trabalho, desde que se compreenda trabalho como dispêndio de energia humana, seja para produzir produtos, seja para produzir-se (BERTAUX, 1979). Isto quer dizer que, quando os meninos estavam se organizando para promover furtos, eles estavam tabalhando.

preparações para os shows. Para outros, resultaram, também, em atividades de ganhos financeiros como um “bico”, com direito a um ganho mensal, conforme aparece na história de *KL*, quando lhe indaguei sobre o que fazia da vida, ele respondeu: “No momento eu não estou trabalhando não, estou trabalhando só aqui no [refere-se a um projeto em que desenvolve atividades de técnico de som] mesmo.”

Os anos passaram-se e *KL*, que desde a infância aprendeu a trabalhar em olaria, a pegar no pesado na construção civil, transportando material nas costas, no momento do recolhimento da entrevista se orgulha de já ter aprendido a fazer uma série de atividades. Mas, principalmente, orgulha-se de ser Dj, de saber lidar com som, demonstrando uma identidade maior com esta atividade que agora lhe garante uma renda mensal.

Boa parte do seu tempo é utilizada no trabalho como Dj e na a organização dos seus shows e dos outros grupos que acompanha. Estando já envolvido nestas atividades *KL*, por exemplo, afirma:

Bom, o principal mesmo foi ter me dado uma **ocupação**, porque eu trabalhava a semana toda e no final de semana eu caía na noitada bagunçando com os caras. Quando eu entrei no *hip-hop*, o tempo que eu usava para fazer baderna, fazer fuá e tal, eu estava nas reuniões, estava nos eventos, estava treinando. **Estava fazendo alguma coisa, não estava na ociosidade.**

Na história de *KL*, o orgulho não está apenas em realizar as atividades e ocupar o tempo e sair da ociosidade, mas também está em se preparar para os shows: “A gente faz [ensaios] duas vezes por semana; na quinta e no domingo. A gente tira o ensaio tanto para ensaiar como para trocar idéias. Fazer mais as músicas, rolar mais as bases, essas coisas aí.” Muito embora para *KL* as preparações não sejam shows, mas:

Eu acho que a gente não faz show, entendeu? Porque show é **para estrela, a gente faz apresentações na quebrada**. A gente faz apresentação com a galera lá que curte o som da gente [...], a gente vai e canta. Não tem dessa muito de show não, porque show pra mim... Eu acho que quem faz show é o Roberto Carlos, o Kid Abelha, são esses caras aí. Nós, não, nós da periferia mesmo, a gente não tem aquele lance de o público lá em baixo e a gente lá em cima do palco não. A gente faz de conta que... A gente faz de conta, não... Na grande realidade nós, [o Puro *Rap*] e o público [do Puro

Rap], somos um só. **Como todos da banda** [o Puro *Rap*], **não tem essa de distinção dos artistas e do público não!** **Todos nós somos público, todos nós somos periferia, todos nós somos** [o Puro *Rap*].

KL diz não haver também distinção entre quem é “Puro *Rap*” e quem ouve, visto atender aos chamados do povo e serem estes:

Como eu falei, a gente vai onde o povo chama a gente, entendeu, a gente canta na Prainha, canta na Santa Maria, canta no Poti, canta no Mafrense, canta aonde der. Onde o povo chama a gente, a gente canta. A gente já foi cantar em Demerval Lobão, a gente já cantou em Oeiras, em Batalha, em Caxias, eu já fui cantar em Caxias também, e aí chamam a gente, e a gente só cantando mesmo e manda uma mensagem pra quem tiver na galera.

É, portanto, um espaço destinado ao convencimento dos outros:

KL: Eu troco muita idéia com os malucos lá da minha quebrada que aprontam, que fazem parada, eu troco idéia com eles porque aquilo ali não é o caminho certo, troco idéia mesmo para ver se abrem os olhos, mas não tem muito resultado não, mas eu continuo tentando, continuo tentando, eu acho que não vou desistir nunca.

Mano Brown afirma já ter uma profissão: alegrar pessoas. Esta atividade lhe fora ensinada na infância e o ajudou muito durante a permanência no CASA. Porém, com a banda, passa a ter um reconhecimento ainda maior e, também, a fazer outras atividades:

Eu faço, eu faço bico de servente, faço alguma pintura mais o **chegado** [refere-se a um companheiro da sua banda] aqui e acolá, quando eu estou sem dinheiro, estou sem serviço. Eu não fico parado não, procuro, vou atrás de um lugar para pintar, não sei pintar, não sou grafiteiro, sou b.boy e MC, mas eu vou atrás, na hora que eu arrumo um desenho: “Anda moleque, tem um desenho aqui e acolá para gente fazer.” Vamos lá, eu te ajudo e tu me dá uma ponta, tá massa, eu arranjei o **trampo** para o cara, ainda vou ajudar, eu fico como servente, nós vamos lá: “Olha aí senhora o que o rapaz vai fazer. Assim, [...] eu mordo minha grana, o cara morde a dele e todo mundo feliz, adeus e abraço. E assim vai indo, o cara se vira, doida, se vira mesmo, dá para o cara viver nesse mundo. [...] malandro tem que saber viver.

Mano Man exerce atividade de garçom à noite, mas durante os finais de semana movimentava-se com a banda “para cima e para baixo” percorrendo “os quatro cantos da cidade”. Sentindo-se socialmente

reconhecido, lembra dos eventos que participa, destacando as descobertas e a conquista de reconhecimento que passa a ter:

A gente já participou de vários eventos. A gente já participou de um evento numa escola que eu estudava. Numa feira cultural, uma professora minha, ela não sabe o que é o *rap*: “Poh aquele *rap* lá”, “Não professora é *hip-hop*”, ela mesma falou: “Uma mensagem muito positiva, gostei daquela letra, quero ela para mim”, a gente passou a atuar assim.

Munidos de um olhar retrospectivo, eles contam com certo entusiasmo sobre o que aprenderam fazer. A distância entre as experiências infantis e aquelas do presente, obviamente, contribui para minimizar os possíveis resultados negativos decorrentes das ocupações passadas. Alguns destes resultados já foram apontados no decorrer do texto: evasão escolar; trabalho precoce; baixa escolaridade....

O entusiasmo presente nas narrativas destes jovens pode estar relacionado, também, aos sonhos e caminhos almejados por meio das possibilidades proporcionadas pelos vários espaços que passam a ocupar. São sonhos revelados: voltar a estudar; cantar para/com os pares; socializar informações e, utilizando as palavras de *KL*:

[...] poder viver daquilo que ele sabe fazer de melhor que é *rap*. Que um dia vamos estar aqui no Piauí com *status* lá do sudeste, São Paulo, [onde] os caras vivem mesmo só de fazer as músicas deles e de gravar discos. Meu sonho é esse, minha meta é essa, um dia eu vou conseguir sobreviver só fazendo *hip-hop*.

E as jovens o trazem nas suas narrativas? *Malu* traz aspectos interessantes sobre o que passam a fazer com o tempo:

Malu: Agora eu estou mais ágil, porque antes eu era muito parada, ficava só dentro de casa e ia para a igreja. Agora aparece apresentação, coisas, palestras pra gente ir e assim eu gostei mesmo porque além de ser o tipo de música que eu gosto, eu não fico assim muito em casa, muito parada, faço o que eu gosto e eu estou levando assim.

Malu destaca, ainda

A questão de ensaiar agora está ruim porque os meninos trabalham, os meninos da banda, e tem outros que não aparecem, aí eu fico lá, se fosse só por mim, assim, sei lá, a

gente ensaiava sempre, mas os caras não estão disponíveis sempre assim, ninguém está conversando muito a respeito disso, daí fica ruim pra ensaiar e tal, mas aí a gente estava ensaiando final de semana e parou, e agora a gente quer voltar a ensaiar no final de semana e aí é assim porque se nunca conversar, se nunca sentar aí não sai do lugar, a gente tem que sentar também pra compor porque o repertório está muito pouco e é isso aí.

Josy não apresenta obstáculos para se encontrar com as colegas para ensaiar: Quando a indago sobre os encontros da banda, ressalta a quantidade de encontro que tem para os ensaios: “Três vezes por semana. Em casa mesmo. Agora, ontem na minha casa, amanhã também na minha casa, outro dia a gente vai ensaiar na casa do *hip-hop*. Sempre todo mundo se encontra, cada dia numa casa.

Negra Li fala de experiências “inéditas” e de emoções, mas do trabalho que passa a realizar:

Para a gente foi assim, uma coisa inédita na vida da gente, [...] a gente reconheceu que a gente lutou bastante. A gente passou uns dias sem dormir atrás de base, atrás de tudo mesmo para dar tudo certo. Uma semana antes, eu lembro que eu nem dormi, passei a semana toda sem dormir porque era tanta coisa para a gente organizar: letra... Tanta coisa, que ficava assim “Meu Deus!”. Deixei até um pouquinho de estudar para me dedicar ao *rap*. Eu entrei, vou me dedicar... Eu estava até comentando com as meninas na escola hoje que minha vida é *rap*, quem conversar comigo só vai ouvir *rap, rap, rap*.

E do trabalho com a organização dos shows:

Negra Li: Eu espero assim... Quando eu entro numa coisa, eu me dedico mesmo, eu falto é não dormir. Nesses dias eu não estou dormindo porque a gente vai ter uma apresentação na praça e eu já estou preocupada, com isso, com aquilo, não sei o que... As meninas falam que eu me preocupo muito, mais do que as outras meninas. Eu fico: “Gente vamos fazer isso, vamos ver se dá certo”, aí eu pergunto: “Gente vocês já fizeram isso?”, aí começa, puxando no pé para poder dar tudo certo. Na semana mesmo do show, a gente estava super corrida, a gente vai dormir as onze horas ensaiando, atrás de base e tudo, para dar tudo certo. Atrás de microfone...

E de outras atividades organizadas para conseguir dinheiro:

Negra Li: A gente estava até pensado em fazer um baile

fechado para ver se arrecadava [dinheiro] para comprar um microfone, porque a gente está só com três meses... Muita gente ajuda a gente. Tem muita gente apoiando [...] gente que nem gosta de *rap* e está ajudando a gente, talvez por amizade mesmo com a gente e ajuda mesmo.

Mas os sentidos do trabalho estão voltados para o crescimento da banda, conforme *Negra Li* deseja:

De ver minha banda crescer mais e mais porque eu estou dando minha vida para o grupo, eu digo assim: “Olha, meninas, se a gente se decepcionar, a gente vai lutar novamente.” Porque sempre tem essas coisas da gente cair, levantar de novo. Eu falo muito que a gente vai lutar até... Nem que para isso eu tenha que abrir mão de muitas coisas na minha vida, para eu fazer aqui, para estar aqui.

É interessante observar como elas se envolvem com atividades que emergem a partir da inserção na banda, o que evidencia uma preocupação de aproveitar o tempo com aquilo que até há bem pouco era impensável subir ao palco, confrontar as idéias do universo masculino, sair à noite, namorar, como também ter este desejo: “Meu maior sonho é passar no vestibular. Eu penso todo dia da minha vida, é um sonho que eu tenho muita fé que um dia eu vou realizar, é um sonho que Ave Maria!”.

Em movimento pela cidade, esses garotos e essas garotas, transitam pelas praças fazendo shows, trabalhando, dançando, disseminando idéias. Antes disto, transitaram por espaços, na maioria das vezes não escolhidos, tais como a própria casa ou o “CASA”, ou as prisões. Entretanto, com suas roupas largas, por onde passam chamam a atenção por estarem fora do padrão dominante. O movimento permite construir sonhos como: os de viver dignamente; estudar... Ou seja, o que muitas vezes é tido socialmente como “certezas”: estudar, trabalhar, não são nem fatos dados nem alternativas não escolhidas.

São resultados de muitas e muitas lutas contra o modo dominante de ser, contra as normas vigentes de proteção familiar, institucional e também do “crime organizado”. Mais que ofertas da sociedade, são conquistas em meio a tortuosos e torturantes caminhos. Ou então, continuam sonhos que não podem ser deslocados do contexto das

experiências vividas, mas situados e compreendidos nestes termos. Isto o que tentei fazer aqui, que os leitores e leitoras possam julgar e opinar...

Considerações finais: *ucronias e utopias*

As fábulas frequentemente começam com um rapaz, um jovem ou uma jovem que, depois de muitos acontecimentos, torna-se um príncipe ou uma princesa, casam-se e oferecem uma grande festa. Esta fábula, ao contrário, começa com um velho de noventa anos que ao final, depois de muitos acontecimentos, torna-se um garoto de treze anos. (Gianni Rodari)

Durante muitas horas fiquei pensando diversas saídas para elaborar estas considerações finais. Tinhas dúvidas sobre como terminar a tese, visto cada saída apontada requisitar a utilização de argumentos diversos. Bom, escolhi dois caminhos: fazer alguns comentários sobre a pesquisa em si, seu processo de construção e elaboração e, segundo apresentar algumas considerações sobre as histórias aqui analisadas.

Claro que estas duas escolhas não isentam o(a) leitor(a) de tirar suas próprias e diferentes conclusões acerca do que leu. Entretanto, no que se refere às conclusões a serem tiradas, a advertência feita no terceiro capítulo sobre o uso da lente e da forma de olhar, como possível impedimento para a compreensão dos significados das experiências analisadas, também é válida aqui, caso o(a) leitor(a) fique descontente com as saídas adotadas. Acredito que ao final deste percurso, muitos

ensinamentos ficaram das histórias desse(a)s jovens, permitindo o(a) leitor(a) fazer outras considerações, basta ter cuidado para não “etiquetar” os sujeitos.

Então, vou começar pelos comentários inerentes ao primeiro caminho escolhido. Quando apresentei pela primeira vez o projeto de tese no NCA/PUC-SP, fui questionada por uma colega sobre a importância e o porquê de estudar um tema que envolve uma manifestação juvenil, o *hip-hop*, surgida tão longinquamente. O questionamento foi ainda mais contundente: por que não estudar as manifestações culturais nordestinas? Fiquei sem base, porque até então uma questão desta nunca havia passado pelas minhas preocupações de pesquisadora como um problema. O chão voltou e eu intempestivamente respondi estar ciente das influências da mídia nos processos de manifestações juvenis contemporâneos, fazendo-me compreender que aquela crítica, naqueles termos, era de certa forma, inconsistente, visto existirem, nestas manifestações, particularidades que valiam a pena serem compreendidas e analisadas. A realidade não apenas confirmou esta minha intuição, mas também impôs sorratamente dois percursos a seguir que eu considero bastante inovador.

Em primeiro lugar, a novidade deste estudo não se localizava na temática abordada, mas, exatamente, na forma de abordá-la: o uso da história oral como metodologia de pesquisa, apreendida por meio da história de vida. Esta sim pode ser considerada uma das novidades na abordagem do tema juventude. Sobre *hip-hop*, muito já se estudou, embora nenhum tema, sob este ponto de vista, possa ser considerado esgotado, muito menos sua realidade totalmente conhecida.

De fato, à medida que fui analisando as histórias do(a)s jovens e ia penetrando nas histórias de vidas, fui compreendendo, por meio de algumas *ucronias* os significados do surgimento do movimento para ele(a)s. Ou mesmo, quando utopicamente revelavam seus desejos a partir de então. A investigação se deslocou do movimento para os sujeitos e as formas como estes sujeitos contaram suas histórias foi determinante para o deslocamento do enfoque.

Além desta, outra novidade inerente ao processo de investigação foi o recorte de gênero. Sobre este aspecto, a novidade reside na abordagem relacional de gênero que, segundo minha leitura, não só foi possibilitada pelo modo como nas histórias eram trataram as diferenças entre homens e mulheres na sociedade, também, no movimento.

No percurso da pesquisa de campo deparei-me com as ausências das mulheres nas atividades desenvolvidas no movimento e com os argumentos masculinos de que elas não estavam ali porque assim não desejavam. Fiquei intrigada e tomei a decisão de fazer uma análise considerando as diferenças de gênero. Sobre este aspecto pode-se apontar que, se por um lado, existe uma “guetização” masculina no movimento, por outro, as mulheres estão resistindo, denunciando e construindo seus espaços.

Parece prudente não tirar conclusões, muito menos fazer generalizações tomando como parâmetro as observações acima, contudo, apoiando-me em Ferrarotti (1993) é possível afirmar que este(a)s jovens são personagens de uma época histórica. Desta forma cabe indagar: será que não se pode apreender nestas experiências novas formas de consolidar, no caso dos jovens, ou de transgredir, no caso das jovens, determinações culturais tão consolidadas em relação papéis para homens e mulheres na sociedade? Ou, perguntando de outra forma: a tão sonhada igualdade entre homens e mulheres está longe de ser atingida também no movimento? O segundo caminho que escolhi diz respeito às considerações a serem realizadas tendo como referência as histórias de vida narradas.

Antes de passar às considerações finais possibilitadas pelas histórias, recorro à epígrafe acima inicia essas considerações finais. A mesma inicia o epílogo do romance “Era duas vezes o Barão Lamberto” de Gianni Rodari (1997). O romance se desenvolve entre saídas divertidas, cenas imprevisíveis e situações paradoxais, mas ao final, um velho de noventa anos torna-se um garoto de treze. Sobre este desfecho o autor afirma: “Algumas coisas acontecem apenas uma vez. Para dizer a verdade, certas coisas podem acontecer apenas nas fábulas.” Voltar no tempo com a possibilidade de viver outras experiências, só nas fábulas acontece. Na vida

real, em geral, algumas experiências reais, em geral, algumas experiências só acontecem apenas uma vez, porém deixam marcas para toda a vida.

As histórias aqui analisadas são reais e, a partir delas, pode-se concluir que o(a)s jovens viveram muito cedo algumas experiências que, ao contrário do que aconteceu no romance, possibilitaram-lhe não apenas um encurtamento da fase de infância, mas também, a substituição de práticas muito particulares a esta — como as lúdicas e a frequência escolar — pelo trabalho, pela mendicância e por atividades ilícitas. Basta voltar às histórias dos jovens *KL*, *Mano Brown*, *Robin Hood* e *Mano Man*, que desde muito cedo tiveram que assumir, não apenas responsabilidades como gente grande, práticas incompatíveis com a vida em sociedade.

Nas histórias aqui analisadas, indistintamente, impera a pobreza. Posso concluir que por serem pobres esses jovens estiveram muito mais vulneráveis a riscos e a experiências de reclusão. Estas últimas impostas, ora como um acerto de contas com a sociedade e a família, ora consigo mesmo.

Nestes casos, por razões adversas àquelas do romance em que o extraordinário Rodari inicia a trama com o personagem Lamberto com noventa anos de idade e a conclui com treze, os nossos personagens não podem voltar no tempo para fazer diversamente. Por isto, apenas para lhes apresentar uma idéia de alguns sonhos ou desilusões apontadas pelo(a)s jovens, recorro a dois trechos que simbolizam suas *ucronias*⁶¹: um de uma jovem e outro de um jovem.

Mano Brown afirma:

Talvez se eu não tivesse sido preso, talvez se eu não tivesse me envolvido com o mundo da criminalidade hoje eu não seria quem eu sou. Talvez se eu não tivesse passado por

⁶¹ Termo que significa ausência ou erro de cronologia, ou um tempo ao qual nunca se chegou. Segundo Portelli, chama a atenção para a importância das ucronias na história narrada e afirma: “Um lugar melhor: de qualquer modo, um sonho, um desejo (uma certeza para quem tem fé). Quase sempre, este desejo de um mundo melhor toma a forma de narrativas contra-factuais — a ucrónia que está no tempo como a utopia está no espaço: teremos um mundo melhor se.... Aqueles com quem sou mais familiar são as ucronias revolucionárias: teríamos um mundo melhor, se em 1921 tivéssemos feito a revolução depois da ocupação das fábricas... se tivéssemos resistido o oito de setembro... se não tivéssemos feito suspender aquela determinada guerra. (PORTELLI, 2000, p. 10, tradução nossa).

isso tudo, hoje eu seria um cara lá na vila, um égua ou então um abestado que só ficava sentado na cadeira de barriga pra cima assistindo televisão e coçando o saco.

Seguindo os argumentos de *Mano Brown*, que ao olhar retrospectivamente no tempo faz tal afirmação, como se o que é hoje seja resultado dos meses de reclusão. Diante disso pergunto: quais seriam suas possibilidades se ele não tivesse sido preso? Se ele tivesse tido condições de estudo em instituições mais acolhedoras? Se ele pudesse contar com um pai presente?

A outra ucronia que lhes apresento é de *Negra Li* que assim se expressa: “[...] o mundo vai ficar errado **se a gente não criticar, se a gente não criticar [...] se a gente deixar pra lá, todo mundo vai querer subir em cima das costas da gente.**”. A ucronia de *Negra Li* imagina uma curva ausente no curso da história, e implicitamente exprime um juízo de conduta da história real (PORTELLI, 2000), quando se refere à sua forma de pensar o mundo. Se ela não assumir a crítica contra a violência, contra o sofrimento das mulheres....

O personagem de Rodari volta em outro tempo não mais doente e velho, pelo contrário, sadio e jovem. Aos nossos personagens, este recurso não é possível, porém, posso concluir que além do terrível sofrimento e das carências materiais e afetivas enfrentadas, alimentam sonhos e trilham caminhos vislumbrando um futuro melhor.

Para finalizar, gostaria de informar que estou escrevendo esta tese, exatamente, há dois anos e seis meses após o recolhimento das histórias. Como se ver, o tempo transcorrido é longo e durante o mesmo pode-se afirmar que as *ucronias* e as *utopias* destes jovens, com certeza não são mais as mesmas. Mas eles continuam todos vivos e construindo suas vidas. Alguns se confrontando com dramas novos: *Negra Li* e *Robin Hood* casaram e moram em uma Vila perto do centro. O drama agora deve ser manter a casa e permanecer no local que é fruto de uma invasão. Não é só isto, o local todo inverno alaga e as famílias são obrigadas a deixarem suas casas.

KL continua nas “paradas” como Dj e organizando os shows. *Mano*

Brown, ainda muito em dúvida sobre o que fazer da vida, porém continua ora aqui, ora ali arriscando nas suas desventuras. Sobre os demais quem sabe no momento da defesa tenha notícias frescas e boas para lhes contar, ou quem sabe em outros momentos ele(a) mesmo(a) possam fazer isto saindo do anonimato que os enclausurei como forma de preservar suas identidades.

Para finalizar, quero afirmar que o caráter artístico-cultural presente nas atividades desenvolvidas e a marca reivindicatória e de denúncia de natureza política nas diversas práticas aqui relatadas foi fundamental para os sonhos deste(a) jovens. Esses aspectos o(a) vincularam e, ao mesmo, lhes possibilitaram transitar pela cidade e aglutinar, nas suas atividades, outros jovens de diferentes bairros da cidade.

Por fim, é importante ressaltar ainda, que a inexistência de políticas públicas para esse(a)s jovens possibilitou as saídas, por eles forjadas, para utilizar o tempo livre em atividades que favorecessem outros caminhos na cidade. Os indícios são claros.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Editora Scritta, 1994.

_____. Considerações sobre atematização social da juventude no Brasil. In: — **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: especial (5 e 6), 1997, pp. 25-36

_____. **Participação e Organizações Juvenis**. Recife: Redes e Juventudes, 2003.

ABRAMO *et alli* (organizadoras). **Juventude em Debate – aspectos morais e éticos**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Fondo de Cultura Econômica. México, 1961, p. 1171.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Jovens e Educadores de Rua: itinerários poéticos que se cruzam pelas ruas de Teresina**. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) — UFC/FO, FORTALEZA, 2004.

ANDRADE, Elaine Nunes. **Movimento Negro Juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers da cidade de São Bernardo do Campo**. Dissertação (Mestrado em Educação) — USP/SP, São Paulo, 1996.

_____. (org.) Hip hop: movimento negro juvenil. **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Editora Summus, 1999.

ARANTES, Antônio Augusto. **Paisagens paulistanas**. Campinas: UNICAMP, São Paulo: Imprensa oficial, 2000.

ARAÚJO, Lídice Maria Silva de. **Os jovens do Recife e o lugar de cada um**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — PUC/SP. São Paulo: 2002.

ASSANTE Ernesto e CASTALDO Gino. **Blues, Jazz, Rock, Pop – il novecento americano**. Torino: Editora Einaudi, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: informação e documentação: referências: elaborações**. Rio de Janeiro: 2002.

_____. **NBR 14724: trabalhos acadêmicos: apresentação**. Rio de Janeiro: 2002.

_____. **NBR 6027: informação e documentação: sumário: apresentação**. Rio de Janeiro: 2003.

AZEVEDO, Amailton Magno **No ritmo do rap: música, cotidiano e sociabilidade negra** São Paulo 1980-1997. Dissertação (Mestrado em História) — PUC/SP, São Paulo, 2000.

BERTAUX, D. **Destinos pessoais e estrutura de classe: para uma crítica da antropologia política.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979.

BIASI, R. De; LAGO A. Dal. **Un certo sguardo: introduzione all'etnografia sociale.** Roma-Bari: Editori Laterza, 2002.

BOSI, Ecléa. **Lembranças de Velhos.** São Paulo: Editora T. A. Queiroz, 1979.

CANEVACCI, Massimo. **Culture Exreme: mutazione giovanili tra i corpi delle metropoli.** Roma: Meltemi Editore, 2003.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, FAPERJ, 2002.

_____. **Juventudes e cidades educadoras.** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2003.

CHAUÍ, Marilena. Apresentação. In: — **Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-80/** Eder S. Sader. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

CRISTOFORI, Cecília. **Come nasce un paradigma – tra senso comune e scienze sociali, il caso della giovinezza.** Milão: Editori Franco Angeli, 1997.

COSTA, Márcia Regina. **Os Carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno.** São Paulo: Editora Musa, 2000.

DAMASCENO, Francisco José Gomes. **O Movimento Hip Hop Organizado do Ceará/MH2O-Ce (1990-1995).** Dissertação (Mestrado em História) — PUC/SP, 1997.

_____. **Sutil diferença: o Movimento Punk e o Movimento Hip Hop em Fortaleza — grupos mistos no universo citadino contemporâneo.** Tese (Doutorado em História) — PUC/SP, 2004.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, eras e o Movimento Hip-Hop.** São Paulo: Editora Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

ELIAS, N. **Mozart, sociologia de um gênio.** Michael Schröter (org). Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995.

ELIAS, N. e SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

FERRAROTTI, Franco. Industrialización e Historias de Vida. **Revista Historia y Fluente Oral**, nº 09, Barcelona: Universidad de Barcelona, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **MiniAurélio Século XXI Escolar: o dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

- FERREIRA, Marieta de Moraes e Janaína Amado (coordenadoras). Apresentação. In: — **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp. vii-xxv.
- FRANÇOIS, Elienne. A fecundidade da história oral. In: — **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp. 3-13.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Resultado preliminar do Censo Demográfico 2000**. Brasília: 2001.
- GARSIA, Vincenzo Pianatè. **Hip Hop sangue e oro: vent'anni di cultura rap a Roma**. Roma: Editori Arcana, 2002
- GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. **Do Samba ao Rap: a música negra no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — IFCH/UNICAMP/Campinas, 1998.
- HERSCHMANN, Micael (Org.). **Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro, Rocco 1997.
- HOUSSAIS, Antônio. **Dicionário Houssais da Língua Portuguesa**. <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=reclus%E3o>. Acesso em 19/03/2007.
- JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: — **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp. 43- 62.
- KEMP, Kênia. **Grupos de estilo jovens: o 'rock underground e as práticas (contra) culturais dos grupos 'punk' e 'thrash' em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — IFCH/UNICAMP, Campinas, 1994.
- KRISCHKE, Paulo J. Ecologia, Juventude e Cultura política: a cultura da juventude, a democratização e a ecologia nos países do Cone Sul. Paulo J. Ecologia Krischke (org.). Florianópolis: Editora da UFSC, 2000.
- KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. In: — **Projeto História**. n. 22, p. 79-103, 1981.
- LA MENDOLA, Salvatore. O sentido do risco. In: — **Revista Tempo Social**, n 17, n. 2, nov. de 2005, p. 59 a 89.
- LIMA, Sônia Maria. **A morte ronda a minha casa: as representações sociais do homicida nas famílias do homicida e da vítima**. Monografia (Especialização em Políticas Públicas) — UFPI/NUPEC, 2000.
- LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp. 15 a 25.
- LUZ, Lila Cristina Xavier. Grupos juvenis em Teresina e a organização do *Hip-Hop*. In: — **Jovens e crianças: outras imagens**. MATOS et alli (org.). Fortaleza: Editora UFC, 2006.

MAGRO, M. M. Viviane. **Meninas do graffiti: educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporâneas**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP/SP.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: — **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. V. 17 (49), São Paulo, junho 2002,

MILITO, C. e SILVA, H. R. S.. **Vozes do meio-fio**. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 1995.

MIGUÉLEZ, Miguel Martínez. **Una ciencia total y autónoma**. Disponível em: <<http://prof.usb.ve/miguelm/cienciatotal.html>>. Acesso em 27/09/2005.

NETO, Torquato P. de Araújo. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/tor.html>>. Acesso em 27/09/2005.

PAIS, José M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1993.

_____. (Org.). **Traços e riscos de vida: uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis**. Porto: Ambar, 1999.

_____. **Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro**. Proto: Ambar, 2001.

PEREIRA, Francineide Pires. **“Seja homem!”: produção de masculinidade em contexto patriacal**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — PUC/SP/São Paulo, 2005.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos. Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. In: — **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, 1993, pp. 41-58.

_____. A filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias orais. In: — **Tempo**. Rio de Janeiro: vol. 1, n. 1, 1996, pp. 59-72.

_____. Un lavoro di relazione: osservazioni sulla storia orale. Roma: 2000, (mimeo).

_____. **Il borgo e la Borgata: i ragazzi di Don Bosco e l'altra Roma del dopoguerra**. Roma: Donzelli Editore, 2002.

_____. Una vita non appartiene a nessuna disciplina. La diversità della storia orale tra narrazione dialogica, lavoro della memoria e lavoro del linguaggio. **Memoria di classe: lavorare a scuola con le fonti orali per leggere il mondo contemporaneo**. Bolsena: Massari Editora, maggio 2005.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, silêncio. In: — **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PROIETTI, Salvatore. **Hippies! Le culture della contracultura**. Roma: Editori Cooper Castelvechi, 2003.

REIS, Vânia Teresa Moura. **Jovens pais jovens mães: Jovens pais e jovens mães: experiências em camadas populares**. Tese (Doutorado em Serviço Social) — PUC/SP, 2004.

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. In: — **Tempo Social**. São Paulo: (11), 1, 1999, pp. 189-195.

RODARI, Gianni. *C'era due volte il barone Lamberto*. Trieste: Einaudi Editore, 1997.

ROSA, Celso Martins. **Rap: comunicação e linguagens das bordas**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) — PUC/SP, São Paulo, 2005.

ROSA, Cleisa Moreno Maffei. **Vidas de rua**. São Paulo: Hicitec: Associação Rede Rua, 2005.

RODRIGUES, Vera Maria Lion. **Grupos juvenis na periferia: recompondo relações de Gênero e de raça/etnia** — São Paulo 2004/2005. Tese (Doutorado em Serviço Social) — PUC/SP, 2005.

ROSE, Trícia. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pósindustrial no hip-hop. In: — **Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural**. Micael Herschmann (org.). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997, pp. 191-213.

SADER Eder S.. **Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-80**/ Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**. Coleção Polêmica. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

_____. **Gênero e Patriarcado**. São Paulo. 2001, (mimeo).

_____. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez Editora, 1988.

SILVA, José Carlos Gomes da. **Rap na cidade de São Paulo** — música, etnicidade e experiência urbana — 1986-1996. Tese (Doutorado em Antropologia) — IFCH/UNICAMP/Campinas, 1998.

SILVA, Leandro Souza da. **Traficando informação; do Bronx ao Piauí: itinerários do Movimento Hip Hop**. Monografia (Graduação em História) — UFPI. Teresina, 2002.

SILVA, Solloma Salomão e AZEVEDO, Amailton Magnon. **Um mundo preto paulistano: uma viagem através das práticas do movimento hip-hop**. São Paulo: Editora Aruanda Mundi, 1999.

TAVARES, Braulio. **Contando histórias em verso: poesia e romanceiro popular no Brasil**. São Paulo: Edições 34, 2005.

THOPSON, E. P.. **A formação da Classe Operária Inglesa – a ávore da liberdade**. Tradução Denise Bottman. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.

_____. Introdução: costumes e cultura e tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: — **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 13 a 24 e 267 a 202.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. **Censo das Vilas e Favelas de Teresina/1999**. Teresina: Alínea Publicações Editora, 1999.

VIANA, Hermano. **O mundo Funk Carioca**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1988.

_____. (Org.). **Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

VOLDMAN, Daniele. Definição e usos. In: — **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp.33 a 41.

WASELFISZ, Júlio Jacobo (coordenação). **Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília**. São Paulo: Editora Cortez, 1998.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Rev. Estudos Femeninos**. [online]. jan./abr. 2005, vol.13, no.1 [citado 24 Junho 2006], p.107-126. Disponível na World Wide eb: <<http://www.scielo.br/scielo>. acessado em: 12 de janeiro de 2006.

ANEXOS

Pesquisa: Vozes de *rappers*: experiências juvenis em Teresina

Termo de consentimento esclarecido para utilização de história de vida

Declaro que fui esclarecido(a) sobre a natureza e objetivos da pesquisa realizada por LILA CRISTINA XAVIER LUZ, doutoranda em Serviço Social, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nos termos da Resolução 196/96, sobre pesquisa com seres humanos, do Conselho Nacional de Saúde. Fui informado(a) que minha identidade será preservada por meio de um codinome atribuído pela pesquisadora, como também, que todas as outras personagens de minha história terão seus nomes modificados, a fim de que o sigilo seja plenamente garantido. Autorizo, então, a utilização de trechos das histórias para efeito de elaboração da tese. Sou ciente que a tese será pública, ficando à disposição de estudantes, pesquisadores etc., para consulta em diversas bibliotecas, como por exemplo, na Biblioteca Nadir Kfourri, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e na Biblioteca da Universidade Federal do Piauí. Fui, outrossim, esclarecido(a) de que o conteúdo de minha história será utilizado para efeitos de análise sociológica na tese de doutoramento da pesquisadora, o que pode implicar, posteriormente, em publicação do trabalho.

Local: Teresina, Piauí

Data: _____

Nome e sobrenome do entrevistado: _____

GLOSÁRIO

Cabuloso: Ação ou aparência que dá medo ou assusta, ou até mesmo surpreende.

Cagueta: Pessoa que revela um segredo compartilhado por um grupo a outro maior ou menor que não poderia saber. A exemplo, trama de um grupo de “malandros” para outros ou para a polícia.

Chegado: Amigo, alguém que transmite confiança

Colar: Permanecer perto de alguém, por motivo de ajuda, de segurança ou de desconfiança.

Desdobro: Mentira, forma de enganar, ou contar uma história destoante da real.

Embasado: Difícil de compreender. Situação complicada.

Entocado: Ficar na toca, escondido; num lugar em que ninguém pode ter acesso.

Filme: Imagem que se tem da pessoa.

Fita: cometer alguma transgressão para auto-afirmação no grupo; roubar, assaltar, furtar.

Fuá: Festa

Galera: Turma, grupo de amigos

Ganhação: Fazer uma atividade para tirar proveito de alguns. Diferente da fita pois, numa troca posso ganhar alguém colocando características que meu produto tem que ele não tem. Ou então, pedir algo emprestado e não devolver.

Louco: Pessoa de atitude.

Maluco: o mesmo que malandro, alguém que conhece as regras da favela.

Malandro: que conhece as regras da favela.

Matando a broca: Matando a fome, comendo

Parada: Semelhante a uma fita. Ou seja, fazer uma ação transgressora.

Postura: Posicionamento que impõem respeito em determinados grupos, até mesmo rivais. É mais comumente utilizado para militantes do *hip-hop* e alguns simpatizantes.

Quebrada: Bairro, favela ou localidade onde moram os jovens.

Sarava: Surra

Setor: Lugar

Treta: Briga, confusão;

Trampo: Trabalho desenvolvido por meio de emprego ou em forma de “bicos”;

Trombar: Enfrentar alguém, desafiar;

Vacilo: Erro, algo reprovável por todo o grupo que se não for “cobrado”(corrigido) pode gerar um serio problema para a comunidade.

ROMANCIOGRAFIA

Durante a escritura da tese a leitura de alguns romances que tratam do diretamente do temas ou de seus correlatos, foi bastante importante seja para a compreensão de aspectos da vida dos(as) jovens, seja para a estruturação das idéias. O reconhecimento da importância de tal leitura na minha trajetória de doutoranda levou-me a trazer como anexo esta relação de romances, alguns deles foram meus livros de cabeceira após longas jornadas de estudos, outros li apenas as críticas, mas o que importa é que essas leituras ditas não científicas e não acadêmicas, são verdadeiras inspirações para elaborações desta natureza.

- Título: Aquele rapaz
Autor: Jean-Claude Bernardet
Editor: Companhia Das Letras
- Título: A casa do meu avô
Autor: Carlos Lacerda
Editor: Nova Fronteira
- Título: Clarissa
Autor: Érico Verissimo
Editor: Companhia das Letras
- Título: O caçador de pipas
Autor: Khaled Hosseini
Editor: Nova Fronteira
- Título: Cicatrizes e Tatuagens
Autor: Felipe Alfacc
Editor: Glis
- Título: Diário de Anne Frank

Autora: Alves Calado, Anne Frank e Otto H. Frank

Editor: Record

- Título: Eu, Malika Oufkir – Prisioneira do Rei

Autor: Malika Oufkir e Michèle Fitoussi

Editor: Companhia das Letras

- Título: Infância

Autora: Graciliano Ramos

Editor: UFJF

- Título: A Invisível história de Letícia Diniz

Autora: Marcelo Pereira

Editor: Nova Fronteira

- Título: Juventude

Autor: J. M. Coetzee

Editor: Companhia das Letras

- Título: Juventude: uma narrativa e o parceiro secreto

Autor: Joseph Conrad

Editor: Paz e Terra

- Título: Memória de uma Gueixa

Autora: Arthur Golden

Editor: Imago Editora

- Título: Os irmãos Karamazote

Autor: Fiódor Mikhailovich Dostoiévski

Editor: Companhia das Letras

- Título: Falcão meninos do tráfico

Autora: Mv. Bill e Celso Athayde

Editor: Objetiva

- Título: Labirinto

Autora: Kate Masse

Editor: Suma de Letras

- Título: Lolita

Autora: Vladimir Vladimirovich Nabokov

Editor: Companhia das Letras

- Título: Os meninos da rua Paulo

Autor: Ferenc Molnár

Editor: Cosacnaufy

- Título: Mulheres de Cabul

Autora: Harriet Logan

Editor: Geração

- Título: O ninho da serpente: memórias do filho do sorveteiro

Autor: Pedro Juan Gutiérrez

Editor: Companhia das Letras

- Título: Ragazzi di Vita

Autor: Pier Paolo Pasolini

Editor: Garzanti Elefanti

- Título: Vida e época de Michael K

Autor: J. M. Coetzee

Editor: Companhia das Letras

- Título: Vidas Secas

Autora: Graciliano Ramos

Editor: Record

- Título: As pequenas memórias

Autora: José Saramago

Editor: Companhia das Letras

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)